

HOMEM CHRISTO

Cartas de Longe

(2.ª SERIE)

EM DEFESA DA INSTRUÇÃO DO POVO

bibRIA



COIMBRA EDITORA, L.^{DA}

(ANTIGA CASA FRANÇA & ARMÊNIO)

LIVRARIA

OFICINAS

R. Ferreira Borges, 63 | Avenida do Arnado

COIMBRA — 1922

Oferta
da família
do Dr. João
Sarabando

70863

CARTAS DE LONGE

bibRIA



CHARTS DE LONGE

bibRIA

HOMEM CHRISTO



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

Cartas de Longe

(2.^a SERIE)

EM DEFESA

DA

INSTRUÇÃO DO POVO

bibRIA



AVEIRO

TYPOGRAPHIA NACIONAL, DE HOMEM CHRISTO — EDITOR
(Depositarios França & Armenio, Coimbra)

1922

UA - SD



155008

HOMEM CRISTO



Cartas de Longe

2. SÉRIE

EM DEFESA

DA

INSTRUÇÃO DO POVO

bibRIA



AVEIRO

IMPRESSÃO NACIONAL DE HOMEM CRISTO - EDITORA
(Desenvolvida pela Imprensa Nacional)

1933

ADVERTENCIA

As cartas colligidas n'este volume, o segundo da serie, ainda começaram a ser escriptas e enviadas do exilio, onde me mantinha ha mais de cinco annos, excluindo-me de todas as amnistias, o odio feroz e selvagem dos republicanos, sobretudo do bando capitaneado pelo sr. Affonso Costa. Conservo-lhes a forma e character primitivos, os da *ocasião*, pois todo o merito da minha obra jornalistica está, justamente, na *ocasião*. Apenas modifiquei, e pouco, ahi mesmo, uma ou outra palavra mais violenta sahida no calor e arrebatamento da polemica.

O titulo é o do volume anterior, embora a maior parte das cartas d'este tomo já fossem escriptas em Portugal. Entendi, comtudo, que, mesmo no periodico, sendo ellas a continuação do antecedente, manter a epigraphe primitiva, *Cartas de Longe*, não era fóra de proposito.

Reputo toda a minha obra jornalistica, e n'isso está, se ella o tem, o seu valor, profun-

damente patriótica, sendo, como é, — sem de
nenhum modo excluir aquillo que o vulgo cha-
ma *artigos de combate*, que são, muitas vezes,
mais artigos *de doutrina* que os calmos artigos
doutrinarios, — profundamente educativa, pro-
fundamente moralizadora.

Creio que este volume me não desmentirá.

O que eu pensava sobre o exito do volume anterior. Carta do sr.
dr. Silvio Pélico Filho. Resposta a esta carta.

Eu esperava um silencio absoluto em volta do meu ultimo volume — *Cartas de Longe*. O editor perguntava-me: «Quer que o mande a algum jornal?» Resposta: «Para quê? E' inutil. Os jornaes portuguezes não criticam. Fazem reclamos a quem lh'os paga ou a quem lh'os pede, e elogios aos amigos, elogios hyperbolicos, espantosos, fóra de toda a decencia e cedendo toda a medida, ainda que os amigos sejam as ultimas mediocridades ou, até, umas bestas. Fóra d'isso, guardam um mutismo absoluto. Ora eu não pago, nem peço. Não estou em cheiro de santidade junto d'essas creaturas. E trato um assumpto, *instrucção publica*, que não lhes desperta, a elles, interesse nenhum. Vejo-me obrigado a offerece-lo a duas duzias de pessoas, a umas por dever de cortezia, a outras porque as estimo e porque sei que me estimam. Pois nem essas o lêem, na sua maioria! Escrevi no exilio um livro apreciavel, como subsidio para a nossa historia contemporanea,

profundamente documentado e constituindo um libello terrível contra os republicanos. (1) Parece que os monarchicos, pelo menos os *combatentes*, os *conspiradores*, os emigrados, os perseguidos, deveriam ter algum interesse em o lêr. Pois encontrei, mais tarde, dois ou três exemplares, do numero dos que eu tinha offerecido, quasi todos... por abrir. O portuguez, alem das *gazetilhas*, das *larachas dos Ridiculos*, do «Raspão» do *Jornal de Noticias*, de meia columna de prosa insulsa ou de duas columnas, o maximo, de taponas brava, não lê nada».

(1) Hei de reve-lo, pois exige uma revisão profunda, limpando-o de assignaladas incorrecções de fórma e de objuratorias inuteis, e reedita-lo logo que as circunstancias o permittam. Ficará então constituindo, pela sinceridade e verdade que lhe assistem, e pelas informações de toda a ordem que contém, um documento importante.

Nota d'esta edição. — Referia-me ao *Banditismo Politico*. O volume publicado era o primeiro d'uma serie que abrangia republicanos e monarchicos. Comecei pelos republicanos por três motivos: um, porque a posse do poder, e recente, lhes dava maior actualidade; outro, porque eu tinha previsto todos os desastres que da sua gerencia estavam resultando; e, terceiro, porque as perseguições iniquas que moviam contra mim me forçavam a responder-lhes com vivo combate. Por falta de recursos não continuei a publicação da obra. Vou fazê-lo em breve, refundido o 1.º volume nas condições atrás mencionadas.

O editor insistiu. «Então mande-o, se quer, repliquei, á *Liberdade*, aos *Echos do Minho*, á *Republica* e ao *Paiz*». Era director da *Liberdade* o sr. Pinheiro Torres, que fôra meu companheiro de exilio. Era redactor dos *Echos do Minho*, ou, convidado para esse fim, tinha elle partido de Hespanha para Braga, o sr. Victor Falcão, que eu conhecia de pequenito. A *Republica* era, talvez, o unico jornal republicano que não havia insultado os vencidos, e dirigia o *Paiz* o sr. Meira e Souza, em quem eu sempre encontrára uma certa imparcialidade e um certo espirito de justiça.

O editor achou pouco. «Pois faça o que quizer, mande-o a todo o mundo, se lhe apraz», conclui.

O *Paiz* não disse uma palavra; os *Echos do Minho* ficaram mudos e quêdos como penêdos; em compensação, falaram outros que eu esperava que se mantivessem em silencio, dizendo todos muito *mais* do que eu suppunha.

Com a venda succedeu o mesmo. *Quem compra isto?* dizia eu a mim proprio enquanto escrevia. E essa mesma impressão deixei exarada em mais do que uma pagina do livro. Afinal, tem-se vendido regularmente.

Houve até manifestações de apreço, e d'uma espontaneidade e sinceridade que me deixaram surprehendido. O sr. dr. Silvio Pélico Filho publicou na *Gazeta da Figueira*, sem que o editor

houvesse mandado qualquer exemplar a este periodico ou áquelle senhor, um artigo vibrante de applauso, artigo depois transcripto pela *Provincia*, de Coimbra. Não se sentindo satisfeito, o sr. dr. Silvio Pélico Filho escreveu-me, autorizando-me a publica-la, a carta seguinte:

Ex.^{mo} Senhor

Ficará admirado, com a carta que lhe escrevo. Mas creia que é sincera e é bem a fiel expressão da admiração que lhe consagro, ás suas qualidades de publicista eminente e ao poder da sua sciencia indiscutivel. Li e meditei o seu ultimo livro *Cartas de Longe*. É a critica mais perfeita que conheço do nosso ensino secundario, como a defesa mais alta e calorosa que do genio francês e do espirito scientifico da França tenho visto.

São justissimas as suas palavras sobre o erro crassissimo do nosso estudo de Historia e de Geographia, cuja deficiencia nada justifica, como justissima a defesa do estudo da nossa lingua e d'aquellas em que ella se baseia e em especial o latim. No jornal, bi-semanario de Coimbra, *A Provincia*, com o titulo *A proposito de um livro recente*, desço mais minuciosamente ao exame do livro de V. Ex.^a, como procuro dar uma vista syntetica sobre a obra

de V. Ex.^a como panfletario, historiador e militar. Mandeí ante-ontem esse mesmo bi-semanario a V. Ex.^a.

Tem V. Ex.^a razão em evidenciar os erros tremendo, os desleixos criminosos, a ignorancia crassa d'aqueles que de longe vieram preparando toda essa catastrophe em que, parece, iremos ser tragados. Mas se a mente doentia do nosso Povo, se o metafisismo piegas das nossas classes dirigentes, se o sentimentalismo criminoso dos nossos estadistas e da opinião publica portugueza, se a acção negativista e envenenadora dos nossos *meneurs*, teem contribuido para toda esta *débacle*, tambem não é menos certo que a psychologia morbida d'esta nação desculpa muito o erro dos seus homens.

Em Portugal não ha monarchicos, ha anti-republicanos; nunca os monarchicos portuguezes souberam ao certo o que era ou pelo menos o valor da monarchia e muito menos sentiram alguma vez pelo regimen monarchico amor e dedicacão. A obra dos estadistas monarchicos é uma caterva de erros e... porque não dizer? de crimes. E quando appareceu um... João Franco, apoiado por um Rei digno d'esse nome... o que fizeram esses monarchicos? A Historia que lhes responda. Mas se o mal nacional é pessimo, contudo parece-me que a

Educação apenas por si não o remediará. Nós somos d'aqueles que não creem que a Educação possa criar; cremos que a Educação apenas aperfeiçoa, baseando-se na tradição nacional, na hereditariedade e no seleccionamento ethnico e social.

Nós somos um povo de negativistas e de *meneurs*. Não temos faculdades de trabalho e somos imensamente ignorantes. No campo economico temos coletivamente fracassado e no campo scientifico, á parte exceções rarissimas, somos apenas copistas. Contudo, a Republica, modificando o Ensino Superior, deu-lhe um character superiormente pratico, augmentou o numero de cadeiras de cada faculdade, deu-lhes *o espirito de penetração scientifica* e diminuiu muito o numero de feras e feriados, obrigando á frequencia e ao estudo, com a obrigatoriedade dos *trabalhos praticos e dos exercicios de frequencia*. Se V. Ex.^a conhecesse actualmente o espirito da mocidade portugêsa, e como ella se vai adaptando ao trabalho nos bancos das Escolas superiores, norteadando-se n'uma direcção profundamente pratica, certamente modificaria em parte os seus juizos pessimistas, não pelo que está e pelo que tem succedido, mas pelo que ha de vir e ha de succeder.

No campo do ensino superior, como no ensino técnico e agricola, a obra da Republica

é bem superior á da monarchia. Sômos, é certo, um paiz de indisciplinados, caímos no regimen do milicianismo militar, o que é um erro de incalculaveis consequencias; anarchisámos a sociedade, fazendo-lhe perder o espirito da hierarchia e da disciplina, mas podemos, graças ao concurso dos novos, todos esses erros remediar.

Não cremos na possibilidade do triunfo do regimen monarchico em Portugal, como afinal nos Países latinos. Os Povos latinos, mais civilizados de que os germanos, perderam o grau de hierarchia e a estabilidade de character psychico que radicam as fórmãs politicas monarchicas. Alem d'isso, os Povos latinos já não teem propriamente uma finalidade historica militar a desempenhar, que é uma das causas da existencia dos regimens monarchicos. E a esta regra não fogem a Hespanha, como V. Ex.^a tão finamente nota, como a propria Italia. Tanto uma como outra estão condemnadas a ir cair no regimen republicano. A esta regra não fogem mesmo os verdadeiros espiritos de sciencia, ainda os mais conservadores, como por exemplo o notabilissimo antropologista Vacher de Lapouge. Em Portugal, já por essas razões, já por razões puramente politicas e n.orais que V. Ex.^a superiormente aponta, não acho nada provavel o regresso do regimen monarchico.

O trabalho de V. Ex.^a encerra verdades eternas. E' a defesa mais brilhante e alta que da pena de um panfletario tem saído da França e do genio latino. E não ha n'essa obra uma palavra desorimorosa para a Allemanha! Nunca nas obras de Neymarck, o celebre financeiro francês, que tanto tem defendido a sua Patria, como o atesta a sua obra monumental *Finances Contemporaines*, nem nos artigos de Clemencean e Hervé, Barrés e Lavedan, melhor e mais eternamente se disse a verdade da França e do seu genio criador e artista, nobre e altruista, livre e combatente. Nem o proprio Rochefort!

Faça V. Ex.^a o uso que entender desta carta e com toda a consideração me subscrevo

Coimbra — Celas

4-2-916

Silvio Pélico Filho

Sou pouco sensivel a elogios pessoaes. Não que eu não seja vaidoso, pois não ha português nenhum que não tenha, e em excesso, esse defeito. Mas a vaidade, como tantos outros sentimentos, o amor, o odio, o despeito, a vingança, a colera, a coragem, o medo, varia de individuo para individuo, tomando d'uns para outros aspectos e fórmás differentes. Aquella

não é a minha fórmula de vaidade. E, por isso, não raro, sempre que vejo que ha o proposito intimo de me corromper ou seduzir, expediente muito vulgar na arteirice salaia d'essa terra, respondo ao elogio, azedado.

Não publico, pois, a carta do sr. Silvio Pélico pelo que ella contem de agradavel para o meu amor proprio, mas porque, ao mesmo tempo que é espontanea e sincera, demonstrando que o seu auctor, tratando-se d'um homem como eu e na minha situação, (1) se deixou guiar apenas por um alto espirito patriotico e por um nobre amor dos principios, esboça intelligentemente problemas que podem dar logar, com proveito publico, a uma larga controversia.

bibRIA

(1) N'esse tempo (nota d'esta edição) toda a gente tinha medo de me escrever, receosa de incorrer nas iras dos republicanos. A carta do meu muito prezado amigo dr. Silvio Pélico representava um acto de coragem.

17

bibRIA

II

Continuação da resposta ao sr. dr. Silvio Pélico Filho. O perigo dos oráculos. Spencer e Gustavo Le Bon a demonstra-lo. O sr. José Caldas e o sr. Alfredo Pimenta com as suas theorias insensatas. A educação e a raça. A influencia da educação posta em relevo pela Allemanha actual.

Ao sr. Silvio Pélico parece-lhe que a educação, só de per si, não remediará o mal nacional. Mas se fôr assim estamos perdidos. Ou o nosso estado mental, moral e social seja uma consequencia de raça, de falta de educação ou de errada educação, só a boa educação nos poderá salvar. No primeiro caso aperfeiçoa-nos, apurando as nossas qualidades positivas e attenuando os nossos defeitos; no segundo caso colloca-nos a par dos povos mais bem dotados pela natureza e que marcham na vanguarda da civilização.

Eu já tratei esse caso largamente nas cartas que escrevi sobre o ensino literario dos soldados, e que fôram, depois, sob o titulo *Pro Patria*, quasi todas colligidas em volume. Ahi me referi ás varias opiniões dos sociologos e dos sabios, Spencer, Alexandre Bain, Alfredo Fouillée, Emilio Faguet, Novicow, Tarde, Hux-

ley, Haeckel, Gustavo Le Bon, etc, tanto a respeito da instrução como da educação, apreciando-as da maneira que julguei mais intelligente.

Houve tempo em que Spencer foi um oráculo para quasi toda a gente em Portugal. Podia elle dizer o que quizesse que tudo quanto dissesse... era sagrado. Morreu o pontifice e substituiu-o Gustavo Le Bon, aureolado pelo mesmo dogma de infallibilidade. Ora não é estúpido? Eu nada sei dizer sobre planetas e cometas, ou sobre todas as sciencias de character positivo e mathematico. Mas quando se trata de raciocinar, ou de factos de experiencia e de observação racional, posso oppor raciocinio a raciocinio, observação e experiencia á observação e experiencia que os outros, por maior que seja o seu talento e a sua auctoridade, me offereçam como incontestaveis.

Os argumentos de auctoridade são bons. Mas ai de nós quando elles servem apenas para encobrir a nossa falta d'idéas e senso pratico.

Isto como regra geral, infelizmente geral, e bem geral, no nosso paiz. Mas sem a *menor* referencia, e muito menos insinuação, ao sr. Silvio Pélico, com cujas considerações eu concordo quasi em absoluto, pois apenas nos separam umas differenças muito secundarias.

Spencer queria que as sciencias positivas fossem o objecto quasi exclusivo dos estudos dos rapazes. O mal que elle fez com isso á nossa terra, dada a já citada mania dos oráculos! A essa pobre terra, (1) que sempre recebeu *sem discussão* ainda as maiores heresias de todas as *celebridades*, authenticas ou não, justificadas ou injustificadas, que iam surgindo na Europa! Não quero repetir o que escrevi no 1.º volume das *Cartas de Longe*. Direi só que o resultado d'essa tola idolatria e estúpida cegueira vê-se na miserrima situação que n'esse volume expuz e falminei.

A verdade, ahí como em tudo, está n'um meio termo intelligente, n'um equilibrio sensato. Dê-se ás sciencias positivas o lugar que lhes compete; mas não a ponto, como n'esse decantado *jardim da beira mar*, onde o bom cheiro das flores já não consegue encobrir o mau cheiro dos homens, mas não a ponto, ó vergonha! ó crassa estupidez!, dos rapazes ficarem ignorando a propria lingua, a propria historia nacional.

Vão lá ver se a Inglaterra e a França, apesar do respeito que manifestam pelos seus fi-

(1) Eu escrevia do exilio, não esqueça (nota d'esta edição).

lhos illustres, seguiram os conselhos de Spencer e de Le Bon, lançando ao desprezo o estudo das humanidades.

Evidentemente, convem que um paiz não tenha, ou só poetas, ou só fabricantes de alfinetes e guarda-soes. Mas eu sou, n'isso, da opinião de Fouillée: um poeta, digno do nome, ainda é mais util á humanidade que um fabricante de alfinetes e guarda-soes.

Este notavel philosopho insurge-se contra a corrente da educação realista e utilitaria, que, diz elle e muito bem, *é a perda das sociedades politicas e, sobretudo, dos regimens democraticos*. Diz muito bem. Se o sr. Alfredo Pimenta, o das *élites*, e outros tantos que andam agora agarrados ás *élites* como elle, o sr. Alfredo Pimenta, que entende que o povo portugûes, para a sua educação, tem instrucção demais, tremenda heresia n'um paiz com 75 % de analphabetos, e sendo certo que a instrucção é, precisamente, o melhor e maior instrumento da educação, — pobre sr. Alfredo Pimenta, que não precisa de mais nada para dar o valor exacto das suas faculdades de reformador e pensador, — se o sr. Alfredo Pimenta, e os discipulos de Maurras, voltassem para ahi as suas atenções, resolveriam muito melhor o problema vital do paiz, com monarchia ou sem ella, do que, eternos imita-

dores, apregoando o elixir da *Action Française*, que tantos enthusiasmos lhes merece.

Mas é exactamente aquillo, — instrucção e educação, — que elles, e todos, teem abandonado e continuam abandonando em Portugal. Abandonando, digo eu? Que teem olhado e olham com *desprezo olympico*, direi com mais propriedade. Um celebre republicano, o sr. José Caldas, definiu-se e definiu a sua causa com estas palavras inolvidaveis: *Não vale a pena instruir o povo*. O sr. Alfredo Pimenta, ex-anarchista, ex-republicano, ex-livre pensador, grava no portico da futura monarchia esta phrase, que nunca mais, tambem, esquecerá: *O povo português, para a sua educação, tem instrucção demais*. Eis a nata e a synthese dos nossos *grandes homens*! E como não havia de vogar, com pilotos d'esta casta, á mercê do vento e das aguas a nossa pobre Patria!

Spencer não admitte que a instrucção possa modificar os individuos e os povos. O que vale é que elle mesmo se contradiz, dando valor, na sua *Educação Intellectual, Moral e Physica*, áquillo a que nos seus *Principios de Sociologia* não dá valor nenhum. E' certo, como diz Maudsley, que uma pereira não pode dar figos e que uma figueira não pode dar peras. Mas isso são principios absolutos. Bem sei que é esse principio absoluto que Spencer arvora

como verdade. Mas vem o imitador sem critério e sem talento e conclue... que a instrucção é uma peste ou, pelo menos, uma inutilidade! O mal é este e é esse mal que eu combato.

O que o berço dá a tumba o leva. Esta sentença da sabedoria das nações resume volumes da moderna sciencia anthropologica. Mas o berço dá bons productos, em geral. Não encaremos a instrucção, ou a educação, porque não ha educação sem instrucção, e a educação, mais geral, abrange a instrucção, não a encaremos a converter em figos os fructos da pereira ou em peras os fructos da figueira. Encaremo-la pela acção, aperfeçoadora, modificadora, *transformadora*, até *transformadora*, que ella exerce no fructo da pereira sem que elle deixe de ser pera, e no fructo da figueira sem que elle deixe de ser figo. Que trabalho admiravel! Que obra soberba! Que perfeição!

Como tudo melhorou! Cono a pereira se tornou mais productiva e a pera mais bella e saborosa! E' outra pera! De facto, é outra pera! Não é a pera que nós conheciamos! E' outra pera! *Transformou-se!*

Escreve o sr. Silvio Pélico *que é do numero dos que não crêem que a educação possa crear; que a educação apenas aperfeiçoa, baseando-se na tradição nacional, na heredita-*

riedade e no relacionamento ethnico e social. Seja. Mas isso é tudo. Primeiro, a perfeição pode-se converter em verdadeira criação. No mundo biologico ha perfeições que redundaram em criações. Ha *typos novos* que não passam de manifestas perfeições. Segundo, quem nos diz que não foi por falta de educação que perdemos a tradição, que alterámos os caracteres hereditarios, que despedaçámos o relacionamento ethnico social, que ficámos sem as virtudes e as qualidades fundamentaes da nossa raça? Pela educação chega-se ao grau mais alto de perfeição; por falta de educação *regressa-se* ao primeiro elo da evolução.

Do carbone é que sai o diamante. Uma raça tosca *pode dar muito*, ir muito longe, lapidada por uma boa educação. Uma outra raça com melhores dotes naturaes pode estacionar, *regressar* ou extinguir-se, se não se educou para a lucta formidavel da concorrencia social, tanto mais exigente, mais difficil e mais perigosa, quanto mais longe se tiver caminhado na senda do progresso. De qualquer modo, a educação é *creadora*, porque sem ella *tudo morre*; não perduram nem persistem os organismos sociaes.

Os alemães ainda no tempo de Luthero eram conhecidos em toda a Europa pelos *estupidos allemães*. O sr. Silvio Pélico fala em

Vacher de Lapouge. Ora, se me não falha a memoria, é justamente Vacher de Lapouge um dos que citam o exemplo interessante da *rapida* transformação dos allemães. Não sei já que livro li de Vacher de Lapouge. Li-o ha mais de dez annos, ahi, em Coimbra, sendo lente da cadeira de anthropologia o actual presidente da republica. O sr. Bernardino Machado facultou-me a bibliotheca do museu anthropologico da Universidade. E' o *unico* favor que lhe devo. Ahi li muitos livros. Foi ha mais de dez annos, sim. Deve ter sido em 1903. Portanto, ha treze annos. E com isto me começa a accordar a memoria. Lembro-me já do titulo do volume de Vacher de Lapouge. *Les Selections Sociales*, se chama elle. E, guiado por esta recordação, busco entre os meus papeis do exilio uma referencia a esse trabalho, escripta por mim ha muito tempo. Lá está. E é certo. Lapouge referiu-se, não ha duvida, a esse caso interessante da civilização allemã feita pelos francêses que fugiam ás perseguições de Luiz XIV, ás *dragonnades*, depois de revogado o édito de Nantes. Bello mimo, e opportuno, para offerecer agora aos germanophilos!

Vacher de Lapouge affirma que o poder da Prussia, a sua hegemonia na Allemanha e na Europa, são a consequencia immediata da

perseguição dos huguenotes. Quando o édito de Nantes foi revogado, a Prussia era um pequeno reino miseravel, meio deserto e sem industria. Berlim uma pequena cidade, ou antes, uma grande aldeia immunda.

Em menos de meio seculo, 10:000 refugiados francêses fizeram de Berlim um grande centro, a todos os respeitoos uma magnifica cidade.

Vinte e cinco mil, entre elles seis mil officiaes, attrahidos por Frederico Guilherme, seguiram a vida militar, e foram o principal elemento da instrucção, da disciplina, da força e grandeza do exercito prussiano. O poder militar da Prussia data d'essa epocha. Havia regimentos inteiros compostos, exclusivamente, de francêses.

Setecentos mil, só da Normandia eram duzentos mil, fundaram as cidades industriaes do norte da Allemanha, levando ao mesmo tempo á agricultura as luzes da sua instrucção e da sua intelligencia.

Repetimos, os allemães eram então, para a parte culta da Europa, confessa-o o proprio Luthero, os *estupidos allemães*. Assim os designavam geralmente. Foram os francêses que lhes levaram o progresso e a civilização.

Estes factos confirma-os Candolle na sua *França Protestante*, Weiss na *Historia dos*

Refugiados Protestantes, Michelet na *Historia de França*, muitos outros, francezes e não francezes, e ratifica-os Gustavo Le Bon n'um livro bem recente, *Enseignements Psychologiques de la Guerre Européenne*.

Tudo falso, sem duvida, para o sr. Alfredo Pimenta, e com este senhor conversaremos quando chegarmos a essa altura,—não perderá com a demora,—para o sr. Alfredo Pimenta, que depois de ter truncado o livro de Gustavo Le Bon, aproveitando, com a falta de probidade que desgraçadamente caracteriza essa terra, períodos soltos para tirar conclusões inteiramente opostas ás conclusões e ao pensamento do auctor, ainda acaba por chamar ao illustre escriptor francês, *apaixonado*. Tudo falso, voltamos a dizer, para esse senhor, mas nem por isso menos exacto e verdadeiro.

Como se produziu a transformação de que veio a resultar a Allemanha actual? Quem fez e como se fez esse milagre? Donde surgiu e como surgiu o tão justamente decantado patriotismo allemão, se os allemães eram ainda *hontem*, — um seculo não é nada e é *muitissimo*, como veremos, na vida dos povos,— ainda *hontem tão pouco patriotas* que chegavam, com a sua *falta de patriotismo*, a meter n'ôjo ao proprio Napoleão?

Ces gens — palavras historicas do vencedor

de lena—*sont aussi vils dans l'adversité qu'arrogants et hautains à la moindre lueur de prospérité.*

Como foi isso?

Será o assumpto da carta immediata, que bem precisamos todos de aprender, até o sr. Alfredo Pimenta, muito menos sabio do que julga, e, sobretudo, muito atrazado em conhecimentos da historia.

bibRIA

bibRIA

III

O patriotismo das *élites* e o patriotismo do povo. As indignidades das altas classes de Portugal, quando Junot entrou em Lisboa, foram excedidas pelos allemães quando Napoleão, depois de Iena, invadiu e occupou a Allemanha.

Não ha ninguem, medianamente illustrado, que não conheça a historia da invasão francêsa na Allemanha. E' uma das maiores vergonhas que no mundo registam as chronicas. As fortalezas cahiam umas atrás das outras, quasi sem disparar tiro, em poder de Napoleão. Os quarenta mil traidores que em Portugal compram o *A B C*, (1) anciosos pelo triumpho da Allemanha para que Portugal, sem colonias, quebrada a alliança inglêsa, abandonado, abatido, enfraquecido, passe a ser governado por Affonso XIII, ou a ser enfeudado á Hespanha, em vez de ser governado por Affonso Costa, justificam a infamia clamando que, assim como

(1) Esta carta era escripta no auge do fervor germanophilo. Dizia-se que entravam no paiz e aqui eram vendidos 40000 exemplares do *A B C*, periodico hespanhol que tomava a calorosa defesa da Allemanha (*nota d'esta edição*).

assim, isto está perdido e já não tem remedio nenhum.

Para explicarem *que está perdido*, os traidores vão á nossa historia e, ao mesmo tempo que occultam ou ennegrecem as suas paginas gloriosas, põem em relevo e illuminam todas as suas paginas de vergonha.

Mas essas vergonhas todos os povos as tiveram, traidores! E teve-as sobre todos a vossa idolatrada Allemanha.

E' certo que D. João VI fugia para o Brasil em 27 de novembro de 1807, deixando na vespera publicado um decreto no qual recomendava que os governadores do reino procurassem, quanto possivel fosse, conservar o reino em paz, e que as tropas francesas fossem bem aquarteladas e assistidas de todo o necessario, evitando-se todo e qualquer insulto, que pudesse ter lugar, castigando-se o perpetrador, quando se conhecesse, e conservando-se sempre a boa harmonia que se devia praticar com os exercitos das nações com quem se vivia unido».

Não foram os republicanos, lembre-se a Nação, não foram os republicanos, tenha-o em vista o sr. Alfredo Pimenta, quem assignou esse decreto. Foi um *rei absoluto*, aconselhado pelas *élites*.

E' certo que Junot, que tinha atravessado a fronteira em 20 de novembro, que tinha

chegado a Abrantes em 24, entrou em Lisboa em 30, sem disparar um tiro, á frente de um miseravel exercito que um povo decidido haveria desfeito á *cacetada*.

E' certo que o bispo do Algarve, D. José Maria de Mello, dizia então ás suas ovelhas: «E' necessario ser fiel aos immutaveis decretos da divina Providencia, e, para o ser, devemos, primeiro que tudo, com coração contricto e humilhado, agradecer-lhe tantos e tão continuos beneficios que da sua liberal mão temos recebido, sendo um d'elles a boa ordem e quietação com que n'este reino tem sido recebido um grande exercito, o qual, vindo em nosso soccorro, dá bem fundadas esperanças de felicidade. Este beneficio igualmente o devemos á actividade e boa direcção do general em chefe, que o commanda, cujas virtudes são por elle ha muito conhecidas. Lembrem-se que este exercito é de Sua Majestade o Imperador dos francêses e Rei de Italia, Napoleão o Grande, que Deus tem destinado para amparar e proteger a religião e fazer a felicidade dos povos. Confiem com segurança n'este homem prodigioso, desconhecido de todos os seculos; elle derramará sobre nós a felicidade da paz, se respeitarem as suas determinações, e se a amarem todos, nacionaes e estrangeiros, com paternal caridade. D'este modo a religião e os

seus ministros serão sempre respeitados, não serão violadas as clausuras das esposas do Senhor, e o povo todo será feliz, merecendo tão alta protecção.»

E' certo que o celebre bispo do Porto, D. Antonio José de Castro, dizia tambem: «Estas tropas que aqui vedes entrar, são nossas alliadas e pacificas, e quem as manda entrar tem sido prevenido, e armado por Deus de poder e sabedoria para as fazer entrar, e para as saber dirigir a fim da nossa felicidade, e devemos seguramente confiar no mesmo Senhor que não seja outro o seu destino. Sim, o Imperador dos francezes e Rei de Italia, o grande Napoleão, não poderia de outro modo servir-se de nós para augmentar a sua gloria verdadeira, senão fazendo-nos felizes. Nem é crível que na grandeza sem igual do seu coração, no ardente desejo da sua gloria pudesse entrar em Portugal para outro fim. Este grande Imperador, elevado sobre o throno dos seus triumphos, tem unido a elles a gloria de fazer dominar a nossa santa religião nos seus Estados. Os templos estão cheios d'estes militares que edificam, e que por tudo isto nos põem interiormente na necessidade de os amarmos como proprios filhos, e exteriormente na obrigação de darmos este testemunho publico da nossa satisfação e do seu merecimento».

E' certo que no dia 13 de dezembro, no meio de festas solennes, era arriada no Castello de S. Jorge a bandeira portugueza, sendo substituida pela bandeira franceza, sem que ninguem protestasse, a não ser o povo, o pobre povo, que nas ruas era fuzilado aos gritos de *Viva Portugal*.

Não foram as *élites* que protestaram, sr. Alfredo Pimenta. Admiravel, como tendo sido eu o *unico* que puz em cheque os republicanos no tempo da monarchia, sou eu agora o *unico*, com argumentos dignos de se lerem, que ponho em cheque os monarchicos no tempo da republica. Não o digo por vaidade. Digo-o *por desprezo*. Ao fingido desprezo com que todos elles, monarchicos e republicanos, me tratam, trato-os eu com *verdadeiro e real desprezo*, fulminando-os pela sua insignificancia, ausencia de principios, falta de patriotismo e de character. Não me approximo nem d'uns nem d'outros. Não. E' o contrario. *Cada vez estou mais longe d'elles todos.*

Não foram as *élites* que protestaram, sr. Alfredo Pimenta. As *élites* procediam como os bispos. As *élites* procediam como os governadores do reino, como a nobreza, como a alta burocracia e a alta burguezia, que iam aos banquetes o aos bailes de Junot, prostituindo-se vilmente. As *élites* são os **quarenta mil** que

compram agora o *A B C*. As *élites* são as que desejam agora **ardentemente** o triumpho da Allemanha, **certas** de que o triumpho da Allemanha será a perda de Portugal. As *élites* são as que clamam sem reboço e sem pudor: **Antes Affonso XIII do que Affonso Costa.**

As *élites*, essas *élites* com que os imitadores de Maurras contam apoiar e aconsellar o seu rei *obedecido e indiscutido*, são as que diffamam e exauctoram o Senhor D. Manuel desde o dia 5 d'outubro, e que o diffamam e exauctoram pelos seus actos honestos, sensatos e patrioticos. Tal é, em regra, o valor das *theorias*!

N'esse dia 13 de dezembro houve parada, banquete, recita de gala em S. Carlos, para festejar a substituição da bandeira portugueza pela bandeira franceza. Os governadores do reino, os fidalgos, os altos burocratas e burguezes, as *élites*, foram á parada, ao banquete e á recita de gala em S. Carlos. Não foram as *élites* que protestaram, sr. Alfredo Pimenta. Não foram ellas que se indignaram. Quem protestou e se indignou foi o povo, tumultuando nas ruas, aos gritos de *Viva Portugal, Morra a França!* Acudiu a tropa, e fuzilou-o... como sempre. A eterna historia! A de hontem, a de hoje, a de amanhã, a de... *in saecula saeculorum!*

Se o latinorio não estiver certo emende, sr.

Alfredo Pimenta. Para isso, sim, é que o sr. deve servir muito melhor do que eu.

E' certo, pois, tudo isso. E' certo que tudo isso constitue uma das grandes manchas da nossa historia. Mas é certo tambem que a Allemanha procedeu na mesma epocha ainda mais indecorosamente. A sua vileza foi alem da nossa. As suas vergonhas excederam as nossas. E nem por isso deixa agora de ser... o que é. Logo, concluir das vergonhas do passado e das vergonhas do presente as vergonhas do futuro, que um povo ha-de morrer porque ainda não soube viver, é sempre, pelo menos, indigno e estúpido.

As fortalezas cahiam, umas atrás das outras, quasi sem disparar tiro, nas mãos de Napoleão I. Magdeburgo, com 22:000 homens, dezoito generaes, cheia de provisões de bocca e de guerra, capitulou, assim que Ney appareceu deante dos seus muros. Foram os soldados, *sempre o povo!*, quem, ahi como em Lisboa, se indignou e protestou. Amotinaram-se, quebrando as armas, para as não entregar ao inimigo.

O governador de Berlim, conde de Schullenburg, recommendou na sua ordem do dia *respeito e obediencia ao inimigo*. «A calma, palavras textuaes, é o primeiro dever do cidadão. Recommendo-a aos habitantes de Berlim.»

Não era preciso recommenda-la, escreve Henriqueta Herz. A consternação reinava em poucos rostos. As janellas estavam cheias de gente, quando o exercito francês atravessava as ruas de Berlim. Fez rir todo o mundo o facto dos soldados levarem as colheres nas barretinas. Começaram a chama-los *guarda-colheres*, e desde esse momento reinou uma franca alegria. Dir-se-hia que os berlinezes tinham ganho uma grande batalha contra os seus vencedores; só aqui e alem se descobria um rosto triste.

O sr. Alfredo Pimenta tem a mania de achar suspeito tudo o que é escrito em francês. Para elle só não é suspeito... o que está d'accordo com o seu modo de vêr. Então aqui lhe indicamos a maneira de encontrar o texto allemão: J. Fürst, Henriette Herz, *ihr Leben und ihre Erinnerungen* (Berlim 1858).

Quando Napoleão appareceu na Avenida das Tilias, os covardes burguezes supplicavam: *Pelo amor de Deus gritae bem alto: Viva o Imperador! ou estamos todos perdidos.*

Isto di-lo Neumann-Strela, n'uma obra relativamente recente (1898): *Deutschlands Helden in Krieg und Frieden*. E' claro, o texto allemão é para o sr. Alfredo Pimenta, que o deve saber ler, mais allemão que os allemães como todos os idólatras. Por nós, dispensamo-lo, pois

devemos estar em lingua allemã inda peor do que sr. D. Miguel II, que ha de ir salvar esse povo, está em lingua portugêsa.

Houve ordem para entregar as armas, sob pena de morte, como de costume. Os espíões *gratuitos* multiplicaram-se; os denunciantes choveram, no quartel general francês. Queriam ser agradaveis, queriam mostrar zelo! A um miseravel, que denunciava uma grande porção de lenha, respondia o general francês, Hulin, farto já e indignado: «Deixe lá isso; o seu rei ha de ter necessidade d'essa madeira para enforcar tanto traidor.»

Napoleão estava tão espantado que dizia: «Não sei se me devo alegrar, se ter vergonha».

E' o mesmo Neumann Strela quem o conta.

Mas n'esse genero ha coisas curiosissimas. Eu tinha promettido na outra carta contar hoje como a Allemanha se transformou. Mas antes d'isso, e para pôr justamente em relevo a transformação e os meios empregados para a obter, pareceu-me melhor deixar patente a falta de patriotismo que a Allemanha denunciou, a vileza e a abjecção em que cahira.

Ora n'esse genero, repetimos, ainda temos a narrar coisas curiosissimas. E iremos ao resto em seguida.

bibRIA

IV

A abjecção, deante do vencedor de Iena, das mais altas figuras da aristocracia do sangue e da intelligencia, na Allemanha. Hegel, Goethe, Lessing, Herder, Schiller, e, ao principio, o proprio Fichte, sentiam prazer e orgulho em ostentar o seu desprezo por tudo aquillo que pudesse parecer patriotismo. Foi repellindo esses idealistas, e seguindo caminho opposto ao que segue Portugal a influxo dos seus intellectuaes, que com maior propriedade se podem designar, em regra, *parvos intellectualizados*, que a Allemanha se tornou o mais culto, o mais forte e o mais poderoso dos paizes da terra.

Duas vezes os francêses povoaram Berlim, e lhe deram o sangue civilizador da sua raça: depois da revogação do édito de Nantes e depois dos allemães, em Iena, terem sido derrotados. *Por toda a parte* se encontravam officiaes de braço dado com burguêsas, e soldados de braço dado com mulheres do povo, das aldeias vizinhas, e da cidade. Todos os escriptores, tanto allemães como francêses, são concordes em o registar. Os amores faceis campeavam. As ligações passageiras não se escondiam, antes se ostentavam com impudor pouco vulgar. Quando algum regimento partia, eram chóros, soluços, gemidos, protestos d'amor interminaveis. Mas vinha outro regimento subs-

tituir o que partira e as *viúvas* depressa se consolavam.

Onde a *desvergonha*, porem, excedeu tudo foi em Erfurt, durante o periodo que alli esteve Napoleão. Toda a aristocracia intellectual e social da Allemanha alli foi *pegar pé*, d'uma maneira abjecta. Os principes e a alta nobreza, com o rei da Prussia á frente, cercavam o vencedor, desfazendo-se em servilismo e lisonjas ignobeis. O duque de Weimar convidou Napoleão a visitar a capital dos seus estados, apenas cinco leguas distante. Napoleão foi, e houve bailes, banquetes, récitas de gala, um delirio de festas. O duque coroou tudo com uma corrida de veados. E não encontrou melhor campo para isso que o proprio campo de Iena. O vencedor poudo ver uma cohorte de nobres, com os reis da Baviera, de Saxe e de Wurtemberg á frente, correndo á desfilada por aquellas planicies, onde tinham ficado sepultados, dois annos antes, morrendo por elles, milhares e milhares dos seus compatriotas.

No centro do planalto tinha sido elevado... um templo da victoria!

Vamos; nós, portugnêses, descemos muito, deante de Junot, como vimos, em 1807. Mas a tamanha abjecção, felizmente, não chegámos.

A aristocracia intellectual seguiu o caminho da aristocracia de sangue.

Os grandes genios da Allemanha não tinham então patriotismo nenhum. Hegel acabava tranquillamente a sua *Phenomenologia* a pouca distancia do campo de Iena, durante a batalha, sem que o perturbasse o ribombar do canhão. Chamava a Napoleão a *alma do mundo*, e, durante anno e meio, collaborou na *Gazeta de Bamberg*, que defendia a politica francêsa.

Goethe prohibiu que seu filho se alistasse como voluntario. E fez como Hegel: durante a batalha de Iena escrevia, com toda a serenidade, para a actriz Wolf, o epilogo d'*Essex*. Foi um dos que visitaram Napoleão e sahio da entrevista encantado. Como para Hegel, Napoleão era para elle a *alma do mundo*.

Schiller escrevia a Koerner que uma nação ou um acontecimento nacional tem um valor muito relativo, proporcional á influencia que exerceram no desenvolvimento da especie. Anunciando a *Thalia Rhenana*, dizia: «Escrevo como um cidadão do mundo que não serve nenhum principe. Cedo perdi a minha patria para a trocar por outra mais vasta, o universo».

Lessing ainda é mais radical e explicito. Escrevendo a Gleim, diz-lhe: «A reputação de patriota é a ultima que eu ambicionaria, se o patriotismo me pudesse fazer esquecer de que devo ser antes de tudo cidadão do mundo. D'uma maneira geral, não tenho do patriotismo

idéa nenhuma. Passo muito bem sem essa fraqueza heroica».

Herder abunda nos mesmos pensamentos. «A gloria da nacionalidade (*Ueber das Wort und den Begriff der Humanität*) parece-me tão fatua como a do nascimento e a da riqueza. Que é uma nação? Um grande jardim sem cultura cheio de boas e más ervas. Quem vai tomar a defesa, em conjunto, d'essa multidão onde os vícios e as tolices se misturam com os meritos e as virtudes? Quem é o D. Quichote capaz de quebrar, contra as outras nações, lanças por essa Dulcinéa?»

O proprio Fichte, que tamanho papel patriótico devia desempenhar pouco depois, terminava a sua decima quarta lição, n'um curso que abriu em Berlim no inverno de 1804-1805, com estas palavras: «Pergunto ainda, qual é a patria do christão europeu verdadeiramente cultivado? Em geral, é a Europa; em particular foi sempre, em todas as epochas, aquella que se encontrou no auge da civilização... Que os filhos da terra, que reconhecem a sua patria nos campos, nos rios, nas montanhas, fiquem cidadãos do Estado decadente; conservarão o que queriam e o que faz a sua felicidade; o espirito, parente do sol, esse será irresistivelmente attrahido e voltar-se-ha para o lugar onde estiver a luz e o direito. Com

este espirito de cidadãos do mundo, podemos pois tranquillizar-nos sobre os actos e os destinos dos Estados, por nós e pelos rossos descendentes até á consummação dos seculos».

Verdadeiramente, só havia um patriota na Allemanha; era Leibnitz. Por isso mesmo, e não obstante o seu optimismo, viveu aborrecido, por vêr que nunca fôra comprehendido pelos seus compatriotas.

Parte d'estes homens já estavam mortos, quando a Allemanha succumbiu deante de Napoleão. Mas foram elles que prepararam o estado d'alma que levou o exercito á derrota e que se patenteou depois de Iena, com abjecção inaudita, deante do vencedor. Estavam mortos, alguns. Mas os vivos lá foram todos, servis, arrastar-se aos pés de Bonaparte, a *alma do mundo*, como a aristocracia do nascimento e do dinheiro.

Esse espectáculo, nem de perto nem de longe o deu a França, depois da derrota, e quando os allemães entraram em Paris, em 1871. A França perversa e pervertida, como a pintavam e pintam os nossos estupidos germanophilos.

Vejamos agora como a Allemanha, transformando-se, chegou ao estado maravilhoso em que se encontra.

No seu já citado livro, aquelle que o sr.

Alfredo Pimenta truncou para tirar conclusões oppostas ás conclusões geraes do auctor, *Enseignements Psychologiques de la Guerre Européenne*, diz Gustavo Le Bon :

«Quando Leibnitz escrevia que a educação pode transformar a mentalidade de um povo em menos d'um seculo, formulava uma meia verdade. E' uma verdade inteira, relativamente á Allemanha, se juntarmos a influencia do regimen militar á influencia da educação».

Quer dizer, é uma verdade inteira, em todos os casos, mesmo no caso particular em que Le Bon, embaraçado com outras suas velhas opiniões, que o tornam por vezes contradictorio, como eu já demonstrei no *Pro Patria*, quer limitar a *meia verdade* a grande e eterna verdade de Leibnitz. Pois que é a influencia do regimen militar senão *uma educação*? Essa agora!...

E que admiravel não era na Allemanha essa educação! Mostrei-o eu tambem de sobejo, quando combati a rotina, o egoismo, a preguiça, o sophisma militar portuguez, no *Pro Patria*. Ahi deixei eu dicto o que era a vida militar na Allemanha no periodo de reconstituição, aquelle que levou esse grande paiz a Sadowa e a Sédan. Ahi provei eu, até á saciedade,

como costume fazer, porque se pecco n'estas coisas não é por falta, mas por excesso de argumentos e de provas, ahi provei eu que os officiaes allemães, para elevar o nivel do exercito, até professores de primeiras letras e de historia se fizeram entre os soldados.

A Allemanha é a prova provadã de tudo quanto eu disse e fiz, contra a opinião e soffrendo os maus tratos d'esses parvos e *traidores*, que se dizem agora germanophilos. Não houve perseguição que me não movessem quando eu estava no exercito, torvo rancor que contra mim não pusessem em pratica, injuria que me não arremessassem, por eu sustentar que o dever do official era instruir e educar os seus soldados, não só militarmente mas tambem litteraria, moral e civicamente. Só agora são germanophilos... atraícoando a sua patria. Atraícoavam-na quando me perseguiam, quando me infamavam, quando chegavam, como em Vizeu e em Coimbra, a armar-me traições, á Dreyfus, infames armadilhas, para se verem livres de mim, fazendo-me pagar caro o *crime* de desenvolver as minhas faculdades de intelligencia e de trabalho, a minha energia e actividade, cheio de sinceridade, não procurando nem esperando, que nunca a tive, recompensa, a favor do bem e da civilização da terra em que nasci. E atraí-

çoam-na agora, — só agora lhes veio o amor da Allemanha e das coisas grandes da Allemanha, — por simples odio á República.

Na Allemanha contemporanea *nunca ninguém escreveu*, como o republicano José Caldas, *que não valia a pena instruir o povo*. Na Allemanha contemporanea *nunca ninguém afirmou*, como o actual monarchico, ex-republicano e ex-anarchista Alfredo Pimenta, *que sabe demais um povo de analphabetos quando é inferior e nefasta a sua educação*. Mas, por desgraça, o parecer d'esses dois homens é, mais ou menos franco, o parecer de todos os nossos... *intellectuaes!*

Ha vinte annos que eu sustento, com denodo, sem desanimo, no meio d'uma energia e tenacidade que eram dignas de melhor sorte, que todo o problema nacional se resume em duas palavras: instruir e educar. Que a instrucção é a pedra angular da educação. Que a educação não se faz nos nossos dias pelos processos por que se fazia n'outros tempos, e que, ou nós damos por base á educação moderna a instrucção, ou ficará sempre *nulla*, abaixo de deficiente, toda a nossa educação. Que o valor da instrucção não é só profissional, como chegou a pretender Gustavo Le Bon, mas *sobretudo* moral, verdade intuitiva n'estes tempos de telephones, de telegraphos, de viação

acelerada, de correspondencias rapidas, de troca de pensamentos quasi instantaneos, em que a palavra faz o circuito do planeta em 24 horas e o sentimento nos attinge e fere como um raio d'um ao outro extremo do globo. Que não é a instrucção incompleta e imperfeita, mas a completa e perfeita, que deve servir de base ás considerações de publicistas, moralistas e philosophos. Que, de qualquer fórma, moralizador ou desmoralizador, portador do bem ou do mal, o saber é a primeira força moderna, e tamanha, tão poderosa, tão dominadora, tão decisiva, que quem o não possui é fatalmente vencido, derribado, esmagado na lucta cada vez mais dura e feroz da concorrência vital. Morre. Pois nunca ouvi como resposta senão devaneios de patetas, com presumpções scientificas, sobre valores de raças e coisas várias, ou dislates redondos e charros á moda Alfredo Pimenta e José Caldas.

Comtudo, o proprio Gustavo Le Bon, que tanta importancia deu sempre á influencia da raça, reconhece que em menos d'um seculo a educação civil e militar pode transformar radicalmente a mentalidade d'um povo, e fazer d'elle, de povo desmoralizado, abatido, ignorante, e estúpido, o povo mais culto, mais forte e mais poderoso da terra.

E d'esse milagre, que foi o milagre da Allemanha, falaremos, emfim, na carta immediata.

bibRIA

V

Em 1813 já pouco restava d'essa Allemanha indigna, desnacionalizada, corrupta e escrava de depois da batalha de Iena. A sua regeneração foi obra dos intellectuaes, e em particular das Universidades, onde o fervor patriótico, entre estudantes e professores, era immenso. O que Gustavo Le Bon quer explicar pelos maus tratos da caserna explica-se melhor pelo zelo patriótico com que os officiaes instruíam e educavam os soldados postos sob o seu commando.

Em 1813, e com a probidade de que nos prezamos diremos já que, no que se vae ler, não fazemos mais do que resumir e traduzir o que se encontra em varios livros que no momento proprio indicaremos, (1) em 1813, já

(1) *L'Allemagne à Cheval*, sobretudo, de Jeanne et Frédéric Regamey.

Logo na primeira pagina traz esse livro as citações seguintes:

J'ai mis l'Allemagne en selle; maintenant, elle saura aller à cheval, pourvu qu'elle le veuille.

BISMARCK.

J'espère et je crois que le peuple allemand a montré aujourd'hui qu'il sait encore aller à cheval, et si chacun fait son devoir, le monde entier reconnaitra que le peuple allemand

pouco restava d'essa Allemanha que viamos indigna, desnacionalizada, corrupta e escrava depois da batalha de Iena. D'essa Allemanha, cujos reis se tinham feito vassallos de Napoleão; cujos exercitos combatiam pela França; que acclamava e recebia como amigos os vencedores, aos quaes as mulheres abriam os braços e davam os corações; onde os homens mais illustres, verdadeiros genios alguns d'elles, tinham como suprema honra receber uma palavra lisonjeira do *corso*, como desdenhosamente lhe chamava o Kaiser ainda ha dois annos, ou a fitinha da Legião de Honra, que ostentavam na botoeira com orgulho.

A desgraça ia fazendo o milagre da ressurreição, que opera sempre nos povos que não estão inteiramente anodrecidos. As heresias do internacionalismo, do cosmopolitismo, dos sem

tient bien en selle et abattra à cheval, sur son passage, tout ce qui viendra barrer la route à sa prospérité et à sa grandeur.

PRINCE DE BULOW.

Je reprends le mot de l'ancien chancelier et j'ajoute que l'Allemagne ne doit pas seulement savoir monter à cheval, mais doit encore savoir écraser ses adversaires sous les pieds de son cheval.

GUILLAUME II.

Estas citações justificam o titulo da obra (nota d'esta edição).

patria, evolavam-se, deixando envergonhados alguns dos mesmos que as proferiam. Assim, Fichte já em 1807 era outro. O seu curso abriu-se em Berlim, n'esse anno, com um auditorio immenso. Os ardentes periodos dos seus *Discursos á nação allemã* accordavam as consciencias, excitavam o enthusiasmo, ao mesmo tempo que o rufar dos tambores inimigos, nas ruas da cidade que os francezes ainda occupavam, enchia o coração dos ouvintes de raiva impotente.

Foram os philosophos, os historiadores, os professores, os publicistas, os poetas, quem se pôz á frente do movimento patriótico. Entre os ultimos distinguiram-se Rückert, Arndt e Körner. Foram estes que, sobretudo, cantaram a *patria nova* e prégaram a guerra santa. Körner morreu no campo da batalha.

Entre as associações secretas de professores e estudantes, que se fundaram, uma d'ellas, o *Tugendbund* (Liga da Virtude), exerceu uma acção poderosissima.

O rei, Frederico Guilherme III, sempre molle e indeciso, viu-se forçado a seguir o movimento. E em maio de 1813 lançou ao paiz a celebre proclamação *Ao meu povo*, que os seus energicos ministros redigiram com vigor extremo. Mas, destruido o poder de Napoleão pela Europa colligada, desatou logo a perseguir os

patriotas como *agitadores perigosos*. O antigo ministro Stein morreu obscuramente, por assim dizer desterrado, nas suas propriedades de Westphalia. Arndt foi prohibido, longos annos, até o advento de Frederico Guilherme IV, de reger a sua cadeira de professor na universidade de Bonn. Até chegou a instaurar-se processo contra elle, accusado de *manejos demagogicos*. Jahn, o fundador das sociedades de gymnastica, que tão grande papel desempenhou em 1813 dando ao exercito o brilhante reforço dos seus alumnos, foi desterrado para uma pequena cidade longinqua. Nem o proprio Lützow, o heroe lendario, o famoso chefe dos *caçadores negros*, escapou; destituído do commando, morreu no mais completo esquecimento.

Em 1840, a agitação patriótica resurgiu. A França esteve prestes a entrar de novo em guerra, preparada pela Gran Bretanha. E o odio allemão inflammou-se. E' d'essa epocha que data o famoso *Wacht am Rhein*, de Max Schenckenburger, que se tornou o canto nacional allemão, cantado ou tocado em todas as ceremonias patrióticas. Com elle desfilaram as tropas allemãs, nos Campos Elysios, em 1871. D'essa epocha data tambem uma celebre poesia, o *Rheno Superior*, attribuida ao proprio principe Guilherme, depois Guilherme I, imperador. E ainda o *Canto dos Allemães*, muito

conhecido, popularissimo ainda hoje, de Hofmann von Fallersleben. *Allemanha, Allemanha acima de tudo, Allemanha acima de todo o mundo.* São as palavras mais caracteristicas d'esse hymno patriotico.

A guerra não chegou a rebentar e só em 1857, quando endoideceu Frederico Guilherme IV. a Allemanha, com a Prussia á frente, entrou a valer no seu periodo de reconstituição e de reforma. Mas o que se passou então foi assombroso.

Guilherme tomou conta do reino, pela impossibilidade de seu irmão, em 1857. Em 1858 foi proclamado regente. Em 1861, morto Frederico Guilherme IV, foi coroado rei em Koenigsberg. O que se passou então foi assombroso.

Gustavo Le Bon, no seu já citado livro *Enseignements Psychologiques de la Guerre Européenne*, escreve, ao tratar da *influencia do regimen militar prussiano na formação da mentalidade allemã moderna*:

«Com effeito, e os proprios allemães o proclamam, foi pelo regimen militar que a mentalidade germanica se achou modificada nas suas partes essenciaes. Quando todos os homens validos d'um paiz são obrigados durante dois annos, e depois em epochas periodicas, a viver n'uma caserna onde se veem rigorosamente chicoteados pela menor irregularidade, pela mais leve falta,

forçosamente adquirem habitos de ordem, de precisão e de submissão que os acompanham até á morte.

Toda a educação allemã da caserna se funda no medo...

O emprego do pau e do chicote é classico no exercito prussiano. O cavalheiro de Lang, assistindo ao congresso de Rastadt, escrevia ha um seculo: «Todas as manhãs eu accordava ao ruido das chicotadas que os officiaes do regimento de Baden quotidianamente applicavam nos seus homens». Apesar das reclamações centenas de vezes repetidas dos jornaes allemães, o rigor d'este regimen não diminuiu. Depois da unificação estendeu-se a todos os soldados collocados sob a direcção da Prussia e é-lhes applicado com vigor e frequencia. E' á força de chicotadas que os jovens allemães, que passam pela caserna, concebem a necessidade de principios de ordem, de disciplina, de regularidade, e de respeito aos superiores. A' menor infracção, são retalhados a chicote. Um tal methodo incute rapidamente no soldado profunda deferencia pelos seus senhores».

As affirmações absolutas são o defeito d'este homem. Com ellas lhe tenho ouvido, não obstante o seu alto valor, verdadeiras heresias, nas questões d'instrucção e de raça por exemplo. Heresias que o portuguezinho *culto*, sem talento, e acostumado a imitar sem raciocinar, acceita logo, e propaga como dogmas.

E' ou não é o povo allemão um povo disciplinado e docil, como unanimemente se affirma? Se o é, como se comprehende o uso tão generalizado, e tão rigoroso, e tão necessario, do chicote no exercito? E ha seculos?

Ou o official allemão é peor do que as feras, batendo brutalmente no soldado, por mais brutal que elle seja, por simples prazer e não por extrema necessidade?

Depois, quando se educou a pau? Quando se tiraram resultados da educação baseada exclusivamente na pancada?

Esse systema do pontapé, da chicotada, da bofetada, do encontrão, do cachação, não era exclusivo do exercito prussiano, era commum a todos os exercitos do mundo. Trinta annos, por desgraça, porque foram perdidos, arrastei eu pelos quarteis a minha existencia. E nunca vi, mais ou menos, principalmente nos primeiros annos da minha carreira militar, empregar outro. E o que se conseguiu? Logo, o ensinamento no exercito allemão não resultava da *bordoada*, mas *d'aquillo a que a bordoada obrigava*. A bordoada não era um fim, era um meio. Nos outros exercitos batia-se *por bater*, ou para impôr a obediencia cega e rapida, o respeito automatico ao superior, mas sem ensinar coisa util ao soldado. E d'esta fórma desmoralizava-se, cansava-se e revoltava-se o soldado. No exercito allemão o official não se limitava a bater *por bater*, a impor a simples obediencia ou o simples respeito hierarchico. Batia tambem, e sobretudo, para coagir o subordinado a apprender coisas

uteis, que este via serem d'alcance social, de valor patriótico, d'utilidade publica e, até, d'utilidade pessoal.

O soldado não via no chefe simplesmente um tyranno. Via n'elle um mestre, um educador, um patriota, que lhe dava o exemplo do sacrificio, da abnegação e do trabalho, e por isso se submettia, e por isso o respeitava. Eis a moral. Eis a differença entre o official allemão e os outros. Eis como o regimen militar prussiano desempenhou um alto papel na formação da mentalidade allemã moderna. O exercito não deformava cerebros, como succederia só com a bordoadada. Se formava escravos, formava escravos conscientes, tornando-os homens antes de os tornar escravos. Não era uma caserna typo classico, antro de bestas. Era uma das grandes escolas da nação. Gustavo Le Bon, ah! como em muitas outras coisas, não viu o problema pelo seu prisma exacto.

O principe Kraft de Hohenlohe-Ingelfingen, grande figura do exercito allemão, escrevia n'um dos seus bellos volumes, *Cartas sobre a Infantaria*:

Quando se vê *flanar* o tenente? Mal o sol se levanta no horizonte já elle está ao pé dos seus homens, a vigia-los, a vêr se se lavam bem, se tudo está em ordem, e, no caso contrario, a fazer-lhes observações a esse respeito. Depois obriga cada um d'elles em particular á

instrucção e ao exercício de *detalhes*. E assim ensina-lhes gymnastica, manejo d'arma e de tiro, serviço interno, serviço de campanha, etc.

Muita gente imagina que o tenente, uma vez feito o seu serviço da manhã e da tarde, fica com o tempo livre, ás quatro horas, quando vae jantar. Não, senhores. Assim que termina a sua refeição volta para o quartel e vê como são dadas as theorias aos sargentos e aos soldados.

Esta instrucção theorica (reparem os leitores) *não comprehende só o que é militar*. Ensinam-se muitas coisas aos homens, que lhes servirão de muito na vida civil, e o pequeno numero de recrutas que entram nos quartéis *analphabetos* *apprendem a ler e a escrever durante o tempo do serviço*. Ha mesmo alguns que *apprendem muito mais, durante o tempo que servem no exercito, do que apprenderam no tempo passado nos bancos das escolas*. Lembro-me de que sendo tenente encontrei um soldado muito intelligente, mas sem *nenhuns* conhecimentos scientificos e literarios. *Ensi-nei-o a ler, escrever e contar*; foi promovido a sargento, e, mais tarde, tornou-se um magnifico official de administração militar.

Na Allemanha ninguem escreveu, insisto, *que não valia a pena instruir o povo*, como escreveu o marechal republicano José Caldas, nem, como o imperialista e germanophilo Alfredo Pimenta, tremendo reaccionario da ultima hora, imperialista e germanophilo á *portuguêsa*, por mero odio á republica, sem se fazer sequer idéa do que seja o imperialismo na Allemanha, ou em *theoria*, para inglês ver, por simples

snobismo, nem, como o ex-anarchista Alfredo Pimenta, que me descompunha por eu atacar as immoralidades, os erros e os crimes dos republicanos, nem *que o povo português, para a inferior e nefasta educação que possui, já sabe demais.*

Na Allemanha ninguém se agarrrou á baboseira de que *educar era tudo e instruir era o menos*, que tenho ouvido a tanto *blagueur*, como se fosse possível, insisto, separar a educação da instrucção, e negar á instrucção o seu grande papel de primeiro agente da educação, e á outra baboseira, aliás perfilhada de certo modo por Gustavo Le Bon, de que a instrucção augmenta o crime e a desmoralização publica, baboseira que eu destruí com largos argumentos no *Pro Patria*, argumentos no emtanto desnecessarios, pois *á priori* e por simples intuição se vê o absurdo.

Na Allemanha ninguém ousou objectar que *era impróprio d'um official do exercito ensinar primeiras letras*, como a mim me objectaram, ahi, n'esse paiz, (1) alguns officiaes do exercito. Que resta dos meus trabalhos, dos meus esforços, das minhas polemicar,

(1) Esta carta ainda era escripta do exilio (*nota d'esta edição*).

micas em que eu sempre respondi de fôrma a esmagar a rotina e a ignorancia e a desfazer todos os sophismas e chicanas, da minha propaganda em prol do ensino literario na caserna? Nem a memoria. Comtudo, só então, quando augmentei e aperfeiçoei a cultura dos que iam da vida civil sabendo alguma coisa, e quando ensinei os que eram inteiramente ignorantes a ler, escrever e contar, fui amado pelos soldados. Nunca fui tão exigente com elles e tão duro como n'essa epocha. E só então por elles fui amado. Que laço moral tão intimo se não teria estabelecido entre officiaes e soldados, a força que aquelles não teriam adquirido sobre estes, o prestigio que não derivaria para os primeiros, a disciplina que se não haveria creado, se o meu exemplo fructificasse! Que grande serviço para o paiz, e que sólido exercito, sob o ponto de vista moral, que é a primeira força nos homens, nos povos e nos exercitos, se não teria, para uma crise como a actual, por exemplo, preparado!

Mas era improprio d'um official do exercito portugûes ensinar primeiras letras. Escreveu-se isto em letra redonda! *Não se faz um curso superior, tambem em letra redonda o escreveram, para ir depois ensinar primeiras letras.*

Ora eis ahi o segredo da força da Allemanha. Eis ahi a razão *unica* da sua superio-

ridade. Eis ahí como se formou a moderna mentalidade allemã em pouco mais de meio seculo. Na Allemanha não houve *snobismos*, nem pedantismos, nem theorias estapafurdias de sabios de cácará. Quando se reconheceu que *o primeiro povo do mundo*, phrase conhecida e consagrada, *é o que tem melhores escolas*, que para a Allemanha attingir o seu objectivo a primeira coisa era elevar o seu nivel intellectual, ninguem perdeu tempo a discutir o que valia e o que significava o mal de raça, se instruir não era educar ou se educar não era instruir, se o povo, para a sua educação, já tinha ou não tinha instrucção demais, e se quem possuia pergaminhos e cursos superiores descia, ou não descia, ministrando lições elementares; n'uma palavra, desapareceram n'essa hora os Pimentas e os Caldas, e todo o mundo se poz a ensinar. O proprio exercito foi, alem d'uma escola militar, uma escola de civismo, de coisas uteis que os paisanos não tinham ensinado, até d' instrucção primaria onde nem os principes, os possuidores de grandes nomes historicos, como esse Hohenlohe, mais modestos e *menos fidalgos* que os filhos dos sapateiros em Portugal, desdenharam supprir o mestre-escola.

Não foi com o chicote, não, que se creou essa mentalidade allemã, que vem assombrando

o mundo e que ameaça domina-lo. Foi com a instrução, base de toda a educação, como continuaremos a prova-lo.

bibRIA

bibRIA

VI

Onde se discute se quem venceu a França em 1870 foi ou não foi o mestre-escola prussiano. Como elle ministrava o seu ensino. Todo o ensino publico na Allemanha, do primario ao superior, obedecia a um fim patriótico. A historia, base de todo esse ensino, e, segundo Ranke e outros celebres escriptores, *mãe e preceptora da politica*. E tambem, segundo hoje os grandes generaes Foch e Ludendorff, base de toda a sciencia militar. E lançada ao mais completo abandono e desprezo em Portugal! O que diz o abbade Wetterlé. O primeiro povo do mundo é o que tem melhores escolas.

O movimento a favor da instrucção na Allemanha vem de longe. Já em 1841 Alexandre Herculano exaltava o *admiravel systema d'ensino publico* da Prussia, as suas magnificas leis sobre instrucção nacional.

Luthero, na sua celebre carta aos magistrados e senadores, dizia que ainda mesmo que não houvesse alma; nem céu, nem inferno, assim mesmo as escolas seriam uteis e precisas para as coisas d'este mundo.

Na sua inconsciencia, os germanophilos catholicos portuguezes não sabem a força que estão dando aos seus adversarios mesmo sob esse ponto de vista. Ha muitos escriptores, e d'alto valor, que sustentam que *o ensino popular é filho do protestantismo*, e que d'ahi é

que resultaram a vantagem e o progresso que adquiriram sobre os paizes catholicos os paizes protestantes. Pelo que toca á Allemanha, não ha duvida nenhuma de que o seu esplendor e a sua força coincidem com o espantoso desenvolvimento da sua instrucção. Que fazem, pois, os catholicos portuguezes, que os belgas, por exemplo, já pensam d'outra forma, cahindo extaticos deante da Allemanha e ostentando ao mesmo tempo, como Alfredo Pimenta e tantos outros, o mais absoluto desprezo pela instrucção, senão condemnar-se a si proprios?

Conhece-se a phrase celebre, que deu volta ao mundo, como já dissémos no primeiro volume das *Cartas de Longe*: «Quem venceu a França foi o mestre-escola prussiano». E é facto. Pois se até o official do exercito se fez mestre escola, como vimos na carta antecedente! Que melhor prova de que quem venceu a França foi, realmente, o mestre-escola prussiano, em 1870? (1)

(1) Alfred Fouillée, no seu volume *Esquisse Psychologique des Peuples Européens*, escreve (pags. 333):

Est-ce, comme on l'a soutenu tant de fois, l'instruction, primaire qui causa les triomphes militaires de l'Allemagne? Certes, elle y a contribué, mais, à vrai dire, ce qui eut ici le grand rôle, c'est l'éducation. Si, de très bonne heure, vous n'avez recours à la discipline, avait écrit le grand pédagogue Kant, il sera très difficile ensuite de changer le caractère de

E todo o ensino, quer o elementar e primario, quer o secundario, quer o universitario e superior, teve um caracter profunda e essencialmente patriotico. Por isso mesmo, a base fundamental de toda a instrucção publica na Allemanha foi o *conhecimento da historia*, conjugando n'esse sentido todos os seus esforços

l'homme, qui suivra tous ses caprices. Le manque de discipline est un pire mal que le manque de culture. Les compatriotes de Kant nous ont vaincus parce qu'ils étaient disciplinés, militarisés d'esprit dès l'école, soumis ensuite à la vie de la caserne habitués à obéir, à supporter sans murmure fatigues et souffrances, à ne pas critiquer leurs chefs, à ne pas substituer leurs appréciations aux ordres reçus, à ne pas renverser la hiérarchie.

Traduzindo:

Foi a instrucção primaria que causou, como tantas vezes se tem sustentado, os triumphos militares da Allemanha? Ella contribuiu para isso, sem duvida, mas, a dizer a verdade, foi a educação que desempenhou ahi o principal papel. "Se, de muito cedo, não recorrerdes á disciplina, escreveu o grande pedagogo Kant, será muito difficil, depois, mudar o caracter do homem, que seguirá todos os seus caprichos. *A falta de disciplina é um mal peor que a falta de cultura.* Os compatriotas de Kant venceram-nos porque eram disciplinados, d'espirito militarizado desde a escola, em seguida submettidos á vida da caserna, habituados a obedecer, a supportar sem murmuro fadigas e soffrimentos, a não criticar os chefes, a não substituir as suas apreciações ás ordens recebidas, a não destruir a hierarchia.

Certamente. Isso é verdade. A educação desempenhou ahi o principal papel como sempre e em tudo. Mas isso

e toda a sua propaganda os proprios historiadores.

Georges Grosjean, n'um livro muito interessante publicado ha onze annos, *L'École et La Patrie — La Leçon de l'Étranger*, diz-nos que Ranke, Sybel, Treitschk, Mommsen, concorreram tanto como Bismarck, Moltke e Roon

não destroe a exacta affirmação de que foi o mestre-escola a causa dos triumphos da Allemanha. Pois se até o official do exercito foi mestre-escola dentro dos quartéis! O official do exercito, outra vez o dizemos, não se limitou, para manter a disciplina, a exercer violencias. Foi acima de tudo um educador. Como o mestre-escola não se limitou a ensinar a ler e escrever. Ler e escrever é um meio. Um meio de adquirir e transmittir conhecimentos. De chegar a uma mais alta e perfeita educação. Sem isso nunca houve, nem haverá, educação digna de tal nome. E o proprio Alfred Fouillée o reconhece dizendo que não ha duvida de que a instrucção primaria *concorreu* para os triumphos militares da Allemanha. *Certes, elle y a contribué...* O mestre-escola, indo mais longe na Allemanha, não se limitando a ministrar a *instrucção primaria*, mas sendo ao mesmo tempo *um educador*, comprehendeu admiravelmente a sua missão, e está dentro da nossa these de que não ha instrucção sem educação, nem educação sem instrucção, completando-se uma á outra, e fazendo ambas um todo inseparavel. A boa instrucção e a boa educação. Argumentar com a má é um sophisma, uma chicana miseravel, pois nunca foi esse nem é o objectivo dos moralistas, dos pedagogos, enfim : o objectivo humano. Ao lado do bom está o mau, em

para o estabelecimento do imperio e unidade da Allemanha. Esses homens do pensamento combateram e vencerem, como os generaes, em Sadowa e em Sédau. Foram os melhores auxiliares — e os mais perseverantes — da politica da Prussia. «Queremos cultivar a historia, diziam Ranke, Geisebrecht e Schmidt no pre-

tudo, que não só na educação e na instrucção. Ensina-se o bom justamente para que o mau não triumphe, sem que a hypothese do mal arrede jámais o ensino e a pratica do bem.

Mas Fouillée concorda afinal que, na verdade, foi o mestre escola o grande obreiro dos triumphos da Allemanha, pois escreve adeante, depois de mostrar que se deturpava a verdade nas escolas para exaltar o patriotismo germanico: «O mestre escola foi um mestre de patriotismo, mas de patriotismo pangermanico, e eis o seu verdadeiro papel; não procedeu diffundindo conhecimentos, mas, muitas vezes, derramando ou mantendo ignorancias, aticando odios, alimentando preconceitos. (*Le maitre d'école allemand fut donc un maitre de patriotisme pangermanique, voilà son vrai rôle; il n'a pas agi en répandant des connaissances, mais, fort souvent, en répandant ou maintenant des ignorances, en alimentant des préjugés, en attisant des haines*).

E' mau, com effeito, faltar á verdade historica. Mas eu prefiro que se falte a ella em honra dum povo e exaltando o seu patriotismo, como na Allemanha, a que se falte a ella deprimindo os sentimentos patrioticos e, como tantos parvos intellectualizados, e biltres, fazem entre nós, arremessando lama ás mais puras e authenticas glorias nacionaas (*nota d'esta edição*).

facio da sua revista, porque ella é mãe e preceptora da politica, á qual anda intimamente ligada». Como estes *pobres homens* fariam rir, se aqui vivessem, os *grandes homens* de Portugal! (1)

(1) *Porque ella é mãe e preceptora da politica, á qual anda intimamente ligada!* Isto é muito bem dicto e da mais rigorosa verdade. E eis como, em tão poucas palavras, se exprime a causa capital, capitalissima, da desorientação de Portugal.

Em Portugal, como demonstrámos na 1.^a serie das *Cartas de Longe*, e como tantas vezes o temos affirmado no nosso periodico *O de Aveiro*, não se estuda historia. Desde o tempo da monarchia que vem sendo votado ao mais completo desprezo o ensino official da historia. Nem os nossos politicos, ministros, senadores ou deputados, nem os nossos jornalistas, nem os homens das chamadas profissões liberaes, como medicos, engenheiros, advogados, nem os do alto commercio e alta industria,—nos do baixo commercio e baixa industria nem é bom falar, —nem os grandes capitalistas, grandes lavradores, grandes proprietarios, nem os da burocracia civil, nem os da burocracia militar, que já não são senão burocratas os officiaes do exercito em Portugal, nem os da magistratura judicial, nem uma grande parte dos proprios professores de instrucção superior, secundaria e primaria, sabem, em regra, —resalvemos as excepções, que são pouquissimas, —uma palavra de historia. Ora se a historia é a *mestra da vida*, e se, como diziam os sabios allemães que ficam citados, ella é *mãe e preceptora da politica*, basta a sua ignorancia, geral e profunda ignorancia n'esta infeliz

A historia romana de Mommsen não é mais do que a exaltação do imperialismo. Esse historiador exerceu uma grande influencia sobre Oliveira Martins, que mostrava por elle uma grande admiração. Mas o que Oliveira Martins não fez foi imitar-lhe o espirito patriotico. Oliveira Martins copiou um pouco a historia de Roma e o imperialismo de Mommsen. D'ahi

terra, para explicar toda a grande e espantosa desorientação d'este pobre Portugal.

Mas a historia não é considerada tão sómente *mãe e preceptora da politica*, mas sim *mãe de tudo*, em todos os povos cultos e civilizados. No numero correspondente a maio de 1921, da revista encyclopedica *Larousse Mensuel Illustré*, vem, a pags. 452, um artigo sobre Foch, onde se lêem estas palavras: **L'étude de l'histoire est, pour Foch, à la base de toute science militaire** (O estudo da historia está na base de toda a sciencia militar). Ludendorff foi o general de maior talento e competencia que appareceu na ultima guerra ao lado da Allemanha. D'elle diz o general Buat no seu livro *Ludendorff*.

A douze ans (1877), il est admis à l'école de cadets de Plön. Il s'y montre excellent élève et développe encore son goût inné pour les études historiques.

Completados os seus estudos, feito official, mais se dedica á leitura da historia.

Toute son activité studieuse de jeune officier se passe, hors du service, à travailler l'histoire de la Prusse et de l'Allemagne,

Ihe vieram as suas conhecidas opiniões sobre a *supremacia do poder real*. Mas nem Oliveira Martins, nem nenhum dos outros nossos grandes homens, tiveram a percepção, aliás tão elementar, de que não ha obra *possivel*, já não digo solida, sem sérios fundamentos. Como queria Oliveira Martins, como queriam e querem todos, republicanos e monarchicos, que, sem educação do povo, e voltamos á nossa *scie* de que a instrucção é a condição *sine qua non* da moderna, boa e verdadeira educação, como queriam e querem elles que sem isso haja aristocracia ou democracia, monarchia ou republica, monarchia representativa ou tradicionalista, com *élites* ou sem *élites*, republica parlamentar ou *presidencial*, conservadora ou avançada, enfim, qualquer forma de governo á altura da civilização moderna e compativel com os progressos do mundo? E a educação, com a sua base primaria, o seu principal ali-

les campagnes des grands généraux allemands et la géographie.
L'histoire demeure donc toujours sa distraction favorite.

Que tristeza, comparando o que vae n'esses paizes com o que se passa em Portugal!

Patria desgraçada, que és victima da mais cerrada incultura, da mais crassa ignorancia, traduzindo-se na mais feroz estúpidez de que ha memoria, hoje, entre povos que se dizem civilizados!

cerce, que é a instrucção, ficou, e continua ficando abandonada, estupidamente, boçalmente abandonada, n'este paiz *incrível*. Sim, *incrível*. São tão estupidas as heresias que se ouvem aos proprios *intellectuaes*, é tão boçal o desvairamento dos homens *que dirigem*, que, entre povos civilizados, Portugal chega quasi a ser... *incrível*.

Retomemos, porem, o fio do discurso.

Schmoller affirma que sem o concurso dos historiadores nunca se teria constituido o imperio. Um dos mais distinctos officiaes do exercito allemão, o coronel (hoje general) Von Bernhardt, chamava a Treitschke o *grande educador prussiano da nação*. O historiador Erich Marks regista o papel extraordinario de Sybel na educação politica do povo. Para Hausser, auctor de uma historia da Allemanha, os historiadores allemães desempenharam o papel de *educadores e guias das novas gerações*.

E como as educaram? E como as guiaram? Foi a rir-se *desdenhosamente*, n'um pessimismo doentio, de todos os esforços de regeneração nacional, como entre nós se tem feito e faz a cada passo?

Foi a lavrar a condemnação de uma raça, como, mais ou menos, Oliveira Martins, Bazilio Telles e outros illustres portuguezes, ainda que bem intencionados?

Foi a pôr em relevo todos os defeitos pessoas dos nossos heroes, de D. João I, de Nun'Alvares, de Affonso de Albuquerque, do infante D. Henrique, deixando na sombra as suas enormes virtudes, os seus meritos, os seus serviços relevantes, como ahi lemos e ouvimos a todos os momentos?

Foi a gritar-lhes: «São inuteis todos os vossos esforços perante a doença ingênita que nos mata», em vez de lhes gritar: «Eia, sus, animo, avança, trabalha, lucta, tende fé, que o futuro será vosso»?

Não! Essa grande estupidez, havemos de o repetir sem descanso, que seria um grande crime se não fosse uma grande estupidez, estava reservada para os grandes homens de Portugal.

Em Portugal *mente-se* para deprimir o character nacional. Na Allemanha *mente-se* para o elevar. Em Portugal falsifica-se a historia para diminuir, aos nossos olhos e contra nós, o valor dos homens e dos factos. Na Allemanha falsifica-se a historia com o fim *expresso* de levar ao espirito das novas gerações a convicção profunda da sua superioridade.

Na Allemanha *todo o ensino* obedece a um fim *patriotico*. N'um dos seus interessantes, embora apaixonados, artigos sobre a Allemanha, que a revista *Les Annales* muito tempo andou

publicando, dizia o celebre abbade Wetterlé: *L'école allemande est, avant tout, patriotique.* (A escola alemã é, antes de tudo, patriótica).

Os esposos Regamey, Jeanne et Frédéric Regamey, nomes conhecidos na literatura francesa, e tidos e havidos como muito versados em coisas alemãs, publicaram ha poucos annos um livro muito curioso intitulado *L'Allemagne à Cheval*. E n'ello diziam (em seguida á transcripção francesa vae a traducção portugueza):

Après la conquête de l'unité, qui était le moyen, il fallait maintenant travailler à atteindre le but suprême: la domination du monde par la race germanique. Il fallait donc forger une arme sûre, faire du peuple allemand un instrument à toute épreuve, le dresser en vue de ses nouvelles tâches, lui persuader qu'il était appelé à ses hautes destinées par la volonté divine, et qu'il était digne, par le nombre extraordinaire de ses vertus, du rôle de peuple élu.

Ce fut la pensée profonde qui présida à l'élaboration du programme d'études des jeunes générations allemandes. Le patriotisme, cette vertu si belle, devint chez nos «ennemis héréditaires» ardemment, résolument agressif, et put se symboliser dans la figure d'une Valkyrie haineuse et fourbe, ne rêvant que conquêtes et tyrannie. Tout fut combiné en vue de développer ce patriotisme spécial, exaltant l'admiration pour l'Allemagne, excitant le mépris pour tout ce qui était étranger...

Les livres de classe révèlent la méthode à la fois naïve et malhonnête qui a présidé à leur composition. Elle oublie ou atténue tout ce qui, dans l'histoire, pourrait détruire la légende de pure vertu et de haute

loyauté dont on a résolu d'aureoler la splendide et fabuleuse Germanie. Et quand ce n'est pas suffisant, elle a recours au mensonge.

Feita a unidade, que era o meio, tornava-se preciso attingir o fim supremo: a dominação do mundo pela raça germanica. Convinha forjar para isso uma arma segura, fazer do povo allemão um instrumento a toda a prova, educa-lo para o seu novo encargo, persuadi-lo de que era Deus quem o chamava a tão altos destinos, e de que era digno, pelo numero extraordinario das suas virtudes, d'esse papel de povo eleito.

Foi o pensamento profundo que presidiu á elaboração do programma d'estudos das jovens gerações allemãs. O patriotismo, essa virtude tão bella, tomou nos nossos inimigos seculares um character aggressivo, ardentemente, resolutamente aggressivo, e poudé symbolizar-se na figura d'uma Walkyria rancorosa e pérfida, sonhando só com tyrannias e conquistas. Tudo foi ordenado no sentido de desenvolver esse patriotismo especial, exaltando a admiração pela Alemanha e excitando o desprezo de tudo quanto era estrangeiro...

Os livros de classe revelam o methodo ao mesmo tempo ingenuo e deshonesto que presidiu á sua composição. Por elle se esquece ou attenua tudo o que na historia pode destruir a lenda de virtude pura, e alta lealdade, com que resolveu aureolar-se a esplendida e fabulosa Germania. E quando não basta, recorre-se á mentira.

E' o que dizem Georges Grosjean, o abade Wetterlé, Gustavo Le Bon, quantos conhecem a fundo a Alemanha.

«Uma das mais engenhosas tentativas, diz Gustavo Le

Bon (*Enseignements Psychologiques de la Guerre Européenne*) d'estes escriptores (os allemães), foi tentar provar, contra toda a verosimilhança, que as invasões das hordas germanicas, que aniquilaram a civilização romana, regeneraram o mundo. A verdade é que esses bandos, sem traços de cultura e difficilmente susceptíveis de ser educados, levaram longos seculos a crear um esboço de civilização com os destroços d'aquella que a sua ferocidade tinha destruido. «Durante quatro seculos, escreve o sr. Duruy na sua *Historia romana*, esta raça de presa foi o flagello do mundo...»

«Sem respeito pelos juramentos, dizia Gregorio de Tours, sem piedade pelo vencido, sem attenções com o fraco, a mulher e a creança.»

Os historiadores germanicos esforçaram-se em seguida por attribuir á Allemanha da Edade Media, que não pensara em inventar coisa nenhuma, innovações artisticas e literarias diversas. As investigações da erudição moderna claramente provaram a origem francêsa da architectura gothica, a mais bella exteriorização da Edade Media. Francês foi tambem todo o lyrismo medievo, Parsifal, Tristan, Yseult, etc. Da mesma fórma, não é á Allemanha que se devem a cavallaria e o feudalismo. Imitou sempre, mas nunca creou nada. O seu solo, independente da origem francêsa da architectura gothica, está coberto de copias architecturaes da epocha em que o mais infimo principelho allemão vivia com os olhos constantemente postos na côrte de Luiz XIV.

Pela docilidade do character allemão, sob vagas fórmas d'independência philosophica, e pelo seu espirito d'imitação, concebe-se como a Prussia chegou tão rapidamente, utilizando essas faculdades hereditarias, a modificar a sua mentalidade».

Não ha, portanto, a menor duvida de que os

escriptores e mestres allemães *falsificam e mentem*, para exaltar o patriotismo e dar ás novas gerações uma forte consciencia da sua *alta superioridade*, ao passo que os escriptores e mestres portuguezes *falsificam e mentem*, estupidamente, bestialmente, **a toda a hora**, para enfraquecer o sentimento patriótico e deprimir o character nacional. *Dans tous les Etats*, escreve o abbade Wetterlé, *l'histoire de la Prusse a remplacé, peu à peu, celle de l'Autriche et de l'Allemagne du Sud. Ceux-là seuls peuvent se faire une idée des mensonges et des falsifications de texte dont les manuels classiques sont remplis, qui ont pris la peine de feuilleter ces apologies de la piraterie prussienne.* Como não ha a **menor duvida** de que foi a escola o grande instrumento, de que se serviram os dirigentes allemães, para **criar** a moderna mentalidade allemã, que assombra o mundo. *L'Allemagne*, disse ainda o abbade Wetterlé e ainda ahi d'accordo com toda a gente, *attache, à bon droit, une importance capitale à l'école.*

Foi a escola, não foi a raça, que creou o poder immenso, a prosperidade, a enorme força da Germania. Na Germania não houve Alfredos Pimentas, voltamos á nossa *scie*, nem Zés Caldas, nem tanto parvo *intellectualizado* a olhar a instrucção com indifferença ou desprezo e a clamar que *não vale a pena instruir*

o povo ou que este já sabe demais para a educação que lhe deram. Na Germania não houve reformadores de pechisbeque a collocar, como em Portugal, o estudo da historia n'um plano secundario, a tornar esse estudo miseravel, vergonhoso, mas, ao contrario, a fazer d'elle o *mais importante dos estudos*, o estudo por excellencia, o **estudo primacial**.

Não, não foi a raça. Gustavo Le Bon, que sempre deu ás raças um valor predominante, que sempre as considerou um elemento decisivo, vendo-se quem escreve estas linhas obrigado a oppor aos seus argumentos n'esse sentido os argumentos d'outros sabios illustres, no *Pro Patria*, escreve agora:

La mentalité allemande actuelle est une création artificielle ayant moins d'un demi-siècle d'existence. Ses origines remontent à l'unification de l'Allemagne par la Prusse.

L'apparition de cette mentalité n'implique nullement la formation d'une race homogène, mais simplement l'acquisition d'un petit nombre de dominantes communes superposées aux facultés de races assez hétérogènes.

L'Allemagne actuelle est, en effet, un mélange de peuples très divers. Slaves, Celtes, Mogols, Badois, Prussiens, Wurtembergeois, Bavarois, Saxons, y apportent des caractéristiques partielles tout à fait différentes.

L'unification politique et ses conséquences ont créé rapidement une mentalité spéciale qui a fait de l'Allemand moderne un peuple non homogène assurément,

mais dont toutes les aspirations sont orientées dans le même sens.

Temos, pois, traduzindo, que a mentalidade allemã actual é uma creação artificial com menos de meio seculo d'existencia. Temos, pois, que a appareição d'essa mentalidade **não implica de nenhum modo** a formação d'uma raça homogenea, mas simplesmente a acquisição d'um pequeno numero de caracteres communs e dominantes sobrepostos ás faculdades de raças **por demais heterogeneas**. Temos, pois, que a Allemanha actual é **uma mistura de povos muito diversos** (très divers). E Le Bon ratifica este ponto, em nota, dizendo-nos que os anthropologistas *de ha muito* determinaram as origens das populações actuaes da Allemanha, mostrando a mistura de que ellas são compostas. O fundo da população prusiana, diz elle, é d'origem eslava. Os meklemburguêses, os brandeburguêses, os pomeranianos são *mestiços*, provenientes de cruzamentos com os da grande e da pequena Russia. *Os unicos verdadeiros descendentes, conclue, dos antigos germanos, encontram-se disseminados pela Hollanda, o Palatinado, a Alsacia, a Suissa allemã, etc.*

Quer dizer, os verdadeiros germanos nem já pertencem... á Germania.

Onde está então o segredo do esplendor

d'aquelle grande povo? O abbade Wetterlé o disse: *L'Allemagne attache, à bon droit, une importance capitale à l'école.*

Quem venceu a França em 1870 não foi o exercito allemão, foi o mestre-escola prussiano.

O primeiro povo do mundo é o que tem melhores escolas.

Não esquecer estas duas celebres afirmações, que o tempo e os factos converteram em verdadeiros axiomas.

Verdades eternas que viverão... eternamente!

bibRIA

VII

Continua a esmagar-nos, e a demonstrar a nossa inferior mentalidade, o exemplo do estrangeiro. O que eu dizia, em 1902, sobre o ensino elementar aos recrutas, na caserna. Cecil Rhodes, deixando a sua immensa fortuna aos poderes publicos para a fundação d'estabelecimentos *que elevassem ainda mais o nivel intellectual da Gran Bretanha*, nem chega, quanto mais ter seguidores, a ser comprehendido em Portugal. O extremo rigor da obrigação escolar na Allemanha. A *école buissonnière* n'esse paiz e na Inglaterra.

A educação patriotica e a cultura publica, tendo começado a desenvolver-se no principio do seculo, em 1808, e tendo crescido successivamente, attingiram um desenvolvimento es-pantoso a partir de 1870. Só então, como dizem Jeanne e Frédéric Régamey na obra já citada, o patriotismo passou do dominio da iniciativa particular para o dominio do Estado, que o cultivou *officialmente*, dando-lhe methodo, regulamento e professores.

L'éducation du patriotisme allemand qui, pendant plus d'un demi-siècle, avait été à peu près abandonnée aux initiatives individuelles d'Allemands zélés, depuis Bismarck et ses triomphes a son réglemant, sa méthode, ses pédagogues.

Em 1871 ainda havia na Prussia, só na

Prussia, 2.258.940 pessoas que não sabiam ler nem escrever. O que até me serviu de poderoso argumento contra aquelles que combatiam a minha propaganda a favor do ensino literario por companhias no exercito portuguez. Allegavam esses que o ensino literario por companhias no exercito allemão era puramente nominal, pois que todo o mundo sabia lêr e escrever na Allemanha. Ao que eu respondi, em carta dirigida ás *Novidades* em 20 de abril de 1902:

Não vamos tão depressa.

Em primeiro logar, ha na Allemanha provincias que ainda fornecem analphabetos ao exercito, e ha outras que não fornecem nenhuns. Logo, a admittir-se o argumento (*o de que os officiaes portuguezes ficavam mais sobrecarregados do que os officiaes allemães*), teria o ensino literario por companhias deixado de existir ha muito n'esse grande paiz, visto que uns capitães são mais sobrecarregados do que outros.

Em segundo logar, se o encargo da instrucção escolar é, no tocante a Portugal, muito maior do que na Allemanha, são muito menores os encargos da instrucção profissional, o que nos compensa de sobejo.

Em terceiro e ultimo logar, os que argumentam d'esse modo partem da actualidade, quando deviam partir do momento em que o ensino literario por companhias foi decretado na Allemanha, precisamente o do periodo intenso do analphabetismo, como hoje em Portugal.

A grande, a maior corrente contra o analphabetismo na Allemanha, como na Inglaterra, é relativamente recente, e coincidiu com a epocha d'esplendor d'aquelles

grandes povos. O analphabetismo diminuiu, até quasi desaparecer, exactamente quando a Inglaterra e a Allemanha chegaram ao apogeu da sua grandeza.

Na Allemanha, não obstante Luthero e o espirito do protestantismo, só depois de Pestalozzi, com os discipulos d'este homem illustre, começou a febre da instrução elemental. Em 1871 ainda havia na Prussia, só na Prussia, 2.258:940 pessoas que não sabiam lêr nem escrever. Em 1884, ao passo que na Alsacia-Lorena o numero dos analphabetos estava reduzido a 0,79 %₁₀, nas provincias polacas attingia 36 %₁₀. Quer dizer, os regimentos aquartelados na Alsacia-Lorena não tinham encargos literarios nenhuns, ao passo que sobre os regimentos aquartelados nas provincias d'Este pesavam quasi tantos encargos como hoje poderiam pesar sobre os regimentos portuguezes. Em 1884, note-se. Mas o inicio do ensino escolar por companhias, no exercito allemão, é muito anterior a essa data.

Portanto, o exercito portuguez está hoje, pode-se dizer, nas condições em que esteve o exercito allemão. A Allemanha entendeu que o exercito podia e devia cooperar na obra patriótica da extincção do analphabetismo. E decretou o ensino escolar, obrigatorio, por companhias. Aqui, em Portugal, onde se imita tudo por mera impostura, *com o unico proposito de deitar poeira nos olhos do mundo*, em vez de se lhe seguir, a valer, o exemplo, n'esse ponto, passa-se o tempo a discutir *se é pratico ou não pratico* o que a pratica de tantos annos demonstrou ser lá excellente, e o que as experiencias de infantaria 14 demonstraram poder ser, da mesma fórma, excellente entre nós.

Cecil Rhodes, que tantas apostrophes d'indignação arrancou ao jornalismo portuguez, morre legando a sua enorme fortuna á fundação d'estabelecimentos que elevem *ainda mais* o nivel intellectual da Grã-Bretanha. E exem-

plos d'esses abundam na forte e poderosa raça anglo-saxonica, na Europa, na America, em qualquer parte do globo onde se encontre. Nós, os *alliados*, que só conhecemos d'essa alliança o descanso que ella nos pode dar, nem de graça queremos as escolas. Vejam a differença entre o nosso cerebro, com a nossa educação, e a desses anglo-saxonios que passamos a vida a injuriar.

Nem de graça!

Sendo tão facil dar um golpe profundo no analphabetismo por meio do exercito, meio seguro, pratico, efficaz, ainda estamos a pensar se será melhor resolver os homens das aldeias, os pobres barbaros, os pobres párias, a comprehenderem a necessidade de mandar os filhos ás escolas... *que não existem.*

Ora valha-nos Deus!

E ainda hoje podemos dizer *valha-nos Deus!* Toda a vida ficaremos dizendo — por desgraça — valha-nos Deus! E Deus, é já sabido, não vale senão... *a quem vale.* Os que não valem nada, despreza-os. E faz elle muito bem!

A instrucção primaria na Allemanha é obri-gatoria. Obrigatoria *de facto*, e não no papel como entre nós. *Rigorosamente obri-gatoria.*

«En Allemagne (L'Allemagne à Cheval par Jeanne et Frédéric Régamey), l'instruction est rigoureusement obligatoire. Tous les enfants doivent être envoyés à l'école dès l'âge de six ans. Dans les écoles primaires, on garde les garçons jusqu'à quatorze ans, les filles jusqu'à treize ans. De même pour les écoles libres, rares d'ailleurs, qui n'enseignent que sous la surveillance de l'Etat, et d'après un programme réglé par lui.

Donc, depuis l'age de six ans, tous les jeunes Allemands des deux sexes sont pris par l'Etat qui leur donne la même éducation et s'efforce de modeler leurs cerveaux d'après un type rêvé. Déjà, on commence à les plier à la fameuse discipline prussienne, qu'hommes ils retrouveront plus tard dans toute sa rigueur au régiment. Soldats, réservistes, elle les suivra, et jusqu'à leurs derniers jours, dans les diverses sociétés plus ou moins patriotiques où ils s'empresseront de se faire incorporer.

Em vez de traduzir mais ou menos á letra, traduzâmos livremente. E' mais claro, para quem não sabe francês. Expliquemos, resumindo.

Na Allemanha, dizem os auctores citados, a instrucção é rigorosamente obrigatoria. As creanças entram aos seis annos na escola elementar e sahem aos 14 annos da escola primaria, sendo rapazes, e aos 13 sendo raparigas. Portanto, oito annos, seguidos, sem a menor falta, sem a menor exclusão, sem a menor excepção, frequentam os rapazes a escola elementar e primaria e sete annos as raparigas. E' um verdadeiro curso!

O que succede com as escolas officiaes, succede com as escolas particulares, ou livres, aliás raras, e, as que existem, ensinando sob a vigilancia do Estado e segundo um programma imposto por elle.

Portanto, desde a idade de seis annos que

o Estado se apodera de todas as creanças dos dois sexos para lhes dar a mesma educação, esforçando-se por lhes amoldar o cerebro a regras e processos determinados. Começa desde logo a submetto-las e a subordina-las á famosa disciplina prussiana, que os rapazes, quando homens, encontrarão com todo o rigor no regimento, acompanhando-os até a morte, como soldados, como reservistas, e como membros das sociedades patrióticas onde elles se apressam a incorporar-se.

O abbade Wetterlé confirma o que ahí fica transcripto e traduzido. Eis o que elle diz n'um dos seus artigos de *Les Annales*, o que esta revista publicou em 11 de abril de 1915:

L'instruction primaire est obligatoire. Elle l'est avec cette rigueur que les Germains apportent à l'application de toutes les lois. Quatorze ans révolus pour les garçons, treize ans pour les filles, voilà les limites en deçà desquelles aucun enfant n'obtient de dispense. Les parents des contrevenants sont, sans pitié, frappés d'amendes d'abord, de prison ensuite. L'école butssonnière est donc inconnue dans l'Empire. De plus, des lois sociales protègent efficacement l'enfant, qui ne peut pas être employé à des travaux industriels ou commerciaux en dehors des heures de classe.

A instrucção primaria é obrigatoria, continuamos explicando para quem não sabe francês, e obrigatoria com *aquelle rigueur*, diz o

abbade Wetterlé, que os allemães põem na applicação de todas as suas leis. Antes dos 14 annos feitos, para os rapazes, e dos 13, para as raparigas, não ha dispensa possivel da escola. Os paes que se esquecerem d'isto são castigados **sem piedade**, primeiro com multa e depois com prisão. A *école buissonnière* é **inteiramente desconhecida** no imperio. Os francezes chamam *école buissonnière* ás fugas da escola, que constituem, como se sabe, um mal terrivel entre nós. A garotada *foge da escola*, ou, antes, *não vae á escola*, enganando os paes. Em vez d'ir para a escola vae para a *brincadeira*, quando não vae para *antros de crime ou de vicio*, o que ainda é peor. A isso é que os francêses chamam *école buissonnière*, da palavra *buisson*, que quer dizer *tufos d'arbustos*, matta, balsa. Portanto, *école buissonnière* é ir aos ninhos, á caça dos pardaes, jogar a pedrada para o campo, dormir á sombra das arvores ouvindo os rouxinoes, etc., em vez d'ir para a escola, a verdadeira escola, adquirir conhecimentos intellectuaes e moraes. E' isso que o abbade Wetterlé diz ser **inteiramente desconhecido** na Allemanha.

Não é só na Allemanha. Tambem na Inglaterra e em todos os paizes onde os Zés Caldas e os Alfredos Pimentas são simples peças archeologicas para figurar nos museus. A Ingla-

terra acabou com isso de uma maneira muito curiosa. Creou um corpo especial de *policias escolares*, cujo nome proprio, em inglez, me não occorre n'este instante, para dar caça aos garotos que fugiam da escola. Esses policias appareciam em todos os estabelecimentos escolares á hora d'entrada. O chefe do estabelecimento dizia-lhes: *Faltam Fulanos, Sicranos e Beltranos*. Os policias faziam meia volta e ei-los á caça dos Fulanos, dos Sicranos e dos Beltranos. Conhecendo os habitos dos garotos, facilmente davam com elles. E meia hora depois ahi entravam os mariolões, presos pela orelha, por conseguinte d'orelha *derrubada* e *murcha*, na escola. *Murcha* pela decepção. E *derrubada* pelos puxões. A pouco trecho se convenceram de que *era inutil* fugir. E não fugiram mais. Acabou a *école buissonnière* na Gran Bretanha.

Vejam os leitores como n'esses paizes da luz, da *vanguarda*, da *dominação* e da *força*, se considerou a instrucção elemento indispensavel do *seu progresso*, e como foi á custa da instrucção que elles se tornaram *progressivos*, *dominadores* e *fortes*. E vejam como os Zés Caldas, guias espirituaes dos demagogos *avancados*, e os Alfredos Pimentas, guias espirituaes dos demagogos *reaccionarios*, são exclusivos d'esta terra, estes clamando que o povo, para a educação que possui, *já sabe demais*, e aquel-

les que não vale a pena instruir o povo. Como não havia de succumbir esta terra se todos os *seus guias espirituaes* teem sido, afinal, d'aquella laia?

Mas vamos adeante.

O abbade Wetterlé, como já dissemos, conhece *muito bem* a Allemanha. Ainda melhor, talvez, que Jeanne et Frédéric Regamey. Estes são alsacianos e dedicaram-se muito ao estudo da Germania. Mas o abbade Wetterlé tem esta vantagem: foi longos annos membro do Reichstag. E igualmente alsaciano, talentoso e estudioso, foi deputado do *protesto*, e, como deputado do protesto, como membro do Reichstag, teve ensejo de estudar mais de perto e mais a fundo a Allemanha. Ora o abbade Wetterlé, e no decurso d'estas cartas o veremos, acha defeitos na instrucção primaria, como na instrucção secundaria e universitaria da Germania. Mas esses mesmos defeitos mostram o poder e o valor enorme da instrucção na Allemanha. Vejamos.

Le programme scolaire (estamos falando da instrucção primaria) *est très chargé. On y trouve des cours d'histoire, de géographie universelle, de géométrie, d'algèbre, de physique et de chimie, ce qui, pour des élèves d'écoles primaires, représente un effort beaucoup trop dispersé. Il en résulte que les enfants ont des connaissances aussi pariées que supercielles et que les éléments de l'instruction: lecture, écriture, calcul, ne leur sont pas*

suffisamment familiers. Les banquiers, les commerçants, les avocats et les notaires, qui engagent leurs petits scribes à la sortie de l'école, expriment tous le même jugement défavorable sur des méthodes scolaires qui leur fournissent des sujets tout à fait insuffisants. On est également tout surpris de trouver, dans les lettres de soldats, tant de fautes d'orthographe et de construction. Cela tient à la place énorme que prennent, dans les programmes, les matières qui devraient être réservées à un enseignement supérieur, et au rôle accessoire qui, par suite, est réservé à la grammaire et aux exercices de style.

Esta crítica não é bem assente e já tivemos ocasião de prevenir que o abbade de Wetterlé, ainda que conhecendo muito bem a Allemanha, é apaixonado. Alem d'isso, vê-se que os assumptos d'instrucção não constituem a especialidade do abbade. Pois como é muito carregado o programma escolar? O abbade diz-nos que é muito carregado o programma escolar e que n'elle se encontram cursos de historia, de geographia universal, de geometria, de algebra, de physica e chimica, o que representa um esforço *muito disperso* para alumnos de *instrucção primaria*. Mas não representa tal! Parece que o abbade, por um lado, confunde instrucção primaria propriamente dicta com instrucção elementar e que, pelo outro, desconhece a organização da instrucção primaria em França. Em França é a mesma coisa que

na Allemanha. Como dissémos no 1.º volume das nossas *Cartas de Longe*, o ensino primario em França ministra-se nas *escolas maternas* e nas *classes infantis*, nas *escolas primarias elementares*, nas *classes de ensino primario superior* annexas a estas escolas e nas *escolas primarias superiores*. O curso completo de instrucção primaria é de oito annos, como na Allemanha, em certos casos de nove annos, e o programma comprehende geometria, algebra, physica e chimica, historia e geographia de França e colonias, noções de historia e de geographia geral ou universal como na Allemanha. Onde está a differença? Quem pode dizer que é muito carregado o programma para um curso de *oito annos*?

Affirma o abbade Wetterlé que os banqueiros, os commerciantes, os advogados e os notarios, que tomam ao seu serviço raparigas e rapazes ao sahirem da escola, se queixam dos seus conhecimentos deficientes em instrucção elemental. Acrescenta que tem sido surpresa encontrar nas cartas dos soldados, agora durante a guerra, faltas d'orthographia e de construcção. Supponhamos que o facto é verdadeiro e deve-o ser. Eu conheci em Lisbõa uma senhora allemã, ha dez annos, que mandava vir por meio de annuncios, publicados nos grandes jornaes allemães, creadas da Alle-

manha. A cada annuncio respondiam por escripto trinta, quarenta ou cincoenta mulheres, mandando os seus retratos, as suas informações, dizendo as suas prendas, etc. E lembro-me muito bem d'essa senhora, ao fazer a escolha, me dizer: *Esta não redige bem. Est'outra tem erros d'orthographia.*

Havia algumas n'esses casos. Mas vejam a maravilha: dá-se aos cavadores de enxada na Allemanha, e ás creadas de servir, a imputação e a consideração literaria que se dá aos doutores em Portugal! Quantos doutores conheço eu, quantos officiaes do exercito, com o curso das escolas, quantos diplomados, que redigem detestavelmente? Quantos, que escrevem com uma orthographia deploravel?

Escrevem tão bem a sua lingua, em geral, os homens do povo da Allemanha, *que se tornam reparados* os que a escrevem mal. Discutem-se os erros de construcção e de orthographia dos homens do povo da Allemanha, como se discutem os dos doutores, officiaes do exercito e outros diplomados em Portugal.

Maravilhosa coisa! Pois que mais seria preciso para deixar bem patente o grau de cultura a que chegou aquelle grande povo?

VIII

O imperialismo. O que elle exprimia para os nossos germanophilos.

Eu, alliadophilo, admirava mais a Allemanha do que os nossos germanophilos, que só a exaltavam pelo seu espirito militarista e monarchico. Ou, n'outros termos, era o odio á república que os fazia germanophilos. Jules Huret e Victor Cambon confirmam quanto se tem dicto anteriormente sobre todo o ensino na Allemanha.

Antes de continuar, voltemos a insistir sobre o character obrigatorio, rigorosamente obrigatorio, do ensino elementar e primario na Allemanha.

Já agora deixem-me rir um pouco dos publicistas, pensadores, reformadores e redemptores do meu paiz, com Zés Caldas e Alfredos Pimentas a guia-los.

Eu ando morto por dar uma tarefa particular n'este Alfredo Pimenta no caso especial da guerra, dada a audacia do cavalheiro em affirmar que não foi a Allemanha que a provocou. Mas não queria sahir, para isso, das *Cartas de Longe*, já porque tenciono collecciona-las, depois de revistas, emendadas e annotadas, e, d'esse modo, o que disser fóra d'ellas, em assumptos que n'ellas me propuz tratar, terei de o repetir n'esta secção, já

porque não posso estar a encher com Alfredo Pimenta todo o periodico. Seria asneira por todos os motivos, um d'elles o cavalheiro não merecer tamanha importancia. Não ha, pois, remedio senão esperar, visto ter-me alongado n'outros pontos mais do que eu tencionava. No entretanto ir-me-hei rindo do ex-cidadão, o que me compensará um pouco da amargura d'esperar. (1)

No 1.º volume das *Cartas de Longe*, escrevi :

Tenho lido muito sobre a Allemanha. Não quero dizer que a conheço muito bem, porque sou de parecer que

(1) Como disse já na advertencia, mantenho n'esta edição o character primitivo das cartas agora colleccionadas. Eu promettia emendar, mas, salvo uma ou outra palavra excessivamente violenta ou injuriosa, *não emendo nada*. E' um jornalista que está escrevendo, com o valor da *ocasião*, com o seu estylo particular de polemista e proprio de jornal. As *Cartas de Longe*, por isso mesmo, como o *Banditismo Politico*, depois de refundido e reeditado, e o *Pro Patria*, virão a fazer parte, com outros volumes que ainda não saíram, de uma collecção que, com o titulo geral *A Obra De Um Jornalista*, tenciono publicar. Se eu hoje estivesse escrevendo, fóra da *ocasião* e dos motivos que então me impulsionavam, não teria com o sr. Alfredo Pimenta e com outros a vivacidade e aspereza de phrase que tive n'esse instante. Mas a refundir eu tudo, agora, não seria a *obra de um jornalista*, e é esse character de jornalista, que outra coisa não tenho sido em 40 annos, que lhe quero conservar.

ninguém conhece coisa alguma *muito bem*. Mas conheço-a um pouco. E, porque a conheço um pouco, é que não deixo de me rir do portuguezinho valente, mas relaxado, preguiçoso, sem força de vontade, incapaz de todo o methodo e de toda a ordem, antes por natureza e secular *deseducação* e desorganização a quinta essencia do relacionamento e da desordem, a querer tomar como modelo a Allemanha. E, porque a conheço um pouco, é que chego a pasmar do enthusiasmo pelo imperialismo n'essa terrinha da minh'alma, que não faz outra coisa, com todos os regimens, que jogar a cabra cega, ha muitos e muitos annos.

Pois digam lá, não é caso para rir ver o Pimenta fazer a apologia da Allemanha e do imperialismo, como tantos outros Pimentas, e sustentar, como tantos outros Pimentas, que o povo portuguez já sabe *demais* para a educação que tem, ou, pois é a traducção exacta da velha formula do Zé Caldas, *que não vale a pena instruir o povo?* Com que criterio apreciavam estas creaturas a Allemanha? Que consciencia teem elles das *causas* do progresso e da grandeza da Allemanha? Que sabem elles mesmo da Allemanha? Não sabem nada. Junta-m á mais crassa insensatez, á mais absoluta falta de criterio, de talento, que é o termo, ou a mais crassa ignorancia, ou conhecimentos incompletos, superficiaes e ligeiros de tudo aquillo sobre que falam de cadeira.

Eu viajei, eu vi, eu ouvi e eu li. Vi com

olhos de vêr, que, por felicidade, não sou como tanta gente, tantissima gente, que tem olhos e não vê. Ouvi com attenção, porque tambem não sou d'aquelles que tecm ouvidos e não ouvem. Li immenso. E não sei nada. Ou pouco sei. Pois não me hei de rir d'estes pataratas que falam sobre tudo de cadeira, e o Pimenta é um d'elles, para não dizer senão tolices?

Alguns d'elles leem, eu não digo que não. São muito poucos. Mas alguns leem, e n'esse numero está Pimenta. Mas ha uma coisa peor que *não ler*: é **não saber ler**. Ou tresler. Ora o que a minha experiencia da vida me demonstra, e já não sou creança, é que é raro, em Portugal, quem saiba *ler*, ou quem, á força de ler, não acabe por tresler. D'estes pedaços d'asnos que se arrogam a missão de dirigir a sociedade portugueza. D'esses é que eu falo, porque, fóra d'esses, ha, ignorada, muita gente que sabe e que pensa. Mas, infelizmente, quem sabe *abstem-se*, e quem apparece, a dar cartas, é uma sucia de parvos reverendos. Porque são parvos. Muito asnos, muito vaidosos, muito pretenciosos, papagueando menos mal, ás vezes, a falar e a escrever, mas parvos, sem senso commum e sem talento. Os papagaios, os authenticos papagaios, ainda não escrevem. Não tardará que lá cheguem. Porem ainda não escrevem. Mas falam. E, a falar, não raro admi-

ram e encantam. Comtudo, papagaios são e papagaios ficam... eternamente.

Esta, de elles admirarem e exaltarem a Allemanha e não só desprezarem mas até combaterem a causa da instrucção, não me esquece. E' uma das notas, e para ellas chamo a atenção do futuro, mais assigualadas do meu tempo. Que, afinal, os imbecis não admiram a Allemanha. Quem admira a Allemanha sou eu, que não sou germanophilo, por exemplo. Attendam os leitores a este caso, que é tambem interessante. Os leitores veem que quem admira a Allemanha, quem conhece e exalta as suas obras e as suas virtudes, sou eu. Não quero, apesar d'isso, o triumpho da Allemanha, porque, não obstante as obras maravilhosas e as virtudes d'aquella terra, a hegemonia germanica seria fatal á minha patria, em particular, e, em geral, ao progresso das idéas. Porque ha outra coisa que os imbecis confundem, o imperialismo e o progresso da Allemanha. Fazem depender este d'aquelle *exclusivamente*, sendo certo que nem só isso não é verdadeiro, pois a Allemanha teria progredido da mesma sorte fossem quaes fossem as suas instituições, senão que é o imperialismo, expresso na sua forma mais legitima o *militarismo*, que vae matar a Allemanha. A Allemanha podia ter tido um grande exercito, podia

com esse exercito obter as victorias que obteve até 1870, constituindo a sua unidade, sem cahir no imperialismo, ou na sua expressão mais pura, o militarismo. Isto não a salvou, matou-a. E a historia se encarregará de o provar. Mas quem admira a Allemanha, no que ella essencialmente tem de bom, sou eu. As creaturas, que se dizem germanophilas em Portugal, nem a podem chegar a admirar, pois que, na sua quasi totalidade, a desconhecem inteiramente. Não as arrasta o espirito moral e intellectual, que só esse cria admirações, mas o espirito de bando. Não vêem na Allemanha a nação maravilhosamente instruida e educada, e, por isso, só por isso, maravilhosamente organizada, mas a nação que esmaga os povos com o espirito brutal e reaccionario do seu militarismo, e que, n'essa corrente, virá até nós combater, destruindo-a, a republica, que elles odeiam.

Isto não é uma affirmacção calumniosa ou gratuita. Muitos factos o demonstram, entre elles esse do actual guia espirital dos germanophilos, o pontifice Pimenta, tratar com desdem a instrucção, e reputa-la até inutil para a obra da regeneração e da educação nacional, quando é certo que foi ella a base de todo o grandioso edificio germanico.

Mas voltemos ao caracter obrigatorio, rigo-

rosamente obrigatorio, do ensino elementar e primario na Allemanha.

Jules Huret, ha poucos meses, ainda, fallecido em França, escreveu uma obra primorosa sobre a Allemanha. Em tres volumes, primeiro, editados pela livraria Charpentier, e, depois, pela casa Pierre Lafite, em dois volumes illustrados, obra esta luxuosa, esplendida. Possuimos as duas edições. Ora no primeiro volume da 1.^a edição, intitulado *Rhin et Westphalie*, pag. 35, e, com ligeiras modificações, a pag. 94 do 1.^o volume da 2.^a edição, *Allemagne Moderne*, diz (em seguida ao texto francês vae a traducção) Jules Huret:

L'Allemagne a, comme nous, ses lois sur l'obligation de l'enseignement, mais, elle, les applique rigoureusement, à grand renfort d'amendes e avec l'aide de la police, qui, pour en finir, va chercher les réfractaires jusqu'au domicile de leurs parents et les amène de force à l'école. On cite, d'ailleurs, les cas où cette suprême contrainte est devenue nécessaire. L'Allemand, né docile, a appris à considérer dans la vie deux sortes d'obligations également supérieures: l'école et l'armée. Il compte les «années d'école», comme il compte les «années militaires».

Ces années d'école sont pour lui beaucoup plus longues que pour nous. En France, à treize ans, l'enfant se voit libéré par la loi de toute présence scolaire. Ici (Jules Huret escrevia da Allemanha), les classes d'adultes sont obligatoires. Tous les garçons, de quatorze à dix-sept ans doivent suivre, une fois par semaine l'été, deux

fois l'hiver, de cinq à sept heures du soir, les cours établis à leur intention dans les écoles publiques. Et ils y viennent. Leurs patrons sont tenus de leur donner la liberté une demi-heure—ou davantage si nécessaire—avant l'heure du cours, afin qu'ils aient le temps de se laver et de faire le chemin. Ils doivent aussi leur payer les heures passées à l'école; sinon, les amendes et le reste pleuvent sur eux. Dans ces cours d'adultes, les élèves, répartis en classes distinctes, se groupent par corps de métiers, et l'enseignement diffère suivant les professions. On y perfectionne leurs connaissances générales, mais surtout on leur donne des notions utiles à l'exercice de leur métier, des rudiments d'histoire, de législation du travail, d'assurances sociales, etc.

Et si quelque adulte, manquant de zèle et rebelle à la loi, ne répond pas à l'appel, il est poursuivi sans pitié, accablé d'amendes et de retenues. De retenues, parfaitement. Le jeune homme de seize ans, qui gagne sa vie depuis deux ans, et qui, se croyant un homme, refuse de suivre la Fortbildungschule, est, pour les trois premiers manquements, passible d'amendes de 20 à 40 pfennigs, puis, au quatrième, est appréhendé par la police, amené à l'école le dimanche, et retenu au cachot toute la journée ! La ville de Mayence a une année encaissé 700 marks, du fait de ces contraventions.

Muitas vezes tenho dicto o motivo por que faço estas transcripções na lingua de origem, em francês. N'um paiz onde não ha probidade literaria, nem, em regra, probidade nenhuma, peores os escriptores de maior fama que os falsarios e gatunos, é licito duvidar de tudo. E nós sempre adorámos a prova flagrante e

fulminante. Depois, a lingua franceza não está nos casos da lingua inglêsa ou allemã. Meio mundo sabe francês em Portugal. E para quem sabe as linguas, a transcripção no original tem outro sabor. Mas como nem toda a gente que nos lê sabe francês, nunca deixaremos, tambem o temos dicto e não tornaremos agora a repeti-lo, ou de traduzir á letra o que ficar transcripto em francês, ou de o resumir de modo claro e completo, o que nos parece melhor ainda.

Diz, pois, Julio Huret que a Allemanha applica *rigorosamente*, recorrendo ás multas, á policia e á cadeia, as leis sobre o ensino primario obrigatorio. A policia, se é preciso, mas não é, pois esses casos, como affirma Julio Huret, são rarissimos, vae buscar os alumnos refractarios a casa dos proprios paes e á força os conduz á escola. Os rapazes seguem o curso d'instrucção primaria até os 14 annos completos. Mas depois d'isso não ficam livres, como em França. São obrigados ainda a outro curso, o curso d'adultos, e ai d'elles se faltam a essa obrigação. Perseguem-nos *sem piedade*, multando-os primeiro e prendendo-os por fim.

Attentem bem n'isto os leitores. Aqui é o paiz onde *cada um faz o que quer*, e põe-se, á mais pequena repressão, *toda a gente a gritar*. E' a anarchia das anarchias. Quem admit-

tiria em Portugal que um rapaz de 16 annos fosse multado, primeiro, e, depois, *preso e metido na cadeia*, por não ir á escola? Todos gritariam: «Pois se não quer ir, que não vá». Aqui, onde o desprezo pela instrucção é *absoluto*. Absoluto! Os que não affirmam, como o Pimenta, que o povo sabe demais (grande paspalhão!), ou, como o Zé Caldas, *que não vale a pena instruir o povo*, tem sempre um *mas* a oppor á instrucção. Ou allegam que o *mal é de raça*, e não de ingnorancia e falta de educação, ou que a instrucção e a educação *não criam nada*, ou coisas equivalentes. Isto, os que ainda discutem a instrucção, que não são, ao **todo**, sem exaggero, duas duzias em Portugal. Isto, os bem intencionados. O resto, seis milhões e tanto de habitantes, não querem saber de instrucção para nada. Na Allemanha... é a *pau*. A instrucção ha de ser ministrada a *bem ou a mal*. E a *toda a gente*. Todos apprendem, e todos apprendem da maneira que se está vendo: **até os 17 annos**. Dos seis annos aos dezasete, seguidos, sem interrupção.

Que vontade de rir, deante dos *paspalhões*, que se dizem germanophilos em Portugal!

Mas aquelle rigor não é exclusivo da Allemanha. E' de **todos** os povos modernos. Na Suecia, por exemplo, a lei, alem d'outras re-

pressões, negou o casamento aos analphabetos. Quem fosse analphabeto... não se casava.

Os cursos de adultos teem logar, escreve ainda Julio Huret, uma vez por semana no verão, e duas vezes por semana no inverno. Os patrões são obrigados a dar liberdade aos operarios á hora do curso, sob pena de serem tambem presos ou multados. Multados, primeiro; presos, depois. N'esses cursos de adultos, os alumnos, repartidos por classes distinctas, agrupam-se por officios, e o ensino differe consoante as profissões. E' um ensino de character geral, em que se recapitula o apprendido anteriormente, e de character especial, repetição e ensino novo. Repetição das materias apprendidas até os 14 annos, e ensino novo do que for util principalmente á profissão do alumno.

Eis o que, essencialmente, diz Huret, no trecho atrás transcripto em francês.

Os cursos de adultos, a que Julio Huret se refere, são aquelles a que o abbade Wetterlé chama *post scolaires*, nome com que em todo o mundo os distinguem, aliás. Tambem existem em França, como dissémos no 1.º volume das nossas *Cartas de Longe*, muito bem montados e muito frequentados, mas em França não são obrigatorios, como na Allemanha.

Eis o que a esse respeito diz o abbade Wetterlé :

La loi prévoit également, pour les garçons, des cours post scolaires obligatoires, qui durent deux ans. Ces cours remplissent une journée par semaine, ou deux demi-journées. Les patrons sont obligés de donner congé à leurs jeunes apprentis ou employés, pour leur permettre de recevoir cet enseignement, qui porte surtout sur les langues vivantes, la comptabilité et d'autres connaissances pratiques. Là encore, des peines très sévères sont prévues pour ceux qui essayent de se dérober à l'obligation légale.

Isto dispensa traducção. O abbade Wetterlé, nos pontos essenciaes, confirma o que diz Julio Huret.

Victor Cambon, n'um livro muito interessante e muito apreciado, que se intitula: *L'Allemagne au Travail*, escreve :

Le voyageur qui traverse l'Allemagne est généralement frappé de ce qu'aucune maison isolée ne s'élève à travers les terres cultivées. Les habitations rurales sont groupées en des agglomérations assez denses, formant parfois de vraies petites villes.

Il ne manque pas d'attribuer cet état de choses à l'esprit d'association si développé dans la race germanique qu'un homme vivant isolé de ses semblables lui paraît une anomalie.

Mais il y a une raison autrement péremptoire. La plupart des gouvernements allemands interdisent la construction d'habitations éloignées du centre des vil-

lages pour ce motif, avoué et accepté de tous, que les enfants, par les mauvais jours, seraient exposés à manquer l'école.

Ainsi, le culte pour l'instruction est tel qu'on lui sacrifie, de propos délibéré, une des libertés primordiales du citoyen. Inutile d'ajouter que les parents sont responsables du plus ou du moins d'assiduité des enfants à l'école. Toute absence accidentelle doit être justifiée, faute de quoi, le père encourt une sévère pénalité impitoyablement appliquée.

Les chefs d'industrie qui ont des usines en pleine campagne et y logent quelques contremaîtres ou ouvriers, doivent assurer aux enfants de ces derniers le transport en voiture jusqu'à l'école la plus voisine. Si l'agglomération ouvrière est plus importante, une école publique y est créée, ordinairement par les soins et avec la subvention du patron.

Ce régime qui oblige les cultivateurs à vivre en demi-citadins relève sensiblement leur intellectualité; ils trouvent dans cette agglomération tous les éléments d'une vie sociale complète: lieux de réunion, journaux, cafés, bibliothèques, associations de toutes sortes; on objectera qu'ils sont obligés à de longs parcours pour se rendre aux champs qu'ils cultivent; mais, le plus souvent, des charriots ou des voitures les y transportent, et, d'autre part, les facilités d'existence que leur offre la vie au milieu de leurs compatriotes et de tous les fournisseurs dont ils ont besoin compensent largement cet inconvénient. Leur tenue s'en ressent; l'on distingue difficilement en Allemagne, un paysan d'un ouvrier endimanché, et surtout, on n'y rencontre point, comme dans certains départements reculés de la France, de ces êtres d'aspect sauvage, aux accoutrements inexpressibles, vivant seuls dans des chaumières perdues, à la façon d'hommes préhistoriques.

Résultat de cette législation et de ces mœurs: il n'y a pas en Allemagne un millième d'illettrés. Mais cette constatation me paraît insuffisante. Il importe peut qu'un homme ait appris à lire, si, sa vie durant, il ne lit jamais. Or, on voit des journaux et des livres dans les mains et dans la demeure des Allemands de toutes les conditions.

Victor Cambon, confirmando tudo quanto dizem os outros escriptores sobre a importancia *capital* que se dá na Allemanha á instrucção nacional, informa-nos d'uma nova particularidade, essa dos governos da *maior parte* dos estados germanicos **prohibem** a construcção de habitações afastadas dos centros populosos para que as creanças não fiquem sujeitas, em dias de mau tempo, a faltar á escola. A tanto chega o zelo pela cultura do povo!

Os grandes industriaes, que teem fabricas em pleno campo, são obrigados a **ter carruagens** que conduzam os filhos dos operarios á escola mais proxima.

Resultado, diz Cambon, d'essa legislação e d'esses costumes: não ha na Allemanha analphabetos e nem sequer homens incultos. Saber ler pouco importa *não se lendo*, observa Victor Cambon com muita razão e criterio. Mas na Allemanha veem-se jornaes e livros nas mãos e habitações de **todos** os allemães, **seja qual for a sua condição.**

Le jour du reveil, les Allemands n'oublièrent pas qu'ils étaient des savants, et c'est à la science qu'ils demandèrent les éléments et les procédés de leur développement. La formation éminemment scientifique est la caractéristique de l'Allemagne actuelle.....

Pour les Allemands, l'instruction est la base de tout et ils n'hésitent pas à faire remonter à leurs grands savants: Humboldt, Liebig, Hoffman, Thaer, Bunsen, etc., la genèse de leurs progrès.....

Tous, en Allemagne, le gouvernement comme les particuliers, comprennent que l'instruction, non seulement générale, mais professionnelle, est d'autant plus indispensable que l'Allemand n'est pas apte par tempérament à exercer un métier sans l'avoir appris...

Agora é que a traducção á letra se torna necessaria.

Eis a traducção á letra:

«No dia do accordar, os allemães não esqueceram que eram sábios e foi a sciencia que pediram os elementos e os processos do seu desenvolvimento. A formação eminentemente scientifica é a caracteristica da Allemanha actual...

Para os allemães, a **Instrucção é a base de tudo**, e não hesitam em fazer remontar aos seus grandes sábios Humboldt, Liebig. Hoffman, Thaer, Bunsen, etc., a genese do seu progresso...

Todos, na Allemanha, o governo como os particulares, comprehendem que a instrucção, não só a geral mas tambem a profissional, é tanto mais indispensavel, quanto o allemão é menos apto, por temperamento, a exercer um officio sem o ter apprendido».

Quando se compara isto com o que se passa
n'esta terra, chega-se a desesperar... da sal-
vação de Portugal!

bibRIA

IX

A sumptuosidade das escolas primarias na Allemanha. O seu incedível accio. Como o serviço medico é feito. O combate ás degenerescencias physicas de toda a qualidade. Especial rigor contra a tuberculose. Em Portugal um homem vale menos que a ferradura d'um cavallo. Mas, na Allemanha, o primeiro valor é o homem.

As escolas são... *palacios*.

Oiçamos Jules Huret:

Se souvient-on de la campagne de protestation menée chez nous, autrefois, à la suite des lois Ferry sur l'enseignement primaire, contre ce qu'on appelait *les palais scolaires*? Tout était trop beau, trop luxueux, les façades, les classes, le matériel; on allait gâter les enfants du peuple; l'État était livré à des fous. Je me remémorais cette indignation en visitant les écoles de Mayence, en compagnie de M. Reis (*nome português, não é verdade? Não será um dos muitos descendentes dos Judeus expulsos de Portugal, que foram levar a tantos pontos da Europa o seu dinheiro, o seu bom senso e o seu talento?*) conseiller municipal, qui se dévoue aux œuvres d'enseignement avec une passion admirable.

Que ne dirait-on pas des *palais* d'ici? C'est bien autre chose, je vous assure, que les modestes immeubles de nos campagnes. Imaginez d'immenses bâtisses gothiques ou romanes, en briques rouges et pierres de taille, entourées de jardinets, abritées d'arbres, percées de larges baies. L'intérieur en est d'une propreté d'église, couloirs

carrelés, murs clairs ornés de jolies lithographies coloriées et d'élégants portemanteaux. Deux ou trois lavabos de faïence à chaque étage. Le plancher des classes est recouvert de linoléum rouge-brique; l'éclairage est électrique, car le gaz en brûlant l'oxygène de l'air, en altère la pureté, et le chauffage est assuré par le système dit de chauffage central; ventilation parfaite: l'air chaud, envoyé par le bas, est aspiré par des ouvertures percées au-dessous du plafond, et il en résulte une aération modérée et continue. Propreté incomparable. J'ai vu balayer des écoles françaises! Hélas!... Il y a ici, dans une seule école de 36 classes, neuf femmes qui passent chaque jour trois heures, et le mercredi six heures, à nettoyer. Les tables, faites chacune pour deux élèves, se renversent complètement par un système de bascule, et ainsi nulle poussière n'y peut séjourner. Par les temps de pluie ou de neige, les chaussures mouillées des enfants venant de la rue garderaient, posées sur un plancher lisse, leur humidité; on a prévu cela, et, pour qu'elles séchent plus vite, substitué des treillages aux simples planches du parquet. Voilà comment on entend l'hygiène.

Des salles de douches sont installées dans les sous-sols: une pour les garçons, une pour les filles. On y voit de vastes bassins rectangulaires, profonds de 30 à 40 centimètres, au-dessus desquels une série de tuyaux percés de trous envoient à volonté l'eau froide ou chaude. Tout le champ du bassin est arrosé par ces tuyaux, de sorte que quarante ou cinquante enfants peuvent s'y doucher à la fois. A chacun l'on remet un caleçon, un petit pain de savon et une serviette. Le vestiaire où ils se déshabillent est chauffé et ventilé.

Les dix mille enfants des écoles publiques de Mayence prennent ainsi leur bain hebdomadaire gratuitement. L'été, dans le Rhin, un cours de natation, payé par la ville, est accessible à tous les écoliers qui veulent le suivre.

Les fournitures scolaires sont données gratuitement aussi aux élèves dont les parents le demandent. Et cette gratuité est si peu considérée comme une charité qu'il fut un moment question, au Conseil municipal, de l'étendre à tous sans distinction, afin d'éviter de blesser, par un malentendu possible, ceux qui la réclament. On recula devant la dépense.

Cinq médecins attachés aux écoles de la ville, tous les quinze jours mesurent, pèsent et auscultent les enfants. Les malades, les dégénérés atteints de scoliozes, sont envoyés à un institut spécial de mécano-thérapie et d'hydrothérapie, installé avec un luxe presque aussi parfait que celui des grandes stations thermales. Là, des spécialistes leur fabriquent sur mesure des corsets ou des armatures adaptés à leurs déviations; ou les baignent, ou les soumet aux divers appareils mécaniques, on allonge les bossus, on redresse les tortus, on accomplit, en un mot, tout le travail de l'orthopédie. Le traitement est complété par des bains salés, des inhalations pour les tuberculeux, des bains électriques, des bains radio-actifs. Tout cela : appareils, soins et traitement, est gratuit.

Moyennant 20 pfennigs par semaine (5 sous), chaque enfant des écoles a droit chaque jour à une tasse de lait et à un petit pain. Pour les indigents, ce repas est gratuit, grâce à une œuvre privée qui en supporte les frais, et les pauvres petits ignorent eux-mêmes si leurs parents payent ou non pour eux. Et quelle propreté, quel ordre règnent dans ce petit ménage quotidien!

On a encore pensé aux enfants affligés d'un défaut de prononciation, de bégaiement, etc. Des leçons spéciales de phonétique sont données, et toujours gratuitement. Les demi-idiots, les *en retard*, ont également leurs classes séparées : de la sorte, ils ne gêneront pas les autres et progresseront eux-mêmes plus vite.

A ces demi-idiots on fournit des billets de tram-

way, de memê qu'aux autres élèves demeurant loin des écoles.

Resumiremos isto em português.

Huret começa por descrever-nos a parte material das escolas populares de Moguncia, que elle toma como typo das escolas do genero na Allemanha. São edificios magnificos e immensos, cheios de janellas, cercados d'arvores, com jardins, d'uma limpeza rigorosa por dentro e por fóra. Quasi luxuosos, com casas de banho excellentes, onde podem tomar banho 40 ou 50 creanças ao mesmo tempo, e disposto túdo de fórna que *nenhuma* das dez mil creanças, que frequentam as escolas populares de Moguncia, deixa de tomar um banho, pelo menos uma vez por semana; com retretes magnificas, illuminadas a luz electrica, aquecidas no inverno pelo systema d'aquecimento central. Nove mulheres são encarregadas em cada escola de proceder á limpeza, serviço em que gastam tres hcras por dia e seis horas ás quartas feiras.

Durante o estio ha um curso de natação no Rheno, pago pelo municipio, e seguido por todos os escolares que o desejem.

Os artigos escolares são fornecidos gratuitamente aos alumnos pobres.

Cinco medicos, encarregados do serviço medico escolar, todos os quinze dias inspecionam

as creanças, mensurando-as, pesando-as e auscultando-as. Os doentes e os degenerados mandam-nos para um instituto especial de mechanoterapia e hydrotherapia, installado com um luxo quasi tão perfeito como o das grandes estações thermaes. Ahi, especialistas varios fabricam, sobre medida, osapparelhos requeridos pelas deformações physicas dos doentes, submettendo estes a todo o outro tratamento necessario, que se completa com banhos salgados, inhalações para os tuberculosos, banhos electricos, banhos radio-activos, etc. **Tudo**, apparelhos, tratamento geral e especial, é gratuito.

Por vinte *pfennigs* por semana, cinco *sous* em moeda franceza, 50 reis em moeda portuguesa, tem cada creança direito a uma chavena de leite, diariamente, e um pão. Os indigentes não pagam nada, mas tanto elles como os seus camaradas o ignoram, pois a lei procura tirar a tudo o character *d'esmola*, que desmoraliza e humilha. Que limpeza, que ordem, exclama Jules Huret, não reinam n'esse *ménage* diario!

Os defeitos de pronuncia, os defeitos da lingua, a gagueice, são tambem sujeitos a tratamento especial. Licções especiaes de phonetica são dadas a esses alumnos e sempre gratuitamente. Os semi-idiotas, os atrazados, que

não podem acompanhar nos estudos o commum dos alumnos, teem tambem classes separadas, para não prejudicar os outros e progredirem elles proprios mais depressa. A esses semi-idiotas são fornecidos bilhetes de *tramway*, assim como aos outros alumnos que moram longe das escolas.

Vejam os leitores como é em tudo completo, perfeito, admiravel, o cuidado, o carinho, o zelo com que a instrucção é tratada na Alemanha. Vejam como os allemães a consideram fundamental, condição de *sine qua non*, e se nós temos ou não temos razão para desprezar e flagellar os Pimentas e quejandos. Tão prejudiciaes, tão damninhos, tão funestos a esta patria que, *sem hesitações*, os mandaríamos *prender curto*, se pudessemos. E os leitores veem que não fala em nós o espirito de seita, nem de bando, ao dizer isto, pois tanto desprezamos e flagellamos os demagogos Caldas como a peste reaccionaria dos Pimentas. O que fala em nós é a indignação do patriotismo e da intelligencia. Custa dizer-lo, mas só uma *besta* é capaz d'escrever *que não vale a pena instruir o povo*, ou que o povo *sabe demais para a educação que tem*. Não são affirmações que por irreflexão ou descuido escapem a um homem intelligente. Todos nós temos irreflexões e descuidos. Todos nós, por irreflexão e

descuido, affirmamos de quando em quando proposições menos sensatas ou verdadeiras. Mas ha coisas que só por *estupidez* se avançam. E está n'este caso essa *de que não vale a pena Instruir o povo* ou de que o povo já sabe demais para a educação que tem. Estes homens não são *intelligentes*. A intelligencia é uma coisa bem differente. São creaturas que põem uma certa arte no modo de falar ou escrever. *Unicamente!* Mas, fóra isso, não teem idéas, não teem criterio, não teem orientação nenhuma. Vogam sempre á mercê das idéas dos outros e de influxos extranhos. E nem sequer as idéas dos outros elles sabem assimilar. D'ahi o serem umas *ventoinhas*, hoje d'um lado amanhã do outro, renegando agora solennemente o que hontem solennemente affirmaram para solennemente de novo, amanhã, o adoptarem. Sempre fluctuando, sempre incoherentes, sempre *phantásticos*, parvos intellectualizados, como tão propriamente lhes chamei. Fui eu que creei esse termo de *parvos intellectualizados*. E não ha outro mais significativo. Raros são os homens intelligentes que possui esta patria. Muito raros. O que abunda são os *parvos intellectualizados*. Dizem-se *intellectuaes*. Dizem-se escriptores, oradores, parlamentares, jornalistas, tribunos. Criam fama como taes. Mas *parvos intellectualizados* é que são. Tão

damnhinhos, tão funestos, com os seus desvairamentos, os seus dislates, as suas tolas phantasias, a sua *monomania de novidade*, que, por dever patriótico, civilizador e humano, eu, repito, mandava-os *prender curlo*, se pudesse. Não podendo, limito-me a marca los a ferro e a fogo como *parvos intellectualizados*. A escrever na testa do Zé Caldas: *Este é o que disse que não valia a pena instruir o povo*. E na testa do Pimenta: *Este é o que disse que o povo, para a educação que tem, já sabia demais*.

Esta grilheta é que elles não hão de largar.

Parvos! Não são parvos vulgares, evidentemente. Ha doidos com intelligencia. Mas são parvos!

Voltemos, porem, ao curso do nosso estudo sobre a instrução na Allemanha. E continuemos a ouvir Jules Huret, que não fala agora já sobre as escolas de Moguncia, mas sobre todas em geral.

Dans les écoles, un service d'inspection médicale qui fonctionne avec régularité, examine, tous les enfants périodiquement. Et quand la moindre maladie ou prédisposition à la maladie est découverte, l'écolier est signalé et soigné! Les plus malades sont envoyés à la mer, dans des colonies forestières, ou des sanatoria. Soixante de ces sanatoria furent installés par la Croix Rouge. D'autres sociétés contribuent à leur entretien; une quantité de villes les subventionnent.

Spécialement, la tuberculose est traquée avec une

ardeur admirable. On sait que dans les écoles de Paris, par exemple, la moyenne des enfants atteints ou menacés de tuberculose s'élève à plus de 60 p. 100. Que fait-on pour combattre le terrible mal? Allez voir ce qu'il reste, dans les quartiers pauvres, d'écoles sans air et sans lumière! Cherchez les médecins-inspecteurs chargés de lutter contre la propagation du fléau... Je me suis trouvé à Francfort et à Berlin avec un jeune médecin français, le Dr. Raoul Huleux, venu en Allemagne pour étudier la prophylaxie de la tuberculose à l'école. Ces constatations sont saisissantes.

Il m'a fait part de ses observations. Ici les écoles sont surveillées, au sens strict du mot, par des médecins-inspecteurs, attachés spécialement à ce service, munis de connaissances spéciales de puériculture, et qui, n'ayant pas de clientèle privée, se dévouent entièrement à leurs fonctions comme à un apostolat. Tous les enfants sont auscultés et examinés régulièrement. Des fiches individuelles sanitaires, contenant le signalement anthropologique, physiologique et organique, établies pour chacun d'eux, les suivent d'école en école, jusqu'au service militaire. « Dresser, dès l'entrée de l'enfant à l'école, un tel signalement, connaître son poids, sa taille, son périmètre thoracique, se livrer à la recherche des ganglions, faire un examen attentif de la poitrine suivant la méthode du Dr. Grancher, se renseigner sur les antécédents héréditaires et personnels de l'enfant, c'est rechercher tous les éléments du diagnostic précoce de la tuberculose... La fiche scolaire est donc imposée à tous les enfants des écoles. On en discute encore chez nous l'utilité.

Nas escolas ha, portanto, um serviço d'inspecção medica, para examinar todas as crianças,

e que funciona com regularidade. Logo que a menor doença ou predisposição para doença é descoberta, o alumno é separado e tratado. Os mais doentes são mandados para a borda do mar, para sanatorios, sessenta dos quaes os installou a Cruz Vermelha, e outras varias sociedades, que contribuem para a sua sustentação. Innumeras cidades os subvencionam.

A tuberculose, em particular, é atacada com um ardor especial. Um medico francês, que tinha ido á Allemanha com o fim d'estudar a prophylaxia da tuberculose na escola, contava a Jules Huret como as escolas allemãs eram vigiadas, no sentido rigoroso da palavra, por medicos-inspectores, dedicados especialmente áquelle serviço, com conhecimentos especiaes de puericultura, e que, não tendo clientela particular, se dedicam inteiramente ás suas funcções, que exercem como um apostolado. Todas as creanças esses medicos auscultam e examinam regularmente. Registos individuaes sanitarios, contendo indicações anthropologicas, physiologicas e organicas sobre cada uma d'ellas, as seguem d'escola a escola até a vida militar. Toma-se nota do peso da creança desde que ella entra na escola, da sua estatura, do seu perimetro thoracico, procuram-se-lhe os ganglios, examina-se-lhe o peito attentamente segundo o methodo do dr. Grancher, estudam-se-lhe os

antecedentes hereditarios e pessoas, enfim, procuram-se todos os elementos do diagnostico precoce da tuberculose.

Quer dizer, para a sabia Allemanha o primeiro valor é o *homem*. Tudo isto que vimos estudando, o zelo pela cultura, o zelo pela saude, leis rigorosas sobre a escola, toda a machina admiravel do ensino, com os seus annexos, não quer dizer outra coisa. Aperfeiçoar o homem, eleva-lo, instrui-lo, educa-lo, como elemento capital de toda a riqueza, progresso e civilização, tal foi o empenho, o grande empenho, o cuidado, o grande cuidado, dos povos avançados.

Em Portugal, um homem vale menos que a ferradura d'um cavallo. Já quando eu estava no exercito dizia isso. Que sobresalto, se se quebrava um candieiro na caserna ou se se perdia a ferradura d'um cavallo! Mas do homem, ninguem fazia caso. Nem faz. *Desprezo absoluto pelo homem*. E d'esse desprezo é que resultou e resulta a nossa anarchia, a nossa incapacidade, a nossa incultura, esta estupidez, esta ignorancia profunda em que nos abysmamos. D'esse desprezo é que resultou e resulta a miseria, a doença, o alcoolismo, a degenerescencia de toda a casta, toda a gangrena physica e moral que nos afoga e nos mata. D'esse desprezo é que resultaram e re-

sultam as theorias á Pimenta e á Zé Caldas, todos os desvairamentos e asneiras dos que se propuseram e propõem dirigir e governar esta infeliz patria. E por isso eu digo a toda a hora, é a minha oração de *livre pensador*: «Não me custa morrer; o que me custa, meu Deus, é morrer sem vir para estes legisladores, estes ministros, estes jornalistas, estes escriptores, a sucia toda dos *intellectuaes*, **um raio que os parta**».

bibRIA

X

Novos dados sobre o ensino primario na Allemanha. As escolas ao ar livre. O serviço medico é feito n'ellas com o mesmo zelo, cuidado e sciencia que nas outras. Conclue-se que nem tortos, nem rachíticos, nem vesgos, nem mudos, nem anões, nem gigantes deixam de adquirir muita ou pouca cultura na Allemanha. O Estado quer que todos saibam e a todos fornece os meios de apprenderem.

Julès Huret descreve-nos depois as escolas ao ar livre. Vamos ouvi-lo. E ouvi lo-hemos primeiro em francês. Estas transcripções em francês, não cessaremos de o dizer, não são inúteis. Nós queremos fazer obra *séria*, que convença, que eduque. Escrevemos, sobretudo, para as classes dirigentes, porque, ou parte d'essas a convicção de que a regeneração nacional só se pode obter *pelos meios* por que a obtiveram os povos mais progressivos do mundo a Allemanha, a Inglaterra, a França, a Suissa, a Suecia, a Dinamarca, a Belgica, Estados Unidos da America, Japão, etc., **ou não fazemos nada**. E, d'esses meios, o **principal**, o que essas nações consideraram o **meio dos meios**, foi a **instrucção**. Note-se: a **instrucção**. Não foi a educação. Orientem-se os patetas, intellectualizados e não intellectualizados,

Pimentas e não Pimentas, que parvoamente enchem a bocca com a *educação*, olhando parvoamente com desdém a *instrucção*.

A educação é um *fim*. A instrucção é um *meio*. A educação é um fim porque, obtida ella, **está obtido tudo**. Mas a instrucção é um meio porque, sem instrucção, não ha, modernamente, educação possível. Logo, repetimos, a instrucção foi o **meio dos meios**, a base, o alicerce em que assentou todo o edificio progressivo, civilizador e forte das modernas nações progressivas, civilizadoras e fortes da Europa e do Mundo.

Queremos regenerar-nos? Queremos viver? Teremos que seguir **fatalmente** na pegada dos povos da vanguarda, e trilhar o caminho que elles *trilharam* para chegar á *vanguarda*. Não queremos? N'esse caso é continuar a tomar como divisa a sentença dos Pimentas e dos Caldas.

Escrevemos, sobretudo, para as classes dirigentes, porque, se não parte d'estas o movimento regenerador, se essas não acolhem benevolamente e não secundam a propaganda, nada se consegue.

E essas classes estão descrentes, desconfiadas de tudo e de todos, fartas de sectaristas e de intrujões, que, pelo sectarismo e intrujice, são capazes de todas as falsificações e de to-

das as mentiras. Desde que tivéssemos de recorrer ao argumento da auctoridade e de appellar para o que os outros escrevem, citando o seu testemunho, poderiam ellas dizer o que de mim para mim, a respeito de varios, eu digo muitas vezes: *sei lá se isto é verdade ou não é!* Fazendo eu as transcripções na propria lingua original, e sendo essa lingua latina, portanto conhecida do geral dos leitores d'essas classes, a duvida e a desconfiança desaparecem e o argumento toma a força de convicção e de prova que se torna precisa. Vamos, pois, continuar com as transcripções em francês e com a traducção resumida a seguir, para que não deixem tambem d'ir aproveitando os que não conhecem a lingua de origem.

Jules Huret descreveu-nos os *palacios escolares*. Mostrou-nos que as escolas de instrucção primaria, na Allemanha, tomando por modelo as de Moguncia, são verdadeiros palacios. Disse-nos os cuidados, o zelo com que se tratam as creanças, sob todos os aspectos, mas, em especial, sob o aspecto da saude. Vejamos agora o que elle escreve sobre as escolas *ao ar livre*, tomando como typo d'essas escolas as de Charlottenburgo, outra cidade da Allemanha:

^{1o} C'est ici qu'est née l'idée des écoles en plein air, les

Waldschulen. Écoutez parler le jeune savant sur la Waldschule de Charlottenbourg.

La clientèle de l'école est fournie par les enfants fréquentant les établissements scolaires de la ville; on y reçoit les anémiés, les tuberculeux, les cardiaques, les scrofuleux; on en exclut toutefois, en même temps que les enfants atteints d'affections cardiaques non compensées, les tuberculeux qui à la période d'expectoration pourraient être un danger de contamination, les enfants atteints d'épilepsie, d'hystérie ou de danse de Saint-Guy. Une première sélection est faite par le médecin-inspecteur de l'école urbaine; l'admission définitive est prononcée après un second examen fait par le médecin de l'école lui-même.

L'école, ouverte d'avril en décembre, c'est-à-dire pendant neuf mois de l'année, située dans une vaste forêt à la proximité de la ville, occupe une superficie de 2 hectares environ.

La simplicité de l'installation frappe le visiteur. Les constructions sont limitées à l'indispensable. Deux baraques Doecker servent de pavillons-écoles, et, tout à fait exceptionnellement, en cas de fort mauvais temps, de réfectoire et de salles de récréation, largement aérées et éclairées, munies de tables mobiles et de simples sièges en bois adaptés à la taille des enfants. De chaque côté de ces baraques, une aile sert de vestiaire, l'un pour les garçons, l'autre pour les filles. Une troisième baraque construite sur le même type abrite l'économat et sert de chambre de visite au médecin de l'école. Non loin, un autre pavillon où se trouvent les bains, comprend six cabines, deux baignoires et trois appareils à douche. Enfin deux hangars: sous l'un d'eux, des tables, portant le numéro de chaque classe, constituent le réfectoire habituel; à l'entrée de ce hangar, un tableau indique la température de la journée prise à huit heures, à onze heures et

à sept heures, la direction du vent, la hauteur barométrique et l'état du ciel. L'autre hangar, ouvert d'un côté vers le sud, est protégé contre la pluie par un toit en saillie: c'est là que les enfants, en cas de mauvais temps, font leur sieste après le repas, se livrent aux exercices de gymnastique et de chant. Ça et là dans le bois, quelques bancs qu'abrite un léger toit en branches ou en planches constituent tout le mobilier d'une classe. Telle est dans toute sa simplicité l'installation complète de l'école.

Chaque jour un service spécial de tramways amène les écoliers, dont le nombre n'a fait qu'augmenter depuis la fondation. Les enfants arrivent à 7 h. 45: ils reçoivent immédiatement une assiette de soupe chaude et une tartine de beurre. A 8 heures, la classe commence pour deux divisions, tandis que les autres prennent leurs ébats, pieds nus dès que la saison le permet, jouent ou s'exercent à la gymnastique. A 10 heures les enfants reçoivent une ou deux tasses de lait (environ un 1/2 litre) avec une tranche de pain noir beurré. Puis la classe continue pour deux autres divisions. A midi et demi, la cloche sonne le repas principal. Chaque écolier doit se laver les mains avant de paraître à table. Les enfants prennent place, par classe, aux tables disposées sous le hangar, puis, munis de leur assiette, se rendent en ordre parfait à la baraque qui sert de cuisine, pour y recevoir leur repas. Celui-ci se compose de 200 grammes de viande et 200 grammes de légumes (pommes de terre, haricots lentilles, légumes verts). Pourtant rien n'est absolument fixe, et la quantité d'aliments que chaque enfant reçoit est en réalité basée sur son appétit. La nourriture est simple, substantielle, appétissante, de qualité irréprochable. Après ce repas principal se place une sieste de deux heures, à laquelle la direction médicale de l'école attache la plus grande importance. Les enfants vont

prendre leur chaise longue, leurs pliants, et leurs couvertures, se choisissent, si le temps est beau, une petite place à l'ombre et s'y reposent; si le temps est mauvais ou froid, ils se rendent sous le hangar dont nous avons fait mention plus haut. La surveillance d'un maître a vite raison de la turbulence de toute cette jeunesse, et la plupart des enfants arrivent à dormir durant tout le temps consacré à cette sieste.

A 3 heures, classe pour deux nouvelles divisions: repos pour les autres. A 4 heures, repas, se composant, comme celui de 10 heures, d'un demi-litre de lait avec du pain noir et de compote. Enfin, à 6 h. 45, peu avant le départ pour la maison paternelle, dernier repas dont le menu est celui-ci: bouillie d'avoine, cacao ou pudding, pain noir avec du beurre.

Tel est, d'une façon générale, l'emploi du temps. L'hiver amène dans la vie de la Waldschule quelques modifications. Les classes se font dans les baraques scolaires; mais, afin de rendre la cure d'air aussi profitable que possible, les repas sont pris dehors fort avant dans la saison. Quand le froid devient par trop vif, le repas de midi se donne dans la grande salle de l'une des baraques scolaires; mais, quelle que soit la température, le déjeuner du matin et le goûter sont toujours pris en plein air; afin de ne pas se refroidir, les enfants ne s'assoient pas et mangent en marchant. La sieste est également faite dehors, sinon dans la forêt même, du moins sous le hall abrité; les enfants s'étendent, n'ayant à découvrir que le visage, complètement enveloppés dans leurs couvertures. (Ils ont à cette époque trois couvertures et une cape à leur disposition).

Le personnel chargé de l'éducation ou de la surveillance de tout ce petit monde se compose d'un médecin, de six instituteurs, de trois institutrices, d'une infirmière de la Croix-Rouge et de cinq femmes de peine; en tout

seize personnes. L'entretien des enfants, ou plutôt leur nourriture, a coûté en moyenne 50 pfennigs (près de 65 centimes). Le principe de cette école n'est pas la gratuité absolue; certes, bien peu de familles peuvent rembourser la somme si modique de 50 pfennigs; mais toutes font preuve de la meilleure volonté et arrivent à payer 20 à 25 pfennigs, souvent moins, mais toujours quelque chose.

Les enfants qui forment la plus grande partie de la clientèle de l'école sont parfois incapables, par suite de leur développement retardé, de suivre la classe ordinaire; le surmenage imposé dans l'école urbaine ne fait qu'augmenter cette infériorité. Ici, pas d'encombrement, pas de surmenage; mais une limitation et une répartition rationnelles des heures de repos et de travail. Avec leur santé corporelle renaît pour ainsi dire leur santé intellectuelle. Ces retardés, ces indifférents ne tardent pas à s'intéresser, à prendre une part active à l'enseignement qu'on leur donne. Rares sont les élèves dont l'application laisse à désirer, et lorsque les petits colons de la *Waldschule* se retrouvent parmi leurs camarades des classes de la ville, ils prennent dans l'ensemble une fort bonne place et souvent même se distinguent par leur zèle au travail.

Vejamos agora resumido em português o que ahí fica em francês.

A escola do ar livre tem na Alemanha o nome de *Waldschule*. Frequentam estas escolas os alumnos que, por doença, não podem frequentar as escolas da cidade: os anemicos, os tuberculosos, os escrofulosos, os cardiacos, etc., não estando a doença no periodo do contagio, quando ella é contagiosa. Tambem são excluidos os hystericos e os epilepticos. A primeira

escolha é feita pelo medico inspector da escola urbana; a admissão definitiva só tem logar depois d'um segundo exame feito pelo proprio medico da Waldschule.

A escola está aberta de abril a dezembro, portanto durante nove mezes do anno. A da cidade de Charlottenburgo occupa uma vasta floresta proxima, n'uma area de dois hectares pouco mais ou menos.

As installações são simplicissimas e limitadas ao indispensavel.

Todos os dias um serviço especial de tramways conduz os alumnos, que chegam ás sete horas e quarenta e cinco minutos da manhã, recebendo, sem demora um prato de sopa quente e uma fatia de pão com manteiga. A's oito horas começa a aula para duas classes, enquanto as outras se recreiam, de pé descalço quando a estação o permite, com jogos ou exercicios gymnasticos. A's dez horas ha nova refeição, uma ou duas chavenas de leite, meio litro pouco mais ou menos, e uma fatia de pão com manteiga. Depois continua a aula com as outras duas classes. Ao meio dia e meia hora toca a sineta para a refeição principal. Os alumnos lavam as mãos antes de se assentar á mesa, onde cada um d'elles em seguida toma o seu logar, por classes, tendo ido primeiro, munidos dos seus pratos, e n'uma ordem per-

feita, á barraca que serve de cozinha buscar a sua ração. Esta compõe-se de 200 grammas de carne e de 200 grammas de legumes (batatas, feijões, lentilhas, legumes verdes). Comtudo, a ração não é fixa. A creança come o que tem na vontade.

Finda a refeição principal ha uma sesta de duas horas, á qual a direcção medica da escola liga a maior importancia. Sentadas ou deitadas, ao ar livre se o tempo está bom, n'um dos hangares para esse e outros fins construidos, se está mau, as creanças descansam, e geralmente dormem, não lhes sendo permittidas brincadeiras nem barulho.

A's três horas continua a aula para duas novas classes, com repouso para as outras. A's quatro ha nova refeição, egual á das dez, meio litro de leite e uma fatia de pão. E ás seis e três quartos, antes da partida para a casa paterna, a ultima refeição: um caldo de aveia, cacau ou pudim, e pão com manteiga.

Tal é, d'uma maneira geral, o emprego do tempo.

O inverno traz algumas modificações na vida da Waldschule. A aula realiza-se nas barracas escolares, para esse fim construidas; mas, para que a cura d'ar seja o mais proveitosa possivel, as refeições são tomadas ao ar livre. Quando o frio é excessivo, a refeição do meio

dia toma-se na grande sala d'uma das barracas escolares; mas, seja qual fôr a temperatura, o almoço e a merenda são sempre ao ar livre, e, então, para que as creanças não arrefçam, em lugar de se assentar tomam a refeição passeando. A sesta passam-na igualmente ao ar livre, quando não seja na propria floresta, n'um dos hangares cobertos; as creanças deitam-se, completamente cobertas, ficando só com a cara descoberta. Para isso teem três cobertores e uma capa á sua disposição, durante o inverno.

O pessoal encarregado da educação ou da vigilancia de todo este pequeno mundo compõe-se d'um medico, de seis professores, de três professoras, d'uma enfermeira da Cruz Vermelha e de cinco serviçaes; ao todo dezeses pessoas. A alimentação das creanças custa em media 130 reis (50 pfennigs).

Estas escolas não são absolutamente gratuitas. Os paes dos alumnos pagam, *mas cada um paga o que pode*. Se não pode pagar 50 pfennigs, paga 25, e se não pode pagar 25 paga menos ainda.

As creanças, que não podem acompanhar as outras nas escolas urbanas, desenvolvem-se muito n'estas escolas especiaes, adquirindo com a saude do corpo o vigor da intelligencia.

Emfim, nem tortos, nem rachiticos, nem

vesgos, nem surdos, nem anões nem gigantes, deixam de adquirir muita ou pouca cultura na Allemanha. O Estado **quer** que todos saibam e a **todos** fornece os meios de aprenderem.

bibRIA

bibRIA

XI

Para responder a um artigo de Alfredo Pimenta, interrompe-se o estudo sobre o ensino primário na Allemanha. Como Alfredo Pimenta baralha instrução com educação e como eu lhe respondo. As falsas idéas d'esse homem, com todo o seu desprezo pela instrução do povo, são, affirmo, infelizmente, as que teem dominado e desorientado Portugal.

Temos hoje que interromper o curso do nosso estudo sobre a Allemanha, para acabar de pôr a nu a grande mediocridade de um petulante, de mais um petulante, que a ignorancia, e, sobretudo, a especulação politica, pretenderam e pretendem arvorar em *talentoso* e *sabio*. E dizemos *acabar de pôr a nu*, porque é trabalho que vimos fazendo desde o primeiro numero de *O de Aveiro*, e que no numero anterior (1) notavelmente adeantámos em mais do que um artigo, e particularmente, no que toca aos assumptos que de preferencia tratámos até agora nas *Cartas de Longe*, no ar-

(1) O de 28 de maio de 1916, que, em mais do que um artigo, e em resposta ás suas aggressões, ataca Alfredo Pimenta com excessiva violencia (*nota d'esta edição*).

tigo *Educação e Instrução*. E de tal fórma o adeantámos, e de tal fórma provámos a insensatez, a vacuidade, a imbecilidade da infeliz creatura, desorientada, desvairada, sem uma idéa solida e nitida no bestunto, e sem saber sequer assimilar as idéas dos outros, que seria superfluo bater-lhe mais se não fosse o nosso velho systema de *triturar* estes homens funestos á sociedade portugueza, estes homens, a cuja ignorancia, vaidade, pedantismo, egoismo e infamissima especulação a patria deve todos os seus desastres.

Esborracha-los, tritura-los, não é *ferocidade*, como alguém tem pretendido. E' necessidade. E' um alto serviço patriótico, o maior que se pode prestar a esta terra inditosa.

Diz o pateta:

Um dia, escrevi: «o povo portuguez é mais mal educado do que ignorante. Para a inferior e nefasta educação que possui, entendo mesmo que já sabe de mais. O que é preciso é educal-o, civilisal-o, europeisal-o, colloca-lo em condições de resistir na luta pela vida, consagrando-se a ser um povo do trabalho, progressivo no trabalho, adeantado no trabalho, audacioso e corajoso no trabalho...» Toda a gente medianamente intelligente e medianamente escrupulosa comprehende isto, e sabe o que quero dizer na minha. Mas houve para ahi estupidos que se foram a esta passagem, tiraram d'ella o que lhes conveio, e vieram gritar para a praça publica que eu não queria que o povo se instruisse. O que eu disse foi que, para a pessima educação que tem, já sabia de mais. Isto é,

que o que sabia o applicava mal, o aproveitava mal, pelo muito mal educado que andava. Vão-lhe dando instrucção, á medida que o forem educando, e andam bem. Eduquem-no primeiro, e depois ensinem-no.

O que toda a gente *medianamente* *intelligente* e *medianamente* *escrupulosa* *comprehen-*
deu é que o senhor é parvo. E' que nem mesmo o senhor, com toda essa prosapia insolente que acompanha sempre a ignorância atrevida, sabe o que diz. Que serie de contradicções e de dislates, só n'essa meia duzia de linhas! E como o cavalheiro, para se livrar da lama, se enterra no lodo!

Como quer o cavalheiro, — já no anterior artigo, que sahio com o titulo *Educação e Instrucção*, o perguntámos, — que o povo *se edu-*
que primeiro e se ensine depois?

O senhor tem essa cabeça cheia de *logares*
communis, sem ligar a menor idéa concreta ás suas abstracções de parvo. O senhor ouviu, e leu, que a *educação era tudo e que a instruc-*
ção não era nada, ou que *importava muito mais educar do que instruir*, e foi-o repetindo inconscientemente, como tantos outros parvos d'esta terra, que, com essas e outras, têm deixado este paiz n'um abandono miseravel. O senhor fala da *desmoralização nacional*, da *má educação do povo*, sem reparar que a maior causa d'essa desmoralização é d'essa

má educação são justamente os parvos como o senhor, cheios de abstracções, repetindo tudo o que ouvem e tudo o que leem, *sem uma idéa própria*, incapazes de discernir, de julgar, de applicar, destituídos de criterio, á mercê de todos os influxos e empurrões extranhos e, por isso mesmo, dando o espectáculo triste de versatilidade e incoherencia que o senhor vem dando ha tantos annos. Com a mania de *terem idéas*, que é a sua mania, pobre homem, mania funesta sobre todas quando os asnos que a possuem são incapazes de *toda e qualquer idéa sua*, proclamando com entono e pedantismo que o *homem só muda d'idéas quando as tem*, sendo certo que, se effectivamente ha homens que mudam d'idéas tendo idéas, a regra geral é a dos versateis e a dos parvos que mudam d'idéas por serem incapazes de toda e qualquer idéa.

Em que idade foi o senhor para a escola? Aos seis ou sete annos, sem duvida. Então deixe-se de subterfugios, ponha de parte as hypocrisias, não tente desculpar-se que inda se enteria mais, como succede a todos os trapalhões apanhados em trapalhice, a todos os mentirosos apanhados em mentira, e confirme francamente a sua primeira proposição, isto é, que o senhor, como todos os *reaccionarios* estupidos d'esta terra, tem o maior desdem pela

instrucção popular, que o senhor não quer, mesmo, que se *instrua o povo*.

O senhor foi para a escola aos seis ou sete annos. O senhor, eu, todos quantos temos pouca ou muita instrucção. Essa foi a idade em que todos quantos no mundo, em qualquer epocha, em qualquer seculo da historia. *aprenderam, começaram a aprender*. Estava o senhor educado n'essa idade? Estava-o eu? Estavam-no todos? Então, que quer o senhor dizer, quando escreve que o povo português *já sabe demais*, senão que a **infima minoria** que aprendeu, os miseraveis 25 por cento que sabem alguma coisa, e que bem pouco é, não deviam saber **coisa nenhuma**? Que quer o senhor dizer quando escreve, falando do povo, *eduquem-no primeiro e depois ensinem-no*, senão *que não vale a pena*, como dizia o Caldas, *ensinar o povo*? Ou o senhor não sabe o que diz?

Ensinem-no, quando? Eduquem-no, como? O senhor não sabe o que diz. Eu é que o defini bem e aos da sua casta: o senhor é um *parvo intellectualizado*.

Nunca ninguém disse no mundo que a educação não fosse o primeiro valor da preparação humana. Ninguém! Simplesmente, nunca a instrucção foi incompativel com a educação, antes é uma das condições da educação. E por

isso mesmo *sempre* a instrucção, *desde que o mundo é mundo*, acompanhou a educação. *Desde que o mundo é mundo!*

A *creança*, escreve elle n'outra parte, *primeiro, educa-se: e só depois de educada, se lhe dá a instrucção*. O senhor não sabe o que diz. O senhor não pensa. O senhor nunca applicou o raciocínio ao que lê, como quasi toda a gente que lê n'este paiz. O senhor não tem, n'essa cachimónia, *uma unica idéa sua*, ou *bem assimilada*.

A *creança* ensina-se primeiro e depois educa-se, justamente o contrario da sua affirmacão estulta. Antes de se educar a *creança* no amor de Deus, ensina-se-lhe o que é Deus.

A *instrucção*, escreve ainda, *faz parte de um systema, e é dentro d'esse systema, o ultimo capitulo, o ultimo elo*. Não tem fim os dislates na bocca de sua senhoria. Isso é uma monstruosa sandice, uma asneira sem igual. E é este sandeu que os traidores proclamam *scientista*, e são aquellas sandices que os da Liga Naval applaudem. *estrepitosamente!* (1)

A *instrucção* começa no berço. *Educar é visar os sentimentos, instruir é visar a intelli-*

(1) Referia-me a uma conferencia feita na Liga Naval pelo sr. Alfredo Pimenta e que, segundo as gazetas, fora muito applaudida (nota d'esta edição).

gencia, diz elle ainda, sempre na these de que a educação deve preceder a instrucção. Ora a primeira coisa que se visa no homem é a intelligencia, e logo que elle nasce. O homem abre os olhos e desde que abre os olhos procura *comprender e apprender*. A mãe, desde que elle abre os olhos, o pae, a creada, os irmãos, tudo quanto o cerca procura faze-lo *comprender e apprender*.

Os primeiros annos da vida passam-se n'uma apprendizagem continua, n'um ininterrupto ensino. A curiosidade intellectual domina a creança. Tudo quer saber, tudo quer conhecer. E tudo é preciso ensinar-lhe, sob pena de ser impossivel *educa-la*. Ella só accêita a lição moral depois da lição intellectual. E se a lição intellectual a não deixa satisfeita, não se conforma com a lição moral. Reage sempre, e só á força de lhe martelar o cerebro conseguimos faze-la accêitar os nossos preconceitos, as nossas convenções, as nossas asneiras, e faze-la desistir da *explicação cabal*. Ninguém ignora os embaraços em que a curiosidade infantil muitas vezes nos colloca. Ella, com uma logica admiravel, até o *inexplicavel* quer saber, quer conhecer.

A instrucção não é pois o *ultimo capitulo*, o *ultimo elo do systema*. E' o primeiro. E, sem ella, tudo o mais é impossivel. Toda a educa-

ção, mas toda, assenta sobre a instrucção. A creança vê. E nós começamos por lhe ensinar os nomes, a applicação e o fim de tudo quanto vê. A creança ouve. E nós começamos por lhe ensinar o significado de tudo quanto ouve. *E só depois de a instruir a educamos.* Isto é, a educação acompanha a instrucção, mas sempre, naturalmente, fatalmente, precedida da instrucção. Não é preciso ir a Coimbra para saber isto, nem andar ás voltas com os sabios. Basta, por um instante, reflectir. E por isso nós dizemos e repetimos, e que nos perdoem os leitores a dureza das nossas palavras filhas da indignação e dor que nos causa ver este paiz victima de tanto asno, e por isso nós dizemos e repetimos que não sabe o que diz essa alimarin, esse *parvo intellectualizado*.

A creança apprende a palavra falada. E' a **primeira coisa que ella apprende**. Em geral, é a mãe quem lh'a ensina. E que apprende ella **primeiro** na escola? A palavra escripta. Ainda não sabe bem a palavra falada, já começa a apprender, aos cinco, seis ou sete annos, a palavra escripta. Tudo isto se encadeia facil, natural, espontaneamente. E tão facil, natural e espontaneamente que chega a parecer monstruoso que o pateta nos venha dizer que a instrucção é o *ultimo capitulo, o ultimo elo do systema*.

«Em Portugal, continua dizendo o homemzinho, anda-se, como em tudo, ás avessas. Falla-se em instrução, primeiro. Depois, falla-se em educação. D'onde, a tolice em que vivemos atascados. Porque nós vivemos atascados em tolices.

Não é em tolices. E' em outra coisa, Deus me perdõe, que devemos a tanto asno do seu jaez. O grotesco! A vaidade, a presumpção e a insolencia com que, do alto do seu pedestal de *scientista*, elle insiste, sem perceber, antes suppondo o contrario, a triste figura que está fazendo. O grotesco!

Sem a palavra escripta, o homem não sai dos limites da animalidade mais baixa e grosseira. Só ella o eleva, o ennobrece, e, pode-se dizer, o distingue. Só ella conduz a toda a parte os seus pensamentos e sentimentos. Só ella, como já dizia João de Deus e muito bem, é a palavra immortal por excellencia.

O homem que não conhece a palavra escripta nem chega a ser homem, pois lhe falta o mais assignalado característico da especie, ou é, pelo menos, um homem incompleto. Essa ignorancia constitue uma verdadeira grilheta, um estigma de escravidão, que nem perante os olhos da sociedade nem perante os olhos de Deus se justifica. E' uma ignominia, moralmente, que rebaixa o homem ás condições do bruto, e é um obstaculo, um embaraço, um

prejuizo, terrivel prejuizo, materialmente. Como o burro, o homem está impossibilitado de communicaçõ com os seus similliantes a poucos passos de distancia. Como a voz do burro, a sua voz morre n'um ambito limitado, ao ar livre, ou entre quatro paredes.

Quando eu era official do exercito, e como commandante de companhia ensinava a ler, escrever e contar os meus soldados, notei, e nas minhas publicações sobre o assumpto o registei, que não havia maior estimulo para os infelizes analphabetos que mostrar-lhes a consolação moral e liberdade que resultariam d'elles poderem communicaçõ com as mães, as namoradas, a familia em geral, os amigos, sem andar mendigando d'outros a esmola de lhes escreverem uma carta e sem dar a conhecer a estranhos os seus segredos. Os olhos riam-se-lhes, d'esperança e alegria. Seria possivel? Ah! se fosse possivel! E n'essa fé, que eu conseguia inculcar-lhes, se atiravam ao estudo, n'uma coragem sublime. Os pobres homens!

Ora bastariam estas considerações de caracter moral e material, este facto incontestavel da escravidão, do rebaixamento em que o homem vegeta sem a posse da palavra escripta, a semi-animalidade a que fica condemnado, meio-homem, somente, para que ninguem, absolutamente ninguem, *medianamente intelligente*

e medianamente escrupuloso, empregando os termos que emprega Pimenta, erguesse um mas, uma objecção, e, por conseguinte, um obstaculo, á necessidade imperiosa e ao dever social, imposto pelas doutrinas do céo e da terra, de derramar por esta patria o ensino. Pois o desgraçado subordina a instrucção ás conveniencias... dos bandos politicos. A estupidéz d'esse homem e a mesquinhez d'esta terra! Pobre terra.

Depois, antes de pensarmos em instrui-lo, pensemos primeiro na instrucção que lhe vamos dar, e em segundo lugar, na applicação que elle é capaz de fazer do que souber. Que utilidade tiro eu de ensinar uma creança de dez annos a fabricar explosivos? A instrucção que tem sido possível dar ao povo portuguez, quasi se limita a pô-lo em condições de absorver diariamente o veneno dos jornaes demagogos, dos folhetos incendiarios e das tolices dos escrevinhadores facéis que não se dispensam de lhes espalhar, ainda, certo numero de grosserias, de injurias e calumnias. Logo, concluo eu: para a educação pessima que possui, e para a natureza da instrucção que lhe dão — sabe de mais.

Eis o homem e eis o programma dos que na *Liga Naval* o applaudem... estrepitosamente!

A creatura indignou-se, porque fomos á passagem, em que elle affirmava que o povo portuguez sabia demais para a inferior e nefasta educação que possuia, e a truncámos, ti-

rando d'ella *o que nos convinha*. E, depois de mil asneiras, como já temos demonstrado e iremos demonstrando, chegou a isto: não se oppõe a que o povo portugûes se instrua, comtanto que, depois de instruido, leia só aquillo... que decretarem as *élites*!

Pois pode-se tomar a sério este alarve?

Isto é de homem ou de besta? Só 25 por cento dos cidadãos portugûeses sabem ler e escrever. E' muito, porque está provado que d'esses 25 um numero razoavel lê o *Seculo* e o *Mundo*. Ou ninguem lê o *Seculo* e o *Mundo*, e, n'esse caso, elle consente que a percentagem dos letrados suba a 80 ou 90, ou o povo portugûes **já sabe de mais**, e a percentagem deve descer a 5 ou a 6 para ficar prevenido o perigo de ser lido... o *Seculo* e o *Mundo*!

Pois pode-se tomar a sério este alarve?

Prefere o triumpho da Allemanha á republica. Vão-se as colonias, percam-se a Madeira e os Açores, sossobre a independencia nacional em ultimo caso, comtanto que sossobre... a republica. E prefere a igrorancia profunda das massas, a estupidez popular, ao perigo de d'alguem ler... as gazetas da republica.

Pois isto é um homem? Pois isto é um pensador, um philosopho, um publicista, um simples jornalista? Ou é, *tout court*, uma alimaria?

XII

Os tremendos dislates dos inimigos da instrução do povo em Portugal. Bastam elles, correspondendo aos factos, para fazer o nosso descredito no mundo civilizado. As *élites* acabam assim de demonstrar quanto são inferiores n'esta infeliz patria. Confronto entre ellas e as *élites* estrangeiras. Prova-se que no estrangeiro, em paizes grandes e pequenos, foi a burguezia intelligente que tomou a iniciativa de instruir o povo, dando a essa instrução um formidavel impulso e arrastando atrás de si o Estado.

O que é preciso, dizia a creatura falando do povo portuguez, é educa-lo, civiliza-lo, europeiza-lo, colloca-lo em condições de resistir na lucta pela vida, consagrando-se a ser um povo do trabalho, progressivo no trabalho, adeantado no trabalho, audacioso e corajoso no trabalho.

Como os leitores vêem, a creatura continua, positivamente, *sem saber o que diz*. A creatura não tem *uma unica idéa definitiva*. **Uma unica!** E por isso mesmo se contradiz de maneira flagrante e desastrada.

Mas é tudo assim em Portugal. Os *scientistas* são todos d'esta raça. Os *homens superiores* são todos *parvos intellectualizados*. E d'ahi os nossos grandes desastres. A ignorancia geral

eleva-os, para o que basta que elles tenham audacia, digam, com alguma arte d'escrever, coisas de que ella não percebe nada, usem de muitos palavrões, e citem sabios estrangeiros. Feito isso, está um asno consagrado. E, consagrado o asno, vem a especulação politica e aproveita-o. O que havia de resultar d'isto, senão um grande desastre ?

O pateta quer que o povo portuguez seja *européisado*. Mas, ao mesmo tempo, não quer que elle apprenda a ler, *para que não absorva diariamente o veneno das folhas demagogicas*. A Europa, para *européisar*, como diz o pobre homem, os seus naturaes, começou por os ensinar a ler e escrever *sem condições*, nem condições sobre tal assumpto poderiam caber senão no bostunto d'este parvo. Foi contra o analphabetismo a grande lucta da Europa moderna, em povos grandes e pequenos, desde a poderosa Allemanha até a fraca Dinamarca. A Suissa, a Suecia, a Noruega, a Belgica, a Hollanda, n'isso puseram todo o seu empenho, ao lado da Allemanha e da Inglaterra. Esse foi o caminho do Japão e da America do Norte. Mas, aqui, Alfredo Pimenta, e todos os que, na Liga Naval, o applaudem estrepitosamente, entendem que o povo portuguez, com 75 % de analphabetos, **sabe demais**, porque dos 25 % dos que sabem ler e escrever, al-

guns... leem o *Mundo* e o *Seculo*. Até onde chega a baixeza de intelligencia e a infamia de character! Porque, para sentir e escrever isto, não basta ser parvo. E' preciso, tambem, ser vil, ter uma alma invejosa e mesquinha, a alma de despeito e inveja de todos os que veem os outros, os que estão em baixo, elevarem-se até elles, um fundo de intolerancia feroz, um substractum d'inquisidor, uma essencia espiritual acanalhada.

Elles querem lá que o povo apprenda a ler e escrever! Tanto não querem, que se contradizem d'uma maneira flagrante. Asnaticamente, é certo. Mas *tão asnaticamente* que se não pode comprehender só pela sua falta de intelligencia. Tem que se attribuir tambem á sua falta de sinceridade. Reconhecem que *é vergonha* sustentar que o povo *não deve ser instruido* e negam que seja essa a *sua intenção*. Mas, quando entram a *explicar* a intenção, *desmascaram-se*, e deixam patente toda a verdade.

Elles querem lá que o povo apprenda a ler e escrever! Não, que o povo sabendo lêr pode-se emancipar, e elles o que querem é o povo *escravizado*.

Sem ser instruido, como se comprehende um homem, como se comprehende um povo educado? *O que é preciso*, diz o palerma, *é edu-*

ca-lo, é civiliza-lo, é europeiza-lo. Mas a creança, e voltemos á comparação do bruto, sem ir á escola não é, nunca o foi, nem no tempo de Moysés, *devidamente educada.* Toda a educação, e **em todos os tempos,** começou por instruir a creança na escola. Logo, o povo português sem ser instruído não pode ser educado. Mas o povo português, instruído, corre o perigo de ler as folhas demagógicas. Se elle já as lê, com 75 % de analphabetos, que fará se os 75 % desaparecem! Nada d'isso. Deixemo-lo estar como está, que, para isso, já elle sabe *demais.*

E é uma creatura d'estas proclamada *scientista,* engrandecida como uma *grande capacidade!*

Não ensinem a creança a andar, que corre o perigo de cahir e de partir a testa. Que não ande o homem, pois, andando, pode escorregar. Que não saia á rua, pois, sahindo, pode-lhe succeder uma desgraça. Que não entre n'um automovel, que ha exemplos abundantes dos automoveis se despedaçarem. Que não entre n'um comboio, que os comboios descarriam e chocam-se, produzindo a morte a cada passo. Que não entre n'um navio, que os navios vão ao fundo. Que as mulheres não sejam vistas, que não falem com os homens, que os homens não se approximem das mu-

lheres nem as mulheres dos homens, que d'essa aproximação teem resultado, para homens e mulheres, grandes desastres. Que ninguém fale, que ninguém escreva, que ninguém pense, que ninguém coma, que de comer, de escrever, de falar, de pensar teem resultado coisas muito perigosas. Esta é, sem o menor sophisma, a generalização do argumento do ridiculo patarata, e de tantos pataratas que, n'esse ponto, pensam como elle, e de todos os que, na Liga Naval, o applaudem *estrepitosamente*... com as patas; esta é a generalização do argumento com que todas as bestas combatem a instrução popular.

A instrução que tem sido possível dar ao povo português, quasi se limita a pô-lo em condições de absorver diariamente o veneno dos jornaes demagogos, dos folhetos incendiarios e das tolices dos escrevinhadores facéis que não se dispensam de lhes espalhar, ainda, certo numero de grosserias, de injurias e calumnias. Logo, concluo eu: para a educação péssima que possui, e para a natureza da instrução que lhe dão—sabe de mais.

Digam, se podem, que ha o menor sophisma nos nossos argumentos e nas nossas palavras.

E para a natureza da instrução que lhe dão... Repare.n n'estas palavras do honrmezinho, que constituem outra baboseira de parvo intellectualizado.

Pois qual é a instrucção que lhe dão? Ler, escrever e contar. E qual é a base de toda a instrucção? E, sem essa, como é possível adquirir outra instrucção?

Ha pouco mais de uma semana recebia eu aqui uma carta d'um dos meus antigos *alunos militares*,—cabos e soldados da minha companhia, que ainda hoje, alguns d'elles, se não esquecem de me escrever de vez em quando,—a participar-me, com legitimo orgulho, que frequentava actualmente uma das nossas universidades, accrescentando, com mais legitimo orgulho ainda, que não tinha chegado ahi por favor de ninguem, mas, estudando nas horas vagas, á custa do seu trabalho e do seu esforço perseverante. E concluia, — agora sou eu que o transcrevo com o mesmo legitimo orgulho e a mesma legitima satisfacção: — *Na minha vida encontrei um unico amigo, unico e grande amigo, que, de facto, me deu o amparo do seu braço. Foi V. Ex.^a. Agradeço-lho tão vivamente como na hora em que o recebi.*

Este homem não era analphabeto. Mas, como sempre disse, eu não ensinava só os analphabetos. Ensinava *toda* a companhia. Os analphabetos *apprendiam o que podiam*. Os outros aperfeiçoavam os seus conhecimentos. E alguns d'estes aperfeiçoaram-nos de tal forma que esse foi o ponto de partida para chegarem,

como succedeu, a situações de certa importância.

Pergunto: se esse homem, que logo se me denunciou, desde o primeiro momento, como outros, dotado de intelligencia e de character, não tivesse apprendido a ler, escrever e contar, com profundeza, teria ganho a sua vida com trabalho honesto, de forma a poder aperfeiçoar os seus conhecimentos até o ponto de fazer *sem auxilio extranho*, **pelo seu unico esforço**, todo o curso dos lyceus, e frequentar agora a Universidade?

Continua parvo intellectualizado:

Se em vez de lhe darem a lêr os jornaes politicos e os folhetos incendiarios ou de sciencia avariada, lhe dessem as revistas profissionaes, technicas; se em vez de o levarem ás Universidades Livres a ouvirem preleções sobre nevroses e historia diplomatica, m'o levassem aos museus industriaes, ás escolas de cultura agricola; se em vez de o ensinarem a discutir a Constituição politica e as formas politicas do Estado, o levassem a aprender os meios de desenvolver a sua industria e aperfeiçoar o seu saber technico—então, sim, eu seria um apologista da instrucção, e diria que instruissem, instruissem e instruissem sempre! Mas se lá fóra a instrucção é assim, cá dentro não é. E como eu fallava cá para dentro, disse: —basta de instrucção, porque essa instrucção é perigosa, cahindo como cae n'um povo como o nosso.

Sempre parvo e mau. E mau! Elle é um grande parvo. Mas tem tanto de mau como de

parvo. E para isto andaram os republicanos, (vamos que também teem pouca sorte), a crear aquelle mostrengo odioso!

E' intuitivo que desde que o homem saiba ler tanto lê ou *pode ler*, a questão é elle saber ler, as revistas profissionaes e technicas como os jornaes politicos e os folhetos avariados. A questão é elle saber ler, porque não sabendo ler é que elle não pode ler nada. E' claro que desde que elle saiba ler, e desde que todo o mundo tem intelligencia natural para discernir e julgar, sabendo ler elle julgará da melhor propaganda, comtanto que aquelles que a fizerem a saibam fazer com talento e com habilidade. E julgando da melhor propaganda, elle se encaminhará para os museus industriaes e escolas de cultura agricola, sem abandonar as Universidades Livres, onde, *ouvindo preleções sobre nevroses e historia diplomatica* (o desprezo que este homem ostenta, em tudo, pelo povo) não deixará d'apprender alguma coisa. E julgando da melhor propaganda, e desde que existam escolas para isso, elle aprenderá os meios de desenvolver a sua industria e de aperfeiçoar o seu saber technico, sem deixar de aprender a Constituição politica e as formas politicas do Estado, cujo conhecimento (grande pateta) é não só preciso mas até indispensavel a todo o cidadão.

Mas, diz, *se lá fora a instrução é assim, cá dentro não é*. O palerma! Podia dizer um ou outro dislate. Mas elle não diz *um ou outro dislate*. Tudo n'elle são dislates. Podia ser falso um ou outro dos seus pontos de vista. Falso sem deixar de ser discutivel. Mas elle não tem um *unico ponto de vista*. Mas é peor e mais do que falso, porque é asnatico, tudo, mas tudo, quanto sae d'aquella bocca que suppõe sagrada. Tão asnatico que chega a ser indiscutivel.

Pois como é que se dá lá fóra a instrução, seu pateta? Lá fóra começou todo o mundo, official e extra-officialmente, por ensinar o povo a ler e a escrever. Official e extra-officialmente, desgraçado. Não se admirem os leilores de tanta invectiva, pois são bem justificadas. Só um quadrilheiro é capaz de pôr *condições politicas á instrução nacional*. Só um quadrilheiro é capaz de clamar: *ensine-se, mas com a condição de o ensinado ser da minha seita ou partido*. Só um quadrilheiro, só em Portugal, e só uma bestiaga que se tornou pontifice magno das bestiagas que se propõem regenerar Portugal... com as *élites*. E ei-los a elles, no moral e no intellectual, demonstrando bem o valor... das *élites*!

Official e extra-officialmente. Já aqui dissémos, já o demonstrámos largamente no *Pró*

Patria e n'outras nossas publicações, como os officiaes do exercito se deram afanosamente a ensinar os soldados analphabetos na Prussia e outros estados da Allemanha. N'essas publicações demonstrámos que a iniciativa particular da diffusão do ensino precedeu a iniciativa official na Inglaterra. O mesmo demonstrámos relativamente á Suissa, onde a iniciativa e propaganda do celebre Pestalozzi teve, bem como na Allemanha e outros paizes vizinhos, fanaticos imitadores e um echo immenso. Ainda na ultima d'essas publicações, *Cartas de Longe*, ficou exarado o que á iniciativa particular deve o ensino em França.

O sr. Antonio Feijó, no seu relatorio sobre a *Instrucção Popular na Suecia*, escreve:

«Não me parece que a circumstancia de toda a gente sabêr lêr e escrevêr seja remedio para todos os males. Mas ninguém pode negar as vantagens que derivam da diffusão do ensino nos regimens democraticos, em que todo o cidadão é chamado a intervir na marcha dos negocios publicos, e, mais ainda, nos paizes colonizadores, em que a necessidade de preparar emigrantes impõe aos governos o devêr de não deixar improductiva nenhuma parcella do capital social. As leis, porem, só por si, são insufficientes para operar rapidamente uma transformação radical nos costumes, sendo certo que as mais perfectas instituições sociaes estão irremediavelmente condemnadas se não tiverem raizes na tradição. A admiravel organização do ensino primario na Suecia foi a consequência natural de um movimento de ha muito iniciado

pelo elemento popular do Riksdag. Correspondia a uma necessidade do espirito publico, de forma que a lei de 1842 não fez mais do que dirigir o movimento iniciado, imprimindo-lhe uniformidade e facultando-lhe os meios indispensaveis para o seu desenvolvimento, d'ahi os seus excellentes resultados.

Já no principio do seculo XVII havia na Suecia cinquenta escolas populares, a maior parte nas communas ruraes, e quasi todas sustentadas por dotações particulares. O Estado não intervinha directamente, mas as successivas representações do quarto estado (povo: — o auctor diz em nota que na Suecia havia quatro camaras, nobreza, clero, burguezia e povo) em diversas sessões parlamentares, mostrando a conveniencia de se crearem escolas populares em diferentes pontos do país, com professores regularmente remunerados, levaram o governo á promulgação das Leis Canonicas de 1686, que começaram a exercer uma influencia efficaz na propagação do ensino.

Desde então o clero nunca mais deixou de intervir em tudo o que toca á instrucção popular; e a sua interferencia, — se se pôde julgar pernicioso no ensino secundario e superior, por sujeitar o espirito dos alumnos á estreiteza do dogma protestante e impedir toda a liberdade de discussão, — no ensino primario só produziu benéficos resultados. Na Suecia, pôde dizer-se, não ha analphabetos, circumstancia que deve fazer reflectir os partidários da secularização do ensino primario.

Nessas Leis Canonicas de 1686 determinava-se aos parochos «que ninguém pudesse contrahir esponsaes sem saber a catechese de Luthero e ter recebido a primeira comunhão»; ordenava-se-lhes «que empregassem a maior solicitude para que a mocidade aprendesse a ler e a comprehender o catecismo»; exhortavam-se as familias e todas as pessoas a quem incumbia a administração da pa-

rochia «a que obrigassem as creanças a aprender a ler»; determinava-se «que aos domingos e dias santificados se fizessem exames de doutrina, sujeitando a essa prova todos os habitantes da parochia.»

Era já o ensino tornado em certo modo obrigatorio, visto que ninguem podia ser admittido á primeira communhão sem saber o cateismo, e que nenhuma nova familia podia constituir-se sem que os chefes soubessem ler e escrever».

Eis como a instrucção é lá fóra, ó pataratas. Lá fóra foi a burguezia, com espantosa dedicação e grande intelligencia, fazendo propaganda, dando trabalho e dinheiro, quantias colossaes, mesmo em paizes pequenos como a Suecia, e o sr. Antonio Feijó, informando sobre importantissimos donativos, lá o regista; lá fóra foi a burguezia quem tomou a iniciativa de ensinar o povo a *ler, escrever e contar*, **primeiro elemento e base essencial de toda a instrucção**. Só depois do povo saber ler, escrever e contar, se aperfeiçoou e completou a sua instrucção, e em **paiz nenhum do mundo** esse complemento teve um caracter technico ou profissional senão depois de ter sido *classico*. Depois de ter apprendido a ler, escrever e contar, o povo apprendeu literatura, o povo apprendeu historia, o povo apprendeu geographia, o povo apprendeu philosophia (moral, esthetica, sociologia), portanto a constituição politica e as formas politicas do Estado, ó pe-

dantes, ó borrarbotas, e só em seguida *especializou*, em seguida ou a par, em todo o caso subordinando este áquelle estudo, e só em seguida *especializou* dedicando-se aos cursos technicos ou profissionaes.

Lá fóra o Estado, arrastado pela iniciativa particular, e sob a pressão da opinião publica, completou aquella iniciativa, derramando, alargando e profundando consideravelmente o ensino.

Lá fóra não se puseram condições nem restricções ao ensino. Fez-se exactamente o contrario, ó imbecis, ó pedantões!

Lá fóra, o que se fez foi tornar o **ensino elementar**, o de **primeiras letras**, aquelle que causa horror a Pimenta, **rigorosamente obrigatorio**. Tão rigorosamente obrigatorio, que paes e alumnos, como já vimos tratando da Allemanha, eram mettidos na cadeia. Tão rigorosamente obrigatorio que os analphabetos nem eram admittidos ao casamento, como na Suecia. A pags. 79 do seu relatorio, diz mais o sr. Antonio Feijó:

«Sob nenhum pretexto as familias se podem eximir a enviar os filhos á escola. A assistencia publica da parochia é obrigada a sustentar as creanças pobres emquanto frequentarem os estabelecimentos de ensino, e a caridade particular, manifestada por constantes offertas e dadivas ás escolas, exerce-se por uma forma tão ge-

nerosa que, pôde dizer-se sem exaggeração, as creanças d'esta cidade (Estocolmo) não sabem o que é miséria. Ainda ha poucos mêses um opulento capitalista de Kungsholmen deu á escola primaria da sua parochia 25:000\$000 reis para alimentação das creanças pobres.

Isto lá fóra. (1) Em Portugal, a nossa burguezia, a **mais estúpida do mundo**, como eu já affirmava no *Povo de Aveiro* muito antes do Cinco d'Outubro, **despreza absolutamente o povo**, e entende que a ignorancia publica, e não já, apenas, a ignorancia popular, porque algumas d'essas creaturas que applaudem com as patas o Pimenta ainda teem maior ignorancia do que o povo, com a aggravante de ser uma ignorancia pedantesca, e

(1) E desde os tempos mais remotos. Já na Grecia, já em Roma, a *aristocracia do dinheiro*, que corresponde á burguezia do seculo XIX, fazia da cultura intellectual a primeira condição da grandeza dos povos. Foi desenvolvendo-a extraordinariamente que a burguesia, que assim se lhe pode chamar, grega e romana, levou a Grecia e Roma áquelle estado de civilização brilhante, d'estupendo progresso em todos os ramos da actividade, do saber e do genio, em especial nas letras e nas artes, que ainda hoje faz o espanto da humanidade. A esse respeito diz Fustel de Coulanges no seu bello livro, *La Cité Antique*, (pags. 383):

L'aristocratie de la richesse eut un autre mérite: elle imprima à la société et à l'intelligence une impulsion nouvelle. Issue du travail sous toutes ses formes, elle l'honora et le sti-

entende que a ignorancia publica é a primeira condição da felicidade nacional. E' incrível! Mas é assim mesmo. E o homemzinho, que os mais classificados dos aristocratas e burguezes proclamam um *scientista*, uma capacidade de primeira grandeza, não hesita em escrever:

Então, sim, eu seria um apologista da instrucção (ensinando-se, como já vimos, só para o povo ler o que elle quizesse), e diria que instruissem, instruissem e instruissem sempre. Mas se lá fóra a instrucção é assim (lá fóra ensina-se da maneira que já vimos), cá dentro não é. (Cá dentro ha 75 0/0 de analphabetos, e os 25 0/0 restantes apprendem muito menos do que lá fóra, é a unica differença). E como eu fallava cá para dentro, disse:— basta de instrucção, porque essa instrucção é perigosa, cahindo como cahe n'um povo como o nosso.

Definitivamente, é a maior bestiaga do

mula. Ce nouveau régime donnait le plus de valeur politique à l'homme le plus laborieux, le plus actif ou le plus habile; il était donc favorable au développement de l'industrie et du commerce; il l'était aussi au progrès intellectuel; car l'acquisition de cette richesse, qui se gagnait ou se perdait, d'ordinaire, suivant le mérite de chacun, faisait de l'instruction le premier besoin et de l'intelligence le plus puissant ressort des affaires humaines. Il n'y a donc pas à être surpris que sous ce régime la Grèce et Rome aient élargi les limites de leur culture intellectuelle et poussé plus avant leur civilisation.

Esse impulso dado á instrucção será para a burguesia de todo o mundo, *exceptuando a portugueza*, e de todas as epochas, um eterno titulo de gloria (nota d'esta edição).

orbe ! *Basta d'instrucção, porque essa instrucção é perigosa, cahindo como cae n'um povo como o nosso. Ora o que mais distingue o nosso povo dos outros é, precisamente, a sua espantosa ignorância. Logo, basta d'instrucção, porque essa instrucção é perigosa, cahindo como cae n'um povo... sem instrucção !!!*

Definitivamente, é a maior bestia... do orbe !

bibRIA

XIII

Referencia a uma monographia do sr. João Pedro Arnaut sobre o concelho de Penella. O criterio de instrucção do *scientista* Pimenta é o do populacho de Penella. Gustavo Le Bon e os pretendidos *dogmas democraticos*. Começa-se a demonstrar que os *dogmas democraticos* tem melhor fundamento que as affirmações absolutas de Gustavo Le Bon e Herbert Spencer. -

N'um interessante opusculo sobre o concelho de Penella, ao qual ainda não nos referimos por falta d'espaco e de tempo, mas a que,—e desde já agradecemos a offerta do auctor,—nos havemos de referir com mais vagar, pois essas monographias são muito importantes para o estudo da vida nacional, diz o sr. João Pedro Arnaut, que o escreve :

A instrucção neste concelho deixa muito a desejar. Tendo as poucas escolas sido criadas sem um previo e consciencioso estudo da população, deu em resultado que algumas que podiam prestar magnificos serviços de pouco servem.

Neste caso está a da Cumieira e do Rabaçal. Aqui temos duas escolas—sexo masculino e feminino—frequentadas em media por uma duzia de alunos, e a d'ali fica n'um local em que obrigatoriamente a poucos mais presta de que ao povo da Cumieira. Para bem do publico, devia ser criada no Rabaçal uma escola mixta, e identica no Covão ou Espinheiro, visto que até nem a

freguezia de S. Miguel tem nenhuma, apesar da sua numerosa população.

A da Cumieira devia ser transferida para as Grocinas ou Gagos, por ser o centro da população e da freguezia.

Nestas condições e com o mesmo numero de escolas poder-se-hiam obrigar ao conhecimento das primeiras letras esses grupos de creanças que quotidianamente vagueiam pelos logares, indecentes e mal educadas, abandonadas á propria natureza, porque os paes entregues aos rudes labores quotidianos, mourejam o negro pão com que sustentam o lar muitas vezes em desordem pela falta de educação e instrução, atirando-se os homens para a taberna e jogo, e as mulheres para a prostituição. E' vulgarissimo ouvir-se dizer: «nossos avós não sabiam ler nem escrever e governavam melhor a vida do que nós», e quanto ás raparigas lá está a canção que nos põe de atalaia.

Mal haja o pae ou a mãe,
Que ensina filhas a ler;
Que se namoram por cartas,
Que as deitam a perder!

Ora isto são falsos preconceitos; se nossos avós governaram vida, em geral só Deus sabe com quantas dificuldades, a população era menos, o solo não estava tão esgotado, produzia mais, as exigencias sociaes não eram tantas e tão grandes, e as fortunas faziam-se quasi sempre por um hamburrio ou em detrimento duma classe; e são ainda consequencias disso alguns dos males que actualmente atacam a nossa situação.

Quanto ás raparigas, a contradição resalta logo á primeira vista. Se o perigo está em aprenderem a ler e a escrever, as mulheres dos tempos idos deviam ser felicissimas, porque na quasi totalidade eram ignorantes; mas

não foi assim, e ainda em nossos dias se narram factos e cenas pouco edificantes, e se ellas namoraram ou não, somos nós a prova, porque com certeza nem todas se casaram e tiveram filhos sem namorar.

Verdade é que, pela escrita se diz ás vezes um pouquinho mais que se diria frente a frente, mas se quem recebe a missiva tiver instrução e educação bastante, não lhe será difficil precaver-se criteriosamente, tanto mais que a distancia dá tempo para pensar e reconsiderar, o que face a face nem sempre se dá.

Deixem-se pois destes falsos preconceitos os que por elles se guiam, e pensem, e recorram á escola, que o pão do espirito é tão necessario, pelo meos, como o pão para o corpo. «Quem não sabe ler, é como um cego que não pode ver».

Alem das que já falámos ha no Espinhal e em Penella uma do sexo feminino e outra do sexo masculino, e outra em Rodentes tambem.

Ora o criterio d'instrucção da gente do povo de Penella é o criterio d'instrucção do *scientista* (1) Alfredo Pimenta, cujas asneiras a burguezia rica de Lisboa, e depois queixa-se dos *demagogos!*, applaude *estrepitosamente* na Liga Naval. Não ha differença nenhuma. Note-se que eu não digo o *criterio popular*. Ha o *genio* do povo e ha as *fezes* do povo. Não confundamos o espirito geral e superior do povo com uma

(1) Foi o sr. conde de Nova Goa quem passou o diploma de *scientista* ao sr. Alfredo Pimenta. A tanto leva o espirito partidario! (nota d'esta edição).

ou outra manifestação da escoria popular. Uma coisa é o povo outra coisa é o populacho. Já Victor Hugo distinguia, e muito bem, entre *peuple* e *foule*. Por essa distinção começa, são as suas primeiras palavras, *L'Année Terrible*, uma das suas obras admiráveis.

Quant à flatter la foule, ô mon esprit, non pas!
Ah! le peuple est en haut, mais la foule est en bas.

O povo, consubstanciado com a sabedoria das nações, diz: o *saber não occupa lugar*. Quando fala o genio do povo são essas as suas palavras. Quando falam as fezes do povo é que se ouve, como em Penella: «Nossos avós não sabiam ler nem escrever e governavam melhor a vida do que nós».

Pimenta e a estúpida burguezia, e não cessaremos de dizer e de provar que a burguezia portuguesa, com as excepções que ha em tudo, é a *mais estúpida do mundo*, não se identificam com o genio do povo mas com as *fezes populares*, como fezes são, elles proprios, d'esta raça, outr'ora tão forte e tão gloriosa e hoje tão abatida e degradada.

Quanto á estancia que amaldiçôa os paes que ensinam as filhas a ler, é uma ironia em verso, sem significado. Justiça á alma e ao cerebro dos trovadores de Penella, alma e cerebro muito acima da alma e do cerebro dos Pi-

mentas e das creaturas baixamente reaccionárias, que na Liga Naval o applaudem.

Os nossos antepassados, que não sabiam ler nem escrever, não governavam tal melhor a vida do que nós. Pode dizer-lo o pobre populacho de Penella, e de toda a parte, cuja ignorancia profunda o absolve de tamanho dilate. Que o digam os Pimentas e os que na Liga Naval os applaudem é que, dada a propicia de tantos d'esses figurões, é um pouco de admirar. E' verdade que já temos visto que a *sabedoria* do Pimenta não o livra de dizer asneiras mais tremendas do que essa. Em todo o caso, sabe o menos lido quanto eram miseraveis as condições sociaes, se não de todas as epochas, da maior parte das epochas passadas.

Mas, a destruir essa grande tolice, ha argumentos mais decisivos, mais flagrantes e mais palpaveis. Ninguem contesta, julgo eu, pois, como se vem demonstrando, é capaz de tudo a estupidez nacional, ninguem contesta que as condições sociaes da Allemanha, da Inglaterra, da Suissa, da Belgica, da Hollanda, da Dinamarca, da Suecia, da Noruega, etc., são muito superiores ás nossas. Ora n'esses paizes não ha analphabetos.

Ha um ponto, já o dissémos, e esse basta para esmagar o Pimenta e as creaturas que o

applaudem, em que estão de accordo **todos** os publicistas, philosophos, estadistas e sabios. E vem a ser que a instrucção é *indispensavel* ao progresso material. Le Bon, que é um dos pontifices de Pimenta, nega as vantagens moraes da instrucção. Mas *nem admite* que se discutam as suas vantagens materiaes. Isto em mais do que uma das suas obras. Na *Psychologie des Foules*, que é uma das mais conhecidas, escreve elle que **nunca ninguem sustentou** que a *instrucção bem dirigida* não possa dar resultados praticos muito uteis, se não para elevar a moralidade, pelo menos para desenvolver as capacidades profissionais.

Ce n'est pas certes, et personne ne l'a jamais soutenu, que l'instruction bien dirigée ne puisse donner des résultats pratiques fort utiles, sinon pour élever la moralité, au moins pour développer les capacités professionnelles.

Mas não pode haver instrucção technica, digna do nome, é claro, sem haver instrucção litteraria. Mas não pode haver instrucção litteraria porque Pimenta só admite que se aprenda a ler para ler *exclusivamente*... o que elle escreve. Então, como quer a creatura pôr o povo portuguez em condições de resistir na lucta pela vida, consagrando-se a ser um povo do trabalho, progressivo no trabalho, adeantado

no trabalho, audacioso e corajoso no trabalho?
 Não tem senão palavões na cabeça, o pobre homem.

Como quer elle que o levem, ao povo, a apprender os meios de desenvolver a sua industria e aperfeiçoar o seu saber tecnico, se a primeira preocupação do infeliz *scientista* é a preocupação politica, e se, pela preocupação politica, elle não quer que o povo aprenda a ler, escrever e contar, com receio de dar assim novos leitores ao *Mundo* e ao *Seculo*? Para leitores do *Mundo* e do *Seculo* entende o bruto *que basta*. Para isso... o povo portuguez *sabe demais!* Criterio miseravel, que annullaria a reputação intellectual de um homem em qualquer parte.

Sem uma unica idéa sua na cabeça, não cessaremos de o dizer, ou bem assimilada, mette os pés por as mãos interminavelmente o desgraçado. Não quer que a instrucção tenha um fim *literario*, mas exclusivamente pratico. Mas torna este fim pratico inteiramente impossivel restringindo, até o ponto de não admittir que se ensine o povo a ler e a escrever, o fim literario. Não quer que a instrucção tenha o fim politico de habilitar o povo a ler as folhas demagogicas. Elle seria (palavras textuaes) *um apologista da instrucção e diria que instruissem, instruissem e instruissem sempre,*

se levassem o povo a *apprender os meios de desenvolver a sua industria e aperfeiçoar o seu saber tecnico*. Mas, por outro lado, submette toda a instrução ao fim politico, **rejeitando-a** desde que ella pode servir a causa dos adversarios. E, rejeitando-a, deixa o povo sem o que elle considera **essencial na instrução**, isto é, incapaz de *apprender os meios de desenvolver a sua industria e de aperfeiçoar o seu saber tecnico*. E' ou não é uma besta quadrada?

E' claro que os escrevinhadores faceis, ignorantes como todos os faceis escrevinhadores, não sabem que um factor importante na explicação da ascendencia da criminalidade, é o da instrução.

Truanesco pedantão! Ainda elle engatinhava e já eu respondia a esse argumento em Portugal. Respondi-lhe nas cartas publicadas nas *Novidades*, nos artigos do *Povo de Aveiro*, no *Pro Patria*. O que se vê é que o homem continua na sua copia servil e abjecta. **Abolutamente incapaz** de um raciocinio ou razão de sua lavra! Tudo o que elle lê, na corrente das suas necedades, repete e adopta.

Diz Gustavo Le Bon, no livro já citado :

Au premier rang de ces idées dominantes d'une époque, dont nous avons marqué ailleurs le petit nombre et la force, bien qu'elles soient parfois des illusions

pures, se trouve aujourd'hui celle-ci: que l'instruction est capable de changer considérablement les hommes, et a pour résultat certain de les améliorer, et même de les rendre égaux. Par le fait seul de la répétition, cette assertion a fini par devenir un des dogmes les plus inébranlables de la démocratie. Il serait aussi difficile d'y toucher maintenant qu'il l'eût été jadis de toucher à ceux de l'Eglise.

Mais sur ce point, comme sur bien d'autres, les idées démocratiques se sont trouvées en profond désaccord avec les données de la psychologie et de l'expérience. Plusieurs philosophes éminents, Herbert Spencer entre autres, n'ont pas eu de peine à montrer que l'instruction ne rend l'homme ni plus moral ni plus heureux, qu'elle ne change pas ses instincts et ses passions héréditaires; qu'elle est parfois—pour peu qu'elle soit mal dirigée—beaucoup plus pernicieuse qu'utile. Les statisticiens sont venus confirmer ces vues en nous disant que la criminalité augmente avec la généralisation de l'instruction, ou tout au moins d'une certaine instruction; que les pires ennemis de la société, les anarchistes, se recrutent souvent parmi les lauréats des écoles; et, dans un travail récent, un magistrat distingué, M. Adolphe Guillot, faisait remarquer qu'on compte maintenant 3:000 criminels lettrés contre 1:000 illettrés, et que, en cinquante ans, la criminalité est passée de 227 pour 100:000 habitants, à 552, soit une augmentation de 133 p. 100. Il a noté également avec tous ses collègues que la criminalité augmente surtout chez les jeunes gens pour lesquels l'école gratuite et obligatoire a, comme on sait, remplacé le patronat.

Ainda o sarrafaçal não tinha ouvido falar em Gustavo Le Bon e Spencer e já nós estávamos

farto de ler um e outro. O que nunca fizemos, porem, já o temos dicto mas nunca se perde em insistir, foi receber afirmações d'outrem como dogmas, por maior que fosse a sua celebridade ou a sua auctoridade.

Mas façamos o resumo do costume, para quem não conhece a lingua francêsa. D'esta vez, porem, fa lo-hemos periodo a periodo, para ir commentando ao mesmo tempo.

Diz Gustavo Le Bon que uma das illusões democraticas é ter como certo que a instrucção é capaz de mudar consideravelmente os homens, tornando-os eguaes ou pelo menos melhorando-os. Mas perdão. Eu não sei quaes são os dogmas democraticos a tal respeito. Por mim, nunca puz a questão n'esse terreno. O que sustentei e sustento, o que escrevi e escrevo, é que não ha instrucção sem educação, nem educação sem instrucção. Diga lá o sr. Spencer ou o sr. Gustavo Le Bon o que quizer, que esta é uma verdade que se mette pelos olhos dentro. Instruir é educar. Educar é instruir. E a instrucção precede sempre a educação.

Pode-se dar má educação ou má instrucção? Isso é outro caso. Mas para avaliar o valor da instrucção e da educação, não temos que partir da má, mas da boa educação e instrucção. Essa nem parece de sabios. Parece de

cabo d'esquadra. Quando dizemos a *instrucção*, a *educação*, subentende-se sempre que é a *boa instrucção e a boa educação*.

E' claro que podemos instruir e educar sob e sobre uma moral perversa. Mas não é essa a these da *instrucção e da educação*, nem, quando se discute, a these da *discussão*.

Alem de sustentar que a *instrucção* faz parte integrante da *educação*, sustentei eu sempre e sustento que a *instrucção* é o maior instrumento da *educação*, e que, sem *instrucção*, não ha, modernamente, *educação*. E' outra verdade intuitiva.

A gente de Penella não diz bem quando affirma que *nossos avós não sabiam ler nem escrever e governavam melhor a vida do que nós a governamos*. Mas quando assim fosse, as condições sociaes eram outras, como respondeu com acerto o sr. Arnaut. Em absoluto e em relativo. Em absoluto, n'esta epocha de progresso material espantoso, de communicações rapidissimas, de relações mundiaes de toda a ordem, em que a palavra falada não é nada ao pé da palavra escripta, é absolutamente impossivel educar, com a largueza que o mundo moderno exige, sem primeiro instruir. Por mais limitada que seja a *instrucção*. Sobretudo, sem a *instrucção* elementar, litterariamente falando, o que é, aliás, pouquissimo. Um

homem analfabeto não se comprehende, não se admitte. Já as grandes nações lhe fecham as fronteiras, como, por exemplo, os Estados Unidos da America do Norte.

Isto em absoluto. Em relativo, as nações da Europa tomaram-nos tal deanteira que ou nós, portuguezes, fazemos um supremo esforço para as alcançar, ou Portugal fica perdido, immobilizado como Marrocos ou a China.

Dantes estavamos a par d'ellas, ou, melhor dizendo, tinhamos mais cultura do que ellas, no tempo das navegações, por exemplo. Hoje, muda o caso de figura. Ou as attingimos ou morremos.

Spencer, Le Bon, e outros que vão n'essa corrente, discutem partindo do restricto para o geral. A instrucção e a educação podem não melhorar nem modificar os homens quando os homens, essencialmente, nasceram maus. Mas para esse caso não nos trazem os senhores sabios novidades. Olha a novidade! Temos cá o vulgo, que nos diz ha muitos seculos: *o que o berço dá a tumba o leva*. Deixemos, porem, as restricções. Deixemos o sophisma, que isso não passa d'um sophisma. O homem, em regra, nasceu *malleavel*. E' de cêra. Recebe os sentimentos e as impressões que lhe gravaram na alma e no cerebro. Pois quem é ahi capaz de contestar que a instrucção e a educação, e fa-

lar só em instrucção, repetimos, é absurdo, não modificam, não melhoram os homens n'essas condições? De que nos serve a experiencia da vida? De que nos servem os olhos? Pois nós não vemos? Venha o sr. Le Bon dizer o contrario, o sr. Spencer, o céu ou o inferno, que ou se trata d'um Pimenta atrevido e asnatico, ou toda a gente responde: *Muito obrigado. Mas eu tenho olhos e vejo!*

E' como a historia da raça. Nós falaremos sobre raça e raças. Mas fóra, ahi tambem, as restricções. Fóra, ahi tambem, o sophisma. Por muito má que seja a raça, dentro da raça má valem muito menos os homens sem educação e estupidos que os homens educados e instruidos.

bibRIA

bibRIA

XIV

O sr. Alfredo Pimenta invoca a auctoridade de Gustavò Le Bon na *Psychologie de l'Education*. Ora da analyse d'alguns trechos d'esse livro conclue-se: 1.º que é um erro separar a educação da instrução; 2.º que é um erro pretender que a educação precede a instrução; 3.º que o celebre principio da passagem do consciente ao inconsciente demonstra justamente o intimo accordo entre a educação e a instrução e que a base de todos os actos reflexos, até nos insectos e nos quadrupedes, está nos actos iniciaes da intelligencia; a propria moral deriva das idéas associadas e reflexas apoiadas na intelligencia; 4.º que é asnatico insistir que educar é visar os sentimentos e instruir visar a intelligencia quando educar e instruir visam juntamente e alternativamente o sentimento e a intelligencia, mas sendo o primeiro degrau da instrução e educação, se é licito distinguir, a intelligencia.

Nc mesmo dia em que *O de Aveiro* (1) era impresso (sexta-feira) e expedido para Lisboa, Porto e Coimbra, publicava o sr. Pimenta novo artigo sobre *instrução e educação*. O primeiro artigo intitulou-se *Educação e Instrução*. Este agora intitula-se *Instrução e Educação*. E' a unica mudança que encontramos. Fóra d'ella, é a mesma insistencia com que nos vem divertindo o pobre homem.

O sr. Pimenta finge responder ao sr. Antonio Figueirinhas. Mas o sr. Antonio Figueiri-

(1) De 18 de Junho de 1916 (nota d'esta edição).

nhas não passa d'um pretexto. As suas respostas não são para o sr. Antonio Figueirinhas, são para nós. E' debaixo d'ellas bem se recoppor mais que tente encobrir sua furia, quanto elle se sente exasperado com o aguilhão que, espicaçando-o, sem descontinuar lhe applicamos sobre a anca. Escoicinha. Mas debalde. A persistencia dos seus esforços não esconde a consciencia que vae tendo elle mesmo da sua impotencia manifesta. Não quer dar o braço a torcer, unicamente. Coitado! E' humano, e, sobre sêr humano, é português da gemma. Pobre borrabotas, que quer salvar as apparencias a todo o transe!

Intromettendo-se, pois, novo artigo de Pimenta, não podemos, sem lhe dedicar duas palavras, continuar a nossa exposição. Não o largamos, a Pimenta, esteja elle certo. A ferro quente o havemos de deixar assinalado como um dos nossos mais insignes pataratas.

Pimenta começa por contestar frouxamente que educar seja instruir e que instruir seja educar.

Diz elle:

Se o sr. Antonio Figueirinhas me diz que considera educar igual a instruir mais educar, ou que entende que instruir é igual a educar mais instruir, nada tenho a dizer lhe — a não ser que, para mim e para muito boa gente do meu tempo, educar é visar o character, e ins-

truir é visar a intelligencia. E é com esta these, pondo esta base, que eu formulo a minha doutrina. E para completo esclarecimento do sr. Antonio Figueirinhas, dir-lhe-hei que eu me referia á educação e instrucção *do povo*, e não á educação e instrucção *do individuo*, o que, como s. ex.^a d-ve saber, faz muita differença. Tambem o sr. Antonio Figueirinhas escreveu que eu me engano quando digo que a creança se educa antes de se instruir — talvez porque me não fiz entender bem de s. ex.^a. Se eu tivesse affirmado que a creança soffria, primeiro, a sua educação *completa*, e só depois era instruida, errava, evidentemente. Mas o que eu quiz dizer foi que a creança, primeiro, recebia a influencia da educação, e que só depois de modificados certos sentimentos, começava a adquirir noções puramente intellectuaes. O amor dos paes, o respeito aos superiores, os primeiros sentimentos de ordem, de disciplina, de trabalho, as primeiras crenças, etc. — tudo isso é educação, e tudo isso se adquire antes da instrucção. Quando a creança entra na escola, já conhece a familia. Eu calculava isso tão facil de ver, que não suppunha que houvesse ninguém de boa-fé que o contestasse.

Mas todos os nescios calculam que é facil de ver... o que elles veem! Lá volta elle á asneira de que a creança é educada antes de ser instruida. Positivamente, não sabe o que diz. Esta é a nota typica de Pimenta, sobre a qual temos insistido e continuaremos insistindo. *Não sabe o que diz*. Não tem uma unica idéa san, nem definida, na cabeça. Diz e desdiz, anda e desanda, para, através de mil contradicções, concluir sempre pelo ponto de partida.

Elle sente que disse asneira. Sentindo-o, admitte que educar seja igual a instruir mais educar, e que instruir seja igual a educar mais instruir. Sentindo-o, quer emendar, ou *explicar*, não diga elle outra vez que estamos de má fé, a affirmação estúpida de que a creança é educada antes de ser instruida. Mas, parvo e vaidoso, incapaz de nobremente confessar o erro, volta sempre á asneira. Sempre!

Antes da creança receber a noção moral de amor dos paes, de respeito aos superiores, de sentimento de ordem, de disciplina, de trabalho, recebeu a noção **intellectual** de amor, de pae, de respeito, de superior, de sentimento, de ordem, de disciplina, de trabalho, sem o quê a outra é impossivel. Como é que a creança recebe primeiro a influencia da educação, se a primeira coisa indispensavel, *sine qua non*, é definir-lhe o que vê e o que ouve? Como é que a creança quando entra na escola já conhece a familia, se a creança entra na escola aos seis annos e se aos seis annos não têm idéa moral nenhuma, **mas absolutamente nenhuma**, de familia?

Não negará o sr. Antonio Figueirinhas que devemos attenção á competencia pedagogica de Gustave Le Bon, o qual applicou á educação dos homens (*Psychologie de l'Education*) e á educação dos cavallos (*L'équitation actuelle et ses principes*) tudo quanto de mais preciso pôde

pirar as conclusões da Psychologia. Deixando, por agora, a educação dos cavallos, reparemos em que Gustave Le Bon diz nitidamente (ob. cit., 252): «a educação deve ter por fim desenvolver certas qualidades do character, taes como a attenção, a reflexão, o raciocinio, a iniciativa, a disciplina, o espirito de solidariedade, a perseverança, a vontade, etc.». Nem de outra maneira podia ser para quem formulou o celebre principio: — a educação é o acto de fazer passar o consciente no inconsciente. Já o sr. Antonio Figueirinhas vê que não andei muito precipitadamente, distinguindo a educação da instrucção. E se eu quizesse tornar este artigo mais pesado do que já vae e tem de ir ainda, eu entraria nas regiões da anthropologia criminal e da anthropolosociologia, onde exhuberantemente se vê que educar e instruir, são funções independentes.

Mas é o proprio Gustavo Le Bon quem o desmente! Este homem é espantoso. *Não sabe o que diz.* Decididamente não tem uma unica idéa san, nem definida, na cabeça. Não sabe o que diz e *não sabe o que lê.* E' espantoso.

O livro de Gustavo Le Bon intitula-se, como elle escreve, *Psychologie de l'E'ducation*. Ora de que mais trata Gustavo Le Bon n'esse livro é justamente de instrucção. O livro tem trezentas paginas. Só no capitulo segundo e terceiro do livro terceiro, ou sejam *trinta paginas*, Gustavo Le Bon trata propriamente de educação. O resto é tudo instrucção. Não obstante, elle poz á obra o titulo de *Psychologia*

da Educação. Quer dizer, para Gustavo Le Bon instruir e educar não são de forma nenhuma funções independentes.

No frontispício d'esse livro inscreveu Gustavo Le Bon estas palavras: *L'éducation est l'art de faire passer le conscient dans l'inconscient*. «A educação é a arte de tornar inconsciente o consciente». Isto é, toda a educação se apoia n'um acto de intelligencia.

Este principio desenvolve-o elle em muitas paginas.

Le principe psychologique fondamental de tout enseignement peut être résumé dans une formule que j'ai répétée plusieurs fois dans mes livres. Toute éducation consiste dans l'art de faire passer le conscient dans l'inconscient. Lorsque ce passage est effectué, l'éducateur a, par ce seul fait, créé chez l'élève des réflexes nouveaux, dont la trame est toujours durable. La méthode générale qui conduit à ce résultat — faire passer le conscient dans l'inconscient — consiste à créer des associations, d'abord conscientes et qui deviennent inconscientes ensuite.

Quelle que soit la connaissance à acquérir: parler une langue, monter à bicyclette ou à cheval, jouer du piano, peindre, apprendre une science ou un art, le mécanisme est toujours le même. Il faut, au moyen d'artifices divers, faire passer le conscient dans l'inconscient par l'établissement d'associations qui engendrent progressivement des réflexes.

La formation de la morale elle-même — on pourrait dire surtout — n'échappe pas à cette loi. La morale n'est sérieusement constituée que quand elle est de-

venue inconsciente. Alors seulement elle peut servir de guide dans la vie.

Traduzamos:

O principio psychologico fundamental de todo ensino pode ser resumido n'uma formula que eu tenho repetido muitas vezes nos meus livros. Toda a educação consiste na arte de tornar inconsciente o consciente. Quando essa passagem está effectuada, o educador, por esse facto, creou no educado reflexos novos cuja trama é sempre duradoira. O methodo geral que conduz a esse resultado — tornar o consciente inconsciente — consiste em crear associações, primeiro conscientes e que se tornam em seguida inconscientes.

Qualquer que seja o conhecimento a adquirir: falar uma lingua, montar em bicycleta ou a cavallo, tocar piano, pintar, apprender uma sciencia ou uma arte, o mechanismo é sempre o mesmo. E' preciso, por meio d'artificios diversos, fazer passar o consciente a inconsciente pelo estabelecimento d'associações d'ideias que produzam progressivamente actos reflexos.

A formação da propria moral — poderíamos dizer da moral sobretudo — não escapa a essa lei. A moral não é seriamente constituida senão quando se torna inconsciente. Só então ella pode servir de guia na vida.

Falar uma lingua, montar em bicycleta ou a cavallo, tocar piano, pintar, apprender uma sciencia ou uma arte, tem como acto preparatorio a intelligencia. O acto inconsciente dos animaes teve sempre por base a intelligencia. A moral, sobretudo a moral, foi fundada na intelligencia. Era p'la intelligencia que Jesus

aos doze annos espantava os doutores. Toda a moral de Jesus é antes de tudo uma obra d'intelligencia, conjugada sim com os sentimentos e por elles engrandecida e firmada, mas tendo por alicerce a intelligencia. O amor, o perdão, a piedade, a generosidade, por mais instinctivos ou reflexos que sejam, por mais que pareçam producto do caracter e do sentimento, teem raizes na intelligencia. De modo que o nosso parvo intellectualizado não sae da sua eterna asneira continuando a separar a instrucção da educação, a affirmar que a educação visa o caracter e a instrucção a intelligencia, e insistindo em que se eduque primeiro o povo português e se instrua depois.

L'homme n'a commencé a sortir de la barbarie, où par tant de racines il plonge encore, qu'après avoir appris à se discipliner, c'est-à-dire à dominer ses réflexes héréditaires. L'individu arrivé à un haut degré de culture suit se servir de ses réflexes comme le pianiste de son instrument. La prévision des effets lointains de ses actes lui sert à dominer les impulsions auxquelles il serait tenté de céder.

A cette tâche immense d'acquérir une discipline interne, une faible partie de l'humanité a réussi, malgré des siècles d'efforts, malgré la rigidité des Codes et leurs menaces redoutables. Pour la majorité des hommes, la discipline externe créée par les Codes remplace la discipline interne qu'ils n'ont pas su acquérir. Mais la discipline qui n'a pas d'autre soutien que la peur des lois n'est jamais bien sûre, et une société qui

ne repose què sur le gendarme n'est jamais bien solide.

La puissance d'un peuple a toujours pu se mesurer assez exactement à sa richesse en hommes possédant cette discipline interne, qui permet de dominer ses réflexes et par conséquent de substituer les prévisions lointaines aux impulsions du moment. Une éducation intelligente ou les nécessités du milieu peuvent créer cette discipline. Fixée par l'hérédité, elle devient un caractère de race. C'est avec raison que les Anglais placent au premier degré des qualités de caractère, le self control, c'est-à-dire la domination de soi-même. Elle constitue un des grands éléments de leur puissance.

Traduzamos :

O homem não começou a sahir da barbaria, onde por tantas raizes mergulha ainda, senão depois de ter aprendido a disciplinar-se, isto é a dominar os seus reflexos hereditarios. O individuo chegado a um alto grau de cultura sabe servir-se dos seus reflexos como o pianista do seu instrumento. A previsão dos effeitos longinquos dos seus actos serve-lhe para dominar os impulsos aos quaes teria tentações de ceder.

Só uma pequena parte da humanidade chegou com immenso trabalho a adquirir uma disciplina interna, não obstante seculos d'esforços, a rigidez dos codigos e as suas temiveis ameaças. Para a maioria dos homens, a disciplina externa creada pelos codigos substitue a disciplina interna que não souberam adquirir. Mas a disciplina que teve por unico apoio o medo das leis foi sempre instavel, e sociedade que repouisa só sobre o *gendarme* nunca teve solidez.

O poder d'um povo mediu-se sempre com exactidão pela sua riqueza em homens dotados d'essa disciplina interna, que lhes permite dominar os reflexos e por

consequencia substituir as previsões longinquas aos impulsos de momento. Só uma educação intelligente ou as necessidades do meio podem crear essa disciplina, que, fixada pela hereditariedade, se torna um caracter de raça. E' com razão que os inglezes collocam no primeiro grau das qualidades de caracter o *self control*, isto é, o dominio de si proprio. Elle constitue um dos grandes elementos do seu poder.

Gustavo Le Bon continua adeante, n'um paragrapho intitulado *Como a theoria das associações conscientes tornadas inconscientes explica a formação dos instinctos e a dos caracteres dos povos*:

Les instinctos des animaux étaient considérés autrefois comme quelque chose d'inexplicable et de mystérieux. M. Perrier, professeur au Muséum, est un des premiers qui aient osé déclarer nettement qu'ils sont des créations de l'intelligence et représentent simplement les résultats de l'éducation personnelle, au moyen de l'expérience, des ancêtres des animaux actuels. Suffisamment répétée, cette éducation est devenue héréditaire, et a formé ces actes inconscients ne nécessitant aucune éducation préalable, que nous nommons instinctos.

Cette explication se rattache tout à fait à la nôtre. Le lecteur qui a bien présent à l'esprit ce qui a été dit plus haut, voit aisément comment les associations conscientes, engendrées par les expériences que provoquent les nécessités de l'existence, ont pu créer des réflexes devenus héréditaires par leur répétition pendant une longue suite de générations.

Quelques-uns de ces instinctos semblent tout à fait étranges, et il y a bien peu d'années encore que les na-

turalistes et les psychologues se bornaient à les admirer sans songer à les expliquer. Tel est, par exemple, celui qui détermine certaines variétés de guêpes à déposer près de leurs larves, qu'elles ne verront jamais se développer, des vers qu'elles piquent à un endroit déterminé d'une certaine façon. Elles produisent ainsi une paralysie qui empêche le ver de fuir et le laisse survivre jusqu'au jour où la larve, ayant besoin de nourriture, pourra le dévorer.

Cet instinct est bien plus merveilleux encore qu'il ne le semble au premier abord.

Traduzamos :

Os instinctos dos animaes eram considerados outrora como o que quer que era d'inexplicavel e de mysterioso. O sr. Perrier, professor no Museu, foi um dos primeiros que ousaram declarar abertamente que são creações da intelligencia e representam simplesmente os resultados da educação pessoal, por meio da experiencia, dos antepassados dos animaes da nossa epocha. Muito repetida, essa educação tornou-se hereditaria, e formou esses actos inconscientes, sem necessidade de nenhuma educação preliminar, que chamamos instinctos.

Esta explicação prende-se com a nossa inteiramente. O leitor, que tenha presente ao espirito o que dissémos atrás, vê facilmente como as associações conscientes, produzidas pelas experiencias que as necessidades da vida provocam, puderam crear reflexos que se tornaram hereditarios á força de se repetirem n'uma longa serie de gerações.

Alguns d'esses instinctos parecem inteiramente extranhos, e ha muito poucos annos ainda que os naturalistas e os psychologos se limitavam a admira-los sem pensar em explica-los. Tal é, por exemplo, o que determina cer-

tas variedades de vespas a depôr junto das larvas, que ellas não verão desenvolver-se, vermes que picam em sitio determinado e d'uma certa maneira, produzindo assim uma paralyisia que impedindo o verme de fugir o deixa, comtudo, sobreviver até o dia em que a larva, tendo necessidade de alimento, o possa devorar.

Este instincto é ainda muito mais maravilhoso do que á primeira vista parece.

O auctor explica depois porque é que esse instincto é ainda muito mais maravilhoso do que á primeira vista parece. Só um certo numero de insectos são susceptiveis da paralyisia provocada pelo aguilhão da vespa. São aquelles cujo systema nervoso é reunido n'uma só massa de fórma que uma gota de veneno o possa rapidamente penetrar. As vespas conhecem-nos, entre tantos insectos, só esses ellas escolhem e só esses ellas ferem. Se procedessem com discernimento, seríamos forçados a suppor que sabem os perigos da decomposição cadaverica, que apprenderam a distinguir a paralyisia da morte, que a physiologia do systema nervoso lhes é tão familiar como o manejo dos venenos, que, emfim, teem noções precisas sobre o entomologia systematica e a anatomia dos insectos. Ora as vespas não teem essas noções. Como adquiriram então o seu instincto? Pelo mesmo mechanismo d'associações que permite ao bicycletista montar a bicycleta, ao rabequista tocar rabeça, ao equilibrista mar-

char sobre a corda bamba e adquirir moral á creança. Entre as associações infinitas que o bicycletista, o rabequista, o equilibrista, etc., podem realizar, a repetição acaba por fixar as mais uteis. Tornam-se então inconscientes e formam reflexos. As relações entre os elementos constitutivos do systema nervoso, isto é, os neurones, relações ao principio accidentaes, difficeis e variaveis, concluem por se tornar regulares e faceis. O acto é então inconsciente, mas ainda não é hereditario e não constituc, por consequencia, um instincto. Só chega a sê-lo depois de repetido durante um grande numero de gerações. Então, sim; tornado hereditario, sem necessidade, portanto, de nenhuma educação para se manifestar, o acto inconsciente merece o nome d'instincto.

Isto é o que diz Le Bon.

O caso particular dos insectos explica-se pelo facto d'elles terem vivido *longos annos* nas primeiras edades geologicas, quando a alta temperatura lh'o permittia, quando não havia invernos, em logar de terem, como agora, a vida curtissima d'uma estação.

E' graças a esta longevidade (escreve Perrier, transcripção feita por Le Bon) que os insectos puderam realisar as operações mentaes que nos espantam hoje; para elles, a intelligencia attingiu n'um momento dado o seu apogeu sobre o globo. Nada impedia que as suas gera-

ções se misturassem; cada uma transmittia o que tinha apprendido á immediata. Nos seus cerebros, virgens ainda, habitos tradicionaes organizaram mechanismos primeiro pessoas, depois hereditarios, como esse mechanismo da marcha que tantas aves e mamiferos transmittem completo aos filhos, e cuja formação custa aos nossos tantas experiencias desastrosas e tantas lagrimas.

Com o arrefecimento do globo e a opposição dos invernos a vida da maior parte dos insectos restringiu-se a uma curta estação. E...

Agora, cessaram as operações intellectuaes; persistem apenas os mechanismos hereditariamente adquiridos e organizados outrora pela intelligencia: devemos-lhes as maravilhas actuaes do instincto. Entretanto, os effeitos estão separados da causa e não poderíamos encontrar a relação que os prende se a geologia não nos tivesse revelado o tardio apparecimento dos invernos e se a embryogenia não nos dissesse que a abreviação da vida dos insectos foi sua consequencia.

Ha insectos de vida longa, ainda, como as abelhas e as formigas. N'estes, a experiencia, a imitação, a educação continuam, quando é necessario, a modificar e a aperfeiçoar os instinctos.

Os costumes, os habitos, os usos, escreve mais Perrier, não são os mesmos em todos os individuos d'uma especie dada, como succederia se n'elles operasse só o instincto. Cada formigueiro tem as suas praticas que se afastam n'alguns pontos das praticas do formigueiro vi-

zinho, e que se teem chegado mesmo a crear, em certos casos, experimentalmente.

Os actos realizados pelas formigas são pois, sem duvida, resultado de verdadeiras operações intellectuaes. E' claro que essas operações não são repetidas diariamente por todos os membros d'uma mesma associação... A historia dos insectos sociaes sobre quem os invernos não tiveram ecção confirma, portanto, que a intelligencia era a forma incial da mentalidade dos insectos; os seus instinctos de hoje são os simples destroços, ou, se preferirem, simples testemunhos da sua intelligencia passada.

Conclue Le Bon :

Tout ce qui précède nous permet de comprendre le rôle que peut jouer l'éducation dans la formation des qualités ou des défauts d'un peuple. Créés par certaines nécessités d'existence et de milieu persistant pendant plusieurs générations, ils ont fini par devenir héréditaires et survivent aux conditions qui les ont fait naître. Les caractères psychologiques des peuples constituent en réalité des instincts.

Il est évident, par exemple, qu'une nation pauvre, habitant une île dont le climat est dur, et obligée de vivre d'expéditions maritimes pendant des siècles, deviendra nécessairement, sans éducation spéciale, entreprenante et hardie.

Ces nécessités de milieu que nous ne saurions créer pourraient être remplacées par une éducation convenable. Dirigée avec des règles sûres, elle finirait par créer des réflexes héréditaires et par modifier à la longue le caractère d'un peuple. Ainsi se justifierait le mot de Leibnitz qu'avec l'éducation on pourrait changer en un siècle la face d'un pays.

Un siècle ne suffirait probablement pas, comme le croyait l'illustre philosophe, pour créer des caractères héréditaires, mais il suffirait sûrement pour créer certaines aptitudes.

Traduzamos :

Tudo o que precede permite-nos comprehender o papel que pode desempenhar a educação na formação das qualidades ou dos defeitos d'um povo. (1) Creados por certas necessidades d'existencia e de meio persistindo durante muitas gerações, acabam por se tornar hereditarios e sobrevivem ás condições que os fizeram nascer. Os caracteres psychologicos dos povos constituem na realidade instinctos. E' evidente, por exemplo, que uma nação pobre, habitando uma ilha cujo clima é duro, e obrigada a viver d'expedições maritimas durante seculos, se tornará fatalmente emprehendedora e ousada.

Essas necessidades de meio, impossiveis de crear, podem ser substituidas por uma educação conveniente.

(1) Eis a gravidade da situação portugüesa. Uma errada educação, que já vem de muito longe, ou, antes, a *ausencia completa de boa educação*, apoiando-se n'uma enorme falta de cultura, não só nos fez crear defeitos e idéas falsas, que se vão transmittindo de geração em geração, fixando-se com a hereditariedade, mas até *nos diminuiu a intelligencia*, dando logar a uma mentalidade manifestamente inferior á de todos os povos cultos da Europa. Só uma grande cultura educativa, intelligente e tenazmente executada e *continuada*, nos poderia, com o tempo, vir a salvar. *Nunca se comprehendeu isso*, antes, como tudo o demonstra, a nossa orientação é cada vez mais falsa e errada (nota d'esta edição).

Dirigida com regras seguras, acabaria por crear reflexos hereditarios e por modificar com o tempo o caracter dum povo. Assim se justificariam as palavras de Leibnitz, segundo as quaes se pode mudar n'um seculo a face d'um povo.

Um seculo não bastaria, provavelmente, para crear caracteres hereditarios, como o illustre philosopho julgava; mas bastaria, seguramente, para crear certas aptidões.

Não fomos nós que citámos Gustavo Le Bon, foi Pimenta. Gustavo Le Bon nunca foi pontifice, para nós, nem ninguém. Antes discordamos *absolutamente* de Gustavo Le Bon em muitos pontos, apesar de reconhecermos o seu alto merecimento. Ora por Gustavo Le Bon vê-se que Pimenta *não sabe o que diz*:

1.º Quando pretende separar a educação da instrucção.

2.º Quando pretende que a educação preceda a instrucção.

3.º Quando vae buscar para fundamento d'essas theses o *celebre principio*, como elle diz, da passagem do *consciente a inconsciente*, quando esse principio demonstra justamente o intimo accordo entre a educação e a instrucção e que a base de todos os actos reflexos, até nos insectos e nos quadrupedos, está nos actos *incipiaes* da intelligencia. A propria moral deriva das idéas associadas e reflexas apoiadas na intelligencia.

4.º Quando insiste que educar é visar os sentimentos e instruir visar a intelligencia, sendo certo que educar e instruir visam juntamente e alternativamente o sentimento e a intelligencia, mas sendo o primeiro degrau da instrução e da educação, se é licito distinguir, a intelligencia.

5.º Quando tira todo o valor á escola, não tendo sabido, nem zhi, ler Gustavo Le Bon, *nem ninguém*, para o dar á Egreja e ao Exercito, quando a Egreja, sobretudo em paizes protestantes, julgou a escola *indispensavel*, e quando sem escola é inteiramente impossivel, modernamente, subsistir o exercito.

6.º ... Suspendamos aqui. O que é preciso é demonstrar que Pimenta, com todas as suas prosapias de *intellectual*, não passa, no fim de contas, de *um asno*... em tudo.

Já o temos demonstrado. Mas continuaremos a demonstra-lo, *absoluta e cabalmente*, até o fim.

XV

Outra vez discordo de Gustavo Le Bon. O que Gustavo Le Bon attribue exclusivamente á influencia do character são muitas vezes manifestações meramente intellectuaes. Sem o auxilio da cultura da intelligencia as qualidades nativas de firmeza, decisão, coragem, iniciativa e audacia não se podem, em numerosos casos, manifestar. Demonstra-se com varios exemplos.

Nas obras de Gustavo Le Bon, por mais de que uma vez já o dissémos, ha manifestas contradições, e affirmações absolutamente contrarias á razão. E não é muito difficil descobri-lo. Basta ir lendo e ir pensando, que a maior parte da gente lê sem applicar ao que lê o seu raciocinio.

Na obra já citada diz elle:

L'histoire nous montre aussi que c'est par l'affaiblissement de leur caractère — et jamais par celle de leur intelligence — que les peuples périssent. Quand on lit les récits de la désastreuse campagne de 1870, ce qui frappe d'abord, c'est l'absence totale, chez les chefs de tout grade, des qualités de caractère. On constate chez eux le même manque total de bon sens, de décision, de hardiesse et surtout d'initiative. Les combinaisons stratégiques des Allemands furent des plus simples, mais les officiers, quel que fût leur grade, possédaient de l'initiative, et savaient ce qu'il fallait faire dans un cas donné, alors même qu'ils ne recevaient pas d'ordres.

Nous ne possédions que le courage, qualité pouvant suffire avec les petites armées de jadis qui manœuvraient sous les yeux d'un chef. Elles valaient ce que valait ce chef et un homme capable suffisait pour les diriger. Aujourd'hui, chaque officier doit jouer le rôle que jouait jadis un général en chef, et, dans l'avenir, le succès sera aux armées qui posséderont le plus d'officiers dont le caractère sera vigoureusement trempé. Ce n'est pas par la lecture des livres que se forment de tels hommes.

Traduzamos.

A historia mostra-nos também que é pelo enfraquecimento do seu caracter — e nunca pelo da sua intelligencia — que os povos morrem. Quando se leem as narrações da desastrosa campanha de 1870, o que primeiro impressiona é a ausencia total, nos chefes de todas as patentes, de qualidades de caracter. Reconhece-se em todos a mesma falta total de bom senso, de decisão, de audacia e sobretudo d'iniciativa. As combinações estratergicas dos alliados foram das mais simples, mas os officiaes, qualquer que fosse a sua patente, possuíam iniciativa, e sabiam o que era preciso fazer n'um caso dado, mesmo que não recebessem ordens. Nós só tínhamos a coragem, qualidade bastante n'outros tempos, com os pequenos exercitos que manobravam aos olhos d'um só chefe, mas hoje insufficiente. Então os exercitos valiam o que valia o seu chefe, e um homem capaz bastava para os dirigir. Hoje, cada official deve desempenhar o papel que desempenhava outr'ora um general em chefe, e, no futuro, o exito será dos exercitos que possuirem mais officiaes de caracter mais vigorosamente temperado. Não é com a leitura dos livros que se formam taes homens.

São estas e outras que desvairam Pimenta,

miserrimo imitador, ou melhor copista, *sem uma unica idéa sua*, é preciso dizer-lo a todos os instantes, incapaz de applicar o racioecinio ás idéas dos outros, simples plagiario, que outra coisa não sabe fazer, como quasi todos os que se dizem intellectuaes em Portugal, que copiar o que lê, servilmente. Todavia o espirito *mais mediocre*, reflectindo três segundos no que ahi fica, conclue, sem custo, que a conclusão de Le Bon é absurda. A iniciativa, a decisão, o bom senso, a audacia, tanto são qualidades do character como qualidades da intelligencia. A sua falta, se resulta muitas vezes da pouca cultura do character, resulta *muito mais vezes* da pouca cultura da intelligencia. *Sobretudo a iniciativa*. Gustavo Le Bon quer que seja *sobretudo a iniciativa* a qualidade de character mais accentuada no ponto de vista a que se refere. Pois eu direi que sob esse ponto de vista a iniciativa, em vez de ser *sobretudo* uma qualidade de character, é *sobretudo* uma qualidade d'intelligencia.

Quem não sabe é como quem não vê. Isto diz-m'o a sabedoria das nações, que é muito superior á sabedoria dos Le Bons. Eu, com a sabedoria das nações, quando ella me diz *quem não sabe é como quem não vê*, o que o berço dá a tumba o leva, agua fria em pedra dura tanto dá até que fura, etc., dispenso volumes de

anthropologistas, de pedagogistas, de sociologistas, etc. De especialistas varios de variados *especialismos*.

Quem não sabe é como quem não vê. Como quer o sr. Gustavo Le Bon decisão, firmeza, audacia, iniciativa n'um cego? *Sobretudo iniciativa?* Como quer o sr. Gustavo Le Bon iniciativa, sobretudo iniciativa, n'um ignorante? Os officiaes allemães tinham firmeza, decisão, audacia, e *sobretudo iniciativa*, porque *sabiam o que faziam*. Simplesmente por isto. Estavam preparados de longa data. Tinham estudado. Conheciam o *assumpto*, e o terreno que pisavam. Pois ha coisa alguma que dê aos homens mais *decisão*, mais *audacia* e mais *iniciativa*? Os officiaes francêsés não tinham a mesma audacia, nem a mesma decisão, nem a mesma iniciativa, porque *ignoravam tudo*. Vejam lá se elles agora, na guerra actual, as teem ou não teem! E mudou a raça em menos de cincoenta annos? E mudaram as qualidades de character, quando *todo o mundo* dizia a França *dissoluta*? O que mudou sobretudo foi a preparação *intellectual*, que é hoje muito differente. Foi a cultura da intelligencia.

Os officiaes francêsés em 1870 ignoravam tudo. *Andavam ás cegas, ás apalpadelas*. E, repito, quando houve firmeza, resolução, audacia n'um cego?

Mas isto é um facto de observação quotidiana, vulgar, comezinha. Todo o homem é indeciso, pusillanime, quasi pateta fóra do assumpto que conhece. Não lhe falta só a iniciativa. Abdica. Entrega-se de mãos e pés atados. Não raciocina. Perde o senso commun. Torna-se pateta. Assim é o advogado em se tratando de assumptos de medicina, o advogado e todo aquelle que não é medico, e assim é o medico e todo aquelle que não é advogado, magistrado e jurisconsulto, em se tratando de questões de direito. Assim é o sapateiro tratando-se de portas e janellas e assim é o carpinteiro tratando-se de sapatos. Digam ao homem mais resolutivo e de maior iniciativa que suba para a machina de um comboio e que guie o comboio, se elle não tiver sciencia theorica e pratica do assumpto. Só a idéa o apavora e treme deante d'ella como se fóra um menino. Digam ao homem qua sabe guiar o comboio que vá guiar um navio ou ao que sabe guiar o navio que vá guiar um comboio. Acham pouco apropiada a hypothese? Então vejamos outra. Supponhamos que o homem tem os conhecimentos theoricos necesarios para guiar o comboio ou o navio. Mesmo algum conhecimento pratico, que elle em sua consciencia não julga, entretanto, sufficiente. Elle treme, tanto ou mais que o maior ignorante. Elle perde a firmeza

nativa, ou adquirida, de character, a resolução, a audacia, a iniciativa. Póde até tornar-se um insensato.

Todo o homem fóra do seu meio ou da sua profissão, ou que não está devidamente preparado para esse meio ou profissão, é, em relação aos deveres, encargos, actos ou dependencias d'aquelle ou d'esta, frouxo, pusillanime, destituído de toda a iniciativa, muitas vezes insensato.

O doente entrega-se, e mercê apenas da sua ignorancia, *cegamente* nas mãos do medico, sentindo-se fraco, deante d'elle, como uma creança. O demandista, e pelo mesmo motivo, abdica inteiramente no seu procurador e no seu advogado, embora presinta que vae ser envolvido n'uma rede de poucas vergonhas, sophismas e chicanas. E assim por deante.

Eu conheci nos quartéis, trinta annos que por lá andei, homens de grande iniciativa natural, resolutos, energicos, audazes, e que, não obstante, eram pusillanimes em certas occasiões. Em regra, o chamado official de caserna, ou fosse da escola ou fosse da fileira, era sempre um pateta nos exercicios de guerra. Nem só o chamado official pratico era emérito na sciencia dos papelinhos, na revista das tropas em parada ou na revista dos quartéis. Quasi todos os officiaes theoricos sobrelevavam

n'isso, como elles. No serviço interno, disciplinadores, energicos, intransigentes, ás vezes intoleraveis á força d'intransigentes. Resolvendo um problema tactico sobre a carta, ou no campo em exercicio de brigada ou de divisão, uma miseria.

Alguns homens novos sabedores aproveitavam até essa occasião para tirar dos velhos militarões uma ou outra vingança, aliás vinganças innocentes. Perseguiam os majores, os tenentes coroneis, os coroneis, particularmente os majores, fazendo-lhes sobre *duvidas* perguntas insistentes.

— Meu major...

— O' menino, arranja lá isso como quizeres!

— Mas, meu major...

O major nunca deixava concluir. O *menino*, comtanto que o não *enrascasse*, que *arranjasse aquillo como quizesse*.

Vencidos pela ignorancia, amesquinçados, humilhados, anniquilados, homens energicos e decididos como eram.

Não é pela leitura dos livros, diz Gustavo Le Bon, que se formam taes homens. Pois como? O que faltava, senão a cultura, senão a leitura dos livros, a esses homens que eu conheci no nosso exercito? Se soubessem ler bem uma carta topographica, se estivessem batidos na solução dos problemas tacticos, se

tivessem noções de estratégia, se conhecessem ao menos a ordenança da sua arma e o regulamento de campanha, emfim, se não lhes faltassem o estudo e o tirocinio do *xadrez da guerra*, não sentiriam abatidas, mas realçadas, as suas qualidades nativas, porque as tinham, de iniciativa, decisão e energia. O que os transfigurava, o que tornava aquelles homens, tão energicos e desembaraçados no serviço interior dos quartéis, de repente pusillanimes, quasi ridiculos no serviço de campanha, senão a sua ignorancia? Do serviço de escripturação e outros correlativos eram elles sabedores. Do serviço de campo eram d'uma ignorancia extrema. Por isso mesmo, acolá, resolutos. Aqui, irresolutos e ridiculos.

Conheci um general de divisão que era d'uma severidade sem limites. O seu nome apavorava os officiaes, só por si. Pois bem. Um dia assisti com esse homem a um espectaculo que me ficou de memoria para sempre. Estava elle inspeccionando o regimento da séde da sua divisão, onde o ministerio da guerra me collocara dias antes. Houve uma theoria para officiaes, das chamadas theorias d'inspecção, a que o general, como de costume, presidia. E eu, que ainda não conhecia os bastidores d'aquella guarnição, vi com assombro, não só o ar calmo, mesmo alegre, com que

os officiaes se dirigiam para uma prova, sempre, até com generaes *condescendentes*, d'algua importancia, mas tambem, aberta a theoria, os officiaes começarem dizendo, nas bochechas do general, asneiras de tremer. Que vinha a ser aquillo? Um capitão, rindo-se muito, explicou-m'o á sahida. O general, que era da arma de artilharia, não sabia, da ordenança de infantaria, patavina. Os officiaes não o ignoravam. E então aquelles que eram pouco fortes na materia respondiam ao tenente coronel, feitos com este e sem protesto do coronel, para salvar a honra do convento, a primeira asneirola que lhes vinha á cabeça.

— Pois você não viu, rematava o capitão, a cara de parvo com que elle, general, ouvia tudo aquillo?

A *cara de parvo*! O general tinha a consciencia da sua triste figura. E a ignorancia dava-lhe cara de parvo, effectivamente. Contudo, não tinha nada de parvo e o homem que alli viamos, inerte e enleado por instantes, era energico e decidido como poucos. Mas... *quem não sabe é como quem não vê*.

Eu vi chegar ao regimento de infantaria 23, como aspirante, o actual governador geral de Moçambique. (1) Sabia pouco. E a cons-

(1) O sr. Alvaro de Castro (*nota d'esta edição*).

ciencia, que elle tinha d'isso, deprimia-o. Posto na frente dos soldados, era mais do que um homem *enrascado*, siga o termo de caserna, era um homem perdido. Tornava-se pallido, faltava-lhe a voz, e ficava pregado ao chão, incapaz d'um acto ou gesto d'energia. Pois passalos dois annos, habituado ao meio e mais conhecedor de coisas militares, era, desenvolvido e energico, um instructor excellente.

Como estes conheço sem casos, mais ou menos significativos.

Eu não digo que não sejam qualidades de character o bom senso, a decisão, a audacia e *sobretudo a iniciativa*. O que digo é que não sendo auxiliadas pela cultura da intelligencia se podem converter em qualidades negativas. O que digo é que o homem mais naturalmente energico e audaz, mais bem dotado para as iniciativas, fica enleado, atado, pusillanime, como um cego dos olhos, se tiver a cegueira do espirito. Não sabe guiar os seus passos. Não sabe, se lhe surgir uma difficuldade, como a ha de resolver. Isto é evidentissimo. Logo, Gustavo Le Bon errou, seja qual for o seu valor intellectual e a sua auctoridade scientifica, quando escreveu que taes homens se não formam com a leitura dos livros.

Errou, se tomarmos a affirmação á letra, como a tomaram e tomam Pimenta e outros

d'egual jaez. Mas o que Gustavo Le Bon quiz dizer, creio eu, e não me engano, é que para a formação d'esses homens *não basta* a leitura dos livros. D'outra fôrma contradizia-se. Pois como se havia de admittir que, sem a *leitura dos livros, todo e qualquer oficial* estivesse hoje habilitado a desempenhar o papel que n'outros tempos desempenhava um general em chefe?

Isto foi o que elle quiz dizer e que os patetas dos Pimentas, como iremos vendo, não souberam comprehender.

bibRIA

bibRIA

XVI

Continuação dos exemplos do capitulo anterior. A minha *audacia* de jardineiro, em infantaria n.º 14, comparada com a pusillanimidade dos officiaes do regimento. Eu era *audaz* porque tinha conhecimentos technicos que fortificavam a natural energia do meu character. Elles eram pusillanimes, não porque a sua energia nativa fosse inferior á minha, mas porque ignoravam completamente tudo quanto se referia a jardinagem. Se me forcarem a trabalhar com uma machina, de que não percebo nada, toda a minha energia nativa se converte, de repente, na mesma pusillanimidade.

Quasi todos os leitores d'esta gazeta, se não todos, ignoram que, alem de official do exercito, e mestre-escola dos cabos e soldados da minha companhia, eu fui jardineiro e cabouqueiro dentro dos quarteis. Pois fui.

Esse ponto é interessante e vem aqui muito a proposito. A proposito da *instrucção popular*, a proposito da *instrucção militar*, a proposito do exercito como *instrumento d'educação publica*, e a proposito das affirmações de Gustavo Le Bon citadas no artigo anterior. Como vêem, não pode vir mais a proposito. E tudo isso thema do que n'estas cartas, chicoteando o Pimenta, ha muito venho dizendo. De resto, ninguém julgue que é a minha vaidade que me faz desenterrar os documentos que se vão

ler, e que não foram publicados nem nos artigos nem nos livros que anteriormente dediquei á instrucção. Não haverá difficuldade em acreditar que não sinto vaidade nenhuma, mas absolutamente nenhuma, em haver merecido referencias lisonjeiras como instructor militar, como jardineiro e como cabouqueiro. Nem mesmo como mestre-escola, apesar da nobreza e grandeza da profissão e da particular estima que eu voto a esses benemeritos. O que me faz trazer-los a lume é a força que elles veem dar aos meus argumentos.

Ora dizia no seu relatorio, dirigido ao ministro da guerra, o general de divisão que inspecionou o regimento de infantaria 14:

O jardim, artisticamente delineado e ornamentado por um dos officiaes do regimento (o auctor d'estas linhas), é um melhoramento devido ao incansavel zelo e actividade do coronel Salomão (que era, na verdade, um official, sob todos os pontos de vista, distinctissimo), o qual proporcionou aos seus officiaes não só momentos de distracção enquanto estão no quartel, nas horas de descanso, mas tambem, alem das horas de serviço ponto de reunião á officialidade do 14 e suas familias.

Para conservação e construcção d'este importantissimo melhoramento, o Ministerio da Guerra mandou pôr á disposição do Conselho Administrativo o producto da venda dos estrumes das sentinas e lavagens da cozinha bem como a verba proveniente da venda da bolota e folhagem da matta que é variavel d'anno para anno, conforme a sua maior ou menor producção, sendo este

subsídio bem compensado pela multiplicidade de plantas e arbustos, algumas já hoje de subido valor.

As plantas juntas e vistas photographicas dão idéa nitida do muito trabalho, zelo e intelligencia, não só do coronel, como do official encarregado da installação e conservação do dito jardim; effectivamente é justo mencionar o capitão Francisco Manuel Homem Christo que, fóra das horas de serviço, se tem dedicado, com a lucidez do seu espirito, ao estudo da botanica, sendo hoje, talvez, mestre n'esta especialidade, dispensando trabalho não muito vulgar, na ornamentação de uma superficie relativamente grande (5:460 metros quadrados) e tratando de adquirir as aguas necessarias para alimentação das ditas plantas, para o que tem pesquisado e canalizado algumas nascentes que existem na superficie que faz parte da cerca do quartel. Estou convencido de que o jardim actual, no espaço de meia duzia d'annos, será, talvez, um dos melhores que se encontrem fóra de Lisboa e Porto.

N'estas condições entendo ser um grave desleixo se, no futuro, quando ascender ao posto immediato o coronel Salomão, não continuar a haver o mesmo zelo e sollicitude na conservação, tanto do jardim como das plantas e arbustos alli existentes, visto não só representarem valor em dinheiro avultado mas tambem muito trabalho e fadigas, accrescendo ainda, como já disse, ser um ponto de reunião muitissimo ameno para officiaes e suas familias.

O eu ser mestre em botanica era uma treta com que se illudiu ou com que illudiram o general. Eu começava a classificar as plantas, e já o estavam em grande parte, quando sahi do regimento. A isso, talvez, devi a reputação

de botânico. Ora além da classificação de plantas conhecidas, e já *classificadas nos livros competentes*, ser facilima, (basta copiar como faz o Pimenta, perdão, como faz qualquer copista que o Pimenta nem copiar sabe), de saber a especie, o genero, a familia, a classe a que pertence uma planta, por qualquer dos methodos conhecidos dos mais celebres botânicos, a ser botânico, vae uma grande differença. De resto, pode-se saber tratar muito bem de plantas sem se saber uma palavra de botânica.

Tambem era exaggero dizer-se que o jardim seria, talvez, no espaço de meia duzia de annos um dos melhores que se encontrassem fóra de Lisboa e Porto, embora os jardins publicos em Portugal, fóra de Lisboa e Porto, valham na verdade, em regra, muito pouco. Meia duzia d'annos não chegam para fazer um jardim, quanto ás plantas arboreas, arbustivas e vivazes, e quanto ás outras vale o jardim o que valer o amor da arte, o sentimento artistico, o bom gosto de quem o tratar. Tratar, mesmo em relação ás plantas arboreas, arbustivas e vivazes, não é conservar por conservar. Tratar é continuar, aperfeiçoando e apurando. Conservar por conservar, isto é, sem reformar, sem substituir o que fenece pela acção dos elementos destruidores, nem o que se tornou

improprio por circumstancias d'ordem differente, sem auxiliar o desenvolvimento do que persiste, avigorando-o, sem os mil cuidados de quem trata com gosto e por amor, é deixar morrer. Eu não sei o que representa, nem o que hoje vale o jardim do quartel de infantaria 14, nem tenciono sabe-lo. Se foi tratado, agora que se passaram 14 ou 15 annos, deve valer muito. Se não foi, não vale coisa nenhuma.

Mas o interessante e o apitopositado do caso não é esse. Fui, pois, jardineiro e cabouqueiro, officialmente. E tão officialmente, que cheguei a ser louvado em ordem de divisão como jardineiro. Fui louvado em ordem do exercito como mestre-escola e em ordem de divisão como jardineiro. Já o disse algures, creio mesmo, não vou agora verificar, que n'uma das cartas anteriores. O que não impediu que eu fosse louvado tambem como instructor militar, e não merecesse, ve-lo-hemos, referencias especiaes n'esse ponto. Tudo isso, assim documentado, servirá para esmagar os Pimentas, e mostrar que são sophismas, chicanas, embustes, asneiras, todas as suas *theorias*. Dicto ironicamente, pois não pode haver, em gente d'essa, *theorias*.

Ora como jardineiro eu tive actos d'iniciativa e de audacia assignalados, a par d'actos

de pusillanidade manifesta nos outros officiaes do regimento. N'uma restricta parte da area onde foi construido o novo e grande jardim, havia um velho e pequeno jardim. Para que não ficasse prejudicado o plano nem a execução da obra, era indispensavel transformar esse pequeno jardim, o que importava a mudança das plantas que n'elle se continham. Pois a simples mudança d'essas plantas, ou d'algumas d'ellas, tão convencidos estavam elles de que era mata-las, horrorizava os officiaes do regimento!

Inutilmente eu lhes dizia que as plantas não perdiam, antes ganhavam com isso. Não queriam acreditar. Entre ellas estava uma palmeira, já grande. Então mudar a palmeira, *mata-la*, já tão grande, já tão linda, era um sacrilegio.

— Mas a palmeira não soffre nada, senhores! insistia eu. Os senhores hão de ver que a palmeira, com a cor e pujança das suas novas frondes, com o vigor que vae, em tudo, patentear, será a primeira a agradecer-m'o.

Qual! Não havia maneira de os convencer. Tornou-se um *casus belli*. O coronel *prohibiu-me* que mudasse a palmeira.

Fiquei arreliado. Então eu havia de transigir com aquella estupidez? Havia de prejudicar a minha obra com aquelle disparate?

Não podia ser. Fui-me á palmeira, uma madrugada, enquanto o regimento dormia, arranqueia-a, com o auxilio de alguns soldados de antemão prevenidos, e colloquei-a no lugar que lhe destinava.

O que me deu força, a mim, para esta audacia? E' claro que, rompido o dia, foi um assombro no quartel. O commandante, informado antes mesmo de entrar no jardim, appareceu-me d'aspecto severo. Fui ao seu encontro e disse-lhe: «Mudei a palmeira contra as ordens de V. Ex.^a e V. Ex.^a procederá contra mim como quizer. Mas como a ordem de V. Ex.^a se fundava, apenas, no receio da planta se perder, parecia-me justo e intelligente que V. Ex.^a aguardasse o resultado da mudança para depois julgar o meu acto. Se a planta morrer, como todos dizem, ou ficar, sequer, prejudicada, V. Ex.^a terá toda a razão para proceder contra mim e serei eu o primeiro a achar justo o castigo que me applicar. Mas se a planta não morrer e até melhorar com a mudança, como creio, não deve V. Ex.^a ter duvida em me relevar a falta».

O coronel era intelligente e bom. Além d'isso, só me tinha ordenado que não mudasse a palmeira para dar satisfação ao clamor dos officiaes. Por isso ficou-se. Mas tambem lhe podia dar na veneta irritar-se. O meu passo era ar-

riscado. Pergunta-se: o que me deu força para essa iniciativa audaciosa? Estou continuando n'esta carta a discussão a que as affirmações de Gustavo Le Bon na carta anterior me obrigaram. Procedi tão ousadamente por um motivo de intelligencia ou por um motivo de character? De character, dirão muitos, pois raros fariam o que você fez mesmo sabendo que a palmeira não ficaria prejudicada. Seja. Mas o que eu affirmo, o que todo o mundo comprehende, o que ninguém contesta, julgo, embora haja Pimentas para tudo, é que eu não faria o que fiz se a cultura da minha intelligencia não tivesse ido em reforço da energia do meu character. Ah, não!

Tratava-se de uma *chamærops excelsa*, e as palmeiras do genero *chamærops* são das mais rusticas, como se sabe. A especie classica d'esse genero, a *chamærops humilis*, chega a crescer espontaneamente no Algarve. Eu sabia arrancar uma planta, para o que basta excavar a terra convenientemente, e agarrar-lhe com delicadeza, isto é, fazer tudo com habilidade e sobretudo com cuidado. A terra não era muito solta, e, portanto, não havia perigo das raizes sahirem nuas. As palmeiras, como o geral das plantas, gostam, em regra, de terra mexida e adubada. Bem mexida a terra do sitio para onde eu queria transplantar a palmeira,

bem adubada, e enterrada a palmeira até um pouco acima da base do caule, eu não a matava, eu injectava-lhe vida nova, que ella denunciaria galhardamente ao fim de poucos mezes. Foi este conhecimento, esta certeza quasi mathematica, que me deu iniciativa e audacia. Sem elle, de que valia o meu espirito nato de iniciativa e resolução, a energia natural do meu character? Como ha de um cego pisar com firmeza o terreno onde caminha, se o não vê? Como ha de um cego ter audacia para saltar os barrancos da estrada que vae lentamente tacteando, se lhes não pode medir a largura nem a profundez? Como ha de um cego ter espirito de iniciativa na lucta com as mil difficuldades, normaes ou accidentaes, que se oppõem á sua marcha, se não pode ter consciencia d'essas difficuldades?

O que tornava pusillanimes os homens de infantaria n.º 14, ou renitentes, que talvez seja mais proprio, aos meus projectos, era a sua ignorancia em questões de plantio e jardinagem. O que me tornava, a mim, audacioso, era a minha sciencia na especialidade. Ignorancia que foi para elles, vencidos, motivo de derrota, mas que, vencedores, seria para a obra, que ficava estragada, motivo de desastre. E esse é o motivo supremo, *em todos os campos*, de quasi todas as derrotas e de quasi

todos os desastres. A's vezes, como nas operações guerreiras, motivo de derrota e juntamente de desastre.

Seja a superioridade do armamento, seja a superioridade da instrucção, seja a superioridade da manobra, ou, no seu conjuncto, da preparação militar, que vence a guerra, é sempre a intelligencia o primeiro factor das victorias no campo da batalha.

Dê-se o valor que se dêr ao sentimento, haja ou não haja correlação entre o intellectual e o moral, a força enorme da intelligencia ninguem a nega. Sendo assim, só mandando se pode considerar *secundaria* a cultura d'aquillo que *incontestavelmente* constitue o maior poder da humanidade. E' ou não é a intelligencia uma força extraordinaria? A isto se deve limitar a discussão. Antes de Pimenta e parvos da mesma laia se rirem desdenhosamente da instrucção, e dos que consideram a instrucção a primeira força social, é preciso que nos digam que o valor da intelligencia é secundario. E'? Então está bem. São logicos. Não é? Então são parvos. Pois como ha de ser mau, ou secundario, aquillo que não passa de aperfeiçoamento do que se reputa essencial? Intelligencia sem cultura é terreno abandonado. E' campo d'ortigas ou coberto d'escal-racho, é mattagal onde se escondem serpentes

e fêras, é trigo com joio, é diamante por lapidar. (1)

Eu sentia-me cheio de iniciativa e de resolução, a *manobrar* com as plantas do jardim de Infantaria n.º 14, em Vizeu. Ainda hoje me dá vontade de rir a alcunha de tenente *Siqueira*, que os soldados puseram a um pobre homem que andava sempre prophetizando que... *secava tudo*. Entre as plantas arrancadas do velho jardim, e outras trazidas, por intermedio do coronel, de jardins particulares, havia al-

(1) Um frade, Joaquim de Ciani, apresentou se um dia a Boccacio a participar-lhe, em nome do seu fallecido companheiro de convento Pedro Petroni, que Christo apparecera a este e o encarregara de dizer a Boccacio, Petrarcha e outros que lhes restavam poucos annos de vida, e que urgia, para salvação de suas almas, que mudassem de vida, renunciando a suas occupações litterarias e seus estudos, e aproveitando o pouco tempo que haviam de viver n'este mundo para se dedicarem á contemplação e a exercicios piedosos. Para convence-lo mais, referiu-lhe o frade segredos pessoaes que Boccacio havia occultado a todo o mundo, com o que este ficou aterrado; resolveu seguir a admoestação e communicar todo o succedido a Petrarcha. Este respondeu-lhe em 28 de maio de 1362, dizendo, entre outras coisas, o seguinte:

Bem sei que alguns dos grandes varões da antiguidade, que, em regra, continuaram seus estudos até a velhice mais avançada, chegaram a ser santos sem terem instrução; mas também sei que por ser instruido não foi ninguém excluido do

gumas que podiam estar durante dias, sem perigo, com as raizes ao ar. Ou porque eram rusticas, muito rusticas, ou porque se alimentavam de suas reservas, ou porque era grande a quantidade de terra que traziam agarrada. Eu conhecia-as. E quando tinha a certeza de que não corriam risco algum em não ser desde logo plantadas ou provisoriamente abacelladas, deixava-as, aqui e alli, para me rir, como que... ao abandono. Alli ficavam, dois, três, quatro dias e mais. Depois, á proporção que

gremio dos santos. Verdade seja que o apostolo S. Paulo fez o elogio da ignorancia que despreza a sciencia, mas todos sabemos o que este elogio significa. Se agora queres que te diga a minha opinião com franqueza, dir-te-hei que o caminho que conduz a virtude por meio da ignorancia é plano, mas desprezível. Todos visam ao mesmo fim, mas servem-se de caminhos diversos, e até mesmo os que seguem o mesmo caminho se differenciam muito entre si; um anda depressa, outro devagar; este todos o veem, aquelle fica occulto, este caminha apurado e de cabeça alta, aquelle caminha encurvado humildemente. Todos podem chegar ao termo desejado da sua viagem, mas sempre chegará com mais gloria aquelle que segue firme e á vista de todos. Por isso, tem mais merito a sciencia que chegou á fé, do que a simplicidade, por santa que seja; e nenhum ignorante dos que tem entrada no ceu chega á altura dos que, cultivando a sciencia, alcançaram a gloria eterna. (Oncken—*Historia Universal*, volume XII, traducção de Oliveira Ramos).

Para novo ensinamento dos reaccionarios que applaudiam Alfredo Pimenta na Liga Naval (nota d'esta edição).

os trabalhos progrediam, ia-as pondo definitivamente no lugar que lhes destinava.

Aos ignorantes, e rotineiros, aquillo causava grande pasmo. E entre elles distinguia-se um tenente, já velhote, que, pelo facto de tratar directamente das couves do seu ajido, passava no regimento, como o Pimenta na Liga Naval, por sabichão e grande auctoridade.

Apoiado n'isto, de cima d'este pedestal, a creatura gritava *horror* a cada uma das minhas *audacias*. Que seccava tudo, repetia sem cessar. E tantas vezes o disse e repetiu, que se tornou crença geral. Eis senão quando desata tudo a rebentar. Mas tudo, com uma percentagem tão insignificante de falhas, que parecia mesmo que fôra a mão de Deus que andara alli plantando. Então, os soldados não se contiveram. Deram largas á chalaça. E derivando *siqueira* de seccar, baptizaram o infeliz propheta com o nome patusco de... *tinente Siqueira*. Isto entre elles. Mas não o fizeram tanto em segredo que não chegasse aos ouvidos do *tinente*, que, por signal, dava com a gálhofo dos rapazes um solemniissimo cavaco.

Eu sentia-me, pois, cheio de iniciativa e de resolução a *manobrar* com as plantas do jardim do 14. E manobrava-as com a mesma facilidade com que manobro esta penna demonstrando que o Pimenta é um asno. Mas digam-me

lá que vá manobrar a machina onde são, todas as semanas, impressas estas palavras! E' muito mais facil que manobrar a penna e as plantas que o *Siqueira* prophetizava que... *siccavam*. Porem, como nunca me dei á pachorra de apprender a manejar a machina, eu tremo só á idéa de ter que a manejar. A machina é servida por um motor a gaz. Ainda é mais facil manejar o motor do que a machina. Mas como, até hoje, me não resolvi a dedicar meia duzia de horas, se tanto era preciso, ao manejo do motor, como á machina, não só me sinto horrorizado com a idéa de ter que o pôr a andar, senão que me approximo d'elle, principalmente quando desata aos *puns*, com temeroso respeito, em elle estando a trabalhar.

Porque sou eu aqui pusillanime e era acolá d'uma iniciativa tão ousada? Porque receio tudo deante da machina e do motor, e tanto que se me poriam os cabellos em pé, desatando a gritar *aqui d'el-rei*, a apitar, a pedir clamorosamente soccorro, se o homem que imprime fugisse de repente deixando a machina e o motor a funcceionar, e acolá, calmo, sereno, forte, não tinha medo de nada?

O homem só perde o sangue frio deante do desconhecido ou do *inexplicavel*. Estou que a propria morte deixará de lhe metter medo no dia em que o segredo da vida se desvendar.

XVII

Onde se demonstra que sem eu ter ainda lido os grandes pedagogistas formulava raciocínios dentro dos mais celebres princípios pedagógicos. Segundo esses pedagogistas, a escola de Herbart é a que tem maior influencia na Allemanha, na Austria, na Inglaterra, na Suecia e Noruega, na Hollanda, na Suissa, na França, no Japão e nos Estados Unidos da America do Norte. Ora a escola de Herbart é a da *instrucção educativa*, aquella em que se considera a cultura intellectual o elemento *mais importante* da formação do character. Só Portugal está fóra d'essa corrente de verdade. E, coincidência que diz tudo, sendo o paiz de maior incultura, e de maior desprezo pela instrucção, é ao mesmo tempo aquelle que mais se distingue pela falta de iniciativa, de decisão, de energia, de coragem moral, de civismo, e d'outras qualidades de character. E', com a Russia, o paiz de maior desorientação no mundo civilizado. Assim se põe em relevo mais uma vez que as *theorias* triumphantes de Pimenta e quejandos são uma das grandes causas, se não a maior, da nossa decadencia, a qual é sobretudo, como sempre tenho affirmado, de natureza intellectual, e que esses homens, apregoando-as e espalhando-as, á sombra de um falso prestígio de *intellectuaes*, quando não passam de *parvos intellectualizados*, commettem um crime de lesa-patria.

Insisto: eu não faria o que fiz, no campo da jardinagem, se a cultura da minha intelligencia não tivesse ido em reforço da energia do meu character. Quer Gustavo Le Bon que o que me deu força, no caso da palmeira, para desobedecer ás ordens do coronel, seja uma qualidade de character? Na essencia, assim será. Mas o que se torna evidentissimo é que essa

qualidade ficaria *inteiramente perdida* se a cultura da intelligencia a não fosse reforçar. Mas o que ninguém pode negar, nem nega, á parte Pimenta e bestas correlativas é claro, é que a comparação entre o caso da palmeira e o do motor e machina de imprimir é de uma flagrante verdade. Todo o homem é mais ou menos *resoluto*, mais ou menos *decidido* e *energico*, e com maior ou menor espirito de iniciativa, *quando sabe*. E todo o homem é irresoluto, pusillanime, frouxo, destituído d'espirito de iniciativa e até de bom senso, *quando ignora*. E com tanto mais bom senso, energia, resolução e firmeza, ou vice-versa, quanto mais elle sabe ou ignora.

Um grande medico, um grande cirurgião é muito *mais resoluto*, e com muito maior espirito de iniciativa e de bom senso, que um fraco medico e um fraco cirurgião, a receitar e operar. E, comtudo, o fraco medico e o fraco cirurgião podem ter qualidades nativas, que faldem ao outro, de iniciativa, bom senso, energia e firmeza de carácter.

O que se diz do medico, diz-se do advogado, do sapateiro, do carpinteiro, da cozinheira e até do homem que nas ruas nos engraxa as botas. E' um caso geral. E' um principio absoluto. Diz-se do general, do parlamentar, do homem d'estado, do jornalista. Eu, jor-

nalista, sou pusillanime deante de todas as questões que ignoro. Mas positivamente. Não é uma hypothese, é um facto. Fujo d'ellas. Se as trato, trato-as sem firmeza, oscillando, como um homem que perde o pé, com medo de se afogar. Se encontro uma difficuldade da lingua portugueza, perturbo-me, atrapalho-me, hesito e acabo quasi sempre por fazer asneira, que eu não faria, mesmo na minha ignorancia, se não perdesse o sangue frio, tornando-me *insensato*. Isto tem-me acontecido *muitas vezes*. Guiando-me pelo tacto, pela pratica de falar, pela regra geral da experiencia, era possivel que acertasse. Mas a consciencia da minha ignorancia perturba-me, não me deixa reflectir, torna-me, repito, *insensato*. Que differença, se eu conheço as questões! Ataco-as com uma firmeza, uma serenidade, um ponto de vista superior que, não raro, chegam a consolar-me. Rindo, brincando. Acode-me o bom senso. As idéas atropelam-se. Sinto-me forte.

Porque sou intelligente? Assim dirão os falhos discipulos de Gustavo Le Bon e Spencer. Mas eu sou tambem intelligente quando, sob o peso da ignorancia, me sinto indeciso, perturbado, atrapalhado, mesmo insensato. Incapaz de formular uma idéa ou um raciocinio. A minha intelligencia natural subsiste nos dois casos. E, comtudo, manifesta-se de fórma bom

differente *quando sei e quando ignoro*. Logo, a cultura, a *instrucção*, exerce directamente, em relação á minha intelligencia, o papel que indirectamente exerce em relação ao meu character. Apura-a e depura-a. Dá-lhe iniciativa, força e audacia.

Chega a parecer impossivel que haja necessidade de discutir esta verdade tão elementar!

A mais linda pedra que se arranca do solo, o mais bello metal que se extrahê das minas augmenta de belleza e brilho depois de trabalhado. Por mais rica que seja a natureza da terra de lavoura, esta será tanto mais fertil quanto melhor fôr cultivada.

Pois ainda ha necessidade de discutir esta verdade tão intuitiva, tão elementar?

Ou se encare a intelligencia ou o sentimento, a instrucção ou a educação, vê-se á priori, sem necessidade de philosophias nem de philosophos, que anda tudo tão intimamente ligado que separa-lo equivale a pretender que o coração e o cerebro se excluam, ou que haja corpo são onde estiver offendido um dos seus órgãos essenciaes. (1)

(1) N'essa altura ainda eu não tinha lido nem Ruiz Amado (padre jesuita hespanhol auctor de varias obras sobre pedagogia muito dignas de se lerem) nem De La Vaissière (padre jesuita francês auctor dos *Éléments de*

Diz-se que ha individuos muito intelligentes e muito cultos que são perversos. Sem duvida. Como ha individuos muito incultos e muito estupidos d'egual perversidade. Mas o erro ou má fé está precisamente em discutir uma these geral com casos especiaes. Tome-

Psychologie Expérimentale e da *Psychologie Pédagogique*), nem os allemães Barth e Natorp, nem o italiano Alberto Stratico, nem o americano Paul Monroe, nem o belga Biérvliet, nem o famoso Herbart e os seus discipulos mais illustres, nem outros pedagogistas mais ou menos afamados. Todos os meus argumentos e idéas eram de pura intuição. Mais tarde é que li esses auctores e com prazer notei que nem por me guiar apenas pela minha cabeça formulei raciocínios insensatos.

Na sua *Pedagogia Geral*, diz Barth (edição hespanhola):

La separación teórica de la educación y de la instrucción, que está bien basada en la oposición de *querer y representar-se*, ha desaparecido en la práctica, al desarrollar Herbart la idea de la instrucción educadora, que su escuela representa con gran energía. Dice aquél textualmente: "Yo confieso que non concibo una educación sin instrucción, así como reciprocamente... no conozco ninguna instrucción que no eduque". Naturalmente, Herbart y sus discipulos no atribuyen ese efecto educador a toda instrucción. A él contribuye, en primer lugar, el procedimiento que se siga. La instrucción debe despertar interés, porque éste determina al niño a obrar por si mismo y excita así su voluntad. En segundo término, depende también del contenido. Una instrucción que presente acciones morales, portanto, la religiosa e histórica especialmente, será la que produzca más efecto sobre la voluntad. "La superior energía moral—dice Herbart—es el efecto de grandes escenas, ideas de con-

mos dois individuos com os mesmos dotes nativos de intelligencia e caracter. Abandonemos um. E eduquemos outro. No fim, não ha comparação possivel, nem na intelligencia nem no sentimento, entre os dois exemplares. No segundo, tudo é mais perfeito, mais desenvolvido,

juncto y amplias concepciones totales... Con esto opina él que lo que más seguramente conduce a la formación del carácter son las experiencias y hechos de la Historia y los sistemas de ideas morales que se ofrecen principalmente por medio de la instrucción religiosa.

La idea de la instrucción educadora ha sido muy combatida, pero injustamente. Aún podía ser más extensa de lo que la hacen los herbartianos, quienes tienen por menos educadora a la instrucción objetiva que a la instrucción espiritual, o sea a la religiosa e histórica. Sin embargo, también en la primera se aprende y, portanto, se fortalece la voluntad, pues el aprender es una actividad constante contra toda clase de obstáculos hasta llegar a un fin determinado. Y es, además, evidente que todas aquellas materias que directa o indirectamente comunican ideas morales cooperan a la instrucción.

Nadie duda del poder contagioso de las malas ideas. Pero, afortunadamente, también las ideas buenas nos impulsan a la acción. Aun prescindiendo, sin embargo, del contenido de las ideas, el predominio peligroso del instinto inmediato desaparece por solo el hábito de pensar. Quizá los herbartianos fien demasiado en el éxito educador de la instrucción, despreciando, a causa de su psicología intelectualista, la voluntad ciega e inmediata. Pero, ciertamente, el desarrollo del pensar, por medio de la instrucción, ayuda mucho a la voluntad consciente y electiva frente a aquella otra voluntad inmediata y ciega. Y otro motivo para no dudar de la education instructiva está formulado en aquella frase con la que Schiller enlaza la estética con la moralidad: "La belleza—dice—puede ser un medio para conducir al hombre de la materia a la forma, de las sensacio-

mais completo, mais equilibrado e mais delicado.

Sem cultura intellectual, até chegam a dar resultados negativos as qualidades moraes. A teimosia de um bruto é causa de mil desastres. No entanto, a teimosia é um dote de caracter.

nes a las leyes». De todo esto se deduce que la educación y la instrucción están unidas inseparablemente, no solo a causa de conveniencias sociales, sino también por relaciones psicológicas.

Natorp, na sua *Pedagogia Social*, escreve, a seu turno, (tambem edição hespanhola):

La celebrada doctrina de Herbart de la *enseñanza educativa* la proposición de que mediante la *cultura del círculo intelectual* queda al mismo tiempo colocada la base para la *formación del carácter*, merece ciertamente, ser examinada de cerca, tanto más cuanto que indudablemente se apoya en algo exacto. De nuestra investigación resultaba también una estrecha relación entre la cultura de la inteligencia y la de la voluntad. La voluntad tiene completamente de común con el entendimiento la materia; nada de lo que está sujeto a la ley de la voluntad cae fuera de la legislación del entendimiento, y al revés. Y si ambos se diferencian en cuanto a la forma, es decir, el género de la legalidad, el último fundamento formal es idéntico para los dos géneros de legalidad. También bajo el común principio de la legalidad en general o de la unidad general de la conciencia se encuentran entre si en la relación de complemento reciproco, de tal suerte, que quien comprende la ley del entendimiento puramente y partiendo de su principio, no podrá sustraerse al reconocimiento de la ley de la voluntad, y al revés.

E, mais adiante :

Según esta interpretación sistemática, estaríamos autoriza-

A iniciativa n'um ignorante pode produzir os mesmos desastres. Não obstante, a iniciativa é um dote de caracter. A energia, a firmeza, a resolução são dotes de caracter. Mas a energia, a firmeza, a resolução ao serviço da estupidez a cada passo são desastrosas.

dos tanto como Herbart y su escuela para hablar de *instrucción educativa*. Pero no quisiéramos ser confundidos con esta escuela. También nosotros *confesamos* (todo o *italico* é do original), como Herbart, *no tener ningún concepto de educación sin instrucción* y ni reconocemos, al revés, *ninguna instrucción que no eduque*, donde reconocer ha de significar tanto como aprobar, pues el que sea posible una instrucción no educativa es también opinión de Herbart.

O padre jesuita Ruiz Amado escreve na sua *Historia de la Educación y la Pedagogia*:

La Pedagogia de Herbart, elaborada (y en parte desnaturalizada) por sus discipulos, se ha difundido grandemente en Alemania, y sirve todavia en la actualidad de base a los más de sus pedagogos científicos. En Inglaterra está asimismo muy extendido este sistema, e inspira las más y las mejores de las obras pedagógicas publicadas allí en los años ultimos

Na *Histoire de l'Instruction et de l'Education* diz mais o seu auctor, François Guex, professor de pedagogia na Universidade de Lausanne:

On portera sur Herbart les jugements les plus différents, suivant le point de vue philosophique auquel on se placera. Tous ceux, toutefois, qui l'étudieront sans parti pris reconnaîtront la haute valeur d'un système d'éducation pratiqué aujourd'hui dans des milliers et des milliers d'écoles et éprouvé au creuset de l'expérience. Ses doctrines ont pris une si grande

A audacia de um homem de genio provoca admiração. Mas a audacia d'um bruto faz rir. *Audaces fortuna juvat*, disse-se. Mas disse-se a proposito de Cesar. A audacia de Cesar era um simples acto da sua grande intelligencia. Fazia parte, e o mesmo se pode dizer de Bonaparte,

importance, elles ont exercé et exercent encore une telle influence en Allemagne, en Autriche, en Angleterre, en Scandinavie, en Hollande, en Suisse et, depuis quelques années, en France, aux Etats Unis, au Japon même, qu'il n'est plus possible à quiconque s'intéresse aux questions d'éducation de les ignorer. Le nom de Herbart fait école depuis longtemps. Nombreux sont ses adeptes dans tous les pays civilisés. Une littérature aussi riche que variée a répandu les idées de la pédagogie éducative dans l'Ancien comme dans le Nouveau Monde.

As doutrinas de Herbart adquiriram, pois, *uma tanta importancia*, exerceram e exercem *tal influencia* na Allemanha, na Austria, na Inglaterra, na Scandinavia, na Hollanda, na Suissa, e, de ha annos para cá, na França, nos Estados Unidos, no proprio Japão, que não é mais possível a quem se interessa pelas questões d'educação ignorar-las. Assim diz François Guex. Por mim inteiramente as ignorava, confesso. Nem de nome, quando escrevi estas *Cartas de Longe*, conhecia o pedagogista allemão. Não deixando eu por isso, como, lendo-as, se pode ver, e guiado apenas pela minha intelligencia natural, d'estar *rigorosamente* dentro das citadas doutrinas do famoso Herbart.

Conheciam-nas os outros, os *sabios* da minha terra, que teem todos como *dogma* que *instruir não é educar*, e que a instrucção em nada influe sobre o caracter?

Então são muito burros, queiram perdoar.

Annibal, Scipião ou Alexandre, d'um plano genial. Quando elle disse *Alea jacta est* tinha medido tudo e havia 99 probabilidades contra uma de que a sorte lhe seria favoravel.

Notavel coincidência: os maiores capitães do mundo, como Alexandre, Cesar e Bonaparte, (1) foram ao mesmo tempo de multiplice e grande intelligencia e de cultura elevada.

Foi na escola, apesar de Gustavo Le Bon escrever que *não é com a leitura dos livros que se formam taes homens*, que elles se começaram a formar. Como chegaria Gustavo Le Bon ao pontificado intellectual que deslumbra os Pimentas sem ter frequentado a escola? Como chegaria Pimenta, elle proprio, sem ter apprendido a ler e a escrever, a receber os

(1) E Annibal. Diz Oliveira Martins no 1.º volume da sua *Historia da Republica Romana*, falando de Annibal: «Era mestre em todas as artes: fora educado com esmero pelo pae; sabia e falava o punico, o latim, o grego; conhecia a historia das guerras de Alexandre e de Pyrrho que lh'a contava o seu amigo e pedagogico Losilo de Sparta». *Generaes que não sabem ler nem escrever*, ou que leem e escrevem tão mal que melhor seria que fossem inteiramente analphabetos, e *intellectuaes* que sustentam que não vale a pena instruir o povo, ou que o povo para a educação que tem sabe demais, nunca os houve, desde Adão e Eva, senão... em Portugal (nota d'esta edição).

applausos da Liga Naval que o consagrou marechal das hostes germanophilas? (1)

Registei nos meus artigos sobre instrucção de primeiras letras nos quartéis que a maior parte dos soldados nem sabiam falar. Alteravam os nomes de tudo, incluindo os nomes dos officiaes, e as communicações de serviço, com uma facilidade assombrosa. Não sabiam ler os quadros affixados na caserna. Era custoso, muito custoso, fazer-lhes comprehender qualquer coisa das chamadas theorias da caserna. D'aqui inconvenientes e perigos de toda a ordem.

As nossas creadas estão, em regra, nos casos dos soldados. Trocam o nome da pessoa que bate á porta, transmittem alterados, e ás vezes gravemente alterados, quer das pessoas de fóra para as pessoas de casa, quer das pessoas de casa para as pessoas de fóra, os recados, communicações e ordens que recebem. Não sabem escrever o rol da roupa suja. Não sabem assentar o preço das compras. Mil coi-

(1) As tremendas heresias, sobre materia d'instrucção em relação á educação, de Gustavo Le Bon e de Spencer, só em Portugal tiveram applicação pratica. Lá fóra mantiveram-se no campo da doutrina, donde não podiam sahir, a não ser que os dirigentes sociaes não tivessem nada na cabeça, como em Portugal (nota d'esta edição).

sas como essas. O que tudo representa uma desordem sem nome e um prejuizo incalculavel.

A incultura do paiz é uma das grandes causas da nossa anarchia e custa quantias fabulosas á economia nacional.

Eu rio me das asneiras das creadas. Ri-se toda a gente. Rio-me ou zango-me. E ás duas por três temos a creada *desmoralizada*. Não é a desmoralização sexual, que nem só essa é importante. E' a desmoralização da ignorancia, de consequencias deploraveis. A creada não quer merecer o riso, naturalmente, nem as censuras dos patrões. Mas sente-se impotente, —pois a origem, ahi, é, quasi sempre de character intellectual, e contra isso de nada vale a sua vontade, para remediar o mal. Desgostase. Perde o estímulo. Amesquinha-se. Sente-se abatida a seus proprios olhos. Abandalha-se ou revolta-se.

Perde a firmeza, a iniciativa, o bom senso, a audacia intelligente de *quem sabe*. Já não seria pouco sob o ponto de vista moral e social. Mas vae mais longe: abandalha-se ou revolta-se. E é n'este estado d'alma que a vae encontrar a propaganda dissolvente da gazeta demagogica.

Ella não lê. Mas ouve lêr, o que é peor. Espanta-me a inepecia, a imbecilidade quasi ina-

creditavel d'essas creaturas que, do alto do seu pedestal de *scientistas*, combatem a instrucção popular a pretexto do perigo demagogico. Nem ao menos vêem que o paiz mais analphabeto do mundo é exactamente aquelle onde mais se desenvolveu a propaganda demagogica! Pois quê? Foi por saber ler e escrever que o povo portugûes se tornou o mais desmoralizado e o mais anarchizado da Europa? Quem o affirma? Sucia de asnos! Perdõem a dureza da expressão. Mas, francamente, é tamanha a estupidéz e o pedantismo que não ha outra maneira de os tratar.

Será um grande perigo o saber ler e escrever sob o ponto de vista da propaganda demagogica. Mas creio que se pode affirmar sem perigo d'errar, ou não? que não foi esse o perigo nacional. Ou não? Se o paiz não sabe ler nem escrever!... Não sabe ler nem escrever. E' o que menos sabe na Europa. E, repito, é o mais anarchizado.

Eduquem-no primeiro e instrua-n-o depois, insiste o pateta que não tem uma idéa sua na cabeça, e que nem sequer sabe interpretar o que lê, ou assimilar intelligentemente as idéas dos outros. Ora nós vimos já, e largamente, examinando a questão por todos os lados e adduzindo numerosos e sérios argumentos, que sendo educar e instruir duas funções insepa-

raveis, que se completam uma á outra, e que se não comprehendem uma sem a outra, a função de educar é, todavia, naturalmente e necessariamente, precedida pela função de instruir. Educar é o complemento de instruir. Não ha maneira de educar sem instruir. Mas admittâmos a these de Pimenta. Como quer elle educar *primeiro* e instruir *depois*?

E' claro que nem ahi o pobre homem sabe o que diz. Nem repara que ahi mesmo elle toma educar na accepção de instruir. Elle quer apenas combater, mas não lhe chega a lingua, um dos processos, a escola, d'instruir. Elle e todos os estupidos, que não faltam, que vão na sua corrente, *intellectuaes* leitores de Gustavo Le Bon e de Spencer, mas simples parvos intellectualizados como Pimenta.

Dantes nós tínhamos outros processos d'*instruir*, correspondentes a um estado social muito differente. O que elle, estúpido, não viu, por mais que o adjectivo fira a sua vaidade, é que os processos d'instruir e educar variaram com a evolução social, e que ficar agarrados aos processos antigos, como nós ficámos, era morrer. Dantes tínhamos o pulpito, a lareira, a catechese, a lição de coisas, o anexim, etc., como meios de educar e instruir. E dizemos instruir porque, nunca, nem quando ensinamos a moral dos costumes, nem quando damos lições de

coisas, deixamos de instruir. A estupidez d'estes *intellectuaes*, que não veem o monstruoso das suas doutrinas, sendo certo que o que lhes causa horror é a simples aprendizagem dos signaes com que a palavra falada se reproduz na escripta! O que elles não querem é que o povo aprenda a ler e a escrever. Ora o que é saber ler e escrever senão conhecer os signaes, e junta-los, com que a palavra falada se representa na escripta? E' a palavra falada um perigo? Se não é, como é que o ha-de ser a palavra escripta? E'? Cortem a lingua aos grotescos, ou deem-lhes lingua de burro, já que elles repudiam a lingua humana, que ha tantos milhares de annos vem sendo apreçoada como uma das vantagens que nós temos sobre os brutos.

A estupidez d'estes alarves chega a fazer rir. E creio que os leitores intelligentes se hão de rir. Ninguém nega, nem elles, o valor da intelligencia. Ninguém contesta que a intelligencia é a primeira força humana. Pois bem. Elles contestam o valor da instrucção, quando a instrucção, e seriamente só se pode argumentar com a *bôa instrucção*, não é mais que o desenvolvimento e aperfeiçoamento da intelligencia!

Ninguém nega, nem elles, o valor d'esse dom, a palavra, com que Deus distinguio o homem do bruto, dom, como prova Pimenta, tan-

tas vezes immerecido. Pois bem. Elles negam o valor da palavra escripta, que não é senão a immortalidade da palavra falada! Poderiamos dizer a *extensão*, o *desenvolvimento*, o *aperfeiçoamento* da palavra falada e diríamos muito. A palavra falada, já o dissemos n'uma das cartas anteriores, não se ouve a uma duzia de metros de distancia. A meia duzia, em tom natural de conversa. A palavra escripta percorre o mundo. Por meio d'ella conversamos com os nossos semelhantes da extremidade opposta, os antipodas. Bastaria esta força de expansão e extensão para a tornar sublime. Mas só ella é immortal! E não o é, sómente, em relação á palavra falada. E'-o em relação ao homem mesmo. Uma vez traçada, e recolhidos os documentos onde ella se traçou, o homem morre e ella vive eternamente! D'esta arte, o homem só é homem quando a sabe decifrar e manejar. E' ella a palavra por excellencia. E' ella que, verdadeiramente, eleva o homem acima do bruto. O homem é meio irracional emquanto a não possuir. Logo, todo o homem deve saber ler e escrever. E' um dever humano e divino. Impõe-se irresistivelmente. Pois combatem-na os que se propõem reformar, em novas bases, a sociedade portugêsa! Com razões capaciosas que se reduzem a uma só: estupidez.

Dar-se-ha o caso dos leitores se não rirem, como eu, d'estas bestas?

São ou não são bestas?

Todos nós vemos, basta attentar nos actos mais infimos e quotidianos da nossa existencia, que instruir primeiro e educar depois, embora simultaneamente, é que é a regra da vida. Antes de educar no respeito da auctoridade, do mestre, do pae e do velho, no amor do proximo, da familia e da patria, temos necessariamente, fatalmente, todos nós, que instruir sobre auctoridade, sobre mestre, sobre pae, sobre velho, sobre proximo, patria e familia. Quem foi Jesus? Quem é Deus? Pergunta logo a creança quando lhe falam no temor de Deus e no culto de Jesus. O que é temor, o que é culto? Cada palavra que salta, que rebenta, que surge, exige explicação in-continenti. Não ha lição de educação a que não corresponda lição d'instrucção, precedendo-a. Mas educar primeiro e instruir depois, clamam as *summitates intellectuales* que se propõem reformar em novas bases a sociedade portugêsa!

São ou não são bestas?

Dantes, vinhamos dizendo, tiahamos o pul-pito, a lareira, a catechese, a lição de coisas, o anexim, etc., como meios d'educar e de instruir. Mas as condições sociaes eram muitissimo differentes. A vida era muito mais res-

trieta. A existencia decorria n'um ambito muito mais limitado. Seguiu-se, com os caminhos de ferro, o telegrapho, os grandes transatlanticos, os progressos materiaes de toda ordem, e espantosos progressos, a remodelação da industria, que mudou a vida das cidades e dos campos, uma transformação completa e repentina. Fomos apanhados por ella, pois chegaram até nós os progressos materiaes, creando novas condições de vida, e a novissima moral que elles e estas no mundo introduziram. E não nos preparámos para isso. O resultado *inevitavel* seria, como foi, a desmoralização e a anarchia.

Ha outras causas. Nunca ha uma causa unica em descabros sociaes tão profundos como este de que estamos sendo victimas. Mas... *sobre queda coice*. A juntar-se a causas seculares veio esta, de si importantissima.

Educar, como? Pimenta quer que se eduque primeiro, e que se instrua depois. N'isso insiste. Educar como? Acabou o pulpito, acabou a catechese, ou, n'este paiz tão deschristianizado, diminuíram pelo menos, d'influencia, consideravelmente. Pelo mesmo motivo, a moral religiosa, amparo e guia dos velhos espiritos, enfraqueceu, ainda consideravelmente. Acabou a lareira, e as lições que ella comportava, ao serão, muito importantes sob mais do

que um ponto de vista. Acabou a tradição, outra força de grande valor educativo. Eu disse que o paiz estava deschristianizado. Está *desraizado*, inteiramente. Porque está *desraizado*, rasteja pela lama, como tudo mais, o espirito de familia. E assim nos falta mais esse valor educativo. O exemplo é perverso. Educa-se muito pelo exemplo. Mas o exemplo é perverso. nem, n'um paiz corrompido até a medulla, poderia deixar de o ser. E é perverso nos proprios da *sucia Pimenta*, que clamam contra a demagogia. Mais ainda n'elles do que nos outros, se é possível.

Educar como? Educar com quê? Que elementos restam d'educação publica n'este desgraçado paiz? Educar *primeiro*. Vão para um convento, já o perguntámos, os desgraçados filhos do povo? E instruir *depois*. Quando? Quando sahirem do convento? E entretanto, n'esse prazo de vinte a trinta annos, mergulha o paiz em mais denso analphabetismo para satisfazer phantasias de imbecis?

Pimenta não quer que o povo apprenda a ler e a escrever para não ler o *Seculo* e o *Mundo*. E attribue a culpa de tudo á imprensa. Não comprehendeu, na sua eterna myopia intellectual, com uma estreiteza de vistas que chega a ser singular n'um paiz onde se vê tão pouco, que a imprensa não é uma causa, mas

um efeito. Não foi ella que creou o mal, como elle pretende, embora, com mais alguma elevação, pudesse ter reagido. Em todo o caso, não foi ella que creou o mal. Ao contrario, ella é um producto d'este meio dissolvente.

Ao mesmo tempo que não admite que o povo apprenda a ler e a escrever, para não ler o *Século* nem o *Mundo*, quer, applaudido sempre por varios patetas da mesma laia, que a instrucção technica do povo augmente. Mas para que a instrucção technica do povo augmente é necessario, não só que elle apprenda a ler e a escrever mas até que a sua instrucção litteraria e scientifica se alargue notavelmente!

Não sabe o que diz.

Só poderíamos ter resistido ao choque abrupto da transformação repentina que as novas condições sociaes produziram no mundo, preparando-nos para ella, como tantos outros paizes, sem perda de tempo. Ora o que fizeram esses paizes, indicando-nos o caminho? Elles indicaram-nos o caminho, que, cegos, ainda n'esta altura, passados tantos annos, persistimos em não seguir. Elles patentearam-nos o fructo da sua experiencia, que, todos o vêem, foi soberbo. Nem assim nos resolvemos. Outra nota ridicula d'estes parvos intellectualizados, que, abatendo dia a dia, e desorientando, o espirito

publico, são a verdadeira vergonha d'esta raça e a verdadeira desgraça d'este paiz, é a invocação constante, para travar o nosso progresso, de theorias inglêsas e francêsas, de que não fazem o menor caso, na pratica, nem inglêses nem francêses. Bem se importou a França com as theorias de Gustavo Le Bon, bem se importou a Inglaterra com as theorias de Spencer ! Ellas não as impediram de dar á instrucção um desenvolvimento immenso.

A Allemanha, a Suissa, a Suecia, a Noruega, a Dinamarca, a Hollanda, a Belgica foram mais longe ainda. E ficaram mais desmoralizadas, mais anarchizadas, com mais criminosos do que este paiz de analphabetos? Pelas doutrinas dos nossos *sabios*, Pimenta á frente, assim devia ter succedido.

Ah... que paiz este !

XVIII

Gustavo Le Bon implicitamente, no seu livro *Psychologie de l'Education*, inclue a instrução na educação. A educação muda em menos de um século a mentalidade de um povo, segundo Leibnitz. Como a morai e as idéas se transformam com o tempo e com as modas. O mal, para a troca das idéas, da nossa posição geographica. Carta do sr. padre José Pinto sobre o assumpto que se debate.

Essa transformação não foi nem é comprehendida.

Já vimos que Gustavo Le Bon, com toda a rigidez das suas doutrinas sobre raça e hereditariedade, admite, como Leibnitz, que, com a educação, e quando diz educação quer dizer ao mesmo tempo instrução, se pode **mudar a face d'um povo**. Nisso insiste. Na *Psychologie de l'Education* escreve: **Ainsi se justifierait le mot de Leibnitz qu'avec l'éducation on pourrait changer en un siècle la face d'un pays.** (Assim se justificariam as palavras de Leibnitz, segundo as quaes se pode mudar n'um século a face de um povo). E accrescenta: *Un siècle ne suffirait probablement pas, comme le croyait l'illustre philosophe, pour créer des caractères héréditaires, mais il suffirait sûrement pour créer certaines*

aptitudes. (*Um seculo não bastaria, provavelmente, para crear caracteres hereditarios, como o illustre philosopho julgava, mas bastaria, seguramente, para crear certas aptidões*).

Nos *Enseignements Psychologiques de la Guerre Européenne*, que é um livro recentissimo, voltou a dizer:

Quand Leibnitz écrivait que l'éducation peut transformer la mentalité d'un peuple en moins d'un siècle, il formulait une demi-vérité. Elle eût été complète en ajoutant l'influence du régime militaire à celle de l'éducation.

Quando Leibnitz escrevia que a educação pode transformar a mentalidade de um povo em menos de um seculo, formulava uma meia-verdade. Teria sido completa, juntando a influencia do regimen militar á da educação.

Não caíam os nossos leitores no erro chato de Pimenta, e de muitos outros, considerando a educação independente da instrução. Um dos dois tomos citados de Le Bon intitula-se, como estamos vendo, *Psychologie de l'Education*. Comtudo, já o dissémos n'uma das cartas anteriores, elle trata sobretudo de instrução. O prologo tem por epigraphe: *O inquerito parlamentar sobre a reforma do ensino*. O capitulo primeiro do livro primeiro: *As origens do ensino universitario*. O capitulo segundo: *O valor dos methodos universitarios*. O capitulo terceiro: *Os resultados finais do ensino*

universitario; a sua influencia sobre a intelligencia e o caracter. O capitulo quarto: Os lyceus. O capitulo quinto: Os professores e os repetidores. O capitulo sexto: O ensino congreganista. O capitulo primeiro do livro segundo: Os reformadores; a transformação dos professores; a redução das horas de trabalho; a educação inglêsa. O capitulo segundo: A mudança de programmas. O capitulo terceiro: A questão do grego e do latim. O capitulo quarto: A questão do bacharelado e do certificado d'estudos. O capitulo quinto: A questão do ensino moderno e do ensino profissional. O capitulo sexto: A questão da educação. O capitulo primeiro do livro terceiro: As bases psychologicas da instrucção. O capitulo segundo: As bases psychologicas da educação. O capitulo terceiro: O ensino da moral. O capitulo quarto: O ensino da historia e da literatura. O capitulo quinto: O ensino das linguas. O capitulo sexto: O ensino das mathematicas. O capitulo setimo: O ensino das sciencias physicas e chemicas. O capitulo oitavo e ultimo: A educação pelo exercito.

Vêem os leitores que é um livro dedicado quasi exclusivamente á instrucção. E intitula-se, todavia, *Psychologia da Educação* ! Vêem mais, pela mesma epigraphie e ordem dos capitulos, que o auctor trata os dois assumptos, instru-

ção, e educação propriamente dicta, como fazendo parte d'um todo indissolúvel.

No segundo dos volumes referidos: *Enseignements Psychologiques de la Guerre Européenne*, é no capitulo quarto, que tem como epigraphe geral: *A mentalidade allemã moderna*, que Gustavo Le Bon escreve que Leibnitz formulava uma meia verdade quando dizia que *a educação pode transformar a mentalidade de um povo em menos d'um seculo*. A *mentalidade* de um povo! Ora mental pode ser tomado em sentido psychologico ou espirital. Mas toma-se geralmente em sentido *intellectual*.

Até na conversação corrente nós tomamos a cada passo educação no sentido de instrução. Dizemos: *a educação dos rapazes fica muito cara. O filho de Fulano foi educado em França. A menina Sierana foi educada no collegio das Dorotheas*. E assim por diante. A palavra educação ahi é generica, mas refere-se principalmente á instrucção, e, em todos os casos, salvo em sentido muito restricto, como quando dizemos: *aquelle rapaz é muito bem educado*, abrange sempre a instrucção. Só os Pimentas, que aliás abundam em Portugal, espiritos futeis, superficiaes, incapazes de reflectir um segundo no que leem e, por isso mesmo, confundindo e baralhando tudo, são capazes de pretender separar á fina força a ins-

truição da educação, tratando aquella com desdem e relegando-a para ultimo logar. (1)

Gustavo Le Bon, portanto, admittia que a educação *mudasse o aspecto dum povo*. Apenas duvidava do prazo marcado por Leibnitz. Achava pouco um seculo. Não lhe parecia *provar* (veja-se que não era uma affirmacão categorica) que um seculo *bastasse*. Mas se não bastava, *era o sufficiente* (e n'isso já o vemos

(1) Vale a pena transcrever mais uns trechos da já citada *Histoire de l'Instruction et de l'Education*, na parte relativa a Herbart.

Falando da obra *Pedagogia Geral*, a mais importante do philosopho allemão, escreve François Guex :

C'est, sans contredit, un monument philosophique de premier rang. L'auteur y assigne un but précis à l'éducation : la formation du caractère par l'influence exercée sur la volonté au moyen du gouvernement des enfants et des idées qu'on leur communique. La sensibilité et la volonté découlent des idées que l'enfant possède. Le but de l'éducation apparaît ainsi : former le cercle d'idées de l'enfant, de telle façon qu'il en résulte une volition conforme aux lois de la raison.

Mais adeante :

Le but de l'éducation, c'est la vertu, dans l'acception la plus large de ce mot, c'est-à-dire la formation de hautes et solides qualités morales.

Herbart veut une vertu intelligente et éclairée, active et éveillée; une vertu qui se manifeste, qui se répande au dehors par la sympathie et par l'action, qui cherche pour soi-même la perfection morale et pour l'humanité l'amélioration sociale; une vertu largement ouverte à tout ce qui est humain, et elle-même

positivo e categorico) para crear certas aptidões.

Eram as suas palavras em 1902. Em 1916 ratificava-as, commentando que Leibnitz haveria dicto uma *verdade inteira* se tivesse juntado a influencia do regimen militar á da educação.

véritablement humaine, sans mélange d'ascétisme ou de mysticisme.

Le savoir, les connaissances doivent exercer une influence directe sur la volonté. "La valeur d'un homme, déclare-t-il souvent, se mesure à son vouloir et non à son savoir". L'instruction sans culture morale, c'est-à-dire celle qui serait sans prise sur le caractère, serait un moyen sans but, et la culture morale sans instruction serait un but sans moyen. D'autre part, l'éducation morale seule ne peut former un caractère. Celui-ci a ses racines au plus profond de l'âme. Il faut savoir déterminer l'âme pour former un caractère. C'est pourquoi on doit commencer à la "construire, par le moyen des idées, de l'enseignement, de l'instruction. C'est de la pénétration plus ou moins complète de l'instruction dans les idées que dépendront la nature et l'étendue du profit que la moralité peut en retirer.

Isto é profundamente exacto. Se a instrução sem cultura moral, isto é, sem dominio sobre o caracter, seria um meio sem fim, a cultura moral sem instrução seria um fim sem meio. E' profundamente exacto. Como é profundamente exacto que da penetração mais ou menos completa da instrução nas idéas dependem a natureza e a extensão do proveito que d'ellas pode tirar a moralidade. (Esta nota, que é por assim dizer a continuação da que finda a pags. 227, pertence, como aquella, — o que por lapso não se mencionou, — a esta edição).

D'este modo, é o proprio Le Bon quem mede com justeza o abysmo que nos separa dos povos cultos da Europa. Duas forças negativas actuaram sobre nós, uma directa e outra indirecta, mas qual d'ellas mais funesta: a força da ignorancia propriamente dicta e a força da anarchia desmoralizadora e do desequilibrio mental e moral que resultou de sermos surprehendidos por repentinas mutações para as quaes nem estavamos preparados, nem, desde logo, nos preparámos.

Já no *Pro Patria*, e na imprensa jornalística, n'esta por mais do que uma vez, fizemos notar a idiotia dos que, para argumentar contra a instrucção, comparavam a nossa vida presente com a nossa vida passada. A paginas 172 do *Pro Patria*, dizia eu:

Como digo adeante, é raro encontrar-se um homem nos quarteis que tenha a menor idéa da organização administrativa ou politica do paiz. Entre os recrutados das aldeias não se encontra um, em mil. Peor do que isso: não sabem formular um raciocinio, não sabem transmittir um recado, não sabem falar. Verdadeiros irracionaes. Pois esses infelizes, que constituem a enorme maioria das classes populares, é que são os culpados do mau governo do paiz! E não vale a pena instrui-los! Porque tambem se diz isto, e tambem são os grandes literatos da minha terra (*referia-me ao sr. José Caldas*) que o dizem.

Irrisão, maldade, ou estupidez? Não vale a pena instrui-los, porque no tempo de D. Fernando sabiam amo-

tinhar-se, no tempo de D. João I sabiam combater, e em 1820 sabiam revoltar-se. Sómente, no tempo de D. Fernando e de D. João I não estavam ainda emparvoecidos. No tempo de D. Fernando e de D. João I não tinham o instinto, como hoje, da sua pavorosa inferioridade. Estavam em egualdade de circunstâncias com os outros homens da Europa. No tempo de D. Fernando e de D. João I a moral era outra, porque a moral também muda com o tempo e com as modas, e é preciso aprender a usar a moral nova como se aprendeu a usar calças em vez de calções. Emfim, no tempo de D. Fernando e D. João I era bem differente do que é hoje a forma do povo se amotinar e do povo combater.

Quanto á revolução de 1820 não foi o povo que a fez, foi o exercito. Mas fosse quem fosse, ainda ahí o caso é o mesmo. Também mudou a maneira de fazer revoluções, ou as faça o povo ou as faça o exercito. Quem ficou no processo antigo, baqueou. E o mal é esse. Mudaram os tempos, mudaram os pensamentos, mudaram os processos, e os homens ficaram atrasados, a pensar e a querer proceder como nos tempos antigos.

Aqui mostrámos só um dos dois aspectos da questão. Muita gente ficou a pensar e a proceder como nos tempos antigos, e isso é mau, na verdade. E é mau, não porque seja mau na essencia o processo e o pensamento antigo, que na essencia são os mesmos ou melhores do que os novos, mas porque as correntes novas são despoticas e quem não se quiser adaptar a ellas faltou á *solidariedade*, quebrou a *continuidade*, o que é uma especie de suicidio social. Sem espirito de *solidariedade* e

de continuidade tornou-se impossível a vida social.

«Isto de moral nova e moral velha, escrevia eu no volume *Cartas de Longe* já publicado, não é mais do que um dos muitos artificios com que gosta de se entreter o espirito humano. O espirito é como os olhos, ama a variedade. O homem não tem feito outra coisa que vestir atravez dos seculos a mesma idéa de roupagens variadas. Parece-lhe a elle que são idéas differentes. E' sempre a mesma. Os enfeites é que mudaram».

E' uma grande verdade. Mas quem se subtrah ao imperio da moda? Quem é capaz de se apresentar hoje nas ruas vestido como ha quatro centos, trezentos ou cem annos? E, comtudo, é o mesmo o estofa dos vestidos e o mesmo o cabedal das botas. Ninguem se subtrai no primeiro impeto ao imperio da moda, por mais que ella seja, e que todos reconheçam que o é, disparatada. O mais que se pode fazer é quebrar-lhe os exaggeros ou ir preparando habilmente, no sentido muito mais de a enca-minhar do que de a destruir, a reacção.

Este é um dos aspectos da questão. Mas se muita gente ficou a pensar e a proceder como nos tempos antigos, muito mais gente se precipitou, de cabeça, no torvelinho das idéas modernas. Forças negativas e dissolventes

abalaram a sociedade portugêsa por todos os lados. Quebrou-se o espirito de solidariedade e de continuidade de trás para diante e de diante para trás. Isto é, em relação aos partidarios do futuro e em relação aos partidarios do passado. Ficámos sem nenhuma força de reconstituição e com todas as forças de dissolução. Alem d'isso, pela nossa posição geographica, excluidos do circuito, e portanto da communicação e troca, das idéas mundiaes. Em 4 horas se vae de Paris a Bruxellas, em 7 a Londres e em 6 a Amsterdam. Em 9 ou 10 a Lausanne e a Berne. E' rapida a viagem á Allemanha e á Italia. Ha pois uma troca constante, rapida, facil, quotidiana, entre estes paizes, de impressões, de idéas, de conhecimentos, de sentimentos e pensamentos. A nós faltou-nos essa enorme força de progresso. Enorme, porque o é! Batidos por todos os elementos negativos não ficou a nosso favor um unico elemento positivo. Necessariamente, fatalmente, se havia de formar entre nós, como se formou, uma mentalidade abstrusa. A nossa mentalidade, de que Pimenta é um dos melhores exemplares, é abstrusa. Simplesmente abstrusa. Necessariamente, fatalmente, se formaria uma atmosphera de idéas nebulosas e falsas. Necessariamente, fatalmente, se produziria um desequilibrio tremendo, em relação

aos outros e a nós mesmos. E d'esse desequilíbrio resultaria a desordem, a anarchia, o chaos.

Nós não conservámos senão as qualidades ancestraes. Diz-se mal da nossa raça. Accusam-na d'esterilidade. Mas nós não conservámos senão as qualidades ancestraes. Só ellas, até hoje, nos salvaram. Esteril, a nossa raça! Mas quando foi que a cultivámos? Quando e como? Abandonada a si propria, como um campo sugado de parasitas e coberto de brejos, ella tem demonstrado, ao contrario, unia potencia espantosa. No meio da sua desorientação, do seu desequilíbrio, da sua anarchia, um clarão de bom senso a tem salvado. Não é luz adquirida, é luz propria. E' um clarão ancestral, que ameaça apagar-se, mas que ainda agora mesmo bruxoleia através da crise espantosa por que passa a Europa.

Leibnitz sustenta, e muito bem, que com a educação se pode mudar a face de um povo em menos de um seculo. Gustavo Le Bon concorda, offerecendo duvidas apenas em relação ao prazo. Ora nós, que podíamos ter feito, como a Allemanha, como a Inglaterra, como a Suecia, a Noruega, a Dinamarca, a Belgica, a Suissa, como a propria França, embora esta fosse mais atrasada, essa obra admiravel, *deseducámo-nos*. Em vez de mudarmos o nosso aspecto pela obra potente da educação, mu-

dámo-lo pela obra deprimente da deseducação. Em vez de subirmos, descemos. Veio o tufão das idéas liberaes, veio o tufão dos progressos materiaes, e levou-nos. Levou-nos pelos ares.

Esta sociedade dá-me a impressão de um homem que perde o pé á beira do mar, e que, depois, sem saber nadar, desata, bracejando, a sacudir a agua, que lhe entra pela bocca, sem ver, no seu desvairamento, que quanto mais se agita mais agua bebe e mais rapidamente se afoga. Uns querem, como o Pimenta, que se faça tábua rasa do presente. Outros querem, como os demagogos, e estes em muito maior numero, que se faça tábua rasa do passado. D'estas duas forças negativas resultam tortulhos por todos os lados. Nós somos um mixto de pedantismo e estupidez, de pretensão e ignorancia. Desde a minha creada que me vem annunciar que me procura o sr. Bidé, em vez de dizer o sr. Videira, até o Pimenta *scientista* que aproveita a sua *sciencia* para prégar *ex-cathedra* contra a instrucção, isto é a alliança mais perfeita, que Deus creou, entre o pedantismo e a ignorancia. Um aborto. E salva-se!

Salva-se? Pois fulminem a raça á vontade. Quando um povo assim se salva, só o salvam as suas qualidades ancestraes.

Ao estar quasi concluido o que ahí fica,

recebi d'um dos nossos assignantes, que os seus escriptos por mais do que uma vez me teem revelado talentoso, a carta que em seguida se vae ler, e á qual responderemos na primeira ou na segunda das cartas que escrevermos. Talvez que na segunda, pois desejo concluir umas considerações ainda suspensas.

Mas muito bem fez o illustre signatario em trazer ao debate um subsidio importante.

24—Julho—916.

Ex.^{mo} Sr.

Felicito-o pela brilhante defesa da sua these em prol da instrucção popular — defesa fechada agora com chave de ouro na carta XVII onde faz uma recapitulação das precedentes, cheia de logica, de vigor e clareza. Essa questão tinha-a de ha muito estudado em bons auctores, mas confesso-lhe que não a encontrei melhor exposta sob o ponto de vista que V. Ex.^a se propoz esclarecer. Em relação ás mulheres, por exemplo, nem os enthusiasmos de Mgr. Dupanloup, apologista d'essa instrucção, me despertaram os meus, nem as ironias pungentes de José de Maistre e outros me inclinaram para o lado opposto.

O problema da generalisação da sciencia pareceu-me sempre, ccomo o da generalisação de

outras riquezas, isto é, demasiado complexo e espinhoso para se tractar ao correr da penna e se decidir com figuras de rhetorica. Que a instrução elemental é um bem commum acaba V. Ex.^a de o provar magistralmente, persuadindo-me ainda mais do que estava a respeito d'essa verdade. Mas por isso mesmo que V. Ex.^a tanto me interessou, desejava ouvil-o sobre o outro lado da questão, onde está o busilis.

Para maior clareza, deixemos a chamada instrução elemental que é mais o instrumento previo da instrução que propriamente instrução: ler, escrever e contar. A generalisação d'este instrumento ou meio educativo não pode ter outros antagonistas senão aquelles politicos de vistas curtas que julgam boa tactica para coarctar o mal impedir junctamente o bem, como se a diminuição do mal compensasse a perda correlativa do bem, ou este não pudesse compensar amplamente os males concomitantes devidos ao abuso que o homem faz do bem positivo.

Tambem ninguem póde achar o menor inconveniente a que se generalise a instrução technica, entendendo por esta palavra toda a instrução tendente a aperfeiçoar o homem na sua arte, officio ou profissão. Toda a difficuldade está em saber se é conveniente, e até que ponto, generalisar a instrução encyclopedica,

porque é essa afinal a tendencia moderna, como se vae accentuando cada vez mais desde a Instrucção primaria. De facto ninguem pensa em fornecer aos alumnos das classes primarias o instrumento da instrucção — ler, escrever e contar — para o terem ocioso, como traste de luxo para inglez ver. Mas é facil de comprehender que nenhuma instrucção solida encyclopedica se pode generalisar. Propagar, pois, esta instrucção entre toda a gente é o mesmo que propagar a meia-sciencia, a instrucção superficial de que pode duvidar-se se não será mais um derramamento de trevas do que de luz. Realmente uma instrucção assim é como um tenue luar que deturpa as realidades, cria fantasmas e transvia os peregrinos, roubando-lhes o bom senso que lhes conserva a escuridão, de se confiarem aguias experimentados.

Mas ha mais.

A natureza creando a desigualdade de aptidões e as intelligencias apoucadas teve em vista manter na sociedade o indispensavel exercito de escravos da lavoira e serviçaes de misteres vis. Derramar essa instrucção superficial é pois crear descontentes com a sua sorte, augmentar ainda mais as ambições populares, a lucta das classes inferiores contra as superiores, converter o exercito de honestos productores da riqueza em parasitas da sociedade,

impellindo esta para a catastrophe do socialismo.

E' um attentado contra a propria natureza que forçosamente se ha de pagar caro como todos os attentados d'esta ordem.

Mas, dir-se-ha, ninguem deve preoccupar-se agora com esses inconvenientes, visto não podermos oppor-nos á corrente avassaladora, sem nos integrarmos nella primeiramente.

Está bem, mas isso não é discutir a these, senão a hypothese, nem é olhar ao futuro, senão ao presente.

E' certo que ninguem pode por enquanto oppor-se á corrente estabelecida, sem perder ipso facto toda a influencia directiva da opinião e das forças sociaes. Mas a difficuldade está em saber como remar depois para traz, ou como canalizar a corrente em boa direcção.

Toda a cultura do homem segundo a sua capacidade é um bem e como tal não pode produzir maus effeitos. Se os produz é evidente que a causa está noutra parte. Onde? A meu vêr em se ter quebrado a harmonia de todas as faculdades e aspirações humanas que só pode encontrar-se na Religião. De facto o christianismo foi por muitos seculos o grande apostolo da instrucção popular e superior e só elle soube fazer o milagre de instruir o povo sem o prejudicar. Se hoje esse apostolado pas-

sou em grande parte para as mãos de seus inimigos deve-se á ineptia dos catholicos que não souberam conservar no mesmo grau de fervor esse apostolado.

E, se os inimigos da Igreja só produzem ruínas no manejo d'essa alavanca social é porque a empregaram na destruição da Religião unica força harmonisadora e reguladora de todas.

E' este o meu pensar.

Mas como o que eu desejo é ouvir a V. Ex.^a e não fazer-me ouvir, fico-me por aqui, pedindo-lhe desculpa do precioso tempo que lhe estou roubando.

Com a maxima consideração e respeito me subscrevo,

De V. Ex.^a, ven.^{or} e creado,

P.^e José Pinto.

bibRIA

XIX

Pimenta cita Von Bernhardi. Refuta-se Von Bernhardi e demonstra-se que Pimenta, citando-o, faltou á probidade literaria. Oppõe-se á opinião de Von Bernhardi a de Bismarck. E mais a de Gambetta, Freycinet e Von der Goltz. E ainda a do principe Kraft de Hohenlohe-Ingelfingen. E conclue-se que não foi em Von Bernhardi mas em Gustavo Le Bon que Pimenta bebeu a falsa idéa da caserna como elemento predominante de educação social.

No artigo *Instrucção e Educação*, publicado no *Dia*, de 16 de junho, dizia Pimenta:

Fallam-me na Allemanha—aquelles que não conhecem nada da instrucção na Allemanha, nem lêem nada do que se escreve na Allemanha. Suppõem que as *qualidades* do povo allemão lh'as deu a escola, primeiro, porque ignoram, que a raça germanica (inglezes, escandinavos, allemães de norte, dinamarquezes) tem uma alma absolutamente differente da alma da raça latina (francezes, portuguezes, hespanhoes, italianos), e que, portanto, uma e outra hão-de desempenhar differentemente funcções semelhantes. Em segundo logar, como vivem das phrases que ouvem, como um dia lhes disseram que Bismarck exclamara: «foi o mestre-escola allemão quem ganhou a batalha de Sadowa!»—logo ficaram entendendo para toda a vida que o mestre-escola era tudo, na Allemanha. Editado em francez, e prefaciado por Clemenceau, sahiu, em dezembro do anno passado, um livro muito interessante do general allemão Von Bernhardi, intitulado *O nosso futuro*. Para a missão politica e civilisadora que, no pen-

samento do auctor d'esse trabalho, a Allemanha tem a effectuar, ha três factores de que o Estado pode lançar mão: *a escola, a imprensa e o serviço militar obrigatorio* (pag. 33). Sobre a escola primaria allemã, o que pensa von Bernhardi?

«Elle o diz: «a nossa escola primaria é um organismo completamente enferrujado (não sei se ao termo francez *rouillé* corresponde, no original allemão, o termo *rostig*) e que já não serve de maneira alguma as exigencias do tempo».

«Von Bernhardi accusa-a de matar o sentimento religioso, de não curar o amor da patria e o sentimento dos deveres do cidadão, de não desenvolver o espirito de individualidade, de transformar o ensino colectivo em puro mecanismo, de impedir a affirmação de personalidade.

«A escola é má. A imprensa é má. A que se deve, então, o estado social da Allemanha? Apesar dos seus defeitos, da sua incompleta organização, von Bernhardi attribue a situação actual do povo allemão, ao serviço militar obrigatorio: «foi a introdução do serviço militar obrigatorio para todos que a Prussia deveu o seu levantamento, depois da queda profunda de 1806; foi com o exercito do serviço militar obrigatorio para todos que se ganharam as victorias de 1806 e 1870-71; foi o serviço militar obrigatorio universal, que fez do nosso povo o que elle é hoje e não o mestre-escola allemão». (pag. 38). Não é na escola, não, que se deve procurar a educação do povo portuguez: é na egreja e no quartel.

«A Egreja e o Exercito, eis os dois grandes factores da civilização social, que é presiso estimular, acarinhhar, proteger e fortificar. A Egreja dá ao homem principios de moral transcendental, absolutamente necessarios a quem não pôde crear-se principios proprios. O Exercito cria habitos de disciplina, ordem, sacrificio, que são indispensaveis n'um povo que queira progredir.

«Toda a gente no quartel, trez annos de permanencia pelo menos — e o meio ambiente portuguez começará a manifestar as modificações compativeis com o seu ethnismo. E depois, ensinem a lêr, a escrever — mas em vez de universidades livres, criem escolas technicas, premeiem as escolas technicas, cathegorisem a valer os diplomas das escolas technicas — para que o popular que sabe lêr fuja do pamphleto politico, corrosivo mortal, e busque a revista technica. Eu não quero que elle me leia a mim, não porque eu o desoriento, mas porque elle não pôde entender-me. E é por isso que eu digo sempre ao homem do povo que fuja da politica e que não seja politico, que deixe a politica a quem pôde e sabe estuda-la e trata-la.

«Em conclusão: eduquemos, primeiro; e instruamos, depois.

Ninguém sabe nada da Allemanha. Não o escreve só uma vez, nem n'um unico artigo. Escreve-o e repete-o sempre que fala da Allemanha. Ninguém sabe nada da Allemanha, fóra elle! Nem Bismarck! E não havemos de lhe chamar grotesco!

Nem Bismarck! Bismarck não passava de um asno! E foi como asno chapado que elle disse: Foi o mestre-escola allemão quem ganhou a batalha de Sadowa!

Por seu lado Gambeta, outro asno, exclamava ao proferir o discurso de 26 de junho de 1871, perante o comité republicano de Bordeaux: *Podemos affirmar, com provas na mão, que foi a inferioridade da nossa educação na-*

cional que nos levou á derrota. Fomos batidos por adversarios que tinham a seu lado a providencia, a disciplina e a sciencia; o que prova, em ultima analyse, que, mesmo nos conflictos de ordem material, a primeira força é a intelligencia.

Aquelle asno de Gambetta, de quem o General Von der Goltz escrevia no seu livro *Gambetta e seus exercitos*: «Pelo esforço de sua vontade, e graças a collaboradores como o sr. de Freycinet, Gambetta inflammou um paiz sem armas e já agonizante, tornando-o capaz de uma resistencia que deteve durante mezes os exercitos allemães; fomos, assim, obrigados a reconhecer a existencia de forças, cujo valor, sem essa experiencia, não poderíamos ter apreciado e ainda hoje não apreciamos com toda a exactidão... Bastaram-lhe algumas semanas para tirar do chaos um exercito bem equipados, com centenas de milhares de homens... Formou doze corpos de exercito, com perto de meio milhão de homens e 1400 bocas de fogo... Queria que a guerra fosse feita pelo elemento civil; era a nação em armas. Poucos homens o auxiliaram sinceramente, porque ninguém acreditava na possibilidade do exito. A maior parte dos cidadãos alistados nunca tinham sido soldados. Não obstante, Gambetta chegou onde queria. Se, o que Deus não per-

mitta, a nossa patria tiver um dia que soffrer um desastre egual ao de Sedan, oxalá que entre nós se levante um homem capaz de suscitar uma resistencia desesperada, tal qual Gambetta a pretendia».

Von der Goltz fala ahí em Freycinet como um collaborador illustre de Gambetta. Ora, no parecer de Freycinet, a causa primaria da derrota da França foi o *abandono da sciencia e do trabalho no seio do exercito*. Assim o diz a pags. 357 da sua obra *La Guerre en Province pendant le siège de Paris*. E accrescenta: «A nação deve levantar-se por si propria, se quer possuir um dia um exercito capaz de a defender e de lhe restituir o logar que lhe foi destinado no mundo. Não quero encarar todos os lados d'essa obra immensa e complexa; devo dizer, porem, que duas reformas se impõem immediatamente: a da instrucção militar propriamente dicta e a da instrucção popular. Essas duas reformas são inseparaveis e devem completar-se uma á outra. E' instruindo cidadãos que se preparam bons soldados; é formando soldados que teremos occasião d'instruir cidadãos. A instrucção deve estar na base e no cume do nosso exercito. Que não esqueça: nós fomos vencidos mais pelo saber do que pelo numero».

Tudo isto uma sucia d'asnos para o scien-

tista Pimenta, tão senhor da sua *omnisciencia* e da sua *genialidade* que conclue que não quer que o povo o leia porque o povo o não pode... entender! Pedantão grotesco.

Bismarck não sabia nada da Allemanha, nem Roon, nem Moltke, que tornaram obrigatorio o ensino das primeiras letras no exercito. Ignoramos o que escreveu Von Bernhardt, e confiamos muito pouco na probidade de Pimenta, que é d'aquelle genero *inuito português* de tratantes literarios capazes de todas as falsificações só para fazerem valer a sua *opinião*. A *Republica*, em polemica com Pimenta, accusou-o, sublinhando o seu pedantismo, que conseguiu tornar-se celebre n'este paiz de pedantes, de fazer citações em allemão sem saber uma palavra da lingua allemã. Parvo intellectualizado parece, porem, que já soletra no original, pois que, como verdadeiro aprendiz pedaço d'asno, nos diz, sem motivo nem proposito, só para que toda a gente fique sabendo que o pedaço d'asno conhece a lingua, que ignora se ao termo francez *rouillé* corresponde o termo allemão *rostig*. E' caso para perguntar: porque não leu então a obra de Von Bernhardt no original? Pois o pedaço d'asno, o maior pãosinho d'esta terra de pãesinhos, accusa os outros de *não lerem nada do que se escreve na Allemanha* e invoca uma obra em

francês para decidir um caso importante relativo á Allemanha?

Sempre parvo e grotesco.

Ignoramos, pois, o que escreveu Von Bernhardt. Mas, em primeiro lugar, a opinião de Von Bernhardt não pode supplantar a opinião de Bismarck, de Gambetta, de Freycinet, de tantos outros. Von Bernhardt tem auctoridade e é um homem de valor. Não tem mais auctoridade nem maior valor, porem, do que Roon, Moltke e Bismarck, os fundadores do imperio germanico. Em segundo lugar, nem mesmo em face das palavras attribuidas a Bernhardt pelo scientista Pimenta, se pode concluir que a escola não haja prestado, e não possa prestar, relevantissimos serviços á Allemanha. Pois que diz Bernhardt, segundo Pimenta? Que a escola primaria é um organismo *completamente enferrujado* e que já não serve de maneira alguma as exigencias do tempo. Ora o melhor aço se enferruja e se *já não serve, serviu*. Evidentemente. O que Bernhardt fará, creio, é criticar os defeitos da escola allemã, como o abbade Wetterlée e outros criticam vivamente. Achala-ha, talvez, deficiente, como a acharam sempre os grandes militares que collaboraram na fundação do imperio. Mas d'ahi até condemna-la vae distancia. E, seja como for, o facto **incontestavel**, a verdade **indiscutivel**, é que

os grandes officiaes, os grandes generaes, os vencedores da Austria e da França, os que fizeram do exercito allemão a mächina poderossissima que ha dois annos vem espantando o mundo, julgaram tão necessario, tão indispensavel que o soldado conhecesse as primeiras letras, que até elles, e d'isso se orgulhavam, se metteram a ensina-lo a ler e a escrever. Isto cerra a bocca, nem haverá n'esse ponto duas opiniões diversas, a todas as asneiras do Pimenta. (1)

(1) Não me enganava. Era justamente o que eu suppunha. O que o general allemão censurava não era a escola. Era a *deficiencia da escola*. Não tenho agora presente a edição franceza da obra de Bernhardi, edição de que transcrevi varios periodos na 3.^a serie das *Cartas de Longe*. Mas tenho presente a edição hespanhola, o que dá o mesmo resultado. Ora vejamos o que sobre o ponto debatido n'ella se contém:

Si es indispensable que todos los espiritus privilegiados de la nación se dediquen a esclarecer e iluminar a la opinion pública y a ennoblecer los sentimientos del país, también lo es que las grandes masas del pueblo estén en condiciones de recibir todos los bienes intelectuales que puedan prevenir y elevar a una nación.

Veja-se o que elle diz logo aqui sobre a *indispensavel necessidade* das grandes massas do povo estarem em *condições de receber todos os bens intellectuaes* que podem elevar uma nação.

Mas continuemos.

Bien des personnes s'imaginent qu'une fois son service de la matinée et de l'après-midi achevé, le lieutenant est maître de son temps quand il va dîner à quatre heures. Bien au contraire. A peine l'heure consacrée au repas a-t-elle pris fin, qu'il lui faut prendre le che-

El Estado cuenta con tres poderosos medios de acción para ejercer verdadera influencia en este sentido: la escuela, la Prensa y el servicio militar obligatorio. Desgraciadamente no son suficientemente utilizadas estas palancas en Alemania.

Nuestra escuela primaria es un organismo completamente enmohecido que no responde de ningún modo a las exigencias de los tiempos. Los reglamentos que establecen su funcionamiento datan de los años que siguieron a 1870 y adolecen de un mezquino espíritu confesional.

Esta escuela mata el sentimiento religioso por medio de una enseñanza puramente formalista, a la cual se consagra la mayor parte del tiempo escolar, pero que por sus exigencias sobrepasa en mucho a las facultades de las inteligencias infantiles; esto es, por consecuencia, una especie de estudio sin vida, capaz de secar por entero el alma de los niños. Además, en esos reglamentos no hay ningún artículo que indique que el amor y el sentimiento de la patria deben ser cultivados en la escuela. Ocurre también que los escolares no aprenden lo más mínimo referente a las obligaciones de los hombres con respecto al Estado a que pertenecen. No habiendo sido educados en el amor a la patria y en el sentimiento de los deberes del ciudadano, corren fácilmente el riesgo, desde el momento en que abandonan la escuela, desprovistos de instrucción y hasta de juicio, de ser víctimas propiciatorias de los agitadores de la Social-Democracia, que aspiran a degradarles y a borrar de sus corazones el sentimiento de la patria y de la religión, con una falta absoluta de conciencia. Por otra parte, esta escuela renuncia de un modo total a desarrollar el espíritu individualista, si no de un modo sistemático, al menos de hecho. Aunque pueda registrarse excepcionalmente el caso contrario, la escasez de maestros obliga generalmente a sobrecar-

min de la caserne pour la leçon de théorie professée par tel aux sous officiers, par tel aux soldats.

Cette instruction theorique ne comprend pas uniquement ce qui est militaire. On enseigne bien des choses aux hommes, qui leur seront d'un grand recours

gar las clases, a transformar la enseñanza colectiva en un puro mecanismo y a medir por el mismo rasero las aptitudes e inclinaciones de los niños y de las niñas. Este método de enseñanza impide la formación de la personalidad, cuando la misión principal de la escuela debe tender precisamente a desarrollarla.

Aquí se impone, de un modo innegable, una reforma urgente. Es preciso que la enseñanza religiosa se oriente más cada día hacia una educación de los corazones; es preciso que el estudio de la moral ocupe el primer plano y que la enseñanza dogmática quede relegada a lo estricto. A la enseñanza de la historia de la nación debe atribuirse la importancia capital que merece, y los niños deben ser instruidos a fondo en todo lo referente a los deberes que tienen que cumplir con el Estado y la patria. El aumento del número de maestros debe ser proporcional a la cifra de los alumnos que tengan que ser admitidos en cada clase, con el fin de que la enseñanza colectiva mecánica deje sitio, de una manera progresiva y en medida creciente, a la enseñanza individual. No es necesario demostrar que la formación de los maestros en las Normales debe ser reformada conforme al acrecentamiento de las necesidades de la enseñanza. Nunca se insistirá lo bastante sobre la importancia de esta reforma, que es una de las obras más esenciales de nuestra cultura. La fundación y la generalización tan rápida como sea posible de nuevas escuelas dedicadas a la enseñanza de los jóvenes que se dediquen al comercio, es de la mayor importancia. La influencia de la escuela deja de sentirse precisamente en la edad de la vida en que la personalidad comienza a desarrollarse. No nos hemos preocupado de crear un poder que se oponga a la fuerza de la tentación y al influjo de los perversos elementos sociales, que conducen

une fois qu'ils seront rendus à la vie civile, et le petit nombre de recrues qui nous arrivent illettrées apprennent à lire et à écrire pendant leur temps de service.

Il en est même qui, pendant les années qu'ils passent

al salvajismo y a la desmoralización de la juventud. En este punto, falta, en primer término, que las escuelas de perfeccionamiento de la juventud (escuelas comerciales) aporten su ayuda; pero las sociedades de jóvenes alemanes, tales como las que se fundan actualmente por iniciativa y bajo la dirección de las autoridades militares, pueden ejercer también una acción saludable al agrupar a los adultos que abandonaron la escuela, para que se dediquen a juegos de positiva utilidad para el cuerpo y el espíritu y sustraerles a las malas compañías en sus horas de esparcimiento.

Mas si la educación de la juventud debe sentar bases sólidas para la cultura del carácter y del espíritu, no basta por si sola para proteger de una manera duradera a la gran masa de la población contra las influencias perniciosas de la vida. Faltan además, que la Prensa prosiga la misión de la escuela para los que ya la abandonaron definitivamente.

La influencia de la Presse no se estima todavía, en muchos aspectos, en todo su justo valor. La Prensa constituye casi únicamente el alimento intelectual de las clases obreras: que aspiran a vivir en un centro más o menos cultivado. Por consecuencia, ejerce una acción muy importante sobre la opinión pública y ella es la fuente principal de la formación de las ideas. Esta fuerza poderosa es la que el Estado abandona, con una apatía y una indiferencia completas, a los partidos y a los intereses privados y, sobre todo, al capitalismo organizado, que se apresta a ponerla a su servicio en mayor escala cada día. Es, pues, evidente, que la Prensa representa casi exclusivamente pensamientos e intereses particulares, por cuya razón el bien de la colectividad (hasta en los momentos en que se trabaja por él, con toda lealtad) es juzgado siempre desde un punto de vista de conveniencia de partido. En cuanto

à l'armée, apprennent plus qu'ils n'ont appris durant le temps passé sur les bancs de l'école. Je me souviens qu'étant lieutenant j'ai eu affaire à un jeune soldat très bien doué, il est vrai, mais dépourvu de toute connaissance littéraire et scientifique. Je lui appris à

al mismo gobierno, que por su condición esencial, sólo debe inspirarse en bien del interés público, ocurre que apenas si ejerce por medio de la Prensa una influencia mínima y fugaz sobre la formación del espíritu y de las ideas, por lo que arriesga, a causa de su impotencia, su propio honor. Si el gobierno contara con poderosos órganos de opinión, cosa urgente y necesaria, podría explicar sus opiniones entre las grandes masas populares principalmente, extendiendo así el radio de su influencia sobre las ideas y los sentimientos de las clases inferiores de la nación, incapaces de tener un juicio independiente. Qué no hace la Social-Democracia para ganar la adhesión a sus ideas de la juventud y atraerse el apoyo de las clases más numerosas de la nación! Y no obstante, el gobierno renuncia a este poderoso medio de esclarecer la conciencia del país, porque la prensa oficial y semi-oficial apenas alcanza una escasa circulación y solo goza en la actualidad de un prestigio muy dudoso.

Este desconocimiento de la importancia de la Prensa se demuestra también en la falta de difusión de las noticias de carácter internacional. El gobierno alemán no tiene, por así decirlo, ningún ascendiente sobre la prensa internacional, sometida en gran parte al control de Inglaterra y que procede en el mundo entero con un sentido francamente germanófilo. Este lastimoso estado de cosas ha sido reconocido, desde hace mucho tiempo, en todo el extranjero, incluso por nuestros representantes oficiales, y a pesar de lo mucho que perjudica nuestros intereses, aún no ha sido posible, hasta el presente, operar en ello ningún cambio de conducta. Sin embargo, el que desconozca en nuestros días el gran poder de la Prensa, revela solamente que no comprende el espíritu ni el carácter de los tiempos modernos y que renuncia voluntariamente a

lire, à écrire et à calculer; il passa sous officier et plus tard ce fut un très bon officier comptable.

Quem escreveu isto foi um dos maiores nomes da Alemanha e um dos mais ilustres mi-

uno de los más ventajosos recursos de política mundial. Poner la Prensa al servicio de nuestra política y de nuestra civilización, debe ser una de las tareas esenciales del gobierno imperial. Con algunos millones pueden hacerse en esto grandes cosas. Se podría elevar el prestigio de la cultura alemana en el mundo de un modo sensible y contrarrestar los efectos de las informaciones sometidas a la influencia inglesa y, por lo tanto, hostiles a Alemania. La situación de nuestro comercio mundial podría mejorarse igualmente por el intermediario de la Prensa. Al mismo tiempo, podría ejercerse una influencia saludable en beneficio de nuestro desarrollo interior si se consiguiera, por cualquier medio, propagar eficazmente entre las masas populares un diario cuya tendencia y orientación se inspirara en el interés colectivo del Estado.

Mas si la escuela y la Prensa son dos factores poderosos para la educación nacional, el servicio militar obligatorio es tal vez la palanca más fuerte para proceder a la formación del carácter y del espíritu, a condición, claro está, de que el conjunto del pueblo participe realmente de la obra defensiva, según el espíritu que ha presidido su creación. El servicio militar no sólo tiene un gran valor en lo que se relaciona con la preparación directa para la guerra, sino también, sobre todo, como elemento precioso de civilización. Subordinando a cada individuo al servicio inmediato de la comunidad, se contribuye a elevar y reforzar el sentimiento del Estado, porque así se enseña al hombre a hacer esfuerzos físicos e intelectuales y se le da el sentido del orden, de la disciplina y el espíritu de decisión. Por medio del servicio militar se fortifica y se temple al hombre preparándole para la lucha por la existencia, al par que la instrucción que recibe estimula su inteligencia y desarrolla en él [ay], por primera y única vez, fre-

litares da epocha gloriosa da creação do império. Foi o príncipe Kraft de Hohenlohe-Ingelfingen.

Eis outro que não sabe nada da Allemanha!

cuentemente, el sentimiento de patria y el espíritu de sacrificio. A la implantación del servicio militar obligatorio para todos, es a lo que deve Prusia su salvación después de la caída mortal de 1806; gracias al servicio militar obligatorio para todos, fueron ganadas las victorias de 1866 y de 1870-71; el servicio militar obligatorio universal ha hecho de nuestro pueblo lo que es hoy, y no el maestro de escuela alemán que, desgraciadamente, en lo que concierne a la educación nacional en sí, se ha mostrado inferior a su misión en todos los tiempos. Nosotros no debemos desconocer el valor de esta poderosa influencia moral. No tenemos derecho a dejar que quede reducido a una simple frase ese servicio militar obligatorio, que ha labrado nuestra grandeza, como viene ocurriendo hoy, porque el pueblo alemán, que en otros tiempos ponía al servicio del ejército una gran parte de su población, no quiere ya sostener a un tal ejército, aunque haya llegado a ser mucho más rico. Al presente se está muy lejos de hacer ingresar en el ejército a todos los hombres válidos para empunar las armas; de los jóvenes que habitan en las grandes capitales sólo es llamada a filas una mínima parte, formada, precisamente, por los que podrían ejercer una acción eminentemente provechosa.

Considero, pues, como una de las misiones más civilizadoras del Estado, el hacer el servicio militar accesible a mayor número posible de miembros de la nación, el imponer efectivamente la obligación del servicio militar universal y el engrandecer el ejército por consecuencia. Esta reivindicación es tanto más legítima ahora cuando aún no hemos puesto en la balanza de la política mundial el peso de los 66 millones de habitantes de nuestro pueblo, que continúa acrecentándose, ni hemos utilizado enteramente sus fuerzas militares.

O Pimenta irrita-me, ás vezes. Mas devia-me fazer rir *sempre*. Pois não passa de uma comica creatura!

Seguindo o exemplo de tão illustre philo-

O que se vê d'aqui ? Vê-se que corriam parêlhas em Alfredo Pimenta a ignorancia e a falta de probidade litteraria. Tão somente. Von Bernhardt limitava-se a *criticar* a escola primaria, que, na sua opinião, *não satisfazia*. Limitava-se a apontar-lhe *os defeitos*, graves, em seu parecer. Mas d'ahi até a *condemnação absoluta* que Pimenta insinuava, vae uma distancia immensa. Elle não a condemnava. *Elle queria-a melhor. Aqui se impõe, de un modo innegable, una reforma urgente.* Elle não sustentava *que não valia a pena instruir o povo*, ou que o povo allemão, que tambem achava mal educado pelos *demagogos*, que tambem corria perigo lendo *aquella imprensa*, tinha, para essa educação e em face d'essa imprensa, *instrução demais*. Não, ao contrario. Para elle *os três poderosos meios d'influencia e acção do Estado eram a Escola, a imprensa e o serviço militar obrigatorio.*

Decididamente, os Zés Caldas e os Alfredos Pimentas só se encontram em Portugal !

Quanto a Von Bernhardt dizer que a Prussia não deveu as suas victorias ao mestre-escola mas ao serviço militar obrigatorio, é uma opinião como outra qualquer. Porem auctoridade por auctoridade eu prefiro, e toda a gente, a auctoridade de Bismarck, que era d'opinião oposta. Pois de que valeria o serviço militar obrigatorio só por si sem a magnifica preparação intellectual do cidadão ? Pois quem levantou o espirito publico depois de Iena, quem foi a pedra angular do resurgimento patriotico

logo, magno polyglotta e scientista *magnissimo*, foi da edição francesa *Lettres sur l'infanterie* (pags. 74 a 76) que transcrevemos as linhas que ahí ficam. Mas o grande polyglotta e sabio philologo pode lê-las em allemão, e nós lhe garantimos que não encontrará differença.

Ora que diz mais esse, que *nada conhece da instrucção na Allemanha nem lê nada do que se escreve na Allemanha*? Diz que muitas pessoas imaginam que o tenente, ou imaginavam referindo-nos ao tempo passado, ficava livre de todas as obrigações do serviço quando, ás 4 horas da tarde, ia jantar. Mas que era um engano, por isso que regressava ao quartel decorrido o tempo estrictamente necessario para comer, a fim de ministrar instrucção theorica a sargentos e soldados. Que essa instrucção theorica *não comprehendia unica-*

senão os intellectuaes e as Universidades em todo o territorio allemão? Ninguém o ignora. Von Bernhardi preocupa-se muito com a *Social Democracia*. Mas a Social Democracia só muito depois de 1870 conseguiu ser uma força poderosa. O que se vê é que o general allemão soffre do mesmo espirito de seita que censura nos contrarios.

E não esquecer nunca que o exercito, o proprio Von Bernhardi o confessa, era, por seu turno, *uma escola*. Bem diverso do que foi sempre o exercito em Portugal (*nota d'esta edição*).

mente o que era militar, mas muitas coisas mais que seriam para os homens, desde que regressassem á vida civil, *de grande utilidade*. E que os recrutas que entravam analphabetos no quartel sabiam de lá sabendo ler, escrever e contar. Depois refere, com manifesto prazer moral, e mesmo um certo orgulho, que elle proprio, principe, exerceu esse papel de mestre-escola, por signal que ensinou, entre outros, um rapaz, desprovido de todos os conhecimentos literarios e scientificos, de todo em todo analphabeto, mas tão intelligente que chegou mais tarde a ser um optimo official de administração militar.

Não foi em Bernhardi que Pimenta bebeu a idéa da caserna como elemento predominante d'educação social. Gustavo Le Bon sustenta ha muitos annos esse principio em varias das suas obras. Na *Psychologie de l'Education*, já citada, pergunta elle: *Existe-t-il un moyen de faire des hommes de cette armée de bacheliers et de licenciés impuissants, ridicules et nuls, que l'Universite nous fabrique?*

Existe um meio, traducção á letra, de fazer homens d'esse exercito de bachareis e de licenciados impotentes, ridiculos e nullos, que a Universidade fabrica?

Poucas linhas adeante responde affirmativamente, e de um modo absoluto. Não só existe

esse meio, mas até não ha, para elle, *senão um meio*. E', durante dois annos, o serviço militar obrigatorio. O exercito, accrescenta, os transformaria rapidamente, porque só elle é, ou pode ser, um centro educador por excellencia.

Or ce moyen existe et il n'en existe qu'un seul. Il consisterait à obliger la totalité de nos bacheliers et licenciés, sans aucune exception, à faire deux ans de service militaire. L'armée les transformerait rapidement car elle est, ou au moins pourrait être, un centre éducateur par excellence. Elle peut devenir l'agent efficace du perfectionnement et du relèvement de la race française, dégradée par l' Université. D'éminents officiers, tels que les généraux Bonnal et Gallieni, ont démontré expérimentalement de quel développement physique et moral est susceptible le soldat bien commandé.

Mas não ha duvida nenhuma. Simplesmente, o exercito só realiza esse milagre *quando for uma escola*. Isto é, quando for o contrario do que supõe e pretende Pimenta no seu bestunto idiota.

XX

O que diz Jules Huret sobre os maus tratos no exercito allemão. Absurdo criterio de Gustavo Le Bon, pois nunca um exercito tão formidavel como o exercito allemão poderia ser constituido e educado á força de chicote. A' pancada nem os pretos se educam e moralizam, quanto mais o civilizado povo allemão. Nem os irracionais, como se demonstra com exemplos, quanto mais os homens. O exercito só é um factor de civilização quando fôr uma escola de civismo a par de uma escola militar. Comprovo-o com a minha propria acção dentro da caserna em Portugal.

Escreve Jules Huret no livro já citado,
L'Allemagne Moderne :

A propos des mauvais traitements dans l'armée, voici les notes que je rapporte :

«Croyez-moi, me dit le capitaine d'un régiment en garnison à Cologne, presque tout ce que l'on raconte à ce sujet est faux. La légende vit du passé. Les mœurs brutales d'autrefois ont disparu. Les règlements sont si stricts à cet égard que le fait de lever la main sur un soldat ou de le secouer seulement par le poignet est déjà grave. Il n'est pas vrai que le soldat haïsse son supérieur».

Comme je citais le cas de ce capitaine tué autrefois par un troupier, il me dit :

«Ceci est un fait exceptionnel. Le capitaine était un brute qui avait passé par tous les régiments et que l'on maintenait dans l'armée pour services rendus par son

père. En général, au contraire, le capitaine est le père de ses soldats, un père distant et autoritaire, certes, qui doit garder son prestige, mais qui veille sur eux avec sollicitude. Un soldat marié (le cas est rare, mais un jeune homme se marie quelquefois avant d'entrer au régiment, pensant ainsi échapper au service), vient me trouver pour me demander conseil: Doit-il divorcer ou non? Il faut que je l'interroge comme un confesseur. Un autre a fait quelque fredaine en permission. A son retour, il vient me la raconter. La justice a-t-elle à s'occuper de l'affaire? Le capitaine prévenu, grâce à la confiance de son subalterne, peut ainsi aider à la régler,—et c'est une bonne note pour lui.

Si l'affaire en question arrivait devant l'autorité militaire sans que le capitaine en ait déjà connaissance, l'étonnement du colonel et du général serait grand et l'officier un peu responsable».

On exige donc un rapprochement constant entre le capitaine et ses hommes. Il doit connaître individuellement les cent vingt-cinq soldats de la compagnie, savoir leurs noms, l'histoire de leurs familles, où ils sont nés, combien ils ont de frères et de sœurs, etc. Il fait venir ses hommes de temps en temps à son bureau, leur parle, ou bien il profite des visites, des exercices de tir, des revues faites à la caserne pour examiner la tenue du fournement, les entretenir de leurs petites affaires personnelles ou de famille. L'hiver ont lieu des cours et des conférences.

Le capitaine est jugé par ses supérieurs suivant l'influence qu'il a sur ses hommes. Ainsi, dernièrement, trois soldats appelés à témoigner en justice se parjurèrent et furent condamnés pour faux serment. Leur capitaine fut aussitôt mis à la retraite. Ceci n'est-il pas fait pour donner aux officiers une haute idée de leur responsabilité?

Isto confirma *absolutamente* o que dissémos na 5.^a carta.

Mas traduzamos primeiro, para os leitores que não conhecem a lingua francêsa.

Sobre maus tratos no exercito, eis as notas que tomei.

«Creia, dizia-me o capitão d'um dos regimentos da guarnição de Colônia, que quasi tudo o que se diz a esse respeito é falso. A lenda vive do passado. Os costumes brutaes d'outr'ora desapareceram. Os regimentos são tão estrictos a esse respeito que o facto de levantar a mão para um soldado, ou de o sacudir pelo pulso só que seja, já é grave. Não é verdade que o soldado deteste o seu superior.»

Como eu citasse o caso de um capitão morto em tempo por um soldado, replicou-me :

«Isso é um facto excepcional. O capitão era um bruto que tinha percorrido todos os regimentos e que só era mantido no exercito em attenção aos serviços prestados por seu pae. Pelo contrario, o capitão é em geral o pae dos seus soldados, um pae que conserva as distancias, é certo, e auctoritario, para não perder o prestigio, mas velando por elles com solicitude. Um soldado casado (caso raro, mas o mancebo casa-se ás vezes antes de entrar no regimento, pensando que d'essa forma escapa ao serviço), vem-me procurar para me pedir conselho sobre se sim ou não se deve divorciar. E' preciso que eu o interrogue como um confessor. Um outro pratica qualquer tolice propria da idade enquanto está de licença. No regresso vem-m'a contar. E' caso que mette justiça ? O capitão, prevenido graças ao seu subordinado, pode assim ajudar a regula-lo, o que lhe vale boas referencias. Se o caso, porcm, chega ao conhecimento da auctoridade militar sem que o capitão o saiba, grande é o espanto do coronel e do general e o capitão soffre com isso».

Exige-se, pois, uma aproximação constante entre o capitão e os seus homens, que deve conhecer individualmente os cento e vinte e cinco soldados da companhia, saber-lhes os nomes, a historia de familia, onde nasceram, quantos irmãos e irmãs tem, etc. De tempos a tempos manda-os chamar ao seu gabinete, e fala-lhes, ou então aproveita as visitas, os exercicios de tiro, as revistas na caserna para lhes falar nos seus negocios pessoais e na familia. De inverno, ha cursos e conferencias.

O capitão é julgado pelos seus superiores segundo a influencia que tem sobre os seus homens. Assim, ultimamente, três soldados, chamados a depor no tribunal, juraram falso e condemnaram-nos como perjuros. O seu capitão foi immediatamente reformado. Não ficam d'esta forma os officiaes com uma alta idéa da sua responsabilidade ?

Isto confirma absolutamente o que dissémos na 5.^a carta.

Gustavo Le Bon escreve nos *Enseignements Psychologiques de la Guerre Européenne* :

Toute l'éducation allemande à la caserne est fondée sur la crainte...

L'emploi du bâton et du fouet est toujours resté classique dans l'armée prussienne. Le chevalier de Lang, assistant au congrès de Rastadt, écrivait il y a un siècle :

«Tous les matins j'étais réveillé par le bruit des coups de fouet que les officiers du régiment de Baden donnaient quotidiennement à leurs hommes».

Malgré les réclamations répétées des centaines de fois dans les journaux allemands, la rigueur de ce régime n'a pas diminué. Après l'unification, il fut étendu à tous les soldats placés sous la direction de la Prusse et leur

est appliqué avec vigueur et fréquence. C'est à force de coups de fouet que les jeunes Allemands passant par la caserne conçoivent la nécessité des principes d'ordre, de discipline, de régularité et de respect des supérieurs. A la moindre infraction, ils sont roués de coups. Pareille méthode inculque très vite au soldat une profonde déférence pour ses maîtres.

Na carta V deixei eu já a traducção e os commentarios. E ahi disse que a concepção d'este exercito era absurda, como posteriormente, e ainda hoje com as palavras de Jules Huret, o demonstrei. Não quero dizer com isto que não haja brutalidades no exercito allemão. O proprio Jules Huret as regista no seguimento da sua obra attribuindo-as em particular aos sargentos. Mas a-ratione se vê que um exercito tão formidavel como o exercito allemão não poderia ser constituido e educado á *força de chicote*. A' pancada nem os pretos se educam e moralizam, quanto mais o civilizadisimo povo allemão. A pancada, e demais a mais a pancada brutal como a descreve Gustavo Le Bon, nunca civilizou nem moralizou ninguem. Nem os irracionais se educam com ella, quanto mais os homens! Tratem á pancada um cavallo, um boi, um cão, um gato, um passaro, e logo os veem reagir, tornando-se rancorosos, vingativos, maus, espantadiços e ferozes. Uma das observações interessantes que se fazem nos

paizes civilizados estrangeiros é a differença entre o *humor* dos animaes n'esses paizes e o *humor* dos animaes em Portugal. Lá fóra são doces, mansos, *ternos*, comparados com os nossos. Teem outra attitude e outro olhar. Em Paris, em Veneza, em Londres, em Berlim, em muitas outras cidades, até os pardaes e os pombos nos veem poisar sobre a cabeça e os hombros, quando lhes atiramos migalhitas de pão nos grandes parques. Um dos mais bellos espectaculos de Paris, que reúne ás vezes milhares de pessoas a presencê-lo, é o dos *aman-tes* das aves, nas Tulherias, Campos Elysios, Parque Monceau, Luxemburgo, etc., conversando com os passaritos, chamando-os, dando-lhes pão, e elles correndo aos centenaes, mansos, doces, ternos, a poisar-lhes na cabeça, nas mãos, nos hombros, e acariciando-os, e agradecendo-lhes, com o seu chilrear encantador. Até o cantar é menos forte e menos aspero do que entre nós. Aqui e na Hespanha berram os homens e berram os pardaes, passaro por excellencia das cidades. Os pardaes, que nos olham com olhar duro, e que batem as azas com precipitação e ruído, o ruído do medo, fugindo espavoridos, á approximação do homem. Em Paris é rara a carroça de lavadeira que passa sem um cão. E o cão vae em cima ladrando alegremente, voltado para o publico,

de rabo erguido, de olhar terno e alegre, attitude de satisfação, de cumprimento, de *fraternidade*, de *solidariedade*, olhar e ladro tão intelligentes e significativos que, bandidos e bestas á parte, se podem dizer... quasi humanos.

Paris está pejada de cães de todas as formas e feitios, de todas as proveniencias e raças. Cães de francêses e cães d'extrangeiros, pois os extrangeiros abundam alli aos centos de milhares. Paris é a cidade favorita do mundo, como se sabe. Alli acode, em chusma, gente, e sobretudo gente rica, de todo o orbe. E muita d'essa gente é seguida de canzoada. Ninguém pensa em acautelar as canelas, devendo-se notar que os cães andam sem açamo. Nem nós pensamos em nos defender d'elles, nem elles, cães, pensam em se defender de nós. Admiravel exemplo de respeito mutuo, do homem para com o irracional e do irracional para com o homem. O que produz a civilização! Em Portugal e em Hespanha, o encontro entre o cão e o homem é sempre... um drama. Tratam-se um ao outro como fêras. O cão, se é humilde, mette o rabo entre as pernas e, mesmo sem lhe baterem, ou fazerem gesto de lhe bater, encosta-se ás paredes e foge, ganindo, aterrado. Se é corajoso, mede o perigo, preparando-se para um *mau passo*. Isto, longe

de casa. Ao pé da porta arremettem, o humilde e o valente, furiosos, raivosos, olhos injectados de sangue, dentuça terrivelmente arreganhada, como quem tira de offensas recebidas desforço e represalia. E que offensas, na verdade! A selvajaria com que gatos e cães inoffensivos são corridos á pedrada e á paulada, façam ou não façam mal, só n'este paiz de onagros.

Basta essa affirmacão categorica, feita por Gustavo Le Bon, de que toda a educação militar allemã é fundada no medo, de que é á força de chicote que o germano, mais baixo, assim, do que o preto e o irracional, concebe a necessidade dos principios d'ordem, de disciplina, de regularidade e respeito dos superiores, para mostrar os exaggeros de que, aliás tantas vezes, soffre esse homem. A dureza e a brutalidade perdoam-se e soffrem-se ás vezes. Nem sempre. Mesmo raras vezes. Mas ainda n'esses casos, só quando as sobrepujam grandes qualidades. Para que o allemão civilizado, e com o serviço militar obrigatorio, que reúne nas casernas tanto homem rico e com illustração, tolerasse o rigor do regimen militar do seu paiz, era preciso que esse regimen compensasse em *fructos immediatos*, d'alcance e valor social e educativo, que não só pura e exclusivamente militar, o *chicote*. Que apagasse,

com inegualavel brilho, as marcas d'esse instrumento d'escravidão e opprobio. E só assim este poderia subsistir, que não subsistiu, pelo menos arvorado em regra e symbolo como pretende Le Bon, tantos annos. E' tamanha a falta de criterio do *intellectual* Pimenta que nem lhe occorreu esta observação elementar.

O exercito é um grande factor de civilização, sem duvida. Mas quando for uma escola de cultura geral e de civismo, a par de uma escola militar. Essa concepção só a teve um homem n'este paiz. Fui eu. Não me consta, porem, que Pimenta applaudisse a minha obra. Pimenta só me viu, então, para me censurar. Pelo crime de eu atacar vivamente a baixeza moral e intellectual dos que se diziam n'essa epocha seus correligionarios.

No relatorio da inspecção extraordinaria feita por um general de divisão ao regimento de infantaria n.º 14, relatorio de que já transcrevi alguns periodos n'uma das cartas anteriores, dizia mais o general, dirigindo-se ao ministro da guerra:

Pelo que diz respeito á instrucção dos cabos e soldados devo especializar a companhia do commando do capitão Francisco Manuel Homem Christo, na qual uns e outros, sendo interrogados pelo seu capitão, responderam de uma maneira tão satisfactoria na multiplicidade de conhecimentos, que o nosso soldado hoje deve

ter, que fiquei surprehendido como em tão pouco tempo tanto se consegue accrescentando ainda que todos os soldados d'esta companhia quando finalizaram a sua instrucção da recruta, sabiam lêr, escrever e as quatro operações decimaes.

Torna-se pois digno de louvor o muito trabalho, a muita força de vontade e a persistencia inabalavel que o capitão Christo manifestou na instrucção ministrada á sua companhia.

Em officio dirigido ao director geral do ministerio da guerra, dizia ainda o mesmo general :

Para serem presentes a Sua Ex.^a o Ministro da Guerra, passo ás mãos de V. Ex.^a dois relatorios concernentes á instrucção literaria, ministrada, pelo methodo João de Deus, á 1.^a companhia do 2.^o batalhão do regimento de infantaria n.^o 14, e uma copia da nota do commandante da 4.^a brigada de infantaria em que propõe que seja elogiado o commandante da referida companhia, capitão Francisco Manuel Honiém Christo pela iniciativa, zelo, aptidão e tenacidade de que deu manifestas provas durante essa instrucção por elle ministrada. Com effeito, pela leitura do relatorio da comissão nomeada para apreciar os resultados de semelhante instrucção, vê-se que elles foram excellentes; e pelo relatorio do indicado capitão fica-se convencido que elle foi um luctador incansavel para fazer vingar uma idéa de que ha muito se acha possvido, qual é a de fazer implantar nos corpos a instrucção literaria por companhias em lugar da aula regimental, medida que julga de grande vantagem para attenuar a enormidade de analphabetos que ha no nosso paiz. Assim julgo de toda a justiça que elle seja elogiado em ordem do exercito e que lhe seja permittido

publicar os relatorios como solicita, rogando a V. Ex.^a, no caso d'isso lhe ser concedido, se digne devolver-m'os.

Eu não trago isto a lume, já n'outro dia o disse, para satisfazer a minha vaidade.

Nem é coisa para envaiadar. Apenas pretendo deixar provado com documentos officiaes, e bem provado, que a instrucção civica e litteraria não só não prejudicava a instrucção militar mas até notavelmente a auxiliava.

Uma vez, estando eu já em Coimbra, appareceu-me no quartel de infantaria 23 o visconde de Monte São. Conhecia-o de nome, como muita gente, mas nunca lhe tinha falado. O visconde de Monte São era ao tempo general e par do reino. Pertencia á arma de artilharia e havia sido nosso addido militar em Berlim e n'outras capitaes. Ouvira falar nas minhas experiencias e queria ver de perto o resultado. Desejava, sobretudo, averiguar se com a instrucção litteraria não teria soffrido a instrucção militar. Viu e ficou admirado. Tanto, que depois de expressar ao coronel do regimento, em termos calorosos, a sua admiração, foi fazer sobre o caso um discurso na camara dos pares.

Eu não fazia mais do que seguir o exemplo da Allemanha. E, d'esse modo, é claro que o exercito seria um grande, um poderoso factor de civilização social.

Eu era tambem severo. Muito severo. Com-tudo, e n'este ponto insisto, ainda hoje os cabos e soldados que ensinei a ler, escrever e contar, ou a quem completei a pobre e deficiente instrucção que levavam das escolas, me votam amizade. Ha dias recebi de S. Paulo, Brasil, uma gazeta, *O Estado de S. Paulo*, com um artigo marcado a lapis, interessante, sobre Portugal. Por signal que aggressivo para nós, portuguezes, e devido á penna d'um tal sr. João Ribeiro, que julgo ser um dos grammaticos a quem o sr. Candido de Figueiredo elogia á farta. Quem me mandava a gazeta? Um dos antigos cabos da minha companhia. Elle lá o indicava! Vejam se me perdeu de vista e se em espirito me não acompanha n'esta labuta constante a favor da nossa patria.

Hoje, dia em que estou traçando estas linhas, recebi outro exemplar da gazeta. Abri. E n'ella encontrei um artigo do sr. Alberto de Oliveira, nosso consul geral no Brasil, em resposta ao outro do sr. João Ribeiro.

Todos os soldados me esqueceram. E com tantos, durante trinta annos, eu lidei! Todos. Menos aquelles a quem prestei o serviço de os arrancar á ignorancia profunda em que vegetavam. D'elles recebo noticias, directas ou indirectas, a cada passo. E sempre com a nota amavel da gratidão dos pobres homens.

Se era, o exercito, se pode ser, um grande e poderoso factor de civilização social! Se a minha idéa tem vingado, até se tinha convertido n'um grande factor de *disciplina militar*. Eu disse-o muitas vezes. Escrevi-o sem cessar. Fartei-me de repetir: «Está quebrada a solidariedade entre o official e o soldado. Querem restabelece-la? O official perdeu toda a influencia moral sobre o soldado. Querem resuscita-la? Só ha um meio: é este. Este, mais do que nenhum outro, aproxima o official do soldado. Este, mais do que nenhum outro, mostra ao soldado a *utilidade* do seu official. Este, mais do que nenhum outro, estabelece entre os dois grandes laços de amizade».

Ah, sim. O exercito, d'esse modo, não seria só um grande, um poderoso factor de civilização social, seria, tambem, um grande factor de *disciplina militar*. Não se riam do *paradoxo*. O exercito, tal qual eu o conheci, era um grande factor de *indisciplina militar*. D'indisciplina militar e social. De desorganização e de desmoralização.

Pimenta sabe lá o que diz, o parvo intellectualizado! E' capaz de me dizer, tambem a mim, que não sei nada do exercito. Eu, que passei perto de trinta annos na caserna! Se elle, que nunca esteve na Allemanha, sabe tudo da Allemanha, e os outros, que lá nas-

ceram e viveram, não sabem nada! Não sabe nada Jules Huret, não sabe nada Victor Cambon, não sabe nada o abbade de Wetterlé, não sabe nada o principe de Hohenlohe, não sabe nada o proprio Bismarck. Quem sabe é elle, o grande pedaço d'asno!

Três annos no quartel, diz, e o meio ambiente português começará a manifestar as modificações compativeis com o seu ethnismo. Palavrões, de que nem elle proprio sabe o significado! De que vale estar mettido no quartel três ou dez annos, se o quartel for um fóco de desmoralização? E' peor. De que vale o chicote? De que vale o rigor exaggerado, se acima d'elle e antes d'elle não estiver o exemplo da dedicação e do trabalho? Já tivemos coisa mais grave do que o chicote. Tivemos o potro e a varada. Pois que leia o imbecil a historia do exercito português e verá o que elle era com os soldados velhos e assim tão terrivelmente castigados.

Entre outros, Latino Coelho diz coisas interessantissimas, no volume terceiro da sua *Historia Militar e Politica de Portugal*. Attendam a esta passagem, que é quanto basta:

Todos os testemunhos são conformes em attestar que nos ultimos annos do reinado de D. José o exercito havia quasi retrocedido ao estado, em que jazera em tempos do seu predecessor. A tal extremo havia chegado

a indisciplina e dissolução dos vinculos militares, que em 1772 o marquez de Pombal se viu forçado a cominar a pena ultima e a privação do foro privativo contra os soldados que, reunidos em grossas partidas, ou-savam em Lisboa resistir com as armas na mão ás just-iças, quando intentavam cohibir os contrabandos.

Pimenta sabe lá o que diz, o parvo intel-lectualizado!

bibRIA

X XI

O que era o exercito portuguez no meu tempo. O que era o culto de *Nossa Senhora de Não te Rales* e fazer o serviço *sem novidade*. O famoso relaxamento e a tremenda indisciplina que d'ahi resultavam. Como se desgostavam e *enxotavam* os officiaes que appareciam com a dignidade do dever e o culto da profissão. O exercito portuguez vem de longe cahindo aos pedaços. Novamente se refutam as affirmações de Gustavo Le Bon, sustentando-se que o exercito tanto pode ser um magnifico centro educador, como de desmoralização e de perversidade.

Entreí no exercito portuguez em 1877. Abandonei-o em 1907. A queda rapida a que eu assisti n'esses trinta annos! Rapida e vergonhosa. Por fim, á parte as excepções que, é já superfluo dizer-lo, não alteram em coisa nenhuma nem de nenhum modo o valor e os effeitos da regra geral, estava extinto todo o espirito do dever, todo o civismo, todo o culto da profissão.

No exercito só havia um culto: o de *Nossa Senhora de Não te Rales!* Era um termo de caserna já consagrado. Um outro termo: fazer o serviço *sem novidade*. A isto se subordinava tudo. Mas tudo! Ninguém ama, certo, os embaraços, as difficuldades e as contrariedades. Ninguém gosta de ser incommodado. Toda a gente prefere o agradável ao desagradável, o

commodo ao incommodo, o melhor ao peor. Muito naturalmente e muito legitimamente. Mas se arvorarmos esse natural desejo em systema, se d'elle fizermos um *programma*, e o cumpirmos com rigor, cahimos n'um egoismo baixo e torpe.

Para o capitão, o melhor primeiro sargento era aquelle que *não o incommodasse*. Para o major, para o tenente coronel, para o coronel, o capitão ideal era o que fizesse o serviço *sem novidade*. Ora a unica maneira de fazer o serviço **sem novidade** era *fechar os olhos a tudo*. Mas fechar os olhos a tudo, n'uma instituição que mais do que nenhuma outra precisava de ser governada com *mão forte*, era cahir, fatalmente, no relaxamento e na desordem.

As gazetas republicanas, insensatas, procedendo sempre por espirito de reles imitação, incapazes de estudar fosse o que fosse, transportavam para cá a campanha anti-militarista dos avançados d'outros paizes e punham-se a berrar contra o que elles chamavam a tyrannia militar. Mas qual tyrannico! O exercito português não era tyrannico. Era demagogico.

Demagogia latente. Mas devorando-lhe as entranhas ha muitos annos.

Sem duvida que na demagogia tambem ha tyrannia. E que grande tyrannia! Mas não confundir com a tyrannia a que se referiam

as gazetas republicanas, com vezes preferível, essa, a tyrannia auctoritaria, a tyrannia regulada.

Se o capitão não queria que o primeiro sargento o incommodasse, é claro que o primeiro sargento se via coagido a ser arbitrario. Se o ideal do coronel era que o serviço se fizesse *sem novidade*, claro é que o capitão não podia observar os principios regulamentares. A justiça põe uma venda nos olhos. Mas só a põe para executar, que não para julgar. Ora no exercito fechavam-se os olhos para *executar e julgar*. E quando isso succede a tyrannia é uma consequencia da desordem.

Que pavorosos arbitrios! Que pavorosa desordem! E não ha espirito nem força d'auctoridade onde o arbitrio se conjuga com a desordem.

Eis como no exercito portuguez se creavam habitos de disciplina e de trabalho, espirito de iniciativa, sentimento de dever e de responsabilidade.

Ce qui manque plus aux latins, (Gustave Le Bon—Psychologie de l'Education, pags. 280) ce sont les qualités qui font la force des Anglais, la discipline, la solidarité, l'endurance, l'énergie, l'initiative et le sentiment du devoir.

Ces qualités, non seulement l'Université ne les donne pas, mais son lourd régime les ôte à qui les possède.

Existe-t-il un moyen de faire des hommes de cette armée de bacheliers et de licenciés impuissants, ridicules et nuls, que l'Université nous fabrique ?...

Or ce moyen existe et il n'en existe qu'un seul. Il consisterait à obliger la totalité de nos bacheliers et licenciés, sans aucune exception, à faire deux ans de service militaire. L'armée les transformerait rapidement car elle est, ou au moins pourrait être, un centre éducateur par excellence.

Gustavo Le Bon commette aqui o erro que commettem os republicanos, e os republicanos portuguezes commetteram-no largamente, erro que o eminente sabio francês tanto censura, de attribuir ás simples instituições papel transformador. A republica, só por si, transformaria a sociedade portugueza. O mal estava na monarchia. Vice versa, hoje para os monarchieos o mal todo está na republica. Da mesma forma, mettam dois annos os homens nos quartéis, estabelecendo o serviço militar obrigatorio, e o exercito **transforma-los-ha rapidamente**, dando-lhes as qualidades *que fazem a força dos inglezes*, a **disciplina**, a **solidariedade**, a **resistencia**, a **energia**, a **iniciativa**, e o **sentimento do dever**.

Que o dissesse o parvo intellectualizado que se chama Alfredo Pimenta, não admirava; mas que o diga Gustavo Le Bon, custa a crer. E o parvo intellectualizado que se chama Alfredo Pimenta não o diz, é claro, *senão* porque o diz

Gustavo Le Bon. Em tudo, como temos demonstrado, elle se limita a copiar servilmente. Lá escreve, repetindo a idéa e quasi textualmente as palavras de Gustavo Le Bon: «Toda a gente no quartel, três annos de permanencia pelo menos—e o meio ambiente portuguez começará a manifestar as modificações compatíveis com o seu ethnismo.»

Quando Gustavo Le Bon disse a verdade, e di-las muitas vezes, e quando explicou tudo, foi quando escreveu:

C'est à son éducation surtout que le Latin doit son égoïsme individuel, égoïsme si funeste pour la stabilité d'un peuple. C'est à son éducation que l'Anglo-Saxon doit cet égoïsme collectif qui le rend si dangereux pour les autres nations, mais qui a été un des premiers facteurs de la puissance politique de l'Angleterre.

É á sua educação sobretudo que o latino deve o seu egoismo individual, egoismo tão funesto para a estabilidade d'um povo. E' á sua educação que o anglo-saxonio deve esse egoismo colectivo que o torna tão perigoso para as outras nações, mas que tem sido um dos primeiros factores do poder politico da Inglaterra.

Eis a grande verdade! Eis a explicação de tudo!

Esse egoismo individual attingiu proporções *nunca vistas* na sociedade portugueza. Consubstanciou-se na indignidade, na vileza, na infamia. Era um facto *d'ordem geral* e não

particular. Mas como o exercito apura as boas e as más qualidades, refinou no exercito. Era por egoismo, puro egoismo, indigno, vil e infame egoismo pessoal, que ninguem, na tropa, se queria incommodar; que se tornou um objectivo, um fim, uma regra, uma lei absorvente e dominante, que se fizesse o serviço... *sem novidade*. Um sargento participava uma occorrença ao official de serviço. O official de serviço procurava todos os meios de *annullar* a parte do sargento. Sobre a parte era forçoso proceder. Proceder era trabalhar, era assumir responsabilidades. Era ter iniciativa. Emfim, era apagar uma das velas que ardiam no altar de *Nossa Senhora de Não te Rales*. Insinuava-se ao sargento que retirasse a parte. Chegava-se ás vezes a pedir-lhe directamente que a retirasse. Tentava-se a conciliação. E se não se conseguia ou não era possível, diminuia-se ou extinguia-se a gravidade do facto. Em regra, quem ficava mal era o sargento, auctor da parte. Se não se voltavam as setas ainda por cima contra elle, humilhava-se, exauctorava-se, feria-se o seu amor proprio e a sua auctoridade, emfim, procuravam-se os meios de elle não... *continuar*. O que era preciso, sobretudo, era que elle não *continuasse*. Se o homem era teimoso nos processos, se insistia, se cahia na asneira de tomar a peito os regula-

mentos militares, creava-se-lhe má vontade, invencível má vontade, e... *enxotava-se*.

Em idênticas condições, succedia o mesmo ao official. Commandante de companhia que quizesse commandar a sério a sua companhia, não *servia*. Não *convinha*. Era um elemento de *desordem* com o seu espirito *d'ordem*. Perturbava. Incommodava. Offendia gravemente a regra suprema de se fazer o serviço *sem novidade*. E ou elle o comprehendia, *emendando-se*, ou era homem... ao mar.

Fulminavam-nos, a esses, com o epitheto de *militarões*. Militarões eram os raros, rarissimos, que tomavam a peito a profissão. Estigma perigoso! Pecha dos diabos!

O capitão d'inspecção punha o maximo empenho em deixar em branco a casa *ocorrencias diversas*. E por dois motivos: por que se incommodava e por que incommodava o coronel. Não raro era chamado para dar explicações. A's vezes tinha que *averiguar*. Tinha que levantar auto de corpo de delicto, em casos de gravidade. Tinha que assumir, se applicava logo o castigo á falta, responsabilidades. Tudo isso era um incommodo. E a regra... era não ser incommodado. Logo... que soffresse a justiça, que soffresse a disciplina, que soffresse o espirito de hierarchia e auctoridade, que soffresse a boa ordem e a regularidade do ser-

viço, mas este havia de se fazer... *sem novidade.*

Apparecia um official impertinente e abelhudo, pouco disposto ao culto de *Nossa Senhora de Não te Rales?* Arrostava logo com maus modos, más palavras e más caras. E se ateimava, era *corrido, posto fóra.* Não se queriam nos regimentos aquelles elementos de *desordem.*

Sua excellencia o coronel só estava satisfeito quando relatorios de inspecção, mappas diarios das companhias, etc., appareciam no seu gabinete de trabalho... *sem novidade.* Era o *ideal* de sua excellencia e dos seus dignos cyreneus e alcaïotes.

Toda a gente, mesmo aquella que nada percebe da engrenagem militar, concebe os extremos a que conduzia esse egoismo feroz. Mas eu o comprovarei com *centenares d'exemplos e de factos* se, porventura, chegar a escrever a esse respeito uma obra especial.

Era uma indisciplina formidavel. Era um relaxamento sem nome. Era a preguiça com todos os seus prismas. Era a incuria, o abandono, a rotina, a ignorancia, a injustiça, o arbitrio, todo um systema e uma escola de desmoralização e de perversidade.

E os resultados viram-se. Não me deixam em mentira. Por desgraça!

Não posso deixar de encolher os hombros quando o senhor Gustavo Le Bon me diz que mettendo os homens no quartel, e estabelecendo o serviço militar obrigatorio, o exercito **transforma-los-ha rapidamente**, dando-lhes a *disciplina*, a *solidariedade*, a *energia*, a *iniciativa* e o *sentimento do dever*. Do parvo intellectualizado Alfredo Pimenta, a copiar servilmente Gustavo Le Bon, nem quero falar. A favor de Gustavo Le Bon ainda se pode allegar que nem conhece a sociedade portugueza nem ella, tal qual é, lhe podia passar pela imaginação. Mas aquelle pateta, que tinha obrigação de conhecer o meio e as condições sociaes e moraes da sua terra, aquelle pateta, a repetir o que ouve, sem lhe applicar o mais leve raciocinio, aquelle pateta, a clamar que o exercito *cria habitos de disciplina, ordem e sacrificio*, e que toda a gente no quartel, três annos de permanencia pelo menos, será o preciso para que o *meio ambiente portuguez comece a manifestar as modificações compatíveis com o seu ethnismo*, ao mesmo tempo que desdenha a instrucção e põe a escola em ultimo lugar, só corrido á vassoirada.

Dir-se-ha: Gustavo Le Bon não affirma *em absoluto* que o exercito realize o *milagre*. O que elle escreve, textualmente, é que o exercito é (*car elle est*), **ou pelo menos poderia ser**,

(ou au moins pourrait être), um centro educador por excellencia. Mas não ha duvida. Simplesmente, se o exercito pode ser um elemento educador por excellencia, tambem o pode ser a escola primaria, a escola secundaria e a universidade. Tambem o pode ser a familia, e esta com maior razão. E a escola se-lo ha, como a familia, quando o for o exercito. Vice-versa, quando o não for a escola nem a familia não o será o exercito. (1).

O exercito pode ser um centro educador por excellencia, como pode ser um centro de desmoralização e de perversidade. Depende isso do meio social em que elle funcionar. O erro é considerar o exercito só por si, independente da sociedade. Se o nosso, por exem-

(1) E' que chega, até, a ser inconcebivel o criterio de Gustavo Le Bon, sobre o serviço militar obrigatorio. Que um exercito, digno de tal nome, e em nação á sua altura, constitua com o serviço militar obrigatorio um complemento de educação, admite-se. Mas substituir-se elle á Universidade para *transformar rapidamente* os bacharéis *impotentes, ridiculos e nullos*, fabricados por ella, é manifesto disparate. Paiz onde a Universidade fabricar taes homens, não tem, não pode ter, exercito que os fabrique melhor.

Da mesma maneira, mal se comprehende que Von Bernhardi desconhecesse o papel enorme desempenhado depois de 1806 pelas universidades e pelos intellectuaes allemães, como por nós ficou descripto nos capitulos V

plo, tem demonstrado um egoismo criminoso, é porque esse é o egoismo geral. Eu nunca o accusei por esse facto. Pelo contrario, disse sempre que elle não podia ser nem mais nem menos do que é e do que tem sido, porque assim teem sido e são todos os individuos e todas as classes. Não é má, os egoistas civis descarregando as culpas sobre os egoistas militares! Como se elles não fossem todos os *mesmos* egoistas, da *mesma* massa e com a *mesma* responsabilidade!

O civismo do exercito allemão era o civismo geral. Não era elle, exercito, que dava força á nação; recebia-a da nação. Orgão preponderante, não ha duvida, instrumento nacional mais educador e benemerito que qualquer outro, mas **correspondendo a uma Allema-**

e VI d'esta obra; e que chegue a affirmar que foi o serviço militar obrigatorio, sem excepções para ninguém, que fez do povo allemão o que elle é hoje. Então, quem deu á Allemanhá aquella *cultura* que ella própria, com tanto orgulho, apregoava, e que foi a razão unica da sua superioridade no commercio, na industria, na sciencia, enfim, em todos os ramos do saber humano? Se o serviço militar obrigatorio deu na Allemanha bons resultados foi justamente por se exercer sobre homens que já iam das escolas com *uma boa mentalidade*.

Mas ninguém vê isto em Portugal! Não, que é mais facil adoptar sem exame, e venham ellas donde vierem, opiniões disparatadas (*nota d'esta edição*).

nha á sua altura. D'outro modo, teria sido um instrumento dissolvente e anarchico, em vez de ter sido um instrumento de disciplina social e de educação popular. Ao mesmo tempo, nunca exerceu uma função exclusivamente militar. Foi caserna e foi escola.

O que se diz do exercito diz-se da Egreja, vendo-a sob o ponto de vista nacional. A Egreja é incontestavelmente um grande factor de civilização social. No proximo numero responderei, chegou enfim esse momento, á carta do sr. Padre José Pinto, aqui publicada no n.º 20, de 30 de Julho findo, (1) e então me explanarei sobre o assumpto. Mas o que posso dizer desde já é que a Egreja soffreu, por seu turno, do grande mal da nossa sociedade. O padre não teve, como o official, o culto da sua profissão. Nem chegou a ser um *crente*. Foi um *pandego*. Não foi *christão*, foi *pagão*. Isto sem offensa de ninguém. E como eu não quero offender ninguém, e como se vê que *o não quero*, porque ha enorme differença entre a hypocrisia e a sinceridade, esta brilha e impõe-se como o diamante, todos, no fundo da sua consciencia, hão de acceitar esta verdade. Portugal perdeu o ideal, perdeu o caminho dos corações. E, sem ideal, tudo definha. A grande

(1) De 1916 (nota d'esta edição).

força da Igreja era o espírito de abnegação e sacrificio. Aquelle espirito que levou Jesus ao alto de Golgotha e de lá o impoz, triumphante, brilhante, como um astro, á admiração e ao respeito, *in sæcula sæculorum*, de toda a humanidade. A força das instituições não está no nome, está no sopro que as anima. Apagado esse sopro, ellas tombam, apodrecem e dissolvem-se... como os cadaveres.

O corpo do homem vive annos e annos, emquanto o sopro interior o anima. Extincto este, o corpo apodrece, horroriza e faz fugir em menos... de quarenta e oito horas.

Meu pobre paiz, que a alma fugiu-te! Alma penada, que andas gritando nos montes e nos valles! Oxalá que findo o seu fadario, o seu doloroso e triste fadario, se não suma, ao menos, ... no inferno!

bibRIA

XXII

O que se diz do Exercito, diz-se da Igreja. O padre não teve, como o official militar, o culto da sua profissão. Nem o podia ter, dada a intervenção da politica na religião. Desde que a politica intervinha estava morta a crença. Estava extinto o ideal. O grande inimigo da religião não foi o crente, foi o descrente com ares de crente. Não foi o sincero, foi o tartufo. Não foi o que abraçou por amor a vida religiosa, foi o que a seguiu por conveniencia. O que se demonstra com exemplos tirados da Historia.

O padre não teve, dizia eu, o culto da sua profissão. Nem o podia ter, dada a intervenção da politica na religião. Esta foi sempre a causa principal dos desastres da Igreja, em todos os tempos. Desde que a politica intervinha, estava morta a crença. Estava extinto o ideal. O fanatismo foi algumas vezes causa dos abusos da Igreja. Mas muito maior numero de vezes o foi a impiedade. O grande inimigo da religião não foi o crente, foi o descrente com ares de crente. Não foi o sincero, foi o tartufo. Não foi o que abraçou por amor a vida religiosa, foi o que a seguiu por conveniencia.

Já na idade media a simonia e a corrupção dos costumes se deveram muito mais ás ambições politicas que ás ambições religiosas.

A historia diz-nos que foi muito mais funesto ao mundo o civil a intrometter-se na vida religiosa que o religioso a intrometter-se na vida civil. Hildebrando, o famoso papa Gregorio VII, era bem preferivel a querer exercer a sua auctoridade sobre os reis, a Henrique IV da Allemanha a querer exercer a sua auctoridade sobre os papas.

Qual foi a origem da formidavel reacção do papa Gregorio VII? Foi a corrupção dos costumes. Foi o estado miseravel a que a intervenção civil tinha levado a Egreja. Os proprios papas eram eleitos segundo as conveniencias das familias principescas ou reinantes.

Durante perto de dois seculos, diz um historiador, de 872 a 1048, as eleições pontificas foram motivos de grandes escandalos. As familias feudaes romanas, duas sobretudo, os Colonnas e os Orsinis, disputavam a tiara, offerecendo-a, como mercadoria, a quem mais dava. Em 1033, um senhor dos arredores de Roma, o conde de Tusculum, comprou a tiara para seu filho Benedicto, que tinha doze annos. Até mulheres dispunham do papado. Roma, onde a desordem chegara ao seu auge, não era mais, dizia um escriptor ecclesiastico, que um cemiterio abandonado, que as hyenas visitavam.

O mesmo mal affligia innumeros bispados.

Imperadores, reis, senhores dispunham d'elles como os senhores de Roma dispunham do throno pontifical. Davam-nos para pagar serviços, para comprar auxilios, sem querer saber nem do valor moral, nem da capacidade dos candidatos. Em França, no seculo decimo, em 928, Roberto I dava o arcebispado de Reims ao filho do conde de Vermandois, uma creança que não tinha treze annos. Mais frequentemente ainda, imperadores e reis, apertados por falta de dinheiro, vendiam os bispados; muitas vezes os compradores eram leigos. Para se reembolsar, os bispos vendiam por seu turno as dignidades ecclesiasticas que d'elles dependiam, como capellarias, reitorias, priorados, parochias, e até os sacramentos. Era o crime de *simonia*, assim chamado porque Simão, o *Magico*, quizerá comprar o poder de fazer milagres aos apóstolos. Para juntar a tantos escandalos, o casamento, que não era prohibido, fazia que os ecclesiasticos casados se preocupassem mais com os seus interesses de familia que com a direcção espiritual dos fieis. As parochias eram, nas suas mãos, como feudos: chegavam a da-las ás filhas em dote».

Como se vê, as grandes immoralidades que se attribuem á Egreja eram, afinal, praticadas por *intrusos*, e não pelos legitimos filhos da Egreja. Quem levava ao seio da religião a de-

sordem, a corrupção, a infamia, eram justamente os que não tinham *nada* de religiosos. Eram leigos, eram civis, corruptos e bandidos que se aproveitavam da religião para *negociar*. Eram, sobretudo, os *políticos*, que convertiam a Igreja em instrumento das suas ambições, paixões e conveniências de mando.

Tal como hoje. Guardadas as diferenças das circumstancias e das epochas, é tal como hoje.

Um semelhante estado de coisas não podia deixar de produzir reacção nos verdadeiros crentes e nas almas puras e honestas. A' frente d'estes collocou-se um frade italiano, *Hildebrando*, depois papa sob o nome de Gregorio VII. Para os radicaes é um *reaccionario odioso*. A mim só me inspira admiração e sympathia. Era um homem honrado e de principios, corajoso e talentoso. Odiava os *malandros*. E d'ahi a guerra formidavel que lhe moveram os *malandros*.

Foi elle quem inspirou o celebre anathema de Estevão IX contra os ecclesiasticos simoniacos e casados, anathema que, mais tarde, sendo papa, elle proprio renovou. E tinha razão. Mesmo na parte relativa ao casamento, tinha razão. O padre, o frade, a freira ou guardam castidade ou não se comprehendem. Se a não podem guardar, que procurem outro

officio. Então devassos mettem nojo! Se até o leigo devasso mette nojo!...

A questão com Henrique IV da Allemanha teve essa origem. Não remontaremos aos seus antecedentes porque não é nosso proposito fazer agora historia religiosa ou politica. O famoso fadre benedictino (1) viu o perigo da suzerania que sobre o papado exercia a Allemanha. Esta tinha imposto que nenhum papa fosse eleito senão em presença do imperador e d'esta forma era este quem fazia a eleição. De facto, quatro papas a seguir foram directamente designados pela coroa e até Gregorio VII nenhum tomou posse do seu lugar sem esperar a confirmação do imperador. Sob conselho e a instigações do frade italiano, tão notavel pelo seu talento como pela sua formidavel envergadura de luctador, o papa Nicolau II reformou a fórma de eleição dos papas pela celebre bulla *In nomine Domini*, excluindo d'ella todo e qualquer elemento leigo. Só podiam intervir na eleição os membros mais eminentes do clero romano.

Malet, no seu livro elementar sobre histo-

(1) Hildebrando era da ordem de Cluny, mas a ordem de Cluny não foi mais que uma reforma da ordem de S. Bento.

ria moderna, um excellentes resumo como todos os outros livros do mesmo auctor, escreve:

«Nenhuma decisão foi mais importante para o futuro da Igreja. A bulla de Nicolau II, dando unicamente a dignitarios ecclesiasticos o direito de nomear o papa, assegurava a independencia das eleições. Por outro lado, sendo a dignidade de cardeal, como foi, conferida a prelados de todas as nações, a bulla permitiria fazer do papa, não já, simplesmente, o eleito do clero de Roma, cidade imperial, mas o eleito do mundo catholico inteiro».

A Allemanha não viu de bom grado esta reforma. Comtudo, não foi ella que provocou o rompimento. Este só veio quando Haldebrando, já papa sob o nome de Gregorio VII, fez applicar ás nomeações episcopaes o systema das eleições pontificaes, impedindo n'aquellas como n'estas toda a intervenção d'elementos extranhos á Igreja, e quando renovou as sentenças de Estevão IX contra os indignos, declarando, em 1075, excluido da Igreja todo o ecclesiastico que recebesse de um leigo um bispado ou uma abbadia e dando por excommungado *todo o imperador, rei, duque, marquês, conde, todo o poder ou pessoa secular que tivesse a presumpção de dar a investidura d'um bispado ou de uma dignidade ecclesiastica qualquer.*

Henrique IV, que era um grande patife, á

laia de muitos politicões da nossa epocha, — o homem repete-se através dos seculos com uma semelhança extrema, — não fez caso nenhum dos anathemas do papa e nomeou dois bispos, um para Milão e outro para Spoleto, pondo á venda a dignidade da abbadia de Fulda. O papa escreveu-lhe, convidando-o a respeitar os decretos da Santa Sé. Em resposta, Henrique IV faz espalhar em toda a Allemanha, afim de excitar o sentimento nacional em seu favor, o boato mentiroso de que o papa o tratava como se fosse seu vassallo, — sempre os mesmos bandidos e os mesmos processos, desde Adão e Eva, — citando-o a comparecer perante elle, em Roma, sob pena d'excomunhão. Ao mesmo tempo, reunia todos os bispos bandalhos do seu imperio, os simoniacos, os excomungados, os leprosos, os dissolutos, e constituiu com elles um concilio, que se reuniu em Worms no mês de Janeiro de 1076, onde o papa Gregorio VII, como *indigno*, foi deposto. Henrique IV communicou-lhe a sentença n'estes termos: «Henrique, rei, não por usurpação, mas por vontade de Deus, a Hildebrando, de ora avante falso frade e não papa. Condemnado pelo julgamento de nossos bispos, desce, deixa o logar que usurpaste. Que a cadeira de San Pedro seja occupada por um outro. Eu, Henrique, rei pela graça de Deus, com todos os

nossos bispos te digo: Desce d'esse logar! Desce!

O castigo e a humilhação de Canossa foram duros. Mas o bandido merecia-o!

E não é inopportuno recordar n'este instante mais esse traço do character germanico, que desde os mais remotos tempos se vem denunciando. Vis na derrota e brutaes no triumpho. Três dias, vestido de penitente, pés nús sobre a neve, esse orgulhoso e insolente imperador Henrique IV esperou ás portas do castello de Canossa que o papa o recebesse! Cem annos depois, Frederico Barbaroxa, não menos brutal e não menos soberbo, e soberano poderoso, prostrava-se deante de Alexandre III, sob o portico da egreja de S. Marcos, em Veneza, beijando-lhe os pés, primeiro, e segurando-lhe no estribo, quando elle montava a cavallo, depois, ao passo que jurava solennemente *trata-lo como um pae amado e respeitado de que elle, imperador, seria filho fiel e submisso*. Isto após uma lucta sangrenta e porfiosa.

Insolentissimos, vencedores. Humildes até a baixeza, vencidos.

Sabe-se como Philippe o Bello tratou o pobre Bonifacio VIII. Quem conhece um pouco de historia não ignora aquillo que se chama o *attentado d'Anagni*. Bonifacio VIII não tinha o valor de Gregorio VII. Este, alem d'uma aus-

teridade de costumes que nem os seus mais irreconciliaveis inimigos lhe puderam negar, era d'um grande tacto e d'um superior talento. Bonifacio VIII não sabia temperar o seu feitio excessivamente auctoritario nem dissimular o seu desatinado amor do temporal. Mas estava longe da falta d'escrupulos do bandido que se chamava Philippe o Bello. Este patife, aliás habil, mandou falsificar a bulla *Ausculda, fili*, e espalha-la, assim falsificada, entre o povo. Accusou o papa de falsos crimes. Propalou contra elle as mentiras mais infames. E por fim mandou a Roma dois salteadores, Guilherme de Nogaret e Guilherme de Plaisians, que, de combinação com os Colonnas, outros bandidos que o papa contrariava, penetraram á traição no palacio pontifical da pequena cidade de Anagni, onde Bonifacio VIII estava passando o verão, prenderam-no e sujeitaram-no a tratos negros. O pobre homem, que, todavia, foi n'esse transe d'uma coragem e d'uma dignidade que singularmente contrastam com a baixeza e covardia de Henrique IV e Frederico Barbaroxa, morreu de vergonha. Morte que o patife de Philippe o Bello aproveitou para eleger o primeiro papa de Avinhão, abrindo essa formidavel crise religiosa, que se prolongou tantos annos, e que foi, em si mesma e nas suas consequencias, uma d'estas a Reforma, uma das maiores desgraças da Igreja.

Quasi todos os desastres religiosos, se não todos, resultaram da promiscuidade com elementos extranhos. E os crentes, os verdadeiros crentes, tem passado os seculos a lutar contra essa pestifera onda invasora. Sem a intervenção dos nobres ambiciosos, dos politicos sem escrúpulos, dos burguezes traficantes, da moda, quando é moda a religião, do bom tom, quando é do bom tom *amar a Deus*, de toda essa magna caterva de hypocritas, sem ideal, sem crença nenhuma, outra teria sido a sorte da Igreja. Se tem prestado serviços á humanidade, maiores seriam ainda e mais profundos.

Só trago isto, a pêlo para, n'um rapidissimo bosquejo historico, tornar mais comprehensivel a situação portugêsa. E sobre esta fal rei no numero seguinte.

Depois de escripta esta carta, recebi a que se segue, a proposito da minha carta anterior. E' muito honrosa para o seu auctor, sendo mais uma prova, ao contrario do que se pretende, e d'essas provas tenho eu muitas, do espirito de isenção e liberdade de critica que caracteriza os membros illustres da Igreja. Só n'ella ha de excessivas as palavras que pessoalmente me dizem respeito.

Provezende, 21—Agosto—916.

(Douro).

Ex.^{mo} Sr.

Não resisto á tentação de lhe expressar o meu antecipado assentimento ao que V. Ex.^a promette dizer sobre o assumpto da minha carta que V. Ex.^a publicou em 30 de Julho findo.

A julgar pelo thema annuciado, V. Ex.^a prestará um bom serviço á verdade, á propria Igreja e á multidão de cegos que entre os proprios catholicos sinceros só comprehendem a desastrosa politica nacional de encobrir misérias, alardeando forças e virtudes que não ha, vivendo de illusões insustentaveis, creando uma opinião publica necessariamente caduca, adiando problemas que não se resolvem fingindo não os ver, que se aggravam por isso mesmo até estalarem um dia como tempestade ruidosa que tudo afunda. Foi o que succedeu á monarchia e á Igreja em Portugal, com apregoarem a decantada maioria da nação em que se fundavam, sendo cada vez mais innegavel que a maioria da nação nem era monarchia nem catholica, nem republicana ou athêa, mas uma sucia de pandegos e pagãos, como V. Ex.^a diz, ou de simples egoistas-não-te-rales,

devotos da tal N. Senhora do exercito e partidarios da instuição popular «Sem novidade».

A politica da Verdade, ou das realidades nunca se comprehendeu entre nós, antes se teem por antimonicos esses dois termos.

Comtudo a politica da verdade teria salvado a monarchia e a Egreja se num e noutro campo, separadamente, houvesse um grupo de homens de valor para a imporem á nação que apesar da espantosa decadencia, ou talvez por isso mesmo, andava sinceramente ávida de vida nova.

Não receie V. Ex.^a melindrar os verdadeiros catholicos, nem leigos nem ecclesiasticos, pondo em foco a verdade com esse relevo que é proprio do seu admiravel character, admiravel até nos excessos de linguagem que em V. Ex.^a teem um significado muito diverso e até oposto ao plebeismo grosseiro, entrando muito mais propriamente na classe das apostrophes biblicas, pelo sentimento de justiça donde proveem.

A classe ecclesiastica não pode receiar hoje que se faça estendal dos seus erros e defeitos, desde que a republica lhe prestou o impagavel serviço de lhe revelar as virtudes occultas passando-a pela prova real dos trinta dinheiros. Nada já pode offuscar o brilhantismo d'essa prova e tudo quanto se criticar, dentro da

verdade, só poderá concorrer para a salvar e purificar.

Com muita pena me não refiro a outros assumptos que V. Ex.^a tem tratado com igual elevação e agrado deste seu obscuro leitor e admirador

P.^e José Pinto.

bibRIA

XXIII

Continuação do capítulo anterior. Assim como o que faltou no exercito foi o espirito militar, assim o que faltou na Igreja foi o espirito religioso. O principal mal da nossa terra é esse, em tudo. Portugal perdeu o caminho dos corações. Ou o torna a encontrar, ou a sua redempção é impossivel. E só o tornará a encontrar com fé, muita fé, venha ella donde vier, com crenças, muitas crenças, sejam ellas de quem for. Mas fé e crenças ensinadas por homens sinceros, inspirando-se no amor da verdade e da justiça, ao mesmo tempo cultos e intelligentes.

O homem, diziamos nós na ultima carta, repete-se através dos seculos com uma semelhança extrema. Comprehando a phantasia historica de um rapaz de vinte annos. Não comprehendendo a phantasia historica de um velho. Olhando para trás, não encontro differença nenhuma, nem entre o que eu sou hoje e o que eram os homens com a minha idade quando eu tinha dez annos, nem entre as creanças de dez annos da actualidade e as creanças de dez annos do meu tempo. Conheci pessoas que, se hoje fossem vivas, teriam 120 e 130 annos. Isto, eu, que, apesar de velho, só tenho 56 annos. Imagine-se os que teem 100 annos! O seu modo de ser era o modo de ser de seus paes e seus avós e é o modo de ser de seus

filhos e netos. E' isto, precisamente isto, com saia curta ou saia comprida, saia travadinha ou de balão. Com chapéo alto de aba direita ou aba torta, casaca de panno azul ou panno preto, collarinho alto ou baixo, sobretudo á inglêsa, capa á hespanhola ou chaile-manta. Mais gramophone menos gramophone, mais comboio menos comboio, mais telegrapho menos telegrapho.

Meu avô morreu quando meu pae tinha dez annos. Eu fiquei sem pae aos dois annos. Mas como a vida de minha mãe foi longa, e e'la recolhera toda a tradição de meu avô, alem do modo de ser de minha mãe, que eu conheci, esse, perfeitamente, conheci por ella o modo de ser de meu pae e de meu avô. De meu pae e de meu avô paterno. E tambem o de meu avô e de meu bisavô maternos, este morto já vae para noventa annos. Sem esforço, guiado pelo lucido conhecimento oral de meu bisavô materno, dos seus habitos, do seu feitio, do seu temperamento e character, reproduzidos nos seus descendentes, eu remonto ao meu tetravô, e vejo-o como eu sou hoje, ou qualquer de meus irmãos e de meus primos, aproximadamente. Modas á parte. Isso pouco importa. Como pouco importa eu ir d'aqui a Coimbra n'um bom automovel n'uma hora, (supponhamos que as estradas estão boas), ao

passo que elle, montado n'uma egua, levava um dia a chegar lá, por maus caminhos. Percorro assim, retrocedendo, mais de dois seculos. Com o mesmo criterio e o mesmo guia percorro oito seculos com relativa segurança.

Como me dão vontade de rir os patetas que andam a phantasiar uma Ignês de Castro ou um D. Affonso Henriques do... sete estrello, por exemplo. Eu posso ignorar se elles almoçaram pé de porco ou pé de cabrito em qualquer dos dias d'entrudo da sua existencia e se andaram ou não mascarados pelas ruas. Mas como ella amou e elle guerreou!... Ora adeus. A questão é ella *ter amado*. Amou? Não vejo motivo nenhum para pôr em duvida a tradição do seu amor. Então se amou, amou como todas as mulheres do seu *genero* quando d'ellas se apodera o amor. E elle guerreou como guerreiam ainda hoje todos os homens do seu *temperamento*, com a sua educação heroica e a sua fé.

A grande mudança é essa. E' amar ou não amar. E' ter ou não ter fé. Mudança radical. Abysmo immenso. O feittio da saia ou da armadura esse, para o sentimento e modo de ser intrinseco, não importa coisa nenhuma.

Objectar-se-ha: mas você mesmo tem dicto que a sociedade que conheceu na sua infancia faz differença da sociedade que hoje conhece.

Positivamente. Mas isso é o vaivem da humanidade. E' o fluxo e refluxo dos sentimentos e das paixões humanas. Não quer dizer, como muita gente julga e diz, que a maré social sobe ou desce sempre. Os mediocres, os futeis, que é o geral da humanidade, illudem-se com isso a todos os instantes. Ainda agora se illudiam com a França. Ahi teem um eloquentissimo exemplo. Viram baixar a França em 1870. E d'ahi concluíram que ella *baixaria sempre*. Ficou-lhes nos olhos essa visão. Só os espiritos superiores veem, antes d'ella surgir, a luz d'aurora que se forma após a luz do poente. E, assim, a luz d'ocaso do sol rutilante do meio dia. Os povos não sobem nem descem *sempre*. Sobem e descem. Descem depois de ter subido, sobem depois de ter descido. Não raro já descem quando sobem e já sobem quando descem. Ha correntes profundas, que são as determinantes, muitas vezes oppostas á corrente que se vê, que é a que se faz á superficie. Mas esta verdade só vem confirmar o que diziamos. A atmosphaera da virtude cria virtude. A atmosphaera do vicio cria vicio. Na atmosphaera dos heroes surgem heroes. Guerreiros, sabios ou santos. Na atmosphaera dos bandidos surgem bandidos. Porem através dos seculos, confundem-se os santos e os bandidos. Sempre os mesmos! No fluxo e refluxo, o homem con-

serva o seu modo de ser intimo, tão fortemente constituido que a sua evolução é tão lenta como a do mundo.

Na Igreja portugêsa o que faltou foi o espirito religioso. Estava morta, n'esse dia. Como estava morto o exercito quando lhe faltou o espirito militar, como estava morta a monarchia quando lhe faltou o espirito monarchico, como estava *morto tudo* quando lhe faltou a atmospheria da virtude. Não procurem outra causa. A causa é esta. Portugal perdeu o caminho dos corações.

Esta phrase não é minha, já o contei. Eu não sou plagiario. Esta phrase li-a em Paris n'um jornal estrangeiro. Tratava-se da Austria. Era muito antes da guerra. E um austriaco dizia: «A Austria *perdeu o caminho dos corações*. Não resistirá a uma conflagração europeia». Eu lembrei-me logo de Portugal. Achei a phrase synthetica. D'um alto valor significativo. E disse de mim para mim: «Perdeu o caminho dos corações. Que bella phrase! Como ella diz tudo! Se a Austria perdeu o *caminho dos corações* que fará o meu infornado Portugal!»

De resto, harmonizava-se com o que eu vinha pensando e escrevendo ha muitos annos. No meu livro *Pro Patria* revoltava-me contra o abandono moral do soldado no exer-

cito. Achava uma estupidez encara-lo como machina unicamente. Clamava que não bastava dar-lhe armas. Exhortava, implorava, que o não fizessem um *manequim*. Porque, como manequim, *ha de ser destroçado*, (palavras textuaes), *esmagado, aniquilado, no campo de batalha, se tiver de se defrontar com um adversario que possua aquillo que a elle lhe falta: consciencia.*

Todavia, oh minha patria, oh minha mãe suprema, ninguém fala n'esta terra em lhe dar consciencia! Fala-se só em lhe dar armas, e tudo o mais que constitue a parte material da defesa do paiz!

Espantosa cegueira! Horroso equivoco!

Dae-lhe armas. Se continuardes a negar-lhe a alma que ha de efficazmente fazer manejar as armas, com toda a força da minha sinceridade e da minha convicção o repito: será destroçado, esmagado, aniquilado no campo da batalha.

Por outras palavras, eu dizia o mesmo que o austriaco dizia da Ausíria: Portugal perdeu o caminho dos corações. Se o não achar, está condemnado.

Extinguiu-se o espirito religioso, extinguiu-se tudo. A religião foi uma arma especulativa nas mãos *de todos*. Quem dispoz dos nossos arcebispos, dos nossos bispos, dos nossos canonicatos e parochias, não foi o papa nem o crente, foi o politico. Não se escolheu para ar-

cebispo, bispo, conego, parochio, o mais capaz pela sua intelligencia e pelas suas virtudes. Escolheu-se o que dava *mais votos* ou maiores garantias aos partidos. Garantias que só podiam consistir na malleabilidade da consciencia ou na torpeza do character. E, d'esse modo, quem dominou a Igreja não foi o santo, foi o bandido.

Não se puseram em praça as dignidades ecclesiasticas, mas pouco menos. Com ellas, como na idade média, se *pagaram serviços*, se retribuiram amizades e se *obtiveram auxilios*. Só nos ultimos annos da monarchia se começou a fazer excepção a essa regra. E, ainda assim, *raras vezes*. E *sempre* com protesto geral dos politicos, que, berrando, clamando, o attribuiam a *influencias jesuiticas*. Mas são bem do meu tempo, do meu tempo de homem feito, já não falo do meu tempo da juventude e do meu tempo de creança, as nomeações dos bispos *exclusivamente politicos*. Roma transigia. Aceitava o proposto, salvo se elle tinha, em materia de fé ou de costumes, um passado escandaloso.

O antigo bispo de Beja, antecessor de D. Sebastião de Vasconcellos, bispo querido na sua diocese, é um dos typos d'esses bispos, dos taes que Roma aceitava, *sem terem em materia de fé ou de costumes um passado es-*

candaloso. Esse lembrava sempre aos j'vens padres, que terminavam o curso ecclesiastico, estes dois mandamentos: um pipo de vinho e uma guitarra. Era preciso que o padre attrahisse as sympathias publicas. Que não afugentasse as ovelhas. Que se tornasse popular. E conseguia-o tendo por companheiros inseparaveis e dilectos o pipo de vinho e a guitarra. Isto foi-me contado por pessoa *de toda a respeitabilidade*, que o ouviu do proprio bispo.

Conheci um santo padre, homem cheio de virtudes, que foi uma vez dirigir os exercicios espirituaes ao seminário de Beja. «Aquillo deu-me a impressão, dizia-me, de um antro de bandidos. Sahiam de noite, para andar mettidos com as mulheres perdidas. Nos seus gestos, nos seus actos, nos seus dizeres, não eram padres, eram facinoras. Apressava-me a fechar a porta á chave, quando entrava no meu quarto, sempre receoso de ser encontrado, sem poder encommendar a minha alma a Deus, assassinado no dia seguinte».

Poderá dizer-se que este bispo, que abandonava a sua diocese para passar a maior parte do tempo em Coimbra, era um bispo excepcional entre os proprios bispos *politicos*, ou que deviam a sua escolha aos homens da politica. Seja. Mas se os outros não chegavam a tanto, nem por isso possuiam a fé de que re-

sulta o espirito de abnegação e sacrificio. E veja-se como elles, á parte uma ou duas excepções, proclamada a republica, procederam.

Com os parochos succedia caso analogo ao dos bispos. Quantas vezes não jogaram os influentes a facada na disputa de um prior! Da collocação de um prior dependia a sorte de um circulo eleitoral, em mais do que uma provincia portugêsa.

Eu conheci um official do exercito que teve de fugir de noite de um collegio, onde o pae e o cacique eleitoral da região o tinham preso para prior. O pae e o cacique queriam que o rapaz seguisse a vida ecclasiastica á fina força. Entrava isso nos seus planos eleitoraes. Ainda o rapaz estudava preparatorios e já elles tinham uma freguezia, com prior encommendado, de reserva para elle! O rapaz não tinha vocação para clerigo. Resistia á vontade do pae. E o pae mantinha em volta d'elle vigilancia rigorosa. Emfim, fugiu. Mas sahiu-lhe cara a fuga! O pae não quiz saber d'elle uns poucos de annos e o rapaz passou tormentos nos estudos.

O politico introduzia no clero a desmoralização e desacreditava-o em seguida. Como na idade media! O fundo ficou o mesmo. Ninguém esqueceu as cartas do sr. José d'Alpoim, nem era dado esquece-las, pois que são bem recentes, contra o jesuita e a favor do pa-

rocho da aldeia. Os nossos parochos, como elle dizia ternamente! Essa propaganda era anti-religiosa e dissolvente. Era uma propaganda de descredito. Tendia a aluir pelos alicerces a Igreja. Pois não faltavam nem faltam numerosas pessoas *catholicas*, até padres, a applaudi-la. A mim, já o escrevi algures, creio que até mesmo n'este semanario, e se não foi neste semanario foi no *Povo de Aveiro no Exilio*, me pediram varios sacerdotes portuguezes, emigrados em Hespanha, que não defendesse a separação da Igreja do Estado, se viesse a monarchia. Porquê? interroguei admirado. Por que vamos ficar, responderam, ás ordens do jesuita.

Queriam a concordata, porque a concordata, escravidão ao politico, era a emancipação do jesuita. Ficar ás ordens do jesuita era ficar sob a rigorosa fiscalização dos crentes. Era a obrigação de ser *religioso* e honesto. Ficar escravo do politico era a plena liberdade do paganismo e da torpeza. Preferiam isto áquillo.

Comprehendo, tenho-o dicto muitas vezes, o inimigo da religião atacando o jesuita. Mas o catholico, ou o que se diz catholico? E' um absurdo monstruoso. E' já um logar commun dizer-se que a grande milicia da Igreja é a Companhia de Jesus.

Em Paris dizia-me um portuguez intelligente,

homem culto, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, que era catholico, muito catholico, catholicissimo, mas que não queria ouvir falar em separação da Igreja do Estado, nem em congregações, nem, sobretudo, em jesuitas. E acrescentava que era essa a corrente entre os catholicos e os monarchicos de Lisboa.

Um titular apresentou-me a outro no Jardim de Aclimação, em Paris. Este, pela sua hierarchia e pela sua riqueza, um poderosissimo fidalgo portuguez. Falando-se em coisas religiosas, observou: *Tudo, menos jesuitas.*

Era a propaganda do politico, anti-religiosa e dissolvente. Abaixo o jesuita, que, pelo seu fervor religioso e o seu espirito de combate, era um perigo. Abaixo o jesuita! O politico só queria o padre sceptico, sem crenças, pandego, folião, dissoluto, pervertido. Perverteu-o, e depois de pervertido desacreditou-o, attribuindo á Igreja como mal da Igreja a sua obra, obra do mais brutal materialismo.

O padre portuguez que eu conheci na emigração, e vi-os lá ás dezenas, era, de facto, um materialão, um patuscão, um pervertido. Deu brado em Hespanha. Os prelados hespanhoes mandavam benzer as ruas por onde elles passavam e faziam o signal da cruz quando os viam. A' parte um ou outro padre secular res-

peitavel, porque não ha regra geral sem excepção, e falo dos padres seculares que encontrei no exilio, *justamente os mais politicos*, e não de tantos e tantos que estavam em Portugal e não conheço, e entre os quaes haverá, e ha, figuras d'alto relevo intellectual e moral, á parte, digo, um ou outro padre secular respeitavel, só os membros das congregações, em geral intelligentes e cultos, procederam com dignidade e correcção. Pois eram estes os que os *nossos catholicos* não queriam. Não queriam e não querem. Vejam a guerra que ao catholico propriamente dicto fazem os *catholicos politicos*, sob o commando de Moreira de Almeida, o nova papa de Avinhão, eleito, como o outro, por toda a escoria religiosa e pelos malandrões das quadrilhas.

Ha lá espirito religioso em Portugal! Pode-o lá haver! E sem espirito religioso não ha religião. O que ha entre nós, dentro e fóra da Igreja, é estupidez, especulação e hypocrisia.

Sou livre pensador. Sempre o fui. E sou bastante culto e intelligente para que me possam chamar, a mim, *livre pensadeiro*, com desprezo ou desdem, como aos outros. Pois se estivesse na minha mão decretar a entrada das congregações religiosas, eu decretava-a immediatamente. Com jesuitas á frente. E fazia-o como homem d'estado, como patriota e como

moralista. De que este paiz precisa é de fé, de muita fé, venha ella donde vier; é de crenças, muitas crenças, sejam ellas de quem fôr. E' de sinceridade e de verdade. E' de educadores. E' de homens cultos e intelligentes. E' de propagadores da moral, e a moral religiosa não é mais que a moral *absoluta*. E' de nucleos de ordem e de disciplina. Elle, coberto de traficantes e de bestas! Elle, que se afunda em mentiras! Todo elle especulações, desordens, immoralidades e hypocrisias!

O desequilibrio a favor da deschristianização é immenso. Deschristianização que, no nosso estado moral, intellectual e social, fatalmente se traduziria, como traduziu, em desorganização, desmoralização e anarchia. Um homem d'estado, patriota e intelligente, apressar-se-hia, por mais livre pensador ou alheio que elle fôsse, a restabelecer o equilibrio. Demais a mais sendo certo que, com o nosso espirito de raça, o fanatismo religioso já é hoje, entre nós, impossivel. Fez-se o contrario. Fez-se e faz-se. E fazem-no tanto monarchicos como republicanos. Os monarchicos ainda mais do que os republicanos, pois que a acção dissolvente do livre pensadeiro é menos perigosa e immoral que a do catholico politico.

Quando os republicanos gritam contra o jesuita, já vimos, pelo passado e pelo presente,

pelo nosso José de Alpoim, pelo poderoso fidalgo do Jardim da Aclimação, pelo doutor de Paris, e pelos padres que na Galliza me pediam que não defendesse, pelas razões que allegavam, a separação da Egreja do Estado, por tantos outros motivos, e sobre elles falaremos na carta seguinte, que não são mais do que o echo do catholico politico.

Sempre o paiz do paradoxo! Sempre o paiz do monstruoso!

bibRIA

XXIV

Ainda a Igreja e o sentimento religioso entre nós. Nunca pode ser um paiz religioso aquelle onde domina a mais feroz materialidade, como em Portugal. A religião é do sentimento, não é dos instinctos. Quando ella provem dos instinctos é muito menos obra de Deus que obra do diabo. O que verdadeiramente regenerou a humanidade não foi a doutrina, foi o exemplo de Jesus. O mundo não teria ajoelhado reverente perante a santidade da doutrina se a não houvesse purificado e engrandecido a santidade do facto. Ora no padre português o exemplo e o facto foram, geralmente, detestaveis. Exemplifica-se, como nos capitulos anteriores.

Entre os padres *pervertidos* que encontrei no exilio havia um que *excedia as marcas*. Era *medonho*. Creiam, o termo não é exaggerado. Raros leigos, ou civis, tenho conhecido tão *cynicamente* dissolutos e tão descaradamente *pandegos*. Os leitores sabem o que, principalmente em padre, quer dizer *pandego*. Comtudo, esse ecclesiastico vivia e era querido da mais alta sociedade catholica e monarchica. *Fez-me aquillo especie*. E de tal forma, que não me contive. Manifestei a varias pessoas o meu espanto. Pois toda a gente me respondeu, homens e damas monarchicas, homens e damas catholicas, dizendo-se mesmo muito catholicas: «Olhe que diz a missa com muita seriedade e devoção, senhor Homem Christo. Sir, senhor. Em

se paramentando, é correctissimo. Não ha nada que lhe dizer.»

Tal é a concepção do padre em Portugal.

Devo accrescentar que algumas das damas e cavalheiros referidos eram dos que tinham horror ao jesuita e não queriam jesuitas em Portugal.

O padre *pandego*, dissoluto, *sem religião*, foi sempre recebido de braços abertos entre nós. Sempre tratado com bonhomia, com alegria, de riso nos labios. O padre sério, temente a Deus, *religioso*, foi sempre recebido na ponta das lanças como *reaccionario*. Isto pelos catholicos. Pelos religiosos. Deus nos livrasse de estar agora a tomar em linha de conta as opiniões e o procedimento dos atheus ou dos que se dizem neutros em materia religiosa.

Não ha nada que lhe dizer. O padre pode tocar guitarra e bater o fado nos bordeis, apañhar a sua *tachada*, ir ás iscas com a sua *menina* e os seus *meninos*, que *ninguem tem nada que lhe dizer*, não fazendo isso nas egrejas. A amante até pode ouvir a missa do amante, os meninos até podem ouvir a missa do papá. O que a amante não pode é subir, para ajudar á missa o amante, os degraus do altar. Não fazendo isto, está salva a honra do convento, está o decoro guardado.

Com esta theoria de hypocrisia, hypocrisia

requintada, e desvergonha, theoria exclusiva, theoria dominante, embora professada por gente séria inconscientemente, que religião, que moral religiosa podia e pode existir em Portugal?

E vede que ha parecença, muita parecença — continua a similhança — com o que acontecia na idade média e n'outros periodos dissolutos da Igreja. Sempre que o especulador politico ou não politico, mas a especulação religiosa foi sempre de natureza politica, se entremettia entre o crente e Deus, a Igreja resvalava na torpeza e no descredito. Era o virus dissoluto do civil materialista e pagão que entrava nos conventos de frades e de freiras com os filhos e fillas dos ricos e dos nobres. Não eram vocações, eram *modos de vida*. Eram carreiras, que se procuravam. A's vezes, eram meios de esconder vergonhas e torpezas. As amantes dos reis e dos grandes senhores, as filhas e irmãs luxuriosas dos potentados terrestres iam alli procurar, não a regeneração, mas o esquecimento ou o castigo de amores, scenas e ligações escandalosas. Não era a virtude nem a crença piedosa que entrava na casa de Deus. Não era a santidade. Era o diabo, escondendo nas dobras do habito a perversidade e as tentações carnaes. E depois levantava-se contra Deus, repetirido a re-

volta primitiva do anjo mau. Chegou a pôr algumas vezes a tiara na cabeça.

Quasi toda a lucta da Igreja, através dos seculos, é entre o intruso e o crente. A decantada desmoralização religiosa nunca veio dos religiosos, mas dos que *sem religião nenhuma* aproveitavam a religião para especular e ganhar. Esta é a verdade historica. Foi a eterna lucta do bem e do mal, da hypocrisia e da sinceridade.

A hypocrisia odiosa! «Diz a missa com muita seriedade e devoção. Em se paramentando, é correctissimo. Não ha nada que lhe dizer». A hypocrisia odiosa! *Bem o prega Frei Thomás, olhae o que elle diz e não o que elle faz.* Este mandamento guiou sempre as sociedades á voragem da perdição. O exemplo foi sempre o melhor meio de educar. Não ha mesmo coisa que mais dissolva e perverta que a palavra desmentida pelo exemplo, que a doutrina escarnecida pelo facto. Ai de nós, quando o escarneio assim triumpho, quando o cynismo assim fica consagrado! Quando o veneno da torpeza e da maldade desce assim, brincando, até o amago das almas!

O que verdadeiramente regenerou a humanidade não foi a doutrina, foi o exemplo de Jesus. Elle não seria o Verbo, mas Tartufo encarnado, sem a estrada do Calvario. Foi o seu

sangue vermelho, vertido no alto do Golgotha, que, rutilante, constituiu a aureola com que o grande sacrificado ficou brilhando como um astro. O mundo não teria ajoelhado reverente perante a santidade da doutrina se a não houvesse purificado e engrandecido a santidade do facto. E' grande a doutrina. Mas o que sobretudo é grande em Jesus é o exemplo.

Pode ser nunca um paiz religioso aquelle onde domina a mais feroz materialidade! A religião é do sentimento, não é dos instinctos. Quando ella sae dos instinctos, é muito menos obra de Deus que do Diabo. Religioso, este paiz da mentira, da hypocrisia mais revoltante que o inferno tem creado! Como quer o parvo do Pimenta que a Egreja, que agora mesmo está sendo commandada pelo Papa de Avinhão, eleito pelos legitimos herdeiros d'aquelles contra quem Gregório VII lançou os seus raios fulminatorios, seja entre nós, com o Exercito, um grande factor de civilização? Se-lo-hiam, e deviam se-lo, e é lamentavel que o não sejam, se o Exercito fosse Exercito e a Egreja fosse Egreja. Assim, são dois focos, apenas, de desmoralização. *Surge et ambula!* Que Jesus Christo faça de novo esse milagre.

Hoje mesmo, n'outro logar d'esta folha, (1) vae

(1) *O de Aveiro*, de 17 de setembro de 1916 (nota d'esta edição).

o anathema lançado contra o senador catholico Gonçalves pelo Papa de Avinhão. Papa de Avinhão e Rei dos Capadocios. Papa-Rei! Não devia faltar essa nota burlesca aos restauradores catholicos e monarchicos do pobre Portugal.

No *Povo de Aveiro no Exilio*, de 14 de maio de 1914, escrevia eu:

Ha dias contava-me um amigo que damas *catholicissimas* de Lisboa, depositarias de oito seculos de tradição religiosa e de tradição fidalga, traziam agora pendurado ao pescoço, entre os bentinhos, tocando-lhes os seios tumidos, onde nunca poisaram nem os olhos luxuriosos nem os labios cúpidos e ardentes do peccado... o quê? O que imaginam os senhores que anda pendurado ao pescoço d'essas damas, que commungam todos os dias e rigorosamente se absteem de papar ovos de gallinha em dia de magro? São capazes de adivinhar? Não são, nem serão, ainda que estejam três annos e meio a matutar. Pois sabem o quê? Preparem-se para ouvir o mais grotesco que pode sahir d'aquelle paiz de capadocios. Já não ha extraordinarios, já não ha phantasticos, n'aquella terra onde, como já escrevi n'uma phrase tão cheia de verdade, se vive n'uma eterna mascarada. Pois assim mesmo o que lhes vou dizer... sae das marcas do phantastico. Sabem o quê? O retrato do Cunha e Costa e da dama que lhe enche agora o coração! Os dois, enlaçados! Santa Margarida de Cortona a receber as chagas d'aquelle novo S. Paulo dos herejes!

E' ou não é grotesco? E' ou não é phantastico? E' ou não é a ultima expressão d'aquella ignobil entredada?

Era, sim, grotesco. Era, sim, phantastico. Era, sim, a ultima expressão d'esta ignobil entruddada. Mas conjugava-se com os antecedentes e conjuga-se com os consequentes. Mas estava de perfeita harmonia com o caso do bispo a recommendar a guitarra e o pipo de vinho aos jovens padres, com o caso dos ecclesiasticos que me pediam que não defendesse, para não ficarem sob o jugo dos jesuitas, a separação da Igreja do Estado, com o caso do doutor e do fidalgo catholicissimos que se horrorizavam perante a idéa da maior milicia da Igreja entrar, com a monarchia restaurada, em Portugal, com o caso dos cavalheiros e das damas que me diziam do padre mais torpe e sem vergonha que eu tenho conhecido: «Olho que diz a missa com muita seriedade e devoção, senhor Homem Christo. Em se paramentando, é correctissimo. Não ha que dizer». Com tantos casos analogos, e, agora, com o caso, a fechar com chave de oiro a *série dos casos*, do Moreira de Almeida arvorado em chefe supremo e omnipotente dos catholicos em Portugal.

Sim, sim, chefe supremo e omnipotente dos catholicos em Portugal. Houve uma reacção sympathica, a que pretendeu subtrahir a corrente catholica á corrente politica, que, através dos seculos, como temos demonstrado, foi sempre para a Igreja uma fonte de desastres. Essa

reacção foi vencida. O sr. Pinheiro Torres, que a acompanhava, teve de abandonar a direcção da *Liberdade*. Esta gazeta mudou de rumo, o seu novo rumo nacional e patriótico, por mais que o queira disfarçar. A *Ordem*, de Lisboa, faz o jogo da *Nação* e do *Dia*. E os srs. padres Gonçalves e Meirelles, corridos, quasi que não teem voz para falar. Isto são factos incontestaveis, que o sr. Pinheiro Torres reforçou com as suas declarações da *Liberdade*, e segundo as quaes os catholicos que seguiam a linha emancipadora e patriótica luctavam com desgostos, contrariedades e prejuizos materiaes.

Quem foi o marechal do movimento que venceu os *dyscolos ousados*? Foi Moreira de Almeida, Papa-Rei, rei dos capadocios e Papa de Avinhão. E quem foi que o acolytou? Foi o padre Julio Barroso, o padre Domingos e outros. Eis os campeões do catholicismo dominante! Ora quando uma Igreja apparece com os seus destinos espirituaes e materiaes, o moral e o intellectual, sobretudo o moral, nas mãos do Moreira de Almeida, do padre Julio Barroso, do padre Domingos e quejandos, e com o cortejo de hypocrisias e heresias que temos mencionado, ou os crentes tiram forças enormes da sua fé, energias d'aço para a salvar, ou ella desce á cova sem a piedade nem de Deus nem dos homens.

E agora é que podemos começar a discutir a these de instrucção, posta pelo sr. Padre José Pinto na carta que, no n.º 20 d'esta gazeta, de 30 de Julho, publicámos.

Do sr. Padre José Pinto recebemos nova carta, datada de 12 do corrente, que não publicamos na integra, e d'isso pedimos desculpa ao seu auctor, não porque ella não esteja muito intelligentemente escripta, como todas, mas porque nos é tão favoravel em certos pontos, engrandecendo os nossos meritos, que publicar esses periodos poderia ser interpretado como manifestação *excessiva* da nossa vaidade. Ora não tendo nós a modestia dos tolos tambem não queremos que se pense erradamente que temos a chance dos enfatuados.

Diz o sr. Padre José Pinto:

Talvez não seja preciso accentuar de novo o meu applauso ao que V. Ex.^a com tanta e tão surprehendente originalidade vem tratando nas suas bellas Cartas de Longe.

Mas ha dois motivos que me impellem instinctivamente a repetidas exteriorisações d'esse applauso: a baixeza do silencio propositado que se faz em torno de um escriptor que incommoda, não porque seja um adversario irredu-

ctivel, um fanatico intoleravel, incapaz de acceitar discussão ou de reconhecer um erro que se lhe aponte; mas porque possui um caracter demasiado grande para esta gente pequenina que o cerca, e um bom senso demasiado raro para não bulir com os nervos da mediocridade reinante. Tambem não quizera que o meu silencio fosse interpretado falta de assentimento.

Entendo que recusar applauso ao merito é um crime, uma immoralidade funestissima á sociedade. E se essa recusa se traduz pelo commodo silencio é uma cobardia; se pelo silencio politico, uma infame e positiva injustiça, tanto mais desprezivel quanto é certo que não passa de uma esperteza saloia, applicada pelos conservadores, cujo maior interesse seria elevar o nivel moral, applaudindo a virtude e o merito onde quer que se encontrem e attrahindo-os á boa causa, em vez de os afastar ou de os extinguir pelo vacuo.

Ora V. Ex.^a evidentemente tem meritos de sobra para que este vil e propositado silencio se deva classificar de immoral e funesto. O silencio só é bem applicado aos nullos e nem a esses, quando pela sua influencia se tornaram demasiadamente nocivos. Mas V. Ex.^a está no polo opposto dos nullos e dos mediocres.

O sr. Padre José Pinto entra depois n'uma

dissertação, aliás muito bem feita, sobre faculdades intellectuaes e moraes, e conclue :

Como se poderia explicar d'outra sorte que V. Ex.^a resistisse ao meio deprimente e ignorante em que viveu, a ponto de dissertar sobre uma crença que não professou, com a firmeza e precisão de um theologo, constantando o valor da Religião com um desassombro que chega a ser heroico para a maioria dos portuezes, não passando de um acto banal em V. Ex.^a ? Eu já lhe escrevi uma vez que me espantava isto, mas hoje digo-lhe, sem me contradizer, que nada me espanta, tão logicos são na especie intellectual a que V. Ex.^a pertence, esses golpes de vista e esses actos de coragem.

O que só me espanta é como V. Ex.^a não tenha ainda constatado o nexó essencial que existe em toda a criação entre o necessario e o verdadeiro ou real, de modo que a priori podemos argumentar do indispensavel para o existente.

Na ordem physica como na moral tudo o que é indispensavel existe algures. A Religião é indispensavel, como V. Ex.^a constata. Como é possivel que essa admiravel visão lhe não descubra o horisonte contiguo, fazendo-o ver que deve existir uma religião verdadeira algures ?

Eu não me admiro que Gustavo Le Bon esteja ahí, porque o auctor de preciosos trabalhos psychologicos não é um genio nem sequer um bom philosopho, apenas um excellente observador, d'estes que sabem colleccionar factos, sem lhes perceberem bem o nexo. O talento de Le Bon é o da analyse, mas na synthese justifica bem a critica dos seus contemporaneos que lhe chamam o Flammarion dos philosophos, segundo me contou um engenheiro francez.

Porem V. Ex.^a...!

Ou estarei eu em erro suppondo uma falta de vista onde só ha uma deficiencia de forças d'outra ordem?

Não avança mais para que V. Ex.^a não imagine que me deixo arrastar por um proselitismo instinctivo que neste caso seria estúpido.

Homens como V. Ex.^a não os arrasta o proselitismo do homem, mas a caridade infinita de Deus. Não me faça a injustiça de me julgar capaz de pretender substituir-me á Divindade; mas deixe-me confessar-lhe que a sympathia que V. Ex.^a me inspira, por tão raras e bellas qualidades, me torna impaciente na expectativa de uma intervenção sobrenatural que ha de chegar um dia, como chegou aos Veuillot, aos de Mun, aos Lacordaire e a tantos outros da sua raça.

Não sei como o divagar da penna me conduziu a este final em que nem de longe pensava ao começar esta já descommunal epítola, quando só queria applaudil-o mais uma vez pelo bem que V. Ex.^a está fazendo nesta hora de trevas e de angustias para esta desgraçada nação.

O silencio propositado a que se refere o sr. Padre Pinto é natural e não nos incommoda. Naturalissimo! A imprensa portugêsa não dá ponto sem nó. Quando um jornalista louva alguém, é, ou para corromper pela lisonja ou para ser retribuido em louvores. Se a mim me não corrompem, e se de mim não recebem retribuições, senão sendo merecidas e justas, para que hão de falar de mim? Ao menos n'isso tem bom senso e são logicos. Ao mesmo tempo, é tão inoffensivo o seu silencio, que nem por o terem mantido systematicamente em volta de mim, como muito bem regista o sr. Padre José Pinto, *eu deixo de ser quem sou*. Esse é o meu maior merito, se tenho alguns. E' ter-me imposto, em lucta aberta com tudo e com todos.

Diz o sr. Padre Pinto que o desassombro com que eu mostro o valor da religião chega a ser heroico para a maioria dos portugêses, não passando em mim d'um acto banal. Mo-

destia á parte, estou d'accordo. Todo o meu desassombro, seja qual fôr a sua manifestação, é *heroico* para os outros e é *banal* para mim. Ou elles são muito insignificantes, ou sou eu. Mas eu julgo que são elles!

Espera o sr. Padre Pinto que a intervenção sobrenatural ha de chegar para mim como chegou para outros. Mas eu creio que já chegou. Simplesmente, dispensou-me da regra e das formas externas, aliás indispensaveis para o grande numero. Isso é uma distincção que Deus me fez. A intervenção sobrenatural não será tão completa quanto o deseja o sr. Padre Pinto. Mas creio que já chegou. Sem intervenção divina, como queria o sr. Padre Pinto que eu tivesse as qualidades que me attribue? Como havia eu de combater o que tenho combatido e de soffrer o que tenho soffrido?

Não. O meu desassombro, o meu odio á hypocrisia e á mentira, a minha perseguição implacavel a todos os traficantes, o meu amor *profundo* da verdade e da justiça, e o meu espirito de sacrificio, são, indubitavelmente, um dom divino.

XXV

Outra vez a instrução. A instrução e a criminalidade. Os que sustentam que a instrução augmenta a criminalidade chegam a ser grotescos. O que dizem a esse respeito as estatísticas e como se devem entender as estatísticas. O alcoolismo e a sua influencia no augmento do crime. De novo se demonstram as vantagens practicas do conhecimento da leitura e escripta.

Voltemos á instrução.

Em primeiro logar, não continuemos attribuindo á instrução aquillo de que não tem culpa a instrução. No seu primeiro artigo, o que sahio no *Dia* em 23 de maio, disse o nosso parvo intellectualizado :

E' claro que os escrevinhadores faceis, ignorantes como todos os faceis escrevinhadores, não sabem que um factor importante na explicação da ascendencia da criminalidade, é o da instrução. E é-o, porque o cuidado da educação não acompanha o desenvolvimento da instrução.

De primeira ordem, como sempre, este final. As conclusões do pedante nunca saem d'este molde. Mas então, *se o é porque o cuidado da educação não acompanha o desenvolvimento da instrução*, a culpa não é da instrução, é da *falta da educação*. E é claro que não basta instruir, estamos farto de o dizer. Instruir é

já de si educar. Educar é já de si instruir. Mas nem instruir só, educa, nem educar só, instrue. E' necessario que as duas acções, embora marchando parallelamente, se conjuguem e completem.

Leu aquillo em Gustavo Le Bon, e, como sempre, repetiu-o servilmente. Ora eu já tinha respondido, **onze annos antes**, a essa heresia de Le Bon. No *Pro Patria*, escrevi:

Não é certo que a instrucção não seja um elemento de moralidade. As estatisticas não provam tal, como pretende Le Bon, que a criminalidade augmente com a generalização da instrucção. Para provarem a verdade, é preciso que as estatisticas com verdade e lealdade se apresentem.

Ha (Fouillée—*La France au point de vue moral*) 250:000 creanças inscritas nas escolas de Paris. Se as estatisticas do crime forem feitas em proporção com esse numero, para demonstrar que os jovens criminosos estão na razão directa da escola, serão falsas incontestavelmente. Para serem verdadeiras, torna-se preciso descontar as creanças que não teem frequencia, que não teem assiduidade, emfim, que não apprendem. Ora, feito isso, e consultados os registos das casas de correcção, vê-se que apenas 20% dos delinquentes teem exame de instrucção primaria e que 36% são completamente analphabetos. Logo, a criminalidade das creanças está na razão inversa da assiduidade da escola.

«O grande meio de preservação da creança, conclue Albanel, (*Etude statistique sur les enfants traduits en justice*) é a escola».

Compayré, depois de se apoiar tambem sobre dados

estatísticos, principalmente sobre os de Inglaterra, chega (*Histoire critique des doctrines de l'éducation en France*) ás mesmas conclusões, e diz: «O vicio e o crime coincidem muito mais vezes com a ignorancia do que com a instrução».

Mas supponhamos que era verdadeira a these de Le Bon. Demos isso de barato. Como concluir que é a instrução a causa do crime, pela simples coincidência d'elle se haver generalizado quando ella se generalizou?

Não se pode admittir a insinuação, sequer, de conclusões tão superficiaes, apoiadas em fundamentos tão ligeiros. Uma coincidência, só por si, como escreve Fouillée, não é uma explicação. Porque, n'esse caso, accrescenta o mesmo auctor, teriamos, relativamente á França, uma coincidência mais significativa e mais logica. O consumo do alcool, e do alcool ordinario, sextuplicou em França nos ultimos trinta annos. E' de 14 litros por cada habitante. Porque ha de ser a escola, pergunta Fouillée, e pergunta muito bem, e não ha de ser a taberna a causa do alargamento do crime? Sendo certo, demais a mais, como todos os criminalistas o demonstram, que o crime e muitas outras degenerescencias se recrutam e filiam de preferencia nos alcoolicos.

O alargamento do crime não é um phenomeno de occasião, como affirma Tarde, mas um phenomeno secular, que vem de velhas causas, economicas e moraes, influindo, d'um modo deleterio, em quatro ou cinco gerações. E não é um mal d'este ou d'aquelle paiz; é um mal de todas as nações civilizadas.

Mas, dir-se-ha, quando a escola não seja a productora do crime, não tem, pelo menos, o poder de o diminuir.

Tem. Isso tem. Já vimos, pela interpretação leal das estatisticas, que a criminalidade das creanças está em França na razão inversa da assiduidade da escola. Mas

não fiquemos por ahí. Mais demonstram as estatísticas que os crimes commettidos pelos menores augmentam, unicamente, dos 16 aos 21 annos, isto é, a partir do momento em que rapazes e raparigas abandonam as escolas para ficar entregues ás influencias exclusivas, e teríveis, da rua, da taberna, d'um meio desmoralizado e pervertido.

Emquanto frequentam as escolas, o crime não augmenta, diminue. De 1889 a 1894, o numero de rapazes, com menos de 16 annos, detidos em Paris, desceu de 4:080 a 3:582 e o das raparigas de 728 a 620.

Tem, isso tem. A escola tem o poder de diminuir o crime. Mas o que ella não pode, só por si, é, em luta com um meio vicioso, diminui-lo consideravelmente. A escola está subordinada ainda a preconceitos, embaraçada com difficuldades e imperfeições de toda a ordem, mesmo em paizes mais cultos e civilizados. A escola primaria, a escola secundaria e a escola superior. Lá o aiz Hæckel (*Les Enigmes de l'Univers*) a respeito da Allemanha. Em parte nenhuma a escola está em harmonia com os progressos da sciencia e com as conquistas da civilização. Mas nos povos latinos sobretudo.

Incompleta, defeituosa, imperfeita, escravizada, em luta com um meio profundamente vicioso, com a ancia das riquezas e do luxo, com a devassidão e a miséria das grandes agglomerações industriaes, — a miséria, que é a causa suprema das degenerescencias da humanidade — com a emigração dos campos para os centros de vadiagem, com o alcoolismo, com o desvairamento produzido por idéas novas mal estudadas e mal assimiladas, com a desorientação e, por vezes, a especulação de uma imprensa menos intelligente ou menos digna, como ha de ella fazer o milagre da Redempção immediata do genero humano, que Jesus não conseguiu, mais nasceu d'um sopro e morreu na cruz?

Nem era preciso gastar tantas palavras. Bastava reflectir um pouco para ver a levianidade com que Gustavo Le Bon e outros faziam uma affirmação que não tinha, nem pode ter, fundamento nenhum. Mas se estes parvos intellectualizados, de intelligencia servil, sempre promptos a receber como dogmas o que vem d'escriptores de reputação mundial, são, tantissimas vezes o hemos dicto e sempre a encontrar provas d'essa verdade, incapazes de pensar?

Como e porque havia a instrucção de desenvolver instinctos criminosos? Porque levava a más leituras? Cá estamos sempre cahidos na mesma chicana. Mas tanto levava ou podia levar ás más como ás Loas leituras. Disparate! Melhor seria n'esse caso, ao menos eram logicos, condemnar *absolutamente e fundamentalmente* a instrucção.

Isto em geral. Em particular, bastava o *nosso exemplo* para mostrar ao idiota do Pimenta o absurdo da asserção. Pois não somos nós o paiz que tem mais analphabetos no mundo civilizado? E não somos tambem aquelle que tem mais criminosos?

O sr. Ramalho Fontes, no seu bello livro *O Alcoolismo*, diz-nos que o numero dos condemnados por crimes de embriaguez que sabem ler e escrever anda em Portugal por **metade** dos que são analphabetos.

A proporção dos homicídios é na Allemanha de 17,7 por um milhão de habitantes; na França de 17,4; na Inglaterra de 11,1; na Belgica de 16,4; e em Portugal de **30,2**. Isto em 1895. O sr. Ramalho Fontes publicou o seu livro em 1908, mas fez referencia dos homicídios em Portugal aos annos de 1891-1895. Ignoro o que ha hoje sobre estudos estatísticos entre nós. Mas se elles existem, hão de nos dar, necessariamente, uma percentagem de crimes *multissimo maior*. (1)

(1) Em Portugal *não ha nada*. Mas a falta d'estatísticas, dignas de tal nome, não impede que toda a gente saiba que, effectivamente, a percentagem do crime é hoje em Portugal *multissimo maior*. E a instrução? E o analphabetismo? O analphabetismo não deve ser menor. Deve, até, apesar da instrução elemental custar hoje muito dinheiro, ter augmentado. E de uma forma geral, *nunca a instrução, que é uma perfeita burla*, andou tão arrastada.

Eu chego a achar grotescos os *grandes sabios e philosophos* que sustentam que a instrução augmenta a criminalidade. Admittindo que a instrução obre n'esse sentido nas naturezas que *nasceram perversas*, temos que admittir o contrario nas naturezas boas, ou n'aquellas que são boas ou más conforme o meio, e que sempre constituíram, em relação ás outras, uma maioria esmagadora. Chega-se a pasmar de que possa ter cabimento na cabeça d'esses *grandes sabios e philosophos* a triste idéa de que a leitura das grandes obras da humanidade, de que o conhecimento dos exemplos dos grandes ho-

E eis como mais uma vez Alfredo Pimenta cae das tamancas abaixo de *scientista*, esborrachando o nariz como justo castigo do seu olympico desprezo pelos *faceis escrevinhadores*.

Diz o sr. Padre Pinto na sua carta:

Toda a difficuldades está em saber se é conveniente, e até que ponto, generalizar a instrucção encyclopedica, porque é essa afinal a tendencia moderna, como se vae accentuando cada vez mais desde a instrucção primaria. De facto ninguem pensa em fornecer aos alumnos das classes primarias o instrumento da instrucção — ler, escrever e contar — para o terem ocioso como traste de luxo para inglez ver. Mas é facil de comprehender que nenhuma instrucção solida encyclopedica se pode generalizar. Propagar, pois, esta instrucção entre toda a gente é o mesmo que propagar a meia-ciencia, a instrucção superficial de que pode duvidar-se se não será mais um derramamento de trevas do que de luz. Realmente uma instrucção assim é como um tenue luar que deturpa as realidades, cria phantasmas e transvia os peregrinos, roubando-lhes o bom senso que lhes conserva a escuridão de se confiarem aguias experimentados.

Mas ha mais.

A natureza creando a desigualdade de aptidões e as

mens dos tempos passados, de que a exaltação dos grandes feitos e acções nobres e a condemnação dos maus possa perverter a alma de quem lê em vez de a melhorar.

São coisas que *nem se discutem*. Que só teem um effeito: mostrar-nos que tambem os *grandes sabios* e *philosophos* dizem insignes disparates (*nota d'esta edição*).

intelligencias apoucadas teve em vista manter na sociedade o indispensavel exercito de escravos da lavoura e serviços de misteres vis. Derramar essa instrucção superficial é pois crear descontentes com a sua sorte, augmentar ainda mais as ambições populares, a lucta das classes inferiores contra as superiores, converter o exercito de honestos productores da riqueza em parasitas da sociedade, impellindo esta para a catastrophé do socialismo.

E' um attentado contra a propria natureza que forçosamente se ha de pagar caro como todos os attentados desta ordem.

Não continuemos, outra vez o digo, attribuindo á instrucção aquillo de que não tem culpa a instrucção. Olhemos sempre para o nosso exemplo, que o não ha melhor para ensinar. Para que havemos d'ir buscar fóra argumentos e provas, se de tudo temos em casa com abundancia? Portugal é um grande livro, onde cada pagina encerra uma grandissima lição. Assim o lessemos, reflectindo, em vez de o conservar fechado e poeirento, para pedir ensinamentos aos ideologos estrangeiros ou prestar ouvidos aos parvos in'ellectualizados que teem sido a desgraça e a vergonha d'esta terra.

Não ha paiz nenhum com *maior numero de descontentes*. Na Europa, não ha. Não ha paiz nenhum onde as ambições populares se tornassem maiores e *mais exigentes*. Não ha

paiz nenhum onde o exercito de honestos productores da riqueza se convertesse em *peores e mais funestos parasitas*. Não ha paiz nenhum, emfim, onde, não já o socialismo, que já é tido por conservador entre os *avancados*, mas o syndicalismo revolucionario, o anarchismo, as mil formas da desordem, cada qual com o seu nome, se tornassem, de facto, em catastrophe *mais imminente*.

Resultado da instrucção? Mas como, se nós não temos *nenhuma instrucção*?

O sr. Padre José Pinto diz muito bem quando fala do *tenue luar que deturpa as realidades, cria phantasmas e transvia os peregrinos, roubando-lhes o bom senso que lhes conserva a escuridão*. Muito bem. Mas não ha paiz de *phantasmas* sem licença do nosso Portugal. Não ha outro com maior numero de *peregrinos transviados*. Não ha outro *onde mais falte o bom senso*.

Resultado da instrucção? Como, se não temos *nenhuma instrucção*? Nem grande nem pequena. Nós somos o paiz não só de maior numero de analphabetos, mas onde o numero dos analphabetos é *immenso*. Nós não temos *nenhuma instrucção*.

Isto é a phantasia da phantasia, a insensatez da insensatez, a loucura da loucura. Não ha paiz mais phantastico, mais insensato, mais

louco. Resultado da instrucção? Como, se, com parando com os paizes instruidos, sejam elles de que raça fôr, latinos ou não latinos, monarchicos ou republicanos, o contraste é, para nós, fulminante? Lá fóra não ha sabios nas grandes multidões. Um pequeno numero, proporcionalmente, tem a ligeira instrucção enciclopédica a que o sr. Padre Pinto se refere. Os outros, o grande numero, limitam-se a saber ler, escrever e contar, bem, principios de moral e de civilidade, historia patria e chorographia nacional. Se elles não teem a nossa insensatez, que não teem, a nossa phantasia, e a nossa loucura, o nosso pedantismo, as nossas ambições desordenadas ou anarchicas, pergunta-se: isto resulta da instrucção ou da meia instrucção, ou resulta de não haver *instrucção nenhuma*? D'esta *ignorancia granítica*, que excluiu o povo português da communhão dos povos civilizados, condemnando-o ao isolamento, ao abandono, a um vacuo horrivel? Pois não vêem que é essa falta de communhão, esse vacuo, que o deixou n'uma imitação disparatada, pois lhe faltam *os recursos necessarios* para uma imitação intelligente, não vêem que é isso que o perde, o esmaga, o anniquila?

Note-se, o sr. Padre Pinto, e ainda bem, está n'esse ponto de completo accordo comigo. Sobre a necessidade da instrucção ele-

mentar não admitte a menor duvida. Mas são necessarias estas minhas *generalizações* para deixar bem fixados *todos os pontos*.

Voltaria aqui Pimenta com a sua these da *Lanterna*, da *Montanha* e do *Mundo*. Que foram os auctores e leitores da *Lanterna*, da *Montanha* e do *Mundo*, que transviaram os espiritos, conduzindo-os ao chaos em que o paiz se abysma. Mas, admittindo a hypothese, para esse mal só ha dois remedios: ou augmentar a instrucção, ou *suprimi-la de todo*. Educar primeiro e ensinar depois já vimos ser parvoice, e parvoice redonda. Pimenta punha ao lado de cada portuguez uma sentinella para o educar e para evitar ao mesmo tempo que elle lêsse a *Lanterna*, a *Montanha* e o *Mundo*? Só assim, e mesmo assim... se a sentinella se não deixasse corromper ou adormecer. E se ella tambem, a sentinella, desatava a lêr a *Lanterna* e o *Mundo*? São palavrões, mas palavrões que só saem da bocca dos parvos intellectualizados da raça dos Pimentas.

Argus tinha cem olhos. Cincoenta dormiam enquanto os outros cincoenta velavam. E lá estava elle, de guarda á vacca, e Juno muito convencido de que tinha a vacca guardada. Mas vem Mercurio e com uma simples flauta adormece os cem olhos do Argus. E era uma vez a vacca de Juno! Apostar que Pimenta, o

Pimenta do Comte, que anda com o Comte ás voltas, o Pimenta carregado de livros, que ostenta sciencia e faz luxo do livro, o pedaço d'asno, nunca leu, nem pensou na moral d'estas mythologicas cantilenas?

Para educar primeiro e instruir depois, e evitar o mal immediato da leitura dos jornaes demagogicos que troçam e maldizem o Pimenta, e eis porque elle os odeia, só havia um recurso: supprir os jornaes *todos*, porque não estavam livres, mesmos nos melhores, de *perigosas heresias*; impedir a publicação de *todos* os folhetos, opusculos e livros; e fechar *todas* as escolas, desde a maior até a mais pequena. Durante uns poucos d'annos, pelo menos.

Serve? E' possivel? Se não é, cure-se a ferida do cão com o pêlo do mesmo cão. Em vez de andar com o Comte ás voltas que você não percebe e que acaba de o endoidecer, estude aphorismos, Pimenta. São-lhe mais uteis, creia. Cure-se o mal da instrucção com a mesma instrucção.

Ler, escrever e contar, só por si, é de uma utilidade immensa. Utilidade pratica e moral. E de alto valor individual e social. Um homem, uma mulher que sabe ler e escrever vale mais 50%. O que me admira é a estupidez com que se abandona n'esta terra a valorização do ho-

mem, ao mesmo tempo que os *philosophos* e *pensadores*, que tratam com desdém a instrução, recommendam a *valorização de tudo*. Contar pelos dedos! Uma pobre mulher a contar pelos dedos! Que perda de tempo e que esforço de memoria! E nunca conta nada em termos. Mandar um recado em vez de escrever um bilhete! Cincoenta vezes em cem, pelo menos, chega o recado alterado ao seu destino. E não raro d'ahi resultam os mais graves prejuizos. Além de que nunca se pode tomar uma responsabilidade rigorosa, nem fixar pontos, se a ordem, o recado, a exhortação, o conselho não são transmittidos por escripto.

A memoria é fragil. Isso, junto ao natural desteio d'esta terra, á sua falta de bons hábitos, faz que o português se esqueça de tudo. Mas se elle sabe escrever, toma nota e pode corrigir esse defeito, também, tantas vezes, prejudicialissimo.

Nunca o profissional poderá progredir na sua profissão sem saber ler nem escrever. Portugal perde milhares de contos cada anno só com a sua ignorancia profunda. Só pelo lado material nós ficaríamos compensados do mal da leitura da *Lanterna* e do *Mundo*.

A dor da pobre mãe que não pode escrever quando quer, nem dizer o que quer ao filho ausente! O tempo que ella perde a pedir a

quem lhe escreva! O seu acanhamento em pedir e em dictar! O seu desgosto, ou por ver a má vontade de quem accede ao seu pedido, ou porque não lhe reproduzem com fidelidade o pensamento! Um horror. O estadista que não trata de alargar a instrucção commette o maior crime social perante os homens e Deus. E o *publicista* que a combate, é um malvado e uma besta.

Antes de eu ir para o exilio, em plena florescencia do antigo *Povo de Aveiro*, estando no meio d'uns poucos d'empregados, homens e mulheres, n'um dia d'expedição do jornal, annunciou-me uma creada o sr. Bidé. Foi uma gargalhada geral, subita e irresistivel. Isto é authenticico. Não julguem que é brincadeira minha. Procurava-me o sr. Videira, negociante estabelecido em Aveiro, muito respeitavel e conhecido. A creada, porém, não o conhecia. E como é um vicio nato n'esta região a troca do v pelo b, e com a tendencia que tem o analphabeto a ouvir mal e pronunciar mal, sem hesitar fez de Videira, Bidé. Mas encordoou com a gargalhada, sentiu-se vexada, e d'ahi para o futuro nunca mais me annunciou ninguem pelo nome, sempre com receio de nova tolice. Dizia invariavelmente: *Está ali um senhor que o procura.*

O analphabetismo ainda tem isto: vexa,

desmoraliza, abandalha, enfraquece moral e intellectualmente aquelles que, pela sua ignorancia profunda, desconhecendo as proprias poucas palavras que falam, sentem que podem ser alvo da risota publica. Toda a gente ha de ter notado isto.

Ha uma coisa muito peor que o *tenue luar* com que o sr. Padre José Pinto representa, aliás em bellos termos, com muita propriedade, e muito intelligentemente, a prejudicial *meia sciencia*. E' a ignorancia absoluta. Infelizmente, até o *bom senso da escuridão* nós perdemos. E sabe o sr. Padre José Pinto quem o destruiu? O doutor de borralho, leitor, junto dos analphabetos, da *Lanterna*, da *Montanha* e do *Mundo*. O facto mais grave não foi propriamente a gazeta demagogica. Foi o seu leitor, lendo mal, e o seu commentador, commentando peor, junto das massas profundas. O texto era pessimo. Mas a explicação e o commentario foram horriveis. Ora sem a ignorancia absoluta das grandes massas, o commentador não era possivel.

Este julgou-se aguia experimentada é certo, sr. Padre Pinto. O sr. Padre Pinto vê-se bem que é um escriptor e um homem de talento. Mas foi a ignorancia quem poz asas d'aguia n'esse alarve. No commentador, no redactor da *Lanterna*, no proprio Pimenta. Sem o bai-

xíssimo nível intellectual da nossa sociedade, em *todas as classes*, nós não teríamos que supor-
 tar nem o interprete da *Lanterna* junto dos
 analphabetos, nem o redactor da *Lanterna*, nem
 o scientista Pimenta, que, no seu meio e na
 sua proporção, não é menos enfatuado nem fu-
 nesto. Na terra dos cegos quem tem um olho
 é rei. Voarata, como aguias, e, depois, desmo-
 ralizaram e anarchizaram mercê da insuffi-
 ciencia de todos. Se a cultura geral fosse maior,
 nenhum d'esses paspalhões existiria.

O nosso prezado amigo dr. Silvio Pélico
 Filho envia-nos a carta seguinte sobre o as-
 sumpto que se está tratando:

Meu Ex.^{mo} e Presado Amigo.

Casa de V. Ex.^a

Coimbra—Celas, 25-9-916.

*Ainda novamente o vou importunar sobre
 as suas «Cartas de Longe», que não deviam,
 nem devem, passar despercebidas na sociedade
 portugêsa.*

*As coletividades, agora mais do que nunca,
 tomando consciencia do seu poder, caminham
 na revindicação dos seus direitos e na con-*

quista de formas mais liberais e humanas, em que possam amoldar os novos quadros de produção e de consumo das riquezas. A guerra atual veio evidenciar a força prodigiosa do Operariado moderno; pois não será o Proletário que sustenta, com o fabrico das munições e dos engenhos de guerra, tanto nos Povos aliados, como nos Impérios Centrais, a Esperança e a Fé na victoria? Não será o espirito maravilhosamente superior, nas suas adaptações, como nas suas invenções, do Operário, o elemento que decidirá da guerra atual? O numero immenso dos combatentes, não será a falange enorme do Povo, do Proletário?

As democracias são uma força tamanha que nada, absolutamente nada, as póde soffrear na sua expansão de força e poder. Ora, é na Instrução e Educação d'esse gigante, que já atualmente, e no futuro mais ainda, ha-de residir o elemento basico do Progresso e da vida dos Povos. As proprias elites, vão saindo, directamente, da massa proletaria, do Povo. V. Ex.^{ta} veio, com as suas «Cartas de Longe», resolver o problema da Instrução Popular, na sua forma generalisada e completa. A Educação e a Instrução das democracias, é o problema fundamental da Edade Contemporanea. E' esse Problema que se encontra resolvido nas «Cartas de Longe». Numa democracia e

preciso haver uma opinião publica sã e forte. O proprio Império alemão é, estruturalmente, mais popular do que aristocratico, visto que n'esse País a Instrução Popular é uma realidade, é uma efetivação, clara e insofismavel. Porem, o espirito historico, militar e economico da Alemanha, deu-lhe uma feição transitoria e excepcional, que explica a forma como atualmente surge. E é assim que, os generais allemães, como Bernhardi, os antropologistas como Amon e Volkman, os pangermanistas como Chamberlain, esquecendo o que a Alemanha deve á Instrução Popular, falam com admiração injusta dos seleccionismos sociais, aristocratismos ethnicos, do militarismo etc. Mas o que é mais interessante é que esses escriptores não se atrevem a negar, francamente, o valor da Instrução Popular. Quer dizer, fazem um papel de ingratos. Se a Alemanha não fôsse um povo, como de facto e de direito é, absolutamente culto e instruido, para onde teria já ido no presente conflicto? Donde poderia esse Povo tirar os recursos materiais, intellectuais e scientificos com que tem atacado, e se tem defendido dos Povos aliados? O que poderia a Elite alemã, por mais habil e scientifica que fôsse, fazer de uma massa basica absolutamente ignorante, completamente analfabeta? São esses pontos, e outros, que os es-

criptores alemães atuais não explicam suficientemente, porque, eivados de militarismo e das lições de uma antroposociologia, complemento da concepção do super-homem germanico, não reparam que foi á arma democrata da Instrucção Popular que fôram buscar a gênese do Progresso e da grandêsa alemã contemporanea, desvirtuando no fim a atingir, pela concepção de um militarismo absorvente e conquistador do mundo.

E são esses pontos de vista que V. Ex.^a esclarece nas suas «Cartas de Longe», fazendo com esse seu trabalho, um serviço de incalculáveis consequencias para o valôr das democracias em geral, e da democracia portugûesa em particular. Se ha em Portugal uma facção demagogica importante, a razão está na existencia de uma percentagem de analfabetos aterradora. Se a Republica Portugûesa tem oscilado no seu poder, é porque não encontra uma opinião publica, devidamente educada e instruida, para lhe dar força e grandiosidade. Se em Portugal ha grupos revolucionarios, perfilhando ideias ultra-revolucionarias, é porque não se encontra devidamente formado um sistema de Instrução popular, que dê aos espiritos desequilibrados uma compreensão generica do que vale o Trabalho e a Ordem, no Progresso de um Povo e de uma causa em

especial. Gustavo Le Bon afirma em todos os seus livros que o principal factor da Produção das Riquezas é a Inteligencia. Mas de que servirá a Inteligencia, logo que não seja instruída e educada, para produzir e criar? E todos os sofismas, todos os ataques, todos os anatemas com que se tem procurado ferir ou inutilizar a Instrução Popular, não subsistem contra os argumentos que V. Ex.^a desenvolve, na segunda série das «Cartas de Longe». Porque, e este também é um ponto interessante que V. Ex.^a tem tratado, as proprias doutrinas da antroposociologia contemporanea conduzem, no final, a um resultado terrivel para a França, o que é desmentido pela guerra atual. Vacher de Lapouge, no seu ultimo trabalho Raça e meio social, escreve que o futuro da Raça está em perigo se uma seleção systematica não neutralizar o movimento democratico, pag. 226. Mas a pag. 63, da mesma obra, o mesmo escriptor, olhando a extraordinaria transformação que o espirito contemporaneo tem feito no mundo, e em especial na França, escreve: «O Francês historico desapareceu, está um Povo diferente, com uma mentalidade diversa. A primeira vez que na Historia sucede um acontecimento de tão magnas consequencias. O futuro dirá se essa experiencia interessante ha-de terminar pelo desaparecimento definitivo da

França, ou se trará a formula das sociedades futuras». Quer dizer que os factos apresentam-se de tal maneira que não se pôdem negar, e ou se aceitam na sua realidade, e então temos de reconhecer o valôr das democracias, o valôr das classes populares e teremos de ministrar-lhes uma educação e instrução popular, despertando-lhes a intelligencia, fortalecendo-lhes o character, ou então caíremos n'um seleccionismo irrealisavel e anti-racional, para d'ele chegármos ás conclusões absolutamente pessimistas de Lapouge. Acresce que, n'um momento de libertação do seu espirito, de ideias préconcebidas e de escola, Lapouge vem a implicitamente reconhecer o valor das classes populares, escrevendo que talvez o futuro guarde a formula social que elas hão-de criar. Ora, essa formula do futuro só a Instrução Popular a ha-de elaborar em toda a sua grandiosidade.

Será a Instrução Popular que, despertando para o mundo do pensamento e da acção intelligente e raciocinada as massas populares, d'elas fará sair altas e poderosas mentalidades de construtôres. E a tese da Instrução Popular, nas «Cartas de Longe», tão notavelmente firmada, dá ao meu Amigo a gloria de mais ter contribuido que ninguem para o Progreso e Libertação da Humanidade e do

Povo Português. Desculpe V. Ex.^a ser tão extenso e creia no

Amigo certo, e muito dedicado e admirador

Silvio Pélico Filho.

bibRIA

XXVI

Resposta a uma nova carta do sr. Padre José Pinto. O *desequilíbrio* que se fez entre nós a favor das idéas revolucionarias. A deschristianização de Portugal. Moral velha e moral nova, ou religiosa e revolucionaria. Effeitos d'uma e d'outra. Elevação moral e intellectual dos paizes, onde é mais sincero e mais puro o sentimento religioso, relativamente a Portugal. As congregações d'assistencia e de ensino exerceriam hoje uma acção benemerita entre nós.

Diz o sr. Padre José Pinto:

Toda a cultura do homem segundo a sua capacidade é um bem e como tal não pode produzir maus effeitos. Se os produz é evidente que a causa está noutra parte. Onde? A meu ver em se ter quebrado a harmonia de todas as faculdades e aspirações humanas que só pode encontrar-se na Religião.

Pois sem duvida. Até o sr. Padre Pinto ha de ficar admirado de eu concordar assim, com tamanha facilidade, com a sua opinião. Não é verdade? Mas eu lhe digo: é que para concordar com isso não é forçoso ser catholico; basta ver as coisas lucidamente.

Depois, o sr. Padre Pinto ha de ter notado

que tanto na 1.^a série das *Cartas de Longe*, já colligidas em volume, como n'esta 2.^a série, que está a findar, eu censuro repetidas vezes o *desequilibrio* que se fez entre nós a favor das idéas revolucionarias. Nas *Cartas de Longe* e em outros artigos d'este semanario. Eu lamento a deschristianização de Portugal. Eu considero-a um desastre. Ora eu chamo *desequilibrio* ao que o sr. Padre José Pinto chama *quebra da harmonia de todas as faculdades*. E quando lamento a deschristianização de Portugal é porque, de facto, sobretudo para o grande numero, só o sentimento religioso nos pode dar essa *harmonia*, esse *equilibrio* que nos falta.

De resto, eu *sempre* achei, mesmo quando combatia o clericalismo *a todo o transe*, que era um perigo derruir a *moral velha* sem preparação para a *moral nova*. Depois vi, com o tempo, a experiencia, o alargamento da minha intelligencia e o augmento da minha cultura, por um lado, que não passava de uma mystificação a *moral nova*, e que só havia de verdadeiro, solido e estavel a *moral velha*. Na essencia, só ha *uma moral*, com as modalidades, as ligeiras modalidades, dos meios, das classes, das circumstancias, dos paizes e das epochas. Mas, no fundo, a mesma e uma só. Tudo se limita a *ter* ou a *não ter* moral. Isso

por um lado. Por outro lado, que difficulda-
de, mesmo que ella exista, attingir a moral
nova!

Supponhamos, agora, que sou eu esse typo
de *moral nova*. Sou livre pensador e demo-
crata. Não sou estúpido. E não sou inteira-
mente ignorante. Menos estúpido do que quasi
todos os livres pensadores e menos ignorante
do que quasi todos os democratas. Devo ser
um bom typo de *moral nova*. Não é verdade?
Pois bem. Quando attingi eu, n'esse genero, a
perfeição?

Os berradores anti-clericaes -- e se a *de-
cencia* se não offendesse e m'o permittisse,
essa senhora mais hypocrita que delicada, eu
chamar-lhes-hia antes borradores, e com que
massa!, de jornaes, -- accusam-me de incoheren-
cia. Ainda ha poucos dias um garotinho, d'a-
quelles que me saem ao caminho provocando,
porque consideram *uma honra*, vejam se os
querem mais idiotas, o eu dar-lhes um pon-
tapé no rabo, e este nem isso leva porque me
dizem que é um pateta de tal ordem que nem
essa honra elle merece, transcrevia do velho
Povo de Aveiro trechos anti-clericaes n'um
reles gazetorio de Coimbra, julgando que assim
mê fulminava.

Nunca eu estive a par d'esses asnos. Fui-
lhes sempre infinitamente superior pela intelli-

gencia, a cultura e o character. Conservei sempre, apesar de tudo, através das mais graves contingencias, o substractum da velha moral vivido e puro no fundo da minha alma. Todavia, ainda ha uma duzia de annos eu estava n'aquelle estado. Para sahir d'elle, foi preciso augmentar ainda mais a minha cultura, aperfeiçoar ainda mais a minha intelligencia, apurar ainda mais o meu character. Foi preciso ver muito, observar muito, largamente viajar. E só hoje, se é que já cheguei a isso, posso ser modelo de *moral nova*.

Quantos chegam cá? E quantos annos se não leva, por este processo, a adquirir a harmonia ou o equilibrio das faculdades?

Esse é o terrivel contra da moral revolucionaria.

Na moral religiosa ha todos os principios *naturaes*. Na moral revolucionaria não ha nenhum. A moral religiosa approxima-se da natureza e a moral revolucionaria afasta-se. Basta isso para que aquella tenha sobre esta uma enorme superioridade.

A moral religiosa préga a resignação e o sacrificio. A moral revolucionaria préga o desespero e o goso. Ora o que é a vida senão uma resignação e um sacrificio pegados? A moral religiosa préga a obediencia. A moral revolucionaria préga a revolta. Mas o que nos

diz a pratica da vida senão que sem obediencia cahimos na desordem?

São influencias dos meios sociaes, clamam os revolucionarios. Não são tal. São influencias dos meios naturaes. As leis da vida do homem não são, não podem ser *absolutamente* as leis da vida dos outros animaes. Mas os selvagens, clamam ainda, não vivem da mesma forma que os homens civilizados. Mas os selvagens tendem a civilizar-se. Não ha, n'esse ponto, não pode haver regressões sociaes.

Por esse caminho não vamos parar senão á orgia, á immoralidade, á dissolução, á morte moral e physica das sociedades. A mulher não quer procrear, o homem não quer encargos. Como ha de haver familia? Sem familia, como ha de haver sociedade? Sem sociedade e sem familia como ha de haver especie?

São essas as leis naturaes? A natureza creou o homem e a mulher para não procrearem? Ha leis geraes da animalidade e leis privativas de cada classe de animaes.

Essas são as leis geraes. Imperiosas. Inilludiveis. Illudi-las é morrer.

O desejo exaggerado do goso e da independencia conduz á esterilidade. Porque desde que cesse a esterilidade, lá vem a dor, a resignação, o sacrificio e o encargo. Todos os animaes sem excepção se dedicam *absolutamente*

aos filhos enquanto o auxilio dos paes fôr para estes necessario. E' uma vida de dor, de resignação, de sacrificio, de vigilancia, de cuidados, de carinho, de expectativa ao mesmo tempo amorosa e dolorosa. Quer o homem fazer excepção a essa regra? A natureza elimina-o. Fa-lo desaparecer, como monstruoso e indigno, da face da terra.

Verme abjecto, que nada comprehende do universo e que tem a pretensão louca de querer regular o universo. Que troça de Deus e que se põe a tremer de pavor se vê fuzilar o raio e ouve ribombar o trovão. Que tudo quer explicar e que nem a maior parte das doenças que o roem elle sabe explicar.

O espirito revolucionario tem esse grave inconveniente: afaga, anima, estimula a velha prosapia, a velha soberba, a velha insensatez humana. A tendencia humana foi sempre voar, voar, sonhar, phantasiar. Foi sempre subir, subir, subir até o céu. Foi sempre dominar, dominar, gosar, gosar. Para cahir no inferno, como Satan, ou no charco, como Icaro. Ah, quanto é velha a tentativa da revolta e do goso e quanto é velha a triste desillusão! São sempre compassos d'espera, ou recuos, ou quedas desastrosas na marcha da triste humanidade. Sobe, sobe, mas sobe apenas para tornar a sua queda mais infeliz e estrondosa. Ella ahi vem rolando, de tombo em

tombo, esfrangalhada, escorrendo sangue, deixando os cabellos e as carnes nas pedras agudas, ou nas urzes e espinhos da estrada. Eva pagou caro o seu desejo de goso. Eva e Adão. Santanaz pagou caro o seu espirito de dominação e de revolta. São velhos symbolos, mas symbolos sempre vivos, sempre novos, d'eternissima verdade.

Debalde o homem quer fugir ao seu destino. O seu destino é soffrer e trabalhar. E tem marcado a fogo, na testa, por mão invisível, *d'aqui não passarás*. Infringe essa sentença? Paga-o. Duramente. Como o pagou Eva e Satanaz.

Ah, sim, a religião, que é divina e que é do céu, é ao mesmo tempo mais humana, mais terrena e mais harmonica. Ella conheceu e marcou, com superior talento, os limites, o ambito da pobre humanidade. Ella oppoz ao sonho, á phantasia delirante, este conceito de amargurada humildade e de dolorosa realidade: *do pó vieste e em pó te tornarás*. Do pó vieste e em pó te tornarás, ó gloria de mandar, ó vã cobiça, como já dizia o grande epico!

Os religiosos, até no seu espiritualismo, são muito mais logicos e sensatos. Se em volta d'elles tudo é mysterio, se a vida, a mesma vida, começa logo por ser mysterio, que admira que elles adorem o mysterio? Eu posso-me

lá rir dos que rezam e imploram! Se eu não sei nada! Se eu nem sei porque me atormentam as dores physicas que de vez em quando me acodem, e se da bocca me sae espontanea, instinctiva, uma invocação de piedade, quando ellas se tornam mais atrozes! Quem se ri? Esse riso é insensato.

Os religiosos adoram o mysterio. Mas esse mesmo mysterio os traz á noção da realidade. Esse mesmo mysterio lhes diz que o homem ou se ha de regular pelos preceitos da obediencia, do respeito, da auctoridade, ou sosso-bra na fraqueza das suas faculdades. Ou se ha de resignar e sacrificar, ou offendeu a natureza e leva o pontapé de Satanaz. Ou segue a lei de Deus, e se limita aos gosos que elle lhe concede, ou tem a sorte de Eva, que soffreu o castigo do seu amor pelo goso condemnado.

Diz-se que a religião é um freio. Não é um freio, é uma regra. E quando fosse freio, ou seja freio, é o freio da phantasia desregrada. E' um codigo de doutrina, e esse codigo supprime licções e licções da sabedoria e da experiencia. O grau de superioridade moral e de bom senso que eu adquiro sem elle ao cabo de uma existencia de estudo, de observação e de successivas e dolorosas decepções, adquiro-o na mocidade, sem decepções e sem trabalho, quem fielmente o observar.

Não ha duvida, sr. Padre Pinto. Na religião está a harmonia de todas as faculdades e aspirações humanas. Ella é contra a escravidão e a tyrannia, mas ella é contra a revolta desenfreada. Ella é contra a obediencia levada até a abjecção, mas ella é contra a desobediencia systematica. Ella é contra a ordem quando opprime, mas ella é contra a desordem... que da mesma forma opprime. Ella não leva a humildade até a subserviencia, mas não admite a independencia até a anarchia ou a soberba. Ella emancipa, mas não quebra os elos da hierarchia social. Ella dignifica a mulher, mas conserva-a no seu logar e no seu sexo. Ella concede a auctoridade ao marido e ao pae, mas nega-lhe e retira-lhe o abuso d'essa auctoridade. Ella combate o vicio e o crime, e fulmina o vicioso e o criminoso, mas está sempre prompta a estimular um e outro no caminho da virtude e a glorificar a regeneração e o arrependimento. Modera o desespero e fomenta o heroismo.

Eu vi, nas minhas viagens, eu observei, durante o meu longo exilio, que os paizes mais progressivos e mais cultos eram justamente aquelles onde o sentimento religioso era mais intenso e *mais sincero e mais puro*. Não esqueça. E *mais sincero e mais puro*! E o que me admira, sempre me admirou, é que não

reparem n'essa notavel coincidência os *estadistas portugueses*. Os paizes mais cultos são os de mais intensa e mais pura religiosidade. Nós, o paiz mais deschristianizado da Europa, somos o mais boçal, o mais anarchizado, o mais vicioso e o mais bruto. Por isso eu dizia e digo que se estivesse na minha mão decretar a entrada das congregações religiosas, *jesuitas á frente*, não demorava a publicação d'esse decreto *nem mais uma hora*. Não admitto as ordens contemplativas. Mas considero benemeritas, e de uma grande necessidade em Portugal, as de assistencia e de ensino. E' forçoso, é um acto de salvação combater a todo o transe a funesta deschristianização que nos invadia. E' indispensavel incutir nos proprios que se dizem religiosos, *mas que não teem religiosidade nenhuma*, o espirito religioso. *Que não teem religiosidade nenhuma*. Esse é o cumulo da nossa desgraça.

Que importou a França expulsar as congregações religiosas, se o espirito religioso n'esse paiz era e é intensissimo, e d'uma pureza que não é igualada por nenhuma outra nação do mundo? Os acontecimentos estão provando todas as minhas prophcias. Ora antes da guerra e no principio da guerra eu disse: *a França não é o que se suppõe; a sua cultura, que é hoje muito grande, e o seu espirito religioso,*

mais forte do que nunca, moralizaram-na, contra tudo o que se diz, e deram-lhe cohesão e heroísmo. Assim tem sido. Mas em Portugal está morto todo o espirito religioso até nos que se dizem religiosos, e não ha nenhuma cultura. Que, alem disso, a França nem expulsou todas as congregações, deixando debaixo de capa subsistir algumas das proprias que supprimiu, nem, individualmente, vedou o seu territorio a ninguem. Lá vivem, livremente, os jesuitas.

Eu não prohibiria a escola laica, é claro. Mas, libertando a Egreja, impor-lhe-hia a obrigação de manter escolas populares annexas a todos os estabelecimentos do ensino secundario ou superior das suas congregações, e a de crear em cada freguezia uma escola para o povo, dirigida pelo parocho. Quem quizesse ir para a escola laica, que fosse. Mas quem preferisse a escola religiosa alli a tinha ao seu dispor. Era uma maneira de combater em mais larga escala o analphabetismo, e de oppor uma barreira a essa torrente de deschristianização que é a morte do paiz.

Fala um livre pensador, não fala um religioso. Um livre pensador e um democrata. E' um livre pensador, que sempre o foi e que o continua sendo, quem lhes diz que essa torrente de deschristianização e de estupidez que

ahi vae, essa falta de cultura e de espirito religioso, *que poucos teem*, acabará por afundar, inteiramente, este nosso Portugal.

bibRIA

XXVII

Continuo respondendo ao sr. Padre José Pinto. A instrucção encyclopedica e como a aprecia Alfred Fouillée, que é um eminente philosopho. Alfred Fouillée chama *parvenus du savoir* ao que eu chamo *parvos intellectualizados*. Necessidade de augmentar e fortificar o ensino das *élites*, sendo n'ellas que se encontram os peores analfabetos d'esta patria. O ensino civico e moralizador por excellencia é o ensino classico. E' elle que forma os cidadãos, qua purifica as alma e eleva os corações.

Vamos a outro ponto.

Escreveu o sr. Padre José Pinto.

O problema da generalisação da sciencia pareceu-me sempre, como o da generalisação de outras riquezas, isto é, demasiado complexo e espinhoso para se tractar ao correr da penna e se decidir com figuras de rhetorica. Que a instrucção elemental é um bem commun acaba V. Ex.^a de o provar magistralmente, persuadindo-me ainda mais do que estava a respeito d'essa verdade. Mas por isso mesmo que V. Ex.^a tanto me interessou, desejava ouvil-o sobre o outro lado da questão, onde está o busilis.

Para maior clareza, deixemos a chamada instrucção elemental que é mais o instrumento previo da instrucção que propriamente instrucção: ler, escrever e contar. A generalisação d'este instrumento ou meio educativo não pode ter outros antagonistas senão aquelles politicos de vistas curtas que julgam boa tactica para coarctar o mal impedir junctamente o bem, como se a diminuição

do mal compensasse a perda correlativa do bem, ou este não pudesse compensar amplamente os males concomitantes devidos ao abuso que o homem faz do bem positivo.

Tambem ninguém pôde achar o menor inconveniente à que se generalise a instrução technica, entendendo por esta palavra toda a instrução tendente a aperfeiçoar o homem na sua arte, officio ou profissão. Toda a dificuldade está em saber se é conveniente, e até que ponto, generalisar a instrução encyclopedica, porque é essa afinal a tendencia moderna, como se vae accentuando cada vez mais desde a Instrução primaria. De facto ninguém pensa em fornecer aos alumnos das classes primarias o instrumento da instrução — ler, escrever e contar — para o terem ocioso, como traste de luxo para inglez ver. Mas é facil de comprehender que nenhuma instrução solida encyclopedica se pode generalisar. Propagar, pois, esta instrução entre toda a gente é o mesmo que propagar a meia-ciencia, a instrução superficial de que pode duvidar-se se não será mais um derramamento de trevas do que de luz. Realmente uma instrução assim é como um tenue luar que deturpa as realidades, cria phantasmas e transvia os peregrinos, roubando-lhes o bom senso que lhes conserva a escuridão, de se confiarem aguias experimentadas.

Mas ha mais.

A natureza creando a desigualdade de aptidões e as intelligencias apoucadas teve em vista manter na sociedade o indispensavel exercito de escravos da lavoira e serviços de misteres vis. Derramar essa instrução superficial é pois crear descontentes com a sua sorte, augmentar ainda mais as ambições populares, a lucta das classes inferiores contra as superiores, converter o exercito de honestos productores da riqueza em parasitas da sociedade, impellindo esta para a catastrophe do socialismo.

E' um attentado contra a propria natureza que forçosamente se ha de pagar caro como todos os attentados desta ordem.

Mas, dir-se-ha, ninguem deve preoccupar-se agora com esses inconvenientes, visto não podermos oppor-nos á corrente avassaladora, sem nos integrarmos nella primeiramente.

Está bem, mas isso não é discutir a these, senão a hypothese, nem é olhar ao futuro, senão ao presente.

E' certo que ninguem pode por emquanto oppor-se á corrente estabelecida, sem perder ipso facto toda a influencia directiva da opinião e das forças sociaes. Mas a difficuldade está em saber como remar depois para traz, ou como canalisar a corrente em boa direcção.

Toda a cultura do homem segundo a sua capacidade é um bem e como tal não pode produzir maus effeitos. Se os produz é evidente que a causa está noutra parte. Onde? A meu ver em se ter quebrado a harmonia de todas as faculdades e aspirações humanas que só pode encontrar-se na Religião. De facto o christianismo foi por muitos seculos o grande apostolo da instrucção popular e superior e só elle soube fazer o milagre de instruir o povo sem o prejudicar. Se hoje esse apostolado passou em grande parte para as mãos de seus inimigos deve-se á ineptia dos catholicos que não souberam conservar no mesmo grau de fervor esse apostolado.

E, se os inimigos da Igreja só produzem ruinas no manejo d'essa alavanca social é porque a empregaram na destruição da Religião unica força harmonisadora e reguladora de todas.

E' este o meu pensar.

Mas como o que eu desejo é ouvir a V. Ex.^a e não fazer-me ouvir, fico-me por aqui, pedindo-lhe desculpa do precioso tempo que lhe estou roubando.

Ao que diz respeito á religião, já eu respondi em parte. Só me faltou concordar, o que faço hoje, com o sr. Padre José Pinto onde escreve que se o apostolado da instrução popular e superior passou em grande parte para as mãos dos inimigos da Egreja, á ineptia dos catholicos se deve. Pelo menos, em Portugal. Aqui, ao contrario do que succede no estrangeiro, ainda muitos d'elles, eu ouvi-os no exilio, combatem o derramamento da instrução popular. E, comtudo, ella seria o maior vehiculo da propaganda religiosa. E só na propaganda religiosa, que é o grande esteio da moral, encontraremos o remedio para a corrente de que o sr. Padre Pinto justamente se arre-ceta.

Quanto á generalização da instrução encyclopedica, é caso que ficou fóra, e naturalmente alheio, á these que eu me propunha tratar. Eu seguia no estudo da instrução geral na Allemanha, quando Pimenta surgiu no orgão dos capadocios a mostrar desdem pelo ensino popular, ratificando e sustentando que, para a educação que possuia, o povo portugûes já *tinha instrução demais*. O parvo intellectualizado! A quem serve tão bem a carapuça talhada por Alfred Fouillée com estas palavras: *Les parvenus du savoir ont plus d'un trait commun avec ceux de la fortune. Si beau-*

coup de science rend modestes les esprits supérieurs, un peu de science rend orgueilleux les esprits médiocres.

Traduzamos, para quem não souber francês: «Os adventícios do saber teem mais do que um traço commum com os da fortuna. Se muita sciencia torna modestos os espiritos superiores, pouca sciencia torna orgulhosos os espiritos mediocres».

Aqui o teem, o pateta. Em vez de traduzir *les parvenus du savoir* por adventícios do saber, poderíamos ter traduzido por *burros carregados de livros*, que o não fariamos com menos propriedade. E então diríamos: *Um burro carregado de livros tem mais do que um traço commum com os brutos do dinheiro. Se muita sciencia torna modestos os espiritos superiores, pouca sciencia torna orgulhosos os espiritos mediocres.*

Aqui o teem, o pateta. Espirito mediocre, a pouca sciencia tornou-o um pedantão insolente. Ridículo, mas insolente. E era preciso, foi o que fizemos, afundá-lo no ridículo, castigando-lhe, junto, a insolencia. Mostrar mais uma vez, a elle e a todos, a eterna verdade do proloquio, isto é, que um burro não deixa de ser burro por parecer, carregado de livros, um doutor.

Alfred Fouillée, no seu livro *La France au*

point de vue Moral, refere-se largamente á instrucção encyclopedica, e sustenta as idéas que o sr. Padre Pinto expõe na sua carta.

Concluons que le grand péril de l'instruction *intégrale* mal comprise et confondue avec une instruction d'E'tat encyclopédique pour tous, c'est le manque d'adaptation des esprits à leur future condition sociale, c'est l'éveil d'appétits impossibles à satisfaire, c'est le dégoût de la profession humble et utile, c'est l'aspiration à des places de l'E'tat prétendues plus honorables ou plus sûres que telle situation indépendante; c'est, en un mot, la démoralisation par la *déséquilibration*. Tout le monde ne pouvant pas être ingénieur, chirurgien, ni même maître d'école, il faut éviter les modes artificiels d'instruction prétendue intégrale qui dévoient les esprits en les entraînant vers des perspectives inaccessibles. L'éducation, au lieu de se perdre dans les généralités, doit s'approprier à la place que l'enfant, selon toute vraisemblance, occupera dans la société. Et qui en sera juge? Avant tout la famille et l'enfant lui-même, sans exclusion d'ailleurs le concours de l'E'tat, les bourses de l'E'tat ou des communes, toutes les facilités et toutes les aides possibles. Mais gardons-nous, par une instruction au-dessus des aptitudes psychiques ou des moyens matériels, de développer chez les élèves, chez les maîtres eux-mêmes, la rancune contre la société, sous prétexte qu'elle *ne reconnaît pas en eux des grands hommes* ou les égaux des grands hommes. M. Jaurès a appelé les déclassés et déracinés *l'état-major et les cadres des forces antisociales*, sur lesquelles il compte pour désorganiser la société présente; et M. André Lefèvre dit à son tour: *C'est par la révolte que s'accomplit le progrès*. Nous avouons que cette utilisation des prolétaires intellectuels et des déclassés

de toutes sortes ne nous semble pas une justification suffisante: faire du mal à la société actuelle pour mieux la rendre impossible, c'est un procédé de politicien révolutionnaire, non de moraliste et d'éducateur.

En somme, vouloir rendre chacun propre à tout, c'est rendre chacun impropre à tout. Quelque *égalité* qu'on établisse, il y aura toujours une hiérarchie, il y aura toujours des supériorités intellectuelles et sociales. *La supériorité*,—dit Condorcet, un des patrons de l'éducation intégrale,—*devient un avantage pour ceux qui ne la partagent pas; elle existe pour eux, non contre eux. Elle est donc juste.*

• Isto quer dizer em português, e muitos dos nossos leitores não sabem francês, que o grande perigo da instrução encyclopedica é aquella que o sr. Padre Pinto denunciou. Representa ella a falta d'adaptação dos espiritos ás condições sociaes futuras: provoca appetites impossiveis de satisfazer; produz má vontade ás profissões humildes e uteis; cria aspirações a empregos do Estado considerados mais honrados ou mais seguros; n'uma palavra, produz a demoralização pelo desequilibrio.

Mas nós temos tudo isso, e não ha em Portugal instrução encyclopedica pelo unico motivo de que não ha entre nós *instrução nenhuma*. Não occorreu esta observação ao sr. Padre Pinto? Somos um povo de analphabetos e em paiz nenhum ha o pedantismo, as aspirações fidalgas, a ociosidade, a falta d'equi-

librio, de que, segundo Fouillée, e diz muito bem, resulta a desmoralização, que ha em Portugal. O sr. Padre Pinto viajou, como eu viajei. Que se vê lá fóra? A par d'uma cultura infinitamente superior, vê-se muito mais disciplina, muito mais ordem, muito mais simplicidade e modestia, muito mais respeito pela auctoridade, muito mais civismo, muito mais trabalho e amor ao trabalho do que entre nós. Pois não é verdade? Isto é innegavel. Logo, o mal não está no encyclopedismo propriamente dicto, por isso que o analphabetismo produz as mesmas consequencias, *correctas e augmentadas*. E que *correctas*! E que *augmentadas*! O mal está na falta d'ensino moral.

Diz Alfred Fouillée, n'outra parte :

Notre enseignement populaire, aujourd'hui, est déjà trop intégral dans le mauvais sens du mot; il est trop calqué sur l'enseignement secondaire et supérieur; on en a fait *le premier degré de l'instruction publique*, au lieu d'en faire *une branche à part, ayant sa valeur en elle-même*, ajoutons : une branche d'éducation sociale plutôt encore que d'instruction individuelle. On a toujours été dominé, comme en 1848, par l'idée d'une sélection de capacités à opérer parmi le peuple. On a donc fait de l'école *le vestibule* (todo o italico é do texto) *du lycée*. On a versé en même temps dans l'autre fausse conception de l'enseignement intégral, c'est-à-dire dans la conception encyclopédique. Au lieu de s'en tenir à des idées très simples, restreintes au nécessaire, mais approfondies, on a voulu *un peu de tout pour tous*, ce qui entraîne nécessai-

rement les idées superficielles. Enfin on a trop poussé les moindres enfants du peuple, sous prétexte d'égalité démocratique, à la chasse aux diplômes. En 1891 (et la proportion est plus grande aujourd'hui), 127:390 garçons, 101:630 filles se sont présentés à l'examen pour le certificat d'études primaires, soit la presque totalité des enfants en âge de l'obtenir, c'est-à-dire de onze à treize ans. Les quatre cinquièmes l'ont obtenu. Il y a là du bien et du mal. Pour notre part nous ne voyons pas d'inconvénients et nous voyons même des avantages à sanctionner les études par des examens, qui, mieux organisés, seraient en effet une première sélection pour les capables et une élimination des incapables; mais nous croyons que l'instruction primaire devrait être considérée essentiellement comme un ensemble de connaissances si nécessaires, si naturelles à tout homme civilisé, qu'il n'y ait pas de *mérite spécial à les posséder* et qu'elles ne confèrent *aucun titre, aucun droit à aucune place*. Et nous nous défions de l'abus des diplômes, qui crée des prétentions souvent injustifiées et tend à faire sortir beaucoup d'enfants des occupations industrielles ou agricoles pour aspirer au fonctionnarisme, à l'intellectualisme, etc.

L'idée vague d'intégralité en ce qui concerne l'instruction primaire, ne nous paraît donc pas exprimer avec exactitude la direction qu'on doit donner à cet enseignement. Selon nous, il doit être intellectuellement et moralement pratique, par conséquent il doit avoir pour domaine ce qui est indispensable et pour la culture de l'intelligence et pour celle de la volonté. *Encyclopédique et primaire* sont ce qui jure le plus; donner aux enfants du peuple des clartés de *tout* est bon, sans doute, mais importe moins que de leur fournir des notions précises sur ce qui leur servira nécessairement dans la conduite générale de leur vie et dans leur profession particulière. Or, pour la conduite générale, qu'est-ce qui importe? C'est

l'étude sérieuse de la morale, surtout civique. Et pour la profession particulière, le technique ne pouvant être admis dans l'école primaire, que faut-il donner aux élèves ? L'instrument scientifique général. L'instrument scientifique, c'est une bonne connaissance des mathématiques et des grandes lois de la physique. Le reste est accessoire. Nous serions donc partisan d'élarguer et de limiter, de mettre en œuvre la culture intensive, non plus extensive, de *particulariser* l'enseignement plutôt que de *l'intégraliser*. En faisant à la morale une large place, on donnerait à l'enseignement primaire le seul caractère universel qu'il puisse acquérir. L'enseignement de la morale, surtout sociale, dans l'école, et dans les cours complémentaires de l'école, est, comme nous le verrons plus loin, le vrai moyen d'unifier et d'intégrer tout l'ensemble des connaissances, d'aboutir à l'instruction par l'éducation. Kant disait que l'éducation consiste à *développer proportionnellement et régulièrement toutes les dispositions de la nature humaine*; et il ajoutait, pour montrer que la culture intellectuelle y est insuffisante: *Comment peut-on rendre les hommes heureux, si on ne les rend pas moraux et sages ?* C'est donc surtout l'éducation qui a besoin d'être intégrée. C'est à une bonne éducation que tous ont vraiment droit, non à une instruction encyclopédique et, par cela même, irréalisable.

Não tomemos tudo isto á letra para não cahirmos nas asneiras do nosso parvo intelectualizado. O nosso parvo lê e copia, e baralha e confunde, sem se tirar do que elle diz uma idéa pratica, applicavel, positiva e real. Lê mal e copia peor. Nem sabe mesmo o que lê. O seu criterio é valor nullo na sua scien-

cia de caracol. Quem quizer fazer idéa, por exemplo, pelo que ahi fica, das opiniões geraes de Fouillée sobre instrucção, julgará que elle pretende, como o nosso parvo intellectualizado a respeito de Portugal, converter a França n'uma fabrica ou n'um laboratorio. Nada mais falso. Em todas as suas obras, e n'essa mesma que acabamos de citar, Fouillée se mostra um ardente partidario dos estudos classicos.

L'enseignement des lettres, diz elle a pag. 357, *a l'ambition très justifiée d'être éducateur et moralisateur par lui-même. Assurément une version latine, une composition littéraire, morale, philosophique, développe beaucoup plus l'esprit et le cœur qu'une rédaction d'histoire naturelle ou de physique, et même qu'une recherche de géométrie.....*

Tant il est vrai que c'est bien là une éducation, et qu'on ne peut y substituer l'étude des sciences diverses, qui forme des savants et des praticiens, mais ne forme guère des hommes et des citoyens.

Mas, evidentemente, não se pode estar a ensinar latim e grego a um cavador d'enxada. Por isso Fouillée distingue entre o povo, propriamente dicto, e as *élites*, e distingue muito bem. As *élites*, quer sigam o caminho das sciencias, quer sigam o caminho das letras, precisam d'uma forte educação classica. Ao povo basta ensinar aquillo que, na vida pratica, lhe fôr util e necessario. Mas a este mesmo

elle não dispensa o *ensino da moral*, que aliás é o elemento preponderante da educação classica. Não só o não dispensa mas faz d'elle a parte basilar, capital, essencial.

Eis o *busilis*, snr. Padre Pinto. O *busilis* é este. Elle aqui está.

Fouillée tem razão no geral das suas considerações. Ha um ou outro ponto, como aquelle em que manifesta o desejo da instrucção primaria não dar direitos nem a titulos nem a empregos, que se podem considerar, talvez, *philosophicos*. Mas, em regra, o que expõe é real, exacto e acertado. Porem o que sobretudo devemos tomar em consideração são os periodos em que elle se refere á moral.

Para a conducta geral, pergunta elle, o que é que importa? E', responde, o sério estudo da moral, sobretudo civica. E accrescenta: «Talhando-se um largo logar á moral, dá-se ao ensino primario o **seu unico** caracter de universalidade. O ensino da moral, sobretudo social, na escola e nos cursos complementares da escola, é, como veremos mais longe, o verdadeiro meio de unificar e integrar todo o conjuncto dos conhecimentos, de terminar na instrucção pela educação».

Eis o *busilis*, sr. Padre Pinto. O *busilis* é este. Elle aqui está. E dizendo isto não quero dar quinaus no sr. Padre José Pinto. Ao contrario,

quero com elle concordar. Este *busilis* era a conclusão e a sabida que elle proprio apontava na sua carta.

Para a conducta geral, o que importa? E' o serio estudo da moral. E por isso é que vemos nos outros paizes, com o seu ensino encyclopedico, muito maior moralização e progresso do que nesta pobre terra, onde o povo é analphabeto e onde as classes dirigentes *não sabem nada*.

Diz ainda Alfredo Fouillée :

On n'est pas un *paria*, et on n'est pas non plus un *ignorant* pour n'avoir point approfondi l'algèbre ou la querelle des investitures ou l'histoire de la métaphysique alexandrine. Il est bien d'autres belles et bonnes choses qu'on peut enseigner pour leur profit aux classes rustiques, et il est peu moral de vouloir leur faire subir l'antinomie des spéculations intellectuelles et des nécessités matérielles. Mieux vaut leur faire comprendre que toute profession est noble et libérale où l'on apporte, avec les lumières nécessaires, dignité et conscience. Le philosophe Heraclite, que des visiteurs s'étonnaient de voir préparer lui-même ses aliments, ne leur répondit-il pas : Là aussi il y a des dieux !

Mais vale fazer-lhes comprehender que toda a profissão é nobre e liberal quando exercida, alem do conhecimento necessario, com consciencia e dignidade. O philosopho Heraclito respondia aos visitantes, que se admiravam de

o ver a elle proprio preparar os seus alimentos :
Alli tambem ha deuses !

E' assim mesmo.

N'esses povos poggessivos e cultos ainda não faltaram homens e mulheres para todos os serviços e misteres. E em Portugal, paiz de analphabetos e de brutos, vão faltando. Em nenhum d'esses paizes eu vi *em ninguem* o pedantismo e as manias fidalgas que em *quasi toda a gente* se veem n'esta terra desgraçada.

Sem ser Heraclito, muitas vezes eu tenho feito o meu almoço e a minha ceia. Muitas vezes tenho pregado botões nas minhas camisas e nas minhas calças. Muitas vezes tenho engraxado as minhas botas. E ninguem prega os meus botões nem engraxa as minhas botas melhor do que eu. Uma vez dizia-me em Paris uma francesa elegante: *Quem lhe engraxa as suas botas, que as traz sempre tão bem engraxadas?* Eu, *minha senhora. O senhor?* E riu-se. Não por achar o caso extraordinario. Mas pela naturalidade e simplicidade da resposta.

Eu. E ainda ha dois dias punha fóra da porta d'esta casa um estupidarrão dum typographo, que julgava *deshonroso* para elle pôr um taipal n'uma janella, como eu tenho feito tantas vezes no meu escriptorio. E ainda hontem d'aqui sahia outro empregado, que tambem se sentia offendido nos seus brios por le-

var á estação do caminho de ferro, nas mãos, uns maços de jornaes!

Mas se eu fosse a contar casos d'esses, enchia, só com os que conheço, as quatro paginas d'este jornal.

Isto é o maior paiz de mandriões e de pedantes, d'alto abaixo, que ha no globo terraqueo. E no emtanto, outra vez o digo, é um paiz de analphabetos e de gente ignorante.

Vejamos ainda uns periodos da obra de Alfred Fouillée, fazendo notar desde já que Fouillée é tanto mais insuspeito quanto é certo não ter nada de religioso.

S'il est vrai que l'Eglise militante universelle se compose de tous ceux qui travaillent en vue de la droiture, — ajoutons: en vue de la société universelle, — on peut soutenir que, malgré les apparences, la France est restée largement religieuse.....

Si Paris n'est pas le centre du pouvoir catholique, c'est cependant le principal foyer de la pensée et de l'action catholiques. Les trois quarts de sa population ont reçu le baptême et ont fait la première communion. Les deux tiers ont un convoi religieux et une croix sur leurs sépultures. A côté des grands édifices religieux, il ne faut pas manquer de parcourir, un jour de solennité catholique, les puissantes paroisses populaires qui n'ont pas moins de 100:000 habitants, Saint-Ambroise, Sainte-Marguerite, Saint-Jacques de la Villette, Saint-Germain de Charonne, Saint-Joseph de Ménilmontant, Saint-Sulpice, ou le peuple de Paris accourt fidèlement en masses pro-

fondes et où il rencontre un clergé admirable, vivant avec lui, rompu à ses habitudes, le soutenant dans ses épreuves, tout à fait démocrate dans le sens américain de ce mot. L'Eglise redevient là un centre social, comme au moyen âge.

Le catholicisme n'a généralement pas en France, chez ses fidèles, le caractère de religion superficielle et formelle qu'il offre trop en Italie et en Espagne; la France mérite toujours, à ce titre, d'être appelée la plus grande des nations catholiques.

O mesmo dissémos nós, pela nossa simples observação, sem termos lido o que ahi fica, na primeira série das *Cartas de Longe*.

A França, affirmámos, é a nação mais religiosa do mundo. A França, dissémos, é a unica que tem a *religiosidade do sentimento*. E é esse profundo e santo espiritualismo, que a não impediu nem impede de ser republicana e democrata, e de que deriva uma fortissima educação moral, que a salvou e salva dos seus desvarios, e que a tem mantido e mantem, sempre grande nação, através das espantosas e graves crises, gravissimas, da sua historia.

Ensinae a ler, escrever e contar *toda a gente* analphabeta que ainda ha em Portugal. Ler, escrever e contar é o *instrumento prévio da instrucção*? E'. Mas com elle se fez grande Camões, Dante, Victor Hugo, Galileu, Newton e Descartes. Sem elle, não teriam sido nada. Mas com elle se chegou á descoberta do va-

por applicado ás machinas, á descoberta do telegrapho, do telephone, de todas as maravilhas do génio humano. Sem elle, não haveria nada. E' o grande vehiculo da intelligencia humana. Ponham esta a rodar. E ella por si rodará.

Esse *instrumento prévio*, por isso mesmo que o é, torna-se *indispensavel*. Quereis completa-lo? Completae-o. Dae ao povo a instrução complementar que quizerdes. Pondo termo ao mesmo tempo á deschristianização do paiz, não só não perseguindo nem maltratando mas até vendo com olhos benevolos a religião, augmentando por todas as fórmãs o ensino da moral, — e contra o desprezo a que elle foi votado nos lyceus já eu clamei na primeira série das *Cartas de Longe*, — não ha de ser com esse complemento que esta patria perigará.

Mas não vos haveis d'esquecer de augmentar e fortificar tambem a instrucção das *élites*, d'esses *analphabetos* que, não sendo analphabetos, são os peores *analphabetos* que ha em Portugal. Fazei-o. E sem deixar de alargar e profundar o ensino technico, tende sempre em vista, desprezando os parvos intellectualizados, que o ensino civico e moralizador por excellencia é o ensino classico. E' este, e só este, o que forma os cidadãos. E' este que purifica as almas, é este que eleva os corações.

Assim, mas só assim, tereis lançado as bases da regeneração de Portugal.

Falta tocar um unico ponto. O da raça. Será o assumpto da carta immediata. E com ella fecharei esta segunda série das *Cartas de Longe*, para passar á terceira série, logo, sem demora.

bibRIA

XXVIII

Onde se responde aos que sustentam que a questão é de raça. A estupidéz d'esse argumento e o mal que elle faz. Pois se o ensino até aproveita aos animaes ! Que importa que um cavallo seja de boa raça se não fôr ensinado ? Que importa que o cão seja de caça se o não ensinarem a caçar ? Por melhor que seja a raça do cavallo, por melhor que seja a raça do cão, cão e cavallo de boa raça valem muito mais se forem ensinados. E se a raça não for pura, o ensino supprime em parte a deficiência da raça. Não é só o valor moral, mas tambem o intellectual, que cresce com a educação. Todas as raças, e a portugüesa é das mais puras, são susceptíveis de grandeza e progresso quando educadas. Opiniões de Fouillée, Guyau, Tarde e Poinsard.

Vamos concluir.

Resta responder ao argumento da raça. A esse já eu respondi largamente, como a tantos outros, no *Pró Patria*. E em mais do que um artigo do *Povo de Aveiro*. Mas responde-se-lhe mesmo a *ratione*. Com effeito, que tem a educação, que tem a instrucção com a questão de raça ?

Porventura, a raça peora por ser instruida e educada ? A raça ou é boa ou é má. Mas seja boa, seja má, peora por ser instruida e educada ?

O parvo intellectualizado do Pimenta, como tantos outros parvos da mesma casta, encaram

com desdém a instrução porque... a questão é de raça! Com manifesto desdém, com manifesto desprezo, ou com indiferença confessada. Ou abertamente nos dizem, como o celebre corypheu republicano José Caldas, *que não vale a pena instruir o povo*, ou abertamente escrevem, como o já agora famoso parvo intellectualizado, *que para a educação que possui o povo português já tem instrução demais*, ou então encolhem os hombros e clamam: *a questão é de raça*. A questão é de raça, quer dizer: para que nos havemos de ralar, se, assim como assim, não se faz nada?

E' pavoroso, pela estupidez que representa e pelo mal que faz.

Pois se até aos burros aproveita o ensino! Que importa que um cavallo seja de boa raça se não fôr ensinado? Que importa que o cão seja de caça se o não ensinaram a caçar? Por melhor que seja a raça do cavallo, por melhor que seja a raça do cão, cão e cavallo de boa raça valem muito mais se forem ensinados. E se a raça não fôr pura, o ensino supprime em parte a deficiencia da raça.

Isto pelo lado da estupidez. Por outro lado, é deprimente, é desmoralizador, tudo quanto ha de mais contrario á educação, tudo quanto ha de mais funesto, convencer um individuo ou um povo de que são inuteis todos os seus

esforços no sentido da reabilitação, da civilização ou do progresso. Se eu disser a uma rapariga a toda a hora : *serás uma mulher perdida*, ella perde-se. Se eu disser a um rapaz : *serás um pulha*, será um pulha. Em cem casos, haverá, quando muito, dez excepções. *Não te canses, rapariga, não luctes, rapaz, que o teu destino de perdição é inevitavel*. Que grande crime! A rapariga e o rapaz abandonam-se. A rapariga e o rapaz deixam-se dominar por essa suggestão terrivel, que vae soando aos seus ouvidos como um dobre de finados.

Mas se eu disser á rapariga e ao rapaz : anda, minha filha, anda, meu filho, lucta, trabalha, e serás uma mulher ou um homem admiravel; apura as tuas qualidades, aperfeiçoa as tuas virtudes, corrige os teus defeitos e verás como vences todos os embarços; olha que não ha ninguem sem defeitos, minha filha, meu filho, como não ha ninguem sem virtudes; o que vence na vida não é o que não tem defeitos, mas o que melhor corrige os seus defeitos e o que melhor educa as suas qualidades; se eu lhe disser isto incessantemente, eu salvo noventa creaturas em cem casos.

Ah, as almas, as almas, que nós todos, sem esforço, podíamos arrancar ao purgatorio! Sim, sem esforço. Bastaria que não nos deixassemos vencer por essa preguiça horrenda que nos tira

a luz do entendimento e dos olhos. Ah, o pae, o avô, a avó, o padrinho, o tio, a tia, o mestre escola, o mestre de officina, o professor do lyceu e da universidade, como elles poderiam ser anjos da guarda! E são demonios.

Não são anjos de salvação. São anjos de perdição, em geral. *Se praticares o bem, terás o bem; se praticares o mal, terás o mal.* Eu oiço paes dizendo isso aos filhos a cada passo. Lavam as mãos, como Pilatos. E os filhos lá vão, creanças sem experiencia, ouvindo mil asneiras, vendo mil asneiras, com tendencia natural para a asneira como é proprio da idade, lá vão na corrente perversa que fórma catadupas, que tudo arrastam e engolem, n'esta patria desgraçada.

Se praticares o bem, terás o bem; se praticares o mal, terás o mal. Coitaditos! Elles sabem lá distinguir o bem do mal! Tenras plantas sem apoio n'um paiz de vendavaes! Aves implumes cahidas do ninho n'uma terra de corvos e milhafres!

Muitos paes assim lavam, julgando descarregar a consciencia, as mãos como Pilatos. Outros nada veem e nada salem e á força de ignorancia e ternura estúpida conduzem elles proprios os filhos á desgraça.

Taes são, relativamente ao paiz, os seus guias espirituaes. Maldictos elles sejam! Mal-

dictos, que nunca tiveram uma palavra para animar e consolar!

Se ha paes indifferentes, se ha paes de ternura estúpida, com o complemento fatal d'essa ternura que é a estúpida transigencia, ha paes solícitos e de ternura intelligente, cujos esforços se quebram, com dor da sua alma, contra a atmosphera venenosa, terrivelmente venenosa, terrivelmente densa, que envolve a nossa patria. Elles nada podem contra a influencia d'este meio onde tudo se conjuga no sentido do egoismo brutal, feroz egoismo, da estúpidez e da maldade. Para que os seus esforços deem fructo é necessario que os filhos tenham nascido muito bem dotados.

Maldictos os publicistas, maldictos os jornalistas, maldictos os tribunos, maldictos os professores, que *nunca quizeram ou souberam* dissipar essa atmosphera que nos prende de pés e mãos, que nos afoga, que nos mata. Maldictos, sempre promptos a adular vícios e defeitos e nunca a combater-los, exaltando e consagrando a virtude. Maldictos, sempre promptos a mentir e a transigir com a mentira e nunca a dizer a verdade e a defender a justiça. Maldictos, pois da sua bocca nunca sahiram expressões d'estimulo, d'incitamento, d'esperança, mas sentenças de morte ou maus agoiros. Nunca disseram a este povo: levam-

ta-te, civiliza-te, educa-te, que serás feliz e forte. Mas sim: não te rales, não te canses, que és incapaz de toda a regeneração, de todo o aperfeiçoamento, de todo o progresso. Para que queres aprender, se és d'uma raça *inferior, esteril*, que *nunca* deu, nem dá, nem dará nada? Para que has de lutar pela tua patria, se é uma patria condemnada? Isto está perdido!

Maldictos!

Pimenta e quejandos nunca perceberam o motivo da má vontade que lhes tenho. Attribuem-no elles, os idiotas, ao meu temperamento *atrabiliario* e ao *despeito* pelas coisas feias que me dizem. Idiotas! Como se não soubesse a maneira d'elles me dizerem *coisas lindas* e não tivesse a certeza de m'as dizerem, se quizesse. Como se o meu temperamento *atrabiliario* não tivesse tanto com que se entreter. A minha má vontade vem do mal que elles fazem a esta terra. O meu proposito *systematico e firme* de os deitar abaixo é justamente para que esse mal não cresça com o seu *falso prestigio*. Esses idiotas adquirem fama de *grandes cerebrações* e á sombra d'isso conseguem ser ouvidos com *acatamento religioso*, soltando da bocca as mais tremendas e funestas heresias. O meu desejo não era combatel-os pela penna. Era afoga-los, se eu pudesse,

n'um só dia. Mas fossem elles os elementos de educação, de civilização, de patriotismo que o paiz reclama e só ouviriam de mim palavras de applauso e caloroso elogio.

O escriptor já citado, Alfred Fouillée, n'um outro dos seus livros: *L'Enseignement au point de vue National*, escreve acertadamente:

Si l'expérience des siècles nous apprend qu'on ne peut, par l'éducation, modifier ni la taille, ni la couleur des yeux (sur laquelle Galton a fait porter une partie de ses statistiques), elle nous apprend qu'on peut modifier l'intelligence et la moralité. La puissance intellectuelle d'un homme est évidemment accrue par l'instruction. A qui n'a pas de génie, l'instruction n'en donnera point, sans doute, mais elle pourra fournir une somme considérable de connaissances et de talent. Le génie natif, lui-même, sans l'instruction, demeurera stérile. Tous les raisonnements des statisticiens sur la fixité de la taille et de la couleur des yeux ne prouvent donc absolument rien contre l'augmentation possible des capacités intellectuelles et morales.

Vou traduzir.

Se a experiencia dos seculos nos ensina que se não pode modificar pela educação, nem a estatura, nem a cor dos olhos, (tendo esta servido a Galton de base a uma parte das suas estatisticas), ensina-nos que se pode modificar a intelligencia e a moralidade. O poder intellectual d'um homem cresce evidentemente com a instrução. A quem não tem génio, a instrução não lh'o dá, sem duvida, mas pode-lhe fornecer uma somma consideravel de conhecimentos e de talento. O proprio genio

nativo sem instrução fica estéril. Todos os raciocínios das estatísticas sobre a fixidez da estatura e a cor dos olhos nada provam contra o augmento possível das capacidades intellectuaes e moraes.

Isto é cheio da verdade. Um dos grandes males dos nossos *intellectuaes*, — incessantemente o tenho dielo falando dos parvos intellectualizados, — é ler sem meditar. Eu, quando leio, e se leio coisas novas, páro de vez em quando. Quem lê muito, encontra muitas coisas já dictas e redictas. Passa paginas e paginas sem encontrar materia nova. E assim succede que lê um livro, muitas vezes, em três ou quatro horas. Mas, por mim, interrompo a leitura, se encontro coisa nova. Ponho-me um instante a pensar. E procuro logo em mim proprio, nas pessoas que eu conheço, nos factos já averiguados, nas coisas que tenho visto, enfim, na experiencia, a contraprova. Concorde com o que estou lendo? Aceito. Não concorda? Rejeito.

Assim, diz Fouilléc: *O poder intellectual de um homem cresce evidentemente com a instrução*. Não ha duvida nenhuma. Eu era mais intelligente ha dez annos do que ha vinte, ha cinco annos do que ha dez, e sou hoje mais intelligente do que quando parti d'aqui para o exilio. E todos os homens que *se instruem* sentirão em si o mesmo. Vice-versa, ha homens

que foram intelligentes e que, pelo facto de terem deixado de se instruir, se tornaram estúpidos. Quantos não conhecemos todos nós? E' até um caso vulgar. Não raro ouvimos dizer d'este ou d'aquelle: *está embrutecido!* Era um espirito relativamente lucido. Era uma intelligencia regular, mesmo acima de mediocre. Mas deixou de ler, deixou de conviver com gente illustrada, poz termo na sua cultura, e ao fim de vinte ou trinta annos apparece-nos... *embrutecido*.

E não foi só a minha intelligencia que cresceu com a cultura. Foi a minha intelligencia e a minha *bondade*. Subi no intellectual e no moral. Cultivando-me, illustrei-me e *moralizei-me*.

M. Ribot croit que l'éducation agit surtout sur les natures moyennes, fort peu sur les natures inférieures ou supérieures. En ce qui concerne les natures trop inférieures et anormales, on peut le lui accorder; mais, en ce qui concerne les natures supérieures, Guyau répond avec raison que, plus on est naturellement intelligent, plus on est capable de apprendre et de devenir savant par éducation; plus on est naturellement généreux, plus on est capable de devenir héroïque par éducation. Il conclut que le génie réalise à la fois le maximum d'hérédité féconde et d'éducabilité féconde.

Traduzo.

O snr. Ribot cré que a educação actua principalmente

sobre as naturezas médias, muito pouco sobre as naturezas inferiores ou superiores. Podemos concordar quanto ás naturezas muito inferiores e anormaes; mas pelo que toca ás naturezas superiores, Guyau responde com razão que quanto mais intelligencia natural se tiver mais se é capaz de aprender e ser sabio pela educação; e que quanto mais generoso se for naturalmente, mais se é capaz de ser heroico por educação. Elle conclue que o genio realiza ao mesmo tempo o maximo de hereditariedade fecunda e d'educação fecunda.

E' assim mesmo. Quem tem razão é Guyau.

L'intelligence est donc plus flexible, plus mouvante, plus progressive que le reste de notre constitution; par cela même on peut agir sur elle avec plus de facilité. Placez devant les yeux d'un myope des verres qui rendent les objets visibles, il sera bien forcé de convenir qu'il les voit; montrez une goutte d'eau à l'ignorant dans le champ d'un microscope, il sera bien obligé de reconnaître que la goutte d'eau est habitée. L'intelligence est aux autres facultés de notre esprit ce que les yeux sont aux organes de notre corps, un tact à distance. Il en résulte que l'activité intellectuelle a une puissance supérieure pour diriger et pour transformer les autres genres d'activité. Comme elle découvre dans les choses des côtés nouveaux, elle produit par cela même un double effet: elle excite de nouveaux sentiments, elle ouvre de nouvelles voies à l'action. Toute idée nouvelle tend à devenir ainsi un sentiment et une impulsion, par conséquent une idée-force. L'intelligence est le grand instrument de la sélection volontaire. Elle est un moyen abrégatif de l'évolution, elle accélère et accomplit en quelques années les sélections qui auraient demandé des siècles.

Traduzo:

A intelligencia é po's mais flexível, mais movel, mais progressiva que o resto da nossa constituição; por isso mesmo se pode actuar sobre ella com mais facilidade. Collocae deante dos olhos d'um myope lentes que tornem os objectos visiveis, elle será forçado a convir que os vê; mostrae uma gota d'agua ao ignorante no campo d'um microscopio, elle será obrigado a reconhecer que a gota d'agua é habitada. A intelligencia é para as outras faculdades do nosso espirito o que os olhos são para os órgãos do nosso corpo, um tacto a distancia. D'ahi resulta que a actividade intellectual tem um poder superior para dirigir e para transformar os outros generos d'actividade. Como ella descobre nas coisas lados novos, produz por isso mesmo um duplo effeito: excita novos sentimentos, abre novas vias á acção. Toda a idéa nova tende assim a tornar-se um sentimento e um impulso, por consequencia uma idéa-força. A intelligencia é o grande instrumento da selecção voluntaria. É um meio resumido e rapido de evolução, accelera e realiza em alguns annos as selecções que demandariam seculos.

Fouillée continua.

L'educateur éclaire et moralise des masses d'individus, non seulement pendant une génération, mais pendant des siècles. Enfin il agit sur la partie la plus flexible et la plus malléable de notre être, sur l'intelligence, sur le sentiment, sur la volonté. S'il ne peut pas ajouter cinq centimètres à la taille, il peut ajouter des circonvolutions au cerveau ou y creuser des lignes qui, sans lui, n'eussent point existé. Il pétrit les cerveaux d'une race.

Traduzo.

O educador esclarece e moraliza massas de indivíduos, não só durante uma geração, mas durante seculos. Actua sobre a parte mais flexivel e mais malleavel do nosso ser, sobre a intelligencia, sobre o sentimento, sobre a vontade. Se não pode accrescentar cinco centimetros á estatura, pode accrescentar circumvoluções ao cerebro ou cavar-lhe linhas que não existiriam sem elle. Amassa os cerebros de uma raça.

Eis o termo proprio: amassa os cerebros duma raça.

Se prévaloir de la fixité de la taille et de l'impuissance de l'éducation à nous faire grandir, pour en conclure la fixité des qualités intellectuelles ainsi que l'impuissance de l'éducation, c'est un véritable sophisme, que commettent tous les jours les fanatiques de l'hérédité.

Traduzo.

Prevalecer-se da fixidade da estatura e da impotencia da educação em nos fazer crescer, para concluir pela fixidade das qualidades intellectuaes e pela impotencia geral da educação, é um verdadeiro sophisma, que commettem diariamente os fanaticos da hereditariedade.

Vê-se que Fouillée, — e como Fouillée pensava Guyau, que era um philosopho muito illustre, e pensam muitos outros, — admite, como Leibnitz, que com a educação se pode mudar a face dum povo. Admitte-o, já o de-

monstrámos, o proprio Gustavo Le Bon. Para este a duvida estava só no praso marcado pelo philosopho allemão. Leibnitz entendia que para essa obra surprehendente, formidavel, bastaria *menos d'um seculo*. Gustavo Le Bon commentava na *Psychologie de l'E'ducation*:

Um siècle ne suffirait probablement pas...

Provavelmente! Isto, um dos fanaticos da *hereditariedade*. Elle não repellia a hypothese. Aceitava-a. E nem repellia absolutamente que o facto se desse em menos de um. seculo. Quatorze anos depois, tornava, nos *Enseignements Psychologiques de la Guerre Européenne*, a referir-se n'estes termos ao assumpto:

Quand Leibnitz écrivait que l'éducation peut transformer la mentalité d'un peuple en moins d'un siècle, il formulait une demi vérité. Elle eût été complète en ajoutant l'influence du régime militaire à celle de l'éducation.

Portanto, é ponto assente para todos. E' caso admittido por gregos e troyanos. Seja qual for a escola philosophica ou seja qual for a escola scientifica. E vejам então os leitores se eu não tenho motivo para amaldiçoar os que olham a instrucção com indifferença, desdém ou desprezo.

E' claro que os principios que ficam atraz

expostos se applicam a todas as raças *indistinctamente*. Seja a raça qual for, toda ella se pode modificar por meio da *cultura*, abrangendo este termo, como quer Fouillée, a instrução e a educação. Diz elle :

Il ne suffit pas d'instruire: il faut que l'instruction devienne elle même une éducation, un procédé de sélection réfléchi et méthodique entre les idées qui tendent à se réaliser dans les actes. Nous disons sans cesse: instruction; d'autres peuples disent: culture; et ils ont raison. Le premier mot nous porte à considérer matériellement les choses apprises; l'autre, le degré de fertilité acquise par l'esprit. L'éducation ne doit pas être une simple acquisition de savoir, mais une culture de forces vives, en vue d'assurer l'avantage aux idées-forces les plus hautes.

Instruir é pois educar, como eu sempre sustentei em cartas anteriores. Educar é instruir. E abrangendo os dois termos com a palavra *cultura*, na verdade temos dicto tudo. Ora se *toda a raça* se pode modificar por meio da cultura, só um ignorante, um perverso ou um estúpido pode escrever que *o povo português já tem instrução demais para a educação que possui*, ou que, como sustentava o corypheu republicano, *não vale a pena instruir o povo*. E' o mesmo que sustentar que não vale a pena lava-lo ou assoa-lo. E' o mesmo que sustentar que anda muito bem de

pé descalço, com a camisa por fóra das calças e ranhoso.

Vamos, sejam logicos. Se não vale a pena instruir o povo, também não vale a pena lavá-lo. Para que ha de lavar o corpo, não lavando elle o espirito? Para que ha de pôr camisa lavada e limpar-se de piolhos? Ao analphabeto corresponde a fralda de fóra, o pé descalço coberto d'esterco, o piolhinho correndo pela cara e o ranho sahindo do nariz. E esse é o espectáculo que, de facto, offerece ao estrangeiro horrorizado o desgraçado povo português.

M. Tarde a parfaitement raison de dire qu'il n'est pas de race qui ne soit civilisable ou barbarisable. Comparez la Grèce moderne à la Grèce antique, la Calabre actuelle à la Grande-Grèce, vous descendez de la plus haute civilisation à la pire barbarie. Dans l'histoire de Rome, M. Tarde voit «une sorte de grand et glorieux concours» ouvert à toutes les races de toutes les provenances et de toutes les couleurs, et où chacune d'elles, tour à tour italique, espagnole, arabe, gauloise, germane, punique et libyenne, a gagné le prix de l'éloquence, de la poésie, des armes, et s'est assise sur le trône des Césars.

Tarde é alguem. Fouillée é alguem. E os factos que citam relativamente a Roma são de uma verdade historica que ninguem pode contestar. Eu não quero, porém, ir tão longe. Eu admitto a superioridade da raça europeia. Tão

somente, a raça portugêsa é, a dentro da raça europeia, uma raça inferior? De modo nenhum.

Léon Poincard, um dos mestres da sciencia social, é que disse muito bem.

Par l'effet de circonstances compliquées, que nous essaierons de débrouiller tout à l'heure, la race lusitanienne a été profondément désorganisée, et tous ses embarras actuels viennent de là. Mais elle porte en elle-même les qualités nécessaires pour son relèvement. Quand elle saura le vrai sens des choses et voudra prendre la peine de travailler en connaissance de cause à sa propre réorganisation, elle obtiendra certainement, et dans un espace de temps relativement court, des résultats considérables. La suite de cette étude en fournira, croyons-nous, la pleine démonstration. Voilà l'idée importante que nous tenions à mettre en lumière par cette explication préliminaire.

Traduzo.

Por effeito de circumstancias complicadas, que irei deduzindo adeante, a raça lusitana foi profundamente desorganizada, e d'isso proveem todos os seus embarços actuaes. Mas tem em si mesmo as qualidades necessarias para a sua rehabilitação. Quando conhecer o verdadeiro sentido das coisas e se quizer dar á tarefa de trabalhar com conhecimento de causa na sua própria reorganização, obterá, e n'um espaço de tempo relativamente curto, resultados consideraveis. Na série d'este estudo, julgamos, plenamente o demonstraremos. E eis a idéa importante que, com esta explicação preliminar, tomámos a peito pôr em relevo.

Perfeitamente. E' assim mesmo. As qualidades ancestraes do povo portuguez são excellentes. São ellas que o teem salvado, tamanho é o valor da sua raça, através de tantos desvãos.

Um povo, que, minado por mil causas de desorganização, conserva ao fim de oito seculos, além de um imperio colonial tão cobiçado, a sua tão contestada independencia, e com as façanhas homericas que durante esses oito seculos lhe deram uma aureola immensa, é *qualquer coisa*. Não está, não pode estar á mercê de parvos intellectualizados que não sabem o que dizem, e que, todavia, com os maus agoiros infundados e as suas doutrinas insensatas, á sombra de uma reputação intellectual bem immerecida, tanto o teem desorientado e entorpecido.

Faça o que lhe diz Poinsard. Esse é que diz bem. Saiba o *verdadeiro sentido das coisas*, trabalhe com *conhecimento de causa* na sua propria reorganização, e voltará a ser um grande povo, em pouco tempo.

Avante. E que Deus seja comnosco.

bibRIA

XXIX

APPENDICE

As raças, em relação aos meios sociaes e geographicos. O sr. Padre José Pinto entende que se exaggera o valor da raça com desprezo d'outros factores mais importantes. Nada mais diverso actualmente, diz, do que o sangue inglês e o do norte-americano. Contudo, a psychologia da chamada raça saxonica é quasi a mesma nas duas nações, onde predomina. E outras considerações, a que respondo.

Ex.^{mo} Sr.

«Já que V. Ex.^a não approva o meu proposito de emenda em escrever-lhe, e visto não ter tambem desmerecido, por certo, a indulgencia dos seus leitores pelo prazer que lhes proporcionei provocando o brilhante commentario de V. Ex.^a ás minhas cartas, animo-me a pedir-lhe ainda, se esta chegar a tempo e o julgar a proposito, um esclarecimento ácerca do valor da raça, assumpto que V. Ex.^a annuncia para a ultima *Carta de Longe*, da corrente serie.

«Persuado-me — e vou já dizer porquê — que se está exaggerando modernamente esse valor em detrimento d'outros factores mais im-

portantes das qualidades de um povo, e com risco de favorecer as tendencias materialistas e fatalistas da epocha.

«Se a raça, como affirma Le Bon e tantos outros, é o *fac-totum* da psychologia dos povos e a razão suprema dos factos historicos, a primeira conclusão pratica a tirar é que em vez de nos occuparmos, principalmente e antes de tudo, da instrucção, educação e moralidade dos povos, deveriamos tractar do apuramento das raças, exactamente como se pratica com as *cavalgadas* e as plantas. E n'esse caso estavam indicados os unionistas com o seu medico chefe á frente, para subirem ao poder e legislar d'ahi sobre matrimonios civis...

«Porem, se já não existem, por confissão de todos, raças puras entre povos civilizados, se o que temos é uma mistura inextricavel de quasi todas as raças, mistura que tende a largos passos, n'esta epocha de cosmopolitismo, a não permittir no conjunto o predominio de qualquer sangue, ao passo que os povos mantem firmes os seus respectivos caracteres, atravez de todos os cruzamentos, parece-me evidente o erro d'essa escola. Nem se salvam os apologistas da raça, com dizerem que a mistura não destróe as suas theorias, visto requererem um certo tempo para que a raça resultante dos cruzamentos se fixe e consolide.

«Pois quem não vê que se a raça é a causa principalissima das qualidades características dos povos, ás alterações d'aquella deviam corresponder parallelamente alterações d'estas?

«Mas não é isso que se observa. Nada mais diverso *actualmente* do que o sangue inglez e o do norte americano. Comtudo a psychologia da chamada raça saxonica é quasi a mesma nas duas nações, onde predomina. Nem me venham fallar em absorpção gradual da raça saxonica sobre as raças que lhe foram trazendo os cruzamentos successivos, pois é uma lei physiologica que nos cruzamentos são as raças inferiores ou selvagens as que tendem a predominar e absorver as outras.

«Semeia-se, por exemplo, o caroço de um bom pêcego e nasce um pecegheiro bravo. E' preciso recorrer a outro processo de reprodução para evitar o predominio da raça selvagem. Mas se o homem, como os outros animaes superiores, só possui um meio de reproducção?

«Alem d'isso, vê-se a cada passo, como eu tive occasião de observar na America do Norte, nas colonias inglezas e n'outros paizes, a transformação rapida da psychologia de uma raça na psychologia d'outra, por simples contagio do meio. Eu proprio o experimentei em mim.

«Em sós 7 annos que vivi entre inglezes (e não foram precisos tantos) fixei por tal forma

certas qualidades d'aquella raça que ainda hoje, 15 annos devolvidos, me dominam, precisamente qualidades antagonicas com as da raça latina a que pertengo *por todos os titulos*.

«Não é pois, no meu fraco entender, o sangue, ou a natureza racica a principal origem das qualidades, como succede nas plantas e nos animaes, ou então essa causa está sujeita no homem ao predominio de outros factores mais nobres. Quais?

«A instrucção, a educação e o meio, para não fallar n'outro que nós, os catholicos, reconhecemos e que é de ordem sobrenatural — a graça — coisa que a propria sciencia não se deveria envergonhar de admittir já que, admittida a existencia do Creador, nada mais logico do que elle querer directamente cultivar no seu vasto jardim as flores racionais, não as entregando totalmente ás leis da natureza, em razão da nossa especial dignidade e capacidade para a perfeição.

«Como vê V. Ex.^a, não se trata de uma questão de *lana caprina*, mas de restabelecer a verdade contra um exaggero ou theoria, pre-nhe de pessimos resultados sociaes.

«Não digo mais, porque realmente não conheço o assumpto. Quando o quiz estudar, comecei por pedir a um medico, intelligente e estudioso, que me indicasse alguma obra, onde

pudesse vêr o que a sciencia experimental tem averiguado sobre apuramento de raças, e os phenomenos de hereditariedade em relação com ellas. Respondeu-me que nos estudos medicos nada conhecia a esse respeito e que não se tratava ahi do assumpto expressamente.

«Fiquei surprehendido e abandonei o proposito, por não ter tempo a gastar com pesquisas, feitas ás cegas, n'uma questão que não se esclarece inteiramente *a ratione*.

«Talvez que V. Ex.^a não tenha tido igualmente occasião de a estudar.

«Mas, como V. Ex.^a leu tanto e possui uma intelligencia tão cheia de bom senso que se diria dotada de um instincto divinatorio, creio bem que poderá penetrar onde eu não posso, sem os dados da experiencia e saber alheios.

«Resumindo, para V. Ex.^a não ter de gastar muito espaço com a minha prosa:

«Qualquer que seja o valor da raça ou da hereditariedade, o homem possui, elle só em toda a creação, o dominio sobre si mesmo. Este dominio tem, por certo, obstaculos formidaveis e até limites marcados pela hereditariedade e outras causas.

«Procure-se porem favorecer pela instrucção, educação e *creação do meio* esse poder do *selfcontrol* e o valor da raça ficará relegado para um plano secundario, embora theo-

ricamente importantissimo. Por *educação* não entendo sómente a do espirito e do moral, mas o emprego de todos os meios para restituir o corpo, hoje tão cheio de taras e deformado, ao seu natural desenvolvimento e vigor.

«Por *creação do meio*» entendo uma coisa que anda descurada, que pertence especialmente á iniciativa do Estado e que tem todo o valor da educação porque é pelo entretenimento de uma atmosphera sã, isto é, impregnada de bons exemplos, depurada de maus costumes, cheia de lições de coisas que o povo se educa. O *meio* é tudo para os homens instinctivos em que o *selfcontrol* se reduz a quasi nada, como é o povo rude, a creança e muito *boa gente* que não se diz povo nem creança.

«Debalde se tentará educar uma nação onde conjunctamente se não cuide de *crear o meio*, como debalde se applicaria o director de um collegio a educar a mocidade, se descurar a valorisação da atmosphera para onde as familias transplantam as suas vergontearas, á falta de atmosphera propria no lar domestico.

«Em summa, os apologistas da raça exaggeram e desnorteiam o publico.

«Attribuem á raça um papel que ella não exerce em tão alto grau e mesmo um papel falso, porque a maior parte do que elles dizem da raça deve dizer-se do *temperamento* que

pode originar-se em doenças hereditarias, em defeitos de gestação, em faltas graves de alimentação nos primeiros annos, etc., etc.

«E basta de maçada.

De V. Ex.^a mut.^o att.^o e admirador

P.^e José Pinto.»

E basta de maçada! Como basta de maçada? Quem escreve com esse talento, deleita, não maça. Por isso mesmo devia V. Ex.^a escrever uma carta por dia, o minimo uma carta por semana. E V. Ex.^a só de longe em longe nos dá um ar da sua graça.

A carta de V. Ex.^a chegou quando já estava composto e a paginar-se o numero passado. *O De Aveiro* é submettido á censura (1) na sexta-feira de manhã. Portanto, fica prompto na quinta-feira á noite, e foi n'esse dia que a carta aqui veio parar. Mas não perdemos nada. Pelo contrario, ganhámos. Vimos, V. Ex.^a e eu, que, sem trocarmos impressões sobre o assumpto *raça*, ainda ahi as nossas opiniões mais uma vez se harmonizavam.

Eu não digo que seja tudo influencia do meio. Os meios sociaes hão de variar necessariamente com os meios geographicos. Com

(1) A censura estabelecida durante a guerra (*nota d'esta edição*).

estes hão de variar e modificar-se as próprias raças. Isto sem sairmos da Europa. Onde o sol brilha e aquece, as aptidões, as tendencias, as qualidades do homem fatalmente hão de differir d'aquellas onde o sol é frio e brumoso. O que eu digo é que nem tudo é mau nem bom onde o sol brilha e aquece e nem tudo é bom nem mau onde elle é frio e brumoso. O sol brilhante e quente dá umas aptidões e umas qualidades, e dá outras o sol frio e brumoso. Mas todas se compensam e equilibram quando bem educadas, quando bem aproveitadas. O desequilibrio vem *apenas* da falta de educação e aproveitamento d'umas em relação ás outras.

O sr. Padre José Pinto não conhece o antigo *Povo de Aveiro*. Aquelle onde eu escrevi, *quando ninguém o lia*, interessantes artigos doutrinaes. E' certo, sr. Padre José Pinto. Quando ninguém o lia. Eu já tenho dicto, tenho-o dicto por varias vezes, tenho-o dicto até talvez demais, que esta boçalidade portugêsa, que faz horror, não quer artigos doutrinaes. A' parte uma infima minoria, honra lhe seja, são... *pérolas a porcos*. Oh triste e pavorosa mentalidade nacional! Diga-me cá, sr. Padre José Pinto: não lhe dá de vez em quando vontade de fugir, fugir, a voar, se fosse possível, para longe d'esta terra? Nós

ambos, vê-se, amamos esta patria. Mas é tamanha a differença de mentalidade entre esta infeliz terra e os povos cultos e progressivos da Europa, que quem viveu no estrangeiro custa-lhe a supportar este horror, por isso mesmo que é patriota, se tem alma para sentir e cabeça para pensar.

Não conhece pois o sr. Padre Pinto o antigo *Povo de Aveiro*. Se o conhecesse, saberia que ahi publicámos sobre o assumpto artigos que condizem com as opiniões do sr. Padre Pinto, e que não são, portanto, desatilados. Discutindo com os anarchistas, que dão uma excessiva importancia aos meios sociais, ao mesmo tempo que, *deterministas*, não lhe dão importancia nenhuma, dizia-lhes eu que o problema social estava intimamente preso ao problema psychologico, e que este, por sua vez, estava escravizado ao problema physiologico. Não ha duvida que o homem é livre. Sustentar o contrario é falso, attentatorio do poder da educação, perigoso e immoral. Mas essa liberdade é restringida pelas leis geraes da natureza e contrariada pelos vicios e doenças do organismo humano. E' tamanha a força d'este ultimo factor, que um dyspeptico, por exemplo, sente no mesmo dia, segundo as phases da sua digestão, varias disposições. A doença, accidental ou chronica, passageira ou persistente,

adquirida ou hereditaria, altera profundamente o modo de ser da creatura. Ora a sciencia ainda hoje ignora, não só o tratamento, mas a razão de gravissimas doenças. Antes de desvendarmos esse mysterio, e de vencermos o bruto que dormita no fundo do homem o mais bondoso, o mais intelligente e o mais culto, são verdadeiras utopias todas as reformas sociaes que assentam na tão longinqua e talvez impossivel perfeição humana.

Porem a propria doença é prova do valor extraordinario dos meios e da educação. O enfermo vive n'um meio culto, e melhora, e salva-se. O enfermo vive n'um meio estúpido, e peora, e morre. O que é a hygiene, senão um efficaz e poderoso meio de educação? A sciencia ainda não conseguiu desvendar a razão e a cura radical de muitos males. Mas o que ella conseguiu, foi rarear o ataque, resistir, e prolongar a existencia com a doença mais grave. A sua grande difficuldade já não é essa. A sua grande difficuldade é convencer o doente e educa-lo. O doente e o são. O são continuaria são, e transmittiria a saude aos filhos e aos netos, se seguisse os preceitos da sciencia e cultivasse as regras da hygiene. O doente, se fizesse o mesmo, melhorava noventa vezes em cem casos. Mas a sua incultura e a do meio em que vive é que são os obices fataes. Come

e bebe, diz a bruteza, e manda o medico para o diabo. Entre nós, esta bruteza, mesmo em gente que se diz culta, ainda é quasi geral. E assim eu vejo a *comer e a beber*, e a fazer outras asneiras, sem querer concordar que são asneiras, gente morrendo, matando-se, a cada passo.

O que succede no physico, succede no intellectual, succede no moral, e, consequentemente, succede no social.

Os meios sociaes differem com os meios geographicos. Mas ha que contar com a instrucção e a educação, com a estupidez e a incultura, em cada um d'esses meios. A differença dos meios geographicos produz differenças de qualidades e vicios natos. Mas as qualidades e os vicios, quando estes corrigidos e aquellas aperfeiçoadas, compensam-se nos differentes meios e nas differentes raças da Europa. A influencia capital é, pois, a do meio social, e por isso raças differentes se adaptam facilmente e rapidamente á variedade dos meios, perdendo ou adquirindo, por assim dizer de um dia para o outro, feltios, aptidões e qualidades. Entre os pelles vermelhas do mesmo sangue, ao lado de uma tribu dada ao roubo encontra-se uma tribu honesta. Na China, o mongolico é covarde. No Japão, é valente. Na Europa, o judeu é commerciante, banqueiro, usurario; na Abys-

sinia, aborrece o commercio e é agricultor; no Caucaso, ei-lo guerreiro, ei-lo bellicoso. Assim o dizem Colajanni, Fouillée, Tarde, tantos outros.

Mas aonde nos levaria, sr. Padre Pinto, uma dissertação sobre este assumpto, em geral, e em particular sobre as raças? Muito longe. E é forçoso terminar. Nem eu quero repetir tudo quanto já disse a esse respeito em livro, e em tantos artigos esparsos.

Fiquemos n'isto: não ha duvida que se exaggera enormemente, como diz o sr. Padre Pinto, em detrimento d'outros factores mais importantes, o valor da raça. E não ha duvida que a influencia capital e decisiva está na instrução, na educação, na cultura, nos meios sociaes intelligentemente preparados. Cultura moral, intellectual e physica. Bem escolhida, bem exercida e bem orientada. Mas quantos somos a pensar assim, sr. Padre Pinto? Lutemos, por dever de intelligência e por dever de consciencia. Mas difficilmente, *se fôr possível*, mudará este *meio* terrivel que, mercê de circumstancias varias, se creou e *consolidou* em Portugal. Somos poucos, pouquissimos a pensar e a lutar. E, sobretudo, a escrever com sinceridade. Esmaga-nos a turbamulta dos imbecis e dos hypocritas. Entre os quaes são particularmente funestos, fique certo, os *parvos intellectualizados*. Porque já dizia o Farruca,

um marchante intelligente e folião dos arredores de Aveiro, de Verdemilho: *quem a Coimbra vae e de Coimbra vem, se burro vae, burro vem, porque Coimbra não dá nem tira juízo a ninguém.*

Não sei se o dicto é d'elle. Se é, e sendo certo que elle tinha muitos identicos,ahi fica, sr. Padre Pinto, mais uma prova de que o genio de vez em quando veste japona, põe sapatos tacheados, anda sem gravata e descalço.

E muito obrigado pelas suas amabilidades, e pelos momentos de prazer intellectual e moral, que forneceu, com as bellas theses que nas suas cartas sustentou, aos leitores d'este semanario.

bibRIA

bibRIA

XXX

POST-SCRIPTUM

Em 1922 como em 1916. Sinto e penso hoje, 1 de Março de 1922, o que sentia e pensava de 19 de Março a 29 de Outubro de 1916. Se hoje tivesse que escrever as *Cartas de Longe*, escreve-las-hia como então as escrevi. Concluía no exílio a 1.ª serie d'essas *Cartas* clamando: *Deus salve o meu paiz, que, perante Deus e os homens, a minha responsabilidade... salvei-a eu.* Com as mesmas palavras, encerrando esta série, concluo hoje. Deus salve o meu paiz, que, perante Deus e os homens, a minha responsabilidade... salvei-a eu!

Assim findou, com este appendice, publicado no n.º 33 de *O de Aveiro*, de 29 de Outubro de 1916, a 2.ª serie das *Cartas de Longe*. Mas já que estamos em appendice, e tratando de raças, juntemos ao que ahi fica o que ainda ha poucos dias fiz sahir na mesma gazeta: *O de Aveiro*.

Dizia eu ao sr. Padre José Pinto que se elle conhecesse o antigo *Povo de Aveiro* saberia que ahi escrevi *sobre o assumpto da sua carta*, e muitos outros, interessantes artigos doutrinarios. E numerosos, posso accrescentar. Eu os trarei a lume, na serie de tomos que, como já disse em nota a pags. 94, tenciono dar á publicidade. Mas não foi só antes de 1916. Foi

antes e depois, no *Povo de Aveiro* e em *O de Aveiro*, sem interrupção, sem descanso, com verdadeira e rara tenacidade. Poderei não ter outro merito. Mas o da tenacidade e energia em combater tudo que me pareceu prejudicial aos interesses e boa orientação do meu paiz, ninguém m'o poderá negar.

Foi antes e depois. N'este caso, estão os três artigos que, sob o título *O Problema Educativo*, ultimamente, em 29 de Janeiro, 5 e 12 de fevereiro, do anno corrente, escrevi no meu periodico. Não os escrevi com a idéa de os fazer sahir n'este volume. Mas ao rever o ultimo capitulo pareceu-me que, pelas suas intimas relações com o assumpto tratado, ficariam bem aqui. Ampliam e esclarecem, sobretudo, o que ficou dicto sobre raça. Como documentação d'auctoridade, é um supplemento apreciavel.

Pela sua ordem chronologica, eis o primeiro:

«Todos os povos, diziamos nós no penultimo artigo, teem o seu *calcanhar d'Achilles*. O que era preciso, continuei, era ver o *nosso lado vulneravel*. Era estudar as nossas insufficiencias e as nossas *más tendencias*. E remedia-las, cura-las, combate-las, fortalecer esse lado vulneravel com uma obra d'educação publica bem dirigida.

«Nunca ninguém quiz saber d'isso em Portugal. Nem quiz, nem quer. Nem o comprehende. Não quiz nem quer porque não o comprehende, porque não ha maneira d'isso lhe entrar na cachimonia.

«Rafael Altamira, no seu livro *Psicologia del Pueblo Español*, diz que ninguém salvará a Hespanha se ella não se salvar a si propria. Pois está claro. Sem ser Altamira, eu digo isso ha muitos e muitos annos em Portugal.

No han de ser ellos, (ellos são os Messias, os dictadores, os salvadores) directamente, los autores de la regeneración, sino los que han de poner al pueblo en condiciones de que se regenere a si mismo, limitándose a remover los obstáculos que se oponen a la aplicación de los medios regeneradores y a poner éstos mismos medios al alcance de la masa.

«Isso digo eu, sem ser Altamira, ha muitos e muitos annos em Portugal. Não hão de ser os nossos estadistas de cácaráca, ignorantões da peor especie e charlatães da peor casta, que hão de regenerar esta patria; mas aquelles que puserem o povo em condições de se regenerar a si proprio; mas aquelles que se limitarem a remover os obstaculos que se oppõem á applicação dos meios regeneradores e a pôr esses mesmos meios ao alcance das massas. E' isso mesmo, apoiado. Mas venha cá dize-lo a estes pataratas.

Hay que volver, pues, los ojos a la masa, es decir, a todos los españoles, para preguntarnos todos, no lo que ha de hacer el vecino, sino lo que debemos, podemos y nos sentimos capaces de hacer, cada qual en su esfera, sin esperar a que aparezcan el o los gobernantes, o para prepararles el camino con un esfuerzo general y una preparación colectiva de ánimo y de inteligencia. Por eso nos limitaremos a estudiar aqui la cuestión en lo que se refiere a la obra educativa de los elementos docentes y en particular de los universitarios.

«Sim, senhor, está bem. Mas eu lhe direi um dia o que são os *elementos docentes e em particular os universitarios*, cá em Portugal.

«Julgo que toda a gente comprehende o que ahi fica porque toda a gente entre nós sabe, mais ou menos, hespanhol. Altamira diz o que eu tambem, tantas vezes, tenho dicto n'este periodico; isto é, que ninguem deve estar á espera do que faz o vizinho para cumprir o seu dever patriotico. Cada um, na sua esfera, sem se preoccupar com os actos do governo, faz o que pode, preparando aos governantes o caminho com um esforço geral e colectivo de intelligencia e coragem. Ou ha na Hespanha, escreve elle n'outra parte, intelligencia e character para assim proceder, ou, se não ha, é caso para desesperar da salvação da patria.

«O grande problema é o problema educa-

tivo, para o escriptor hespanhol. E' o que eu sustento ha quarenta annos, e com rara tenacidade desde 1900, em Portugal. Assim se tem feito, continua, em toda a parte. *Ya lo han reconocido asi todos los reformadores modernos, desde Fichte a los patriotas franceses de 1871.* Esta edição do livro de Altamira é de 1918, e só tenho a obra em meu poder desde o anno passado. Pois em 1916, na 2.^a serie das *Cartas de Longe*, que vão sahir colligidas em principios do proximo mês de março, referia-me eu largamente á obra de Fichte e das universidades allemãs, ás opiniões de Gambetta, Freycinet e outros sobre as causas do grande desastre que em 1870 soffreu a França, e á maneira por que elles entendiam que a França se devia levantar. A obra educativa era para todos, allemães e franceses, os allemães depois de Iena e os franceses depois de Sédan, o unico meio de regeneração nacional.

Alguien ha dicho que la cuestión sociale es una cuestión pedagógica. Con mayor motivo y más profunda verdad puede decirse que la regeneración, tanto como la formación de un pueblo, son cuestiones educativas, ya que la misma vida economica, raiz de la historia para algunos pensadores, pende totalmente de la educación del agente humano en todos ordenes, desde el científico, que sirve para dominar a Naturaleza, hasta el moral, que reduce y afina las necesidades, borrando las inútiles, y presta un fondo ético a las relaciones

del trabajo, quitandoles todo motivo egoista y todo proposito de explotación injusta.

«Pois está claro que sim, que a propria vida economica se apoia em factores d'ordem moral. Mas vão lá dizer isso aos nossos *grandes estadistas*, sem exclusão do *maior de todos*, que é, por agora, o sr. Cunha Leal.

Es para mi cosa evidente que entre las condiciones esenciales de nuestra regeneración nacional figuran como ineludibles estas dos: 1.ª Restaurar el crédito de nuestra historia, para devolver al pueblo español la fe en sus cualidades nativas y en su aptitud para la vida civilizada, y aprovechar todos los elementos útiles que ofrecen nuestra ciencia y nuestra conducta de otros tiempos.

«Em Portugal, restaurar o credito da nossa historia, para dar ao povo português fé nas suas qualidades nativas e na sua aptidão para a vida civilizada, é inteiramente impossivel, desde que os estudos historicos foram lançados ao mais completo desprezo, com applauso de todos, clero, nobreza e povo. Essa bella obra vem já do tempo da monarchia, da reforma d'instrucção secundaria de 1905, de que foi campeão o maçónico Grainha, um farricoco arvorado em *tecnico e competente*, e principal auctor o actual ministro do trabalho, o expadre Alves dos Santos, que é, a seu turno, com *ares de genio*, um pateta muito grande.

O Mira, o celebre Mira da *Lucta*, um dos inspiradores e luminares do partido canachista, primeiro, e, mais tarde, do partido liberal, combateu o regulamento do sr. Pedro Martins, entre outros motivos por que elle augmentou nos lyceus o ensino do portugnês, e Mira entendeu que era *chatice* estudar mais do que se estudava,—e **não se estudava nada nem estuda**,—a lingua nacional. Por fim o Lacerda de Almeida, que eu, com a minha ingenuidade, cheguei a suppor intelligente, propunha-se dar um *golpe genial* nos estudos classicos, nomeadamente, supprimindo-as, nas Faculdades de Letras. *Todos genios!* Mas o genio em Portugal, para que este paiz não deixe de ser em tudo um paradoxo, usa ferraduras.

“Altamira insurge-se contra os que espalham idéas deprimentes entre o povo. Então venha a Portugal, que tem que vêr. Começará logo por Oliveira Martins, que era, todavia, um dos nossos grandes escriptores. O que elle disse, no sentido de deprimir e rebaixar a nacionalidade portugûesa! Tanto na sua *Historia da Civilização Iberica*, como na sua *Historia de Portugal*, como no *Portugal Contemporaneo*. Ao menos coisas verdadeiras? Não; as maiores falsidades, as mais profundas heresias. A algumas d’ellas nos havemos de referir n’um dos proximos artigos.

Pueblo que se considera a si mismo como degenerado, como inepto, como incapaz de esfuerzos regeneradores (ya sea por una enfermedad del ánimo, ya por sugestión de voces extrañas repetidas una y mil veces y acogidas por todos o parte de los elementos directores), es pueblo condenado al pesimismo, a la inacción y a muerte segura e rápida. Pueblo que cree en la virtualidad de sus fuerzas, o tiene de su valor presente un concepto elevado (quizá excesivo), se atreverá a todo y sabrá salvar las crisis pasajeras y los tropezones accidentales.

«Está claro que sim. Tambem isso nós dizemos ha muitos e muitos annos. Não só nos temos revoltado contra todos os que dão por esteril e condemnada a raça portugueza, senão que ficaram celebres as tarefas que lhes applicámos.

Altamira fala novamente em Fichte, n'esse ponto. Dizendo que as idéas são força, e que força produzem. E que assim o pregava Fichte ha pouco mais de um seculo ao decaído povo allemão. *Las ideas son fuerza y la engendran. Así lo predicaba Fichte — hace poco más de un siglo — al decaído pueblo aleman.* Mas os dirigentes da sociedade portugueza é que são inteiramente incapazes da obra dos dirigentes da sociedade allemã após Iena e da sociedade franceza após Sédan.

Os dirigentes da sociedade portugueza nunca comprehenderam, nem hoje ainda o comprehendem :

1.º Que por causas varias, que indicaremos n'um proximo artigo se nos parecer que vale a pena, Portugal e Hespanha ficaram em grande atraso em relação á França, á Italia, á Inglaterra, á Scandinavia, á Hollanda e á Allemanha.

2.º Que não era por meio de dictaduras, nem de dictadores ou salvadores que sahiria mos d'esse atraso, mas accelerando e melhorando por todas as formas a educação publica, e uma d'ellas, a mais importante, seria o ensino, ministrado com largueza e profundeza, mas com intelligencia e criterio, e sobre uma base patriotica, como se fez na Allemanha após leua e em França depois de 1870.

3.º Que, em vez d'isso, andarem os republicanos e radicaes attribuindo a causa da decadencia de Portugal á realza e á Egreja, e os monarchicos e conservadores ao liberalismo e á democracia, sustentando todos, uns pela bocca de José Caldas, outros pela bocca de Alfredo Pimenta, que *não valia a pena instruir o povo*, ou que o povo *já tinha instrucção demais para a educação que possuía*, e a deprimir os sentimentos patrioticos, pela bocca de Oliveira Martins e muitos outros, negando as razões da nossa nacionalidade e do nosso destino historico, ou pouco menos, era não só aggravar as circumstancias, mas até tornar a nossa regeneração impossivel.

A obra dos chamados intellectuaes, e dos dirigentes politicos, tem sido da mais profunda estupidez em Portugal».

Vejamos o segundo artigo. E' este.

«No seu livro *A Patria Portuguesa*, diz Sylvio Romero:

Primeiramente, não é verdade que jamais os Judeus tivessem occupado as Hespanhas. Depois, nem Phenicios, nem até Carthaginezes a senhorearam nunca por inteiro. Tão pouco os Arabes; porque, passado o primeiro embate, perderam estes em poucos annos, toda a região do norte de um lado a outro da peninsula; e aquelles, porque não eram povos colonizadores, e não possuiram nunca na Iberia senão feitorias, mais ou menos extensas em pontos varios.

E demais, quando, quasi dez seculos mais tarde, circumstancia que se não deve perder de vista, quando perto de mil annos mais tarde, após os ultimos semitas — os Carthaginezes, chegaram os Arabes, já muito apagado deveria estar o espirito da raça, soterrado debaixo de seis seculos de administração romana e três de regimen romano-godo. Alem d'isso já d'antes tinha tido para o diluir, durante seis ou sete seculos, o espirito aryanio do Ligure, pertencente ao grupo da grande raça, e do Celta, que a ella tambem pertence, como geralmente se sabe.

O regimen *unitario* romanó a principio e depois romano-godo e por ultimo castelhano-catholico em lucta com tendencias *separatistas* na Hespanha, é um phenomeno historico que tem duzentos casos analogos na Eu-

ropa, sem que seja mister phantasiar luctas de arianos e semitas.

Toda a Europa, e não só a Hespanha, na phase ante romana desconheceu o regimen unitario. Teve-o na época do Imperio; perdeu-o mais tarde com as invasões germanicas, com o desmembramento do colosso latino, a formação lenta e tumultuaria das nações novas, que todas passaram por um periodo de desaggregação particularista, mais ou menos accentuado. Teve-o a propria Inglaterra; teve-o a, depois tão centralizada, França; teve-o até hontem a Italia; e tem-no até hoje a Austria; tem-no até agora a Allemanha; tem-no, sem a menor duvida, a Suissa.

Onde aqui duellos entre arianos e semitas? E' muita ancia de repetir phantasias e logares communs de certos novellerios da historia.

«A resposta era a Theophilo Braga que, n'um livro com o mesmo titulo, *A Patria Portuguesa — O Territorio e a Raça*, disse as mais tremendas baboseiras. Como aliás é seu costume. Mas o *novelleiro da historia* era Oliveira Martins, o escriptor mais funesto ao sentimento nacional que tem visto a luz do dia n'esta nossa pobre terra. Esse é que era propriamente o do *duello entre arianos e semitas*. Esse é que metteu na cabeça d'estes parvos, que aceitam como bom tudo quanto lêem, sem cultura para separar o irigo do joio e sem talento para reflectir, as *manias messianicas* e tudo mais que resulta d'uma supposta, e dominadora, influencia semitica.

E será — continua escrevendo Sylvio Romero — a tendencia separatista um prediado dos Semitas? E será o espirito unitario realmente um prediado dos Aryanos?

Não é de hoje que se anda a repetir essa aleivosia, abraçada com açodamento por Theophilo Braga.

E' possível que o solo da Hespanha, na sua variedade extraordinaria, proteja, por assim dizer, a *propensão separatista*; é provavel que essa inclinação ache apoio no caracter das mais remotas populações da península — os *Iberos* —, caracter que, a despeito de tudo, transparece nas populações actuaes, porque tem n'aquellas a sua base principal; mas não foi tal tendencia uma dadia do genio semita.

Nem a tendencia opposta é uma qualidade do ariano. Talvez o contrario esteja mais perto da verdade.

Sem chegar ao extremo de um Rodolpho Ihéring, no seu bellissimo livro sobre a *Primitiva Historia dos Indo-Europeus*, que não acredita na distincção preliminar entre Semitas e Aryanos, cujas differenças ultteriores explica pelas condições dos meios em que se vieram a achar não vejo quando e porque se chegou a affirmar a tendencia *particularista* como um prediado semita e a tendencia para a *unidade politica*, como um característico ariano. Os *Hindús* da India não chegaram até hoje a constituir um Estado unitario e regular, não passando de aggregações instaveis, sempre presas da conquista estrangeira.

Os *hellenos* não passaram da confederação, mal alinhavada, de Estados rivaes, como a suprema unidade a que podiam chegar.

E' proverbial a desunião dos *Gaulezes* e *Celtas* de todos os matizes, que não se elevaram acima de pequenas aggregações inimigas, descriptas brilhantemente em Cesar, que as desbaratou uma por uma.

O espirito particularista dos *Germanos* é tambem ge-

ralmente conhecido; e ainda hoje o Imperio em Allemanha não passa de uma confederação de Estados soberanos.

Igual característica é a do sympathico ramo *Scandinavo*, que até hoje não conseguiu ligar de uma vez as três nações do alto norte e acaba de separar os dois que andavam unidos.

As tendencias particularistas da raça na Suissa, nos Estados Unidos e na propria Inglaterra não são desconhecidas de ninguém. Os *Italiotas* não chegaram alem das *ciudades confederadas* que foram a presa de Roma. Os velhos *Persas* fundaram um grande imperio; mas esse nada tinha de unitario e desmantelou-se rapidamente.

Dos *Slavos* nada se pode affirmar por enquanto (isto era escripto antes da guerra), tal é a turva confusão de sua vida social e politica; mas bem cego será quem não vir alli claros signaes de desaggregação, attento ao que se passou na Polonia e se passa na Servia, na Bulgaria e na propria desmantelada Russia.

Onde esse famoso espirito unitario, tão evidente, que seja um monopolio do Aryano? O *Romano*, por causas muito especiaes, que não veem ao caso discutir agora, o teve; mas isso não foi nunca um predicado essencial de todos os Indo-europeus. Para von lhéring — estes não passavam ainda de um grupo de pastores, indolentes, pouco civilizados nos platós da Asia, quando nas planicies do Euphrates já os Semitas eram um povo activo, civilizado, agricultor e constructor.

O Imperio Assyrio, o Babylonico, o Egypcio, se quizerem, como fazem muitos, collocar entre os Semitas os Cuschitas ou Hamitas das planicies do Nilo, foram três monarchias unitarias, como as que mais o tenham sido entre Aryanos.

O mesmo se deve dizer de Israel, de Tyro e de Carthago. Não era o espirito unitario, manifestado na reli-

gião e na política, que lhes faltou jamais. O caso Arabe, apparentado com o caso Sahariano ou Berbere, é um pouco divergente. São gentes pastoras, com pequenas excepções nos oasis dos desertos, que se não devem confundir com os Semitas estaveis das planicies do Tigre, do Euphrates, do Nilo, do Jordão e do mar Mediterraneo. Mas, até na tal ou qual desagregação que lhes imprime o deserto, o espirito unitario do Semita se manifesta nos Arabes pela religião, pela lingua, pelos costumes, pelas tradições, pelo regimen legal uniforme por toda a parte. Por isso não seria, talvez, desarrazoado, achar mais tendencias separatistas no Aryano e mais unitarias no Semita. Abstenho-me de o fazer, porque não cultivo o genero-novella — em historia.

Mas, dir-se-ha, o imperio arabe desfez-se. E não se desfez o de Alexandre? Não se desfez o dos Cesares? Não se desfez o de Carlos Magno? Não se desfez o de Carlos V? Não se desfez o de Napoleão?

O duello travado no solo das Hespanhas entre o separatismo semita e o unitarismo aryanos é uma phantasia de hespanhoes sonhadores que lastimo ver repetida por espiritos da ordem de Pompeyo Gener.

«Esta é que é a verdade. Mas de taes phantasias e *falsidades* se encheu a cachimonia dos *mais illustres* dirigentes portuguezes. E com ellas se teceu a lenda terrivel de que eramos de uma *raça inferior*, ou pouco menos. O mal que esses homens, novelleiros uns, parvos outros, teem feito a esta infeliz terra!

«O povo portuguez, diz Poincard no seu *Portugal Inconnu*, foi constituido por elementos de origem muito diversa, *como quasi todas as*

nações europeias. Pois é claro. Como quasi todas as nações europeias! A fonte da nossa raça e do rosso sangue foram os *lusitanos*, que, segundo Martins Sarmento, um homem, esse, d'altissimo valor, tinham *uma das mais puras arvores genealogicas dos povos antigos*. Segundo Poincard, na Lusitania vieram a encontrar-se os Ligures e os Iberos, *que eram ambos de raça superior*. Os phenicios não nos fizeram mal nenhum, pois eram civilizados. De resto, o seu dominio não foi geral, nem effectivo. Como não foi geral nem duradouro o dos carthaginezes. Duradouro, effectivo, profundo, foi o dos romanos, que eram o grande povo que nós sabemos. Depois vieram os suevos, atraz d'elles os wisigodos, ambos de raça aryana, e por fim os arabes e moiros, que também não exerceram um dominio geral e effectivo, pois escapou á sua acção uma grande parte do paiz. Alem de que o povo arabe foi, por seu turno, portador de uma grande civilização, sendo de mera phantasia, pelo menos muito discutiveis, as características de inferioridade que varios lhe attribuem como *exclusivas*.

Não ha, pois, pelo lado da raça, nada que rebaixe ou colloque n'um plano inferior o povo português. Ao contrario. Embora seja certo que na *mestiçagem* dos habitantes da Peninsula entrasse, mais do que na *mestiçagem* de

outros povos da Europa, um certo numero de elementos inferiores. Mas isso pouco ou nada influíu. O que influíu foram outras circumstancias, que diremos.

«A formação social, diz Poincard, depende antes de tudo, como já temos notado, da educação, e não de um *phenomeno physico transmissivel pelo sangue*. E eis o motivo por que, entre os grupos humanos mais bem constituídos, e mais energicos, se encontra um certo numero de individuos da mesma origem que os seus concidadãos, mas que, tendo sido mal educados não receberam a tradição, a marca intellectual que faz o typo social. Ao contrario, encontra-se nas nações dominadas pelo espirito de rotina mais accentuado homens que mostram uma grande força de vontade, uma notavel lucidez, largueza d'espirito e iniciativa. E' que circumstancias excepcionaes influíram na sua mocidade e desenvolveram a sua personalidade a despeito da influencia deprimente do meio educativo».

Assim é que está certo. Como veremos.

Segue o terceiro e ultimo artigo, o que foi publicado em 12 de fevereiro.

«Escreve, na obra já citada, Sylvio Romero:

Sabe-se que o *phenomeno* da decadencia rapida da Hespanha tem dado logar a um certo numero de theorias explicativas, quasi todas ou todas ellas falhas ao fim a que se propõem.

São explicações demasiado simplistas para serem aceitas como capazes de dar conta do facto.

As mais notáveis são a dos *democratas* de todos os tipos, maximé os *federalistas*, que atiram, no meio de grandes gabos ao povo, toda a culpa para a *realeza* e a *Egreja catholica*; a dos *reaccionarios e absolutistas* que dizem exactamente o contrario; a de H. Th. Buckle, o famoso auctor da *Historia da Civilização na Inglaterra*, que vai buscar nas condições do solo hispanico as raízes mais fundas das qualidades do caracter do povo, um dos da Europa, no qual as leis *moraes* se desenvolveram fóra da acção dos *intellectuaes*, produzindo *ignorância, fanatismo, reverencia e lealismo exaggerados, apego a tudo esperar do Estado, ausencia de grandes iniciativas creadoras e progressistas*. Ao lado d'estas podem-se inscrever a de Pompeyo Gener, que aceita a explicação fundamental de Buckle, juntando-lhe motivos tirados do facto de *mestiçamento* das populações da Península, fonte, a seu ver, de *inferioridade*, e a de Oliveira Martins, que tece um peculiar caracter ao hespanhol, oriundo do *conflicto*, travado nas almas e na historia, *entre a corrente semitica e a aryaná*.

Theophilo Braga, conforme seu costume, ao defrontar-se com os democratas e federalistas, repete-lhes as objurgatorias contra a *realeza* e a *clerezia*, e, ao avistar-se com Buckle, aceita as suas doutrinas, que estão em completa opposição ás d'aquelles.

E o mais interessante é que, fingindo dar quinaus em Oliveira Martins, copia d'elle, quasi textualmente, as ideias correntes e as que, se não novas, renovadas por esse celebre phantasista da historia.

A summula da doutrina de Martins, firmada, em parte, em ideias já por outros defendidas, e, em parte, em ideias que lhe eram peculiares, se reduz ás theses seguintes: 1.º pertinácia e sobrevivencia geral do Ibero na

Hespanha; 2.^o parentesco do Ibero com o Berbere, cujo caracter ainda hoje reproduz em mais de um traço; 3.^o lucta entre esse genio especial e a influencia aryana devida a outros povos que estacionaram na Península.

N'este ultimo ponto é que Martins diz alguma coisa de novo.

E' claro que não devo n'este lugar entrar na discussão esmiuçada de taes theorias, já, em parte, analysadas n'outros escriptos. Seria descabido.

Se o tiveste de fazer, opporia ás doutrinas exclusivistas e incompletas d'esses auctores uma explicação es-tribada nas seguintes series de factos e considerações:

1.^o As *singularidades do meio* hispanico que fazem das regiões do sul uma quasi continuação da Africa e mui diversas das regiões do norte.

2.^o O *fundo primitivo e mais espalhado da população* que é a mesma gente *patriarchal, communaria de familia ou de tribu*, do continente fronteiriço, fóra, porem, na península, das suas condições normaes de existencia.

3.^o O *mestiçamento geral* de todas as gentes hispanicas, mestiçamento reforçado no curso de seculos e seculos por elementos inferiores (mourros, almohades e almoravides quasi todos mesclados de negros, nubios, ciganos, e todo o rebutallo das gentes da Asia occidental e da Africa do norte, trazidos pelos arabes).

4.^o Mais ainda do que o simples mestiçamento geral, o que se poderia chamar a *mestiçagem divergente e localista*, porque na Hespanha se nota o phenomeno singularissimo de não ter havido uma só das muitas raças que para lá se dirigiram que a tivesse senhoreado por inteiro e espalhado gente por todas as partes. Sempre o contrario se viu: aqui acantoaram-se *Ligures*, alli *Phenicios*, alli *Celtas*, alli *Carthaginezes*, acolá *Gregos*, alem *Romanos*, mais alem *Suevos*, adiante *Godos*, mais adiante *Van-*

dalos, para além *Silingos* e mais *Alanos*, n'outras paragens, e após tudo isto, *Arabes*, sendo certo que nenhuma só d'estas raças colonisou a Península por completo, lançando apenas por toda a parte a confusão ethnica e a desordem nas almas.

5.º A grande singularidade, o facto quasi sem igual na historia da Europa de uma conquista, por gente de todo estranha de raça e religião e costumes, em plena idade média, no momento precioso exactamente em que se começava a fazer a fusão dos antigos e novos elementos de que ia sahir a Europa occidental. Nem a Scandinavia, nem a Allemanha, nem a França, nem a Hollanda, a Inglaterra, a Italia, nenhuma d'ellas passou por um tão grande infortunio perturbador, como a Hespanha com os *Arabes*. Na Europa Oriental os casos da Hungria, Russia e Península dos Balkans não se lhe podem de todo comparar. O da Hungria, porque, sobre ser a invasão de territorios que não eram a sede de um grande povo, foi ella assás posterior, trouxe a vitoria completa do elemento extranho, imperando hoje alli o *Mudgyar*, que acceitou promptamente o christianismo.

Na Russia os *Tartaros* e *Mongoes* só chegaram no XIII e XIV seculos; já acharam o povo slavo mais ou menos constituido e acabaram por ser absorvidos. O caso que se aproxima mais do hespanhol é o dos Balkans. Os *Turcos* apossaram-se do velho Imperio do Oriente, comprehendendo — Grecia, Macedonia, Bulgaria, Valachia, Moldavia, Servia, Illyria, etc. Mas duas circumstancias afastam este caso do outro; eram velhas populações, já feitas, que não tinham, além d'isso, soffrido a invasão do elemento germanico do V seculo; e a irrupção turca é um facto, por assim dizer, de hontem, da segunda metade do XV seculo, sete centos e quarenta annos posterior ao da Hespanha medieval, em via de formação. Entretanto, que horrivel e inapagavel perturbação não foi

e é o Turco para as populações da Romania, da Grecia, da Bulgaria e da Servia!...

A invasão turca foi a causa unica do fraccionamento d'aquellas gentes, de seu atraso, da grosseria de seu caracter.

6.º As condições da reconquista contra o arabe que nem tinha assimilado as populações preesistentes nem se deixou por ellas assimilar, reconquista morosa, iniciada e dirigida, como notam Buckle e Pompeyo Gener, por hespanhoes do centro, privados do contacto do mundo é por isso presto cahidos em forte atraso espiri-tual e assignalada miseria economica.

7.º O terem sido esses os que vieram a preponderar sobre os hespanhoes de todas as zonas.

8.º As condições especiaes de trabalho, geradas pelo meio e por todas essas contingencias historicas.

9.º O caracter predominante no povo, formado por todos os motivos precedentes, que é o das gentes que a Sciencia Social denomina *communarias de Estado, com familia instavel, esperando tudo de uma providencia exterior, sem iniciativa, sem capacidade de viver por si sós.*

«De tudo isto se conclue que o mal do nosso paiz provem:

1.º Da falta de estabilidade.

2.º Da falta de contacto com povos civilizados.

3.º Da falta de educação, falta que resultou, quer das duas anteriores, quer da ausencia completa de um plano de ensino, tenaz e methodicamente seguido, a partir do inicio do constitucionalismo.

«Sendo a Peninsula uma região abençoada,

com magnificas terras de cultura, com riquissimos minerios, com um clima excellente, em grande parte banhada pelo mar, é claro que despertou cobiças em todos os tempos. D'ahi o ser muito mais procurada pelos povos invasores. Ainda um dos povos invasores não estava bem estabelecido, e logo vinha outro que o expulsava ou que travava com elle sério conflicto. E depois outro, que fazia com o segundo o que o segundo tinha feito com o primeiro. E depois outro, que fazia com o terceiro o que o terceiro tinha feito com o segundo. E assim *continuamente*. Essa ainda era a nossa vida quando, com os principes da casa de Borgonha, se fundou a nacionalidade portugêsa. Então, sem estabilidade, sem nenhuma estabilidade, como havia de haver vida de familia? A vida de familia, com a hereditariedade, com a tradição *que lhe é indispensavel* e que lhe anda inherente, não podia subsistir. Sem familia estavel não havia *ordem*. Sem familia estavel não havia *trabalho*. Sem familia estavel não havia *educação*, educação transmissivel, educação hereditaria, e só por meio de educação forte, transmittida de paes para filhos, tradicional, se criam os *typos sociaes* de que resultam as *raças fixas*, os povos, as nações. Isto é claro como agua. Isto mette-se pelos olhos dentro de *um cego*. Mas nunca o viram

os quadrupedes que, com o nome de intellectuaes, teem acabado de endoidecer este infeliz povo com as suas *theorias* estramboticas ou asnaticas.

«Supponhamos nós agora, nós portuguezes da actualidade, que tinhamos de andar de casa mudada e manta ás costas, constantemente, com mulher e filhos atrás de nós. A que ficava reduzida a vida de familia? O que havia de ser, alem da nossa propria educação, a educação da mulher e dos filhos? A que ficava reduzida a ordem em casa e na sociedade a que pertenciamos? O trabalho? Como trabalhar na lavoura, como trabalhar na industria? O que seria a lavoura, n'aquelle estado quasi *nomada*, o que seria a industria? E o commercio? Como commerciar sem caminhos, sem estradas, ou com as estradas e caminhos invadidos por homens armados, inimigos, e inimigos ferozes, implacaveis, sem piedade?

«Mas esse era ainda o nosso estado, tornamos a dizer-lo, ao constituir-se a monarchia. Depois de terem andado por aqui Iberos, Ligures, Phenicios, Celtas, Carthaginêses, Romanos, Suevos, Wisigodos, Alanos, Vandalos, vieram os Arabes e os Moiros. Esta ultima invasão, como accentua muito bem Sylvio Romero, de um povo de raça e religião differentes, e n'um periodo já avançado da civilização,

quando as outras nações da Europa se estavam já constituindo, foi terrivelmente perturbado. Ao constituir-se a nacionalidade portuguesa com Affonso Henriques, andavamos nós ainda á bulha com elles. Ora nós entravamos pelo territorio occupado por elles, ora entravam elles em correrias pelo nosso, *destruindo tudo*. Hoje tomavamos um castello que no dia seguinte perdiamos. Depois o trabalho de o reconquistar e assim successivamente.

Expulsámo-los, enfim. Durante, porem, esses numerosos seculos de lucta, e ainda depois, sobretudo sob o dominio dos barbaros e dos successores de Pelagio, foi *minima*, como affirma Buckle com razão, a acção dos *intellectuaes* sobre o nosso desenvolvimento. A juntar a isso, e ainda sob o dominio das influencias da intelligencia, a nossa situação geographica não nos favorecia para a troca continua de idéas que entre os povos mais civilizados de hoje era e é constante.

“Ao constituir-se definitivamente a monarchia, o paiz estava, pois, arruinado e despojado. Tentaram remediar esse mal os reis da primeira dynastia, sem o conseguir. *Mais le résultat*, escreve, e bem, Poincard, *demeura toujours assez médiocre, pour diverses raisons*. Nem era facil consegui-lo, pois a Europa andava de novo embrulhada com luctas entre

senhores feudaes e communas, entre senhores feudaes e reis, com expedições de cruzados e outros sérios conflictos. Por fim surgem os descobrimentos, que continuam a desorganização do trabalho e da familia, que nos desmoralizam com as riquezas da India e do Brazil, riquezas concentradas nas mãos de familias privilegiadas, e que, d'esse modo, em vez de alimentar e favorecer a agricultura e a industria, melhorando a situação das classes pobres e promovendo o progresso do paiz, foram um novo estímulo para a ociosidade, a crapula ou o vicio.

•Eis tudo.

Poinsard escreve:

De très bonne heure, la nation entière, ou, à peu près, tomba dans cet état social indécis, flottant, incohérent, qui caractérise les peuples désorganisés, et qui se continue indéfiniment par l'insuffisance de l'éducation. Comment celle-ci pourrait-elle, en effet, se transmettre d'une façon régulière et permanente, quand les familles sont troublées et désagrégées par le désordre public ou par les hasards d'une existence fondée sur des éléments artificiels, comme le privilège, la faveur, les aventures guerrières, etc. Seul, le travail stable, régulier, normal, permet au type social de se conserver et de se perfectionner.

Traduzamos.

Cedo a nação inteira, ou pouco menos, cahiu n'aquelle

estado social indeciso, fluctuante, incoherente, que caracteriza os povos desorganizados e que, por falta de educação, se continua indefinidamente. E como poderia a educação, com effeito, transmittir-se de uma maneira regular e permanente, se as famílias andavam perturbadas e desagregadas pela desordem publica ou pelos azares de uma existencia fundada sobre elementos artificiaes, como o privilegio, o favor, as aventuras guerreiras, etc? Só o trabalho estavel, regular, normal, permittê que o typo social se conserve e se aperfeiçõe.

«Ora aqui está.

Terminou a desordem? Qual terminou! Continuou até hoje.

Terminaram os *elementos artificiaes*, como o favoritismo, o arbitrio, o desprezo da lei, o parasitismo, as sinecuras? Qual terminaram! Continuaram até hoje.

«Surgiram homens de capacidade a applicar o remedio a esse mal, por uma obra bem pensada e applicada de educação publica? Qual surgiram! Com o nome de *intellectuaes, publicistas, estadistas*, surgiram bestas peores dos que os vandalos e os hunos. Não remediaram, alargaram e profundaram o mal que existia.

• *Depuis lors, escreve mais Poincard, cette pénible situation s'est modifiée dans une mesure sensible, sans qu'il ait été possible, cependant, de regagner le temps perdu. C'est que le fardeau du passé pèse encore lourde-*

ment sur la vie nationale. Pois é claro. Só poderíamos ganhar o tempo perdido, só poderíamos alliviar o fardo do passado com uma *élite* intelligente que, á parte brilhantes estylistas, verdadeiramente *nunca tivemos*.

«Qual era a raça que resistia a tantos agentes destruidores? Andam escriptores sem juízo a averiguar se o mal nos veio dos aryanos, se o mal nos veio dos semitas. O mal veio d'isso. Por melhor que fosse a raça, e a nossa tem em si, a predominar, sangue do mais rico, não resistiria a tantas causas de desordem, e tantos seculos repetidas. Sem que nunca, nunca e nunca, fosse instruida e educada, antes sempre, sempre e sempre, prejudicada ou abandonada na sua instrucção e na sua educação, **gravissimamente.**

«Grande raça é ella! Pois nenhuma outra, sob tantos golpes, e entregue a tamanho abandono, teria deixado de succumbir».

Eis o problema, exposto com clareza e lucidez.

Mas, seja qual for o valor da raça, sejam quaes forem as causas da nossa decadência, não só permanece de pé a minha argumentação das *Cartas de Longe*, fulminante na sua simplicidade, mas cada vez mais se demonstra que o problema da nossa regeneração é, *antes de tudo e acima de tudo*, um problema educa-

tivo. A que não pode deixar de servir de base um *bom ensino*. Sem a reforma, ou a *reconstituição* da nossa mentalidade, todas as outras *reconstituições* são impossíveis. Continuaremos a viver de expedientes e mentiras. Continuaremos enganando-nos a nós próprios.

E' tão forte essa minha convicção que é por ella que muitas vezes sou violento. O sr. Alfredo Pimenta, possuido da mania de *super-homem* que todos lhe conhecem, respondia-me sempre com tal *desdem*, fingindo ao mesmo tempo *que me não dava resposta*, que eu só o podia tratar d'aquelle modo. O sr. Alfredo Pimenta, com as suas loucas prosapias de *superioridade*, é, a escrever, o homem mais irritante que ha em Portugal. Independente d'isso, porém, para eu não ser *amavel* com elle bastaria o sr. Pimenta haver escripto que o povo português, para a sua educação, já tinha instrucção demais. Como, pelo mesmo motivo, isto é, por ter affirmado que *não valia a pena instruir o povo*, eu annos antes tinha sido duro, durissimo, com o republicano José Caldas. Todo o *intellectual* que se arroja a fazer taes affirmações é mais funesto ao seu paiz, e mais perigoso, consciente ou inconscientemente, que um salteador d'estrada. Julgo-me no dever de o tratar como se fora um criminoso ou um parvo.

Não comprehendendo este meu modo de sentir

e de pensar, não falta gente sem *ideal* e sem *idéas* a accusar-me de *pamphletario*. Isto é, de produzir uma obra *destructiva, negativa*, como pamphletario. Ora que não faço obra destruetiva nem negativa prova-o este volume, como o hão de provar os volumes a seguir, como já o provaram dois volumes anteriores, o primeiro d'estas *Cartas de Longe* e o *Pró Patria*. Não quer isto dizer que me sinta offendido ou melindrado, antes me dá honra, com o chamarem-me pamphletario. Quer dizer, apenas, que nunca houve *pamphletario mais doutrinario*. As minhas injurias não são filhas do meu *odio*, que, pessoalmente, não tenho odio a ninguém. São filhas da *consciencia indignada* do mal que fazem ao meu paiz e ao credito e honra dos principios tanto parvo e charlatão engrandecidos, e com *aureola*, e, *impune*, tanto bandido comprovado. São a natural reacção, embora por vezes em termos excessivos, ao silencio que toda a gente mantem perante um elogio mutuo que nos degrada, perante o pacto indecoroso e affrontoso, no sentido de impor e consagrar imbecis e bandoleiros, de todas as quadrilhas e *claques*. Sem que essas mesmas injurias deixem de se apoiar em affirmações de principios e diffusão de idéas. Inda é bem moralizador e educativo esse meu violento grito de *aggressão* e de protesto.

Mas de que resulta esse triumpho *ininterrupto* do charlatão e do mediocre senão do *abaixamento* da nossa mentalidade? O constitucionalismo não teve pensadores nem estadistas. Se os tivera, outra seria a sorte d'esta patria. Mas teve uma literatura admiravel. Ora a decadencia d'essa literatura começou justamente com a abolição do exame de madureza, que foi um golpe tremendo na cultura nacional. O exame de madureza era o *fiel da balança*, a melhor garantia de uma boa instrucção superior e de uma boa instrucção secundaria. De uma boa instrucção superior, porque os alumnos entravam na Universidade *bem preparados*, sem ser preciso, como agora, perder tempo, com grave prejuizo do ensino superior, a ensinar-lhes o que elles não apprenderam nos lyceus, sem o que não podem dar um passo. De uma boa instrucção secundaria, porque era forçoso estudar a sério nos lyceus, apprender, saber, para não se chegar ao exame de madureza e *levar com a porta na cara*, esbarrando miseravelmente. Supprimiu-se o exame de madureza, reduziu-se o ensino dos lyceus, sobretudo á custa do ensino classico, precisamente o que mais illustra o espirito e o que melhor educa o sentimento e o character. Sou d'esse tempo. Tenho auctoridade para o attestar. Quando me matriculei no 1.º anno do Lyceu

tinha-se acabado d'extinguir o exame de ma-
 dureza e de simplificar a instrucção secundaria
 á custa do ensino classico. Isso bastou para
 que a minha geração... *já não desse nada.*
 Mais foi a primeira que apanhou *desde prin-*
cipio os celebres exames *por comissões*, que
 eram formidaveis. Era preciso saber, e bem,
 para passar. Mas a organização do ensino era
 outra. Não existia o grego. O latim, a latini-
 dade, tinham levado o golpe de morte. Não era
 profundo, como anteriormente, o estudo da lin-
 gua e da litteratura portugueza. Começaram a ca-
 hir em desprezo os estudos da philosophia, da
 geographia e da historia. E a pouco e pouco, com
 o abaixamento do ensino, foram desappare-
 cendo os cultores das letras, que vinham, *não*
esqueça, das gerações anteriores. A minha, e
 as que se seguiram, *já não deram nada.* Esta
 coincidência é notavel. E já não deram nada
 por effeito do *novo regimen de ensino*, que,
 esta é que é a verdade, abriu a crise actual
 da intelligencia portugueza. A' qual anda inti-
 mamente ligada a crise do character, em grande
 parte d'ella dependente. Por effeito da falta
 de cultura geral, por effeito da falta de edu-
 cação do sentimento, por effeito da falta do
 amor dos prazeres do espirito, que não só
 cahiu no desprezo, mas até se tornou... es-
 carnecido. Não mais se crearam os grandes

escriptores, os grandes professores, os grandes tribunos, os homens finos, distinctos, cultos, que ainda n'essa epocha havia na politica, nos proprios partidos. O que se creou foi esta boçalidade que anda ahi a dirigir-nos. Esta boçalidade que faz horror! O que se creou foi esta charlatanice, este pedantismo, — anões querendo-se impor como gigantes, — que faz nojo. O que se creou foi esta mediocridade geral, de todas as classes, a que eu costumo chamar, ironicamente, mas com alguma propriedade, o *analphabetismo das classes superiores*.

Attribue-se aos republicanos a culpa de toda a nossa decadencia. N'este ponto, a culpa não foi d'elles. Elles aggravaram o mal, ahi como em tudo, certamente. Mas a honra do primeiro golpe, do *golpe inicial*, do *golpe decisivo*, pertence aos homens do velho regimen. Não teem os *seus herdeiros* que se queixar dos dirigentes republicanos, que são, por desgraça, *um dom da monarchia*. Foi ella quem creou a actual *élite* republicana, como foi ella quem creou a actual *élite* monarchica, que, diga-se a verdade, não vale mais do que a outra.

O jornal francês *Le Temps*, tem publicado, sobre a nova reforma do ensino secundario, numerosos artigos. N'um d'elles, o que sahio em 4 de Janeiro d'este anno, leem-se estes periodos:

Notre littérature classique n'est pas un écho de la grecque ni de la latine, non, mais elle en est la suite admirable. On n'entend pas finement la suite sans une intelligence directe de ce qui précède. Or, d'une façon générale, plus que tout autre régime, la démocratie a besoin d'une élite conductrice, à la fois capable de saisir les fins rapports des choses et les nuances délicates des mots; faute de qui, elle verse dans la démagogie.

Foi o que succedeu em Portugal. A' república faltou-lhe essa *élite* dirigente, essa *élite* *conductora*, de que fala o *Temps*, e tombou na *demagogia*.

N'outro artigo, publicado em 31 de Janeiro' lê-se :

Voilà, d'autre part, une culture humaniste, fortifiée de mathématiques, qui, durant des siècles, a formé les bonnes têtes françaises, les Rabelais, les Pascal, les Marcellin Berthelot, les Renan, les Bergson, les Poincaré. Elle se fonde sur une longue tradition, au lieu que l'autre, dite moderne, ne s'autorise que de longs espoirs; et elle a du moins cet avantage qu'elle met la plus humaine des démocraties, la nôtre, sous les auspices des Romains et des Grecs, ces précepteurs du genre humain. Encore faut-il que notre jeunesse cultivée soit en état de les entendre autrement que par la trahison des traductions. Le regretté Emile Boutroux citait volontiers le propos d'un éminent professeur de Berlin, qui lui dit un jour : « Couper le lien qui vous attache à la Grèce et à Rome, c'est, de votre part, manquer à votre devoir envers votre pays et envers l'humanité. » Cet Allemand discernait du même coup l'intérêt vital de la France républicaine. Où trouver de plus forts en-

seignements, et mieux appropriés à l'élite de la jeunesse, que dans la littérature de deux peuples qui firent un long usage du régime populaire ? Comme on l'a souvent répété, ils ont laissé au monde les plus fortes leçons de civisme, au point que leur morale avait surtout pour objet la formation du citoyen. Où trouver, à cet égard, un autre Démosthène ou l'équivalent des Philippiques ? Où trouver, pour l'obéissance aux lois de la conscience ou de l'Etat, l'égal d'Antigone, de Criton ? Où celui de l'admirable poème de Lucrèce contre la superstition, où celui de la grande voix républicaine de Cicéron, et l'aimable sagesse d'Horace, et le patriotisme érudit de Virgile, et l'ardent libéralisme de Tacite, sans compter les Mœurs des Germains ? De cette culture ancienne, les hommes de la Révolution étaient imbus, qui fondèrent les droits nouveaux.

Aujourd'hui, les véritables amis du peuple ne sont pas ceux qui flattent en lui la jalousie égalitaire et le penchant au moindre effort. Quant à nous, nous ne consentons point à porter les problèmes d'enseignement sur le terrain de la lutte de classes, ni à les envisager comme des questions de boutique. Trop long-temps, le Parlement et l'Université ont cédé à cet esprit faussement démocratique ou étroitement professionnel. Il n'y a pas un enseignement populaire et un enseignement bourgeois : il y a un enseignement primaire et un enseignement secondaire, nettement distincts ou qui devraient l'être, parce qu'ils répondent à des besoins différents du pays. Et puis, il y a eu la guerre. On s'est aperçu que, plus que tout autre, un pays libre ne peut prospérer sans une élite idéaliste à la tête des affaires. Pour elle, nous voulons l'éducation d'élite, la culture classique, dont bien peu de gens nient l'excellence.

Enfim, para não nos tornarmos fastidioso,

vejamos só mais o que dizia o *Temps*, em outro artigo, de 26 de Fevereiro findo:

M. Henri Bergson expliquait, l'autre jour, aux lecteurs du Temps, que ces qualités du goût sont comme un parfum classique et traditionnel qui doit se conserver dans les études des lycées, et qui descend jusqu'en bas, jusque chez l'artisan. Or, c'est la littérature pure qui le répand, la littérature gréco-latine, et non pas l'éducation professionnelle. Nous souhaitons avec le Sénat, et avec M. Gaston Vidal, un enseignement des métiers, des professions, et même une haute science des applications, avec des laboratoires richement pourvus par les subsides volontaires des industriels qui y trouveront leur compte par la suite. Mais nous désirons aussi, et de toutes nos forces, que cette organisation soit définitive, à sa place, et sur son plan. A cet égard, il n'y a pas une erreur à commettre.

Por aqui se vê, e como o *Temps* são dezenas de jornaes e revistas a escrever no mesmo sentido, a noção exacta que teve sempre a republica franceza da extraordinaria importancia do ensino. E que sempre defendeu os estudos classicos com lucida providencia e excepcional energia.

A isso deve ella as suas admiraveis *élites*. Não as ha eguaes no mundo culto. A isso deve ella o seu triumpho. A isso deve a França o seu patriotismo, o seu heroismo, as qualidades moraes dominadoras que a tornam, hoje, no meio da desordem e do desvairamento que in-

vadem todos os paizes, incluindo a Gran Bretanha, a nação *por excellencia*.

Infelizmente, a republica portugueza não seguiu esse caminho. Não viu que ha em todos os regimens, mas sobretudo nas democracias, um problema inda mais importante que o do analphabetismo, sendo este, aliás, importantissimo: o da instrucção das *élites*. Não viu que essa instrucção, para ser perfeita, tem que ser subordinada ao ensino classico, porque só elle, idealista, visando ao sentimento, é *educativo*. Sobretudo, como diz o *Temps* e com elle muitos outros, em democracia. Não faltaram em França berriadores, como em Portugal, a impugnar o ensino classico, defendendo o utilitarismo. Nunca a enorme maioria da nação os quiz ouvir. Aqui, tudo cedeu deante d'elles, mercê ainda da ignorancia publica. Aqui, tudo tendeu e tende a abandalhar, cada vez mais, o ensino. A abandalhar, que é o termo. Não já, somente, o ensino classico, *mas todo o ensino*. Cada vez, pois só ha um objectivo *por accordo de todos*, que é obter o diploma com o menor incommodo, o menor dispendio, o menor esforço possivel, cada vez se estuda menos e cada vez, é natural, se sabe menos. Maus os ministros de instrucção, ás vezes *riçados*, e outras apanhados *a cordel*, como se apanhavam homens para a vida militar no

tempo do absolutismo. Maus os professores, cujo recrutamento é pessimo, sobretudo na instrucção secundaria, pois saem da Escola Normal Superior com insufficiente preparação e peor technica de ensino. Para os estabelecimentos universitarios já se nomeiam *por empenho*, como se nomeiam os regedores. Nem falemos das Escolas Primarias Superiores. Maus os paes dos estudantes, ou tutores. E assim, como eu já disse em plena camara dos deputados e aqui o repito, todo o ensino em Portugal... *é uma burla*.

Quando fomos nós grandes? Quando fomos, porque o eramos n'essa epocha, a **nação mais culta do mundo**. Coincidiu o nosso esplendor com uma extraordinaria cultura. Que é que nós faz hoje, aos olhos dos extranhos, despreziveis, abjectos? Uma mentalidade miseravel. E, com effeito, coincide a nossa abjeção com uma incultura estupenda. Quando começou a precipitar-se, aterradora, esta crise actual da intelligencia portugêsa? Quando, ha mais de meio seculo, enfraquecendo-se, annullando-se quasi o ensino das humanidades, se supprimiu o exame de madureza. Com esse enfraquecimento successivo da cultura das *élites*, a par de um analphabetismo estacionario e enorme nas massas profundas, coincidiu o crescimento da desordem, da anarchia, do des-

vairamento publico. A nossa ruina material e moral, esta onda, cada vez mais alterosa, de desmoralização, a queda rapida no abysmo. Tudo factos, dados, convincentes, eloquentes, demonstrando que o problema capital da vida nacional é o problema educativo.

Assim o venho dizendo ha muitos annos. E n'isso insisto.

Continuarei clamando no deserto? E' o mesmo. Poderei ao menos, de cabeça erguida, consciencia calma e *mãos limpas*, encerrar este volume com as mesmas palavras com que encerrei o anterior: *Deus salve o meu paiz, que, perante Deus e os homens, a minha responsabilidade... salvei-a eu!*

bibRIA

bibRIA

NOTA

Em nota de pags. 266 deixei escripto que não tendo á mão a traducção francêsa da obra de Von Bernhardi fazia uso da traducção hespanhola. Entre os meus livros encontrei depois a traducção francêsa, feita por Emile Simonnot, com prefacio de Clémenceau, e verifiquei que entre a traducção hespanhola e a francêsa não ha differença apreciavel.

ERRATAS

Este volume ha de ter *gralhas e lapsos*, como todos elles. E digo *ha de ter*, porque confesso que, acabada a impressão, nem ao trabalho me dei de verificar. Para quê? O que não tem remedio, remediado está. Limito-me a pedir indulgencia ao leitor, que irá corrigindo na leitura os erros palpaveis que encontrar.

NOTA

Em nota de pag. 200 deixei escrito que
isto sendo a razão a tradução francesa de que
de Von Bernhardt, assim uso da tradução hes-
panha. Entre os meus livros encontrei depois
a tradução francesa feita por Emilio Signorini
com prefácio de Clémentine e verifiquei que
entre a tradução hespanha e a francesa não
há diferença apreciável.

bibRIA

Este volume de 100 páginas e 100
como todos estes. E digo de 100 porque
confesso que, acabada a impressão, nem ao
trabalho me dei de verificar. Para quê? O que
não tem remédio, remediado está. Já não me
a pecha indolência no leitor, que lá corri-
giendo na leitura os erros palpáveis que en-
contrar

INDICE

	PAG.
I— O que eu pensava sobre o exito do volume anterior. Carta do sr. dr. Silvio Pélico Filho. Resposta a esta carta	7
II— Continuação da resposta ao sr. dr. Silvio Pélico Filho. O perigo dos oráculos. Spencer e Gustavo Le Bon a demonstra-lo. O sr. José Caldas e o sr. Alfredo Pimenta com as suas theorias insensatas. A educação e a raça. A influencia da educação posta em relevo pela Allemanha actual	17
III— O patriotismo das <i>élites</i> e o patriotismo do povo. As indignidades das altas classes de Portugal, quando Junot entrou em Lisboa, foram excedidas pelos allemães quando Napoleão, depois de Iena, invadiu e occupou a Allemanha.	29
IV— A abjeção, deante do vencedor de Iena, das mais altas figuras da aristocracia do sangue e da intelligencia, na Allemanha. Hegel, Goethe, Lessing, Herder, Schiller, e, ao principio, o proprio Fichte, sentiam prazer e orgulho em ostentar o seu desprezo por tudo aquillo que pudesse parecer patriotismo. Foi repellindo esses idealistas, e seguindo caminho opposto ao que segue Portugal a influxo dos seus intellectuaes, que com maior propriedade se podem designar, em regra, <i>parvos intellectualizados</i> , que a Allemanha se tornou o mais culto, o mais forte e o mais poderoso dos paizes da terra	39
V— Em 1813 já pouco restava d'essa Allemanha indigna, desnacionalizada, corrupta e escrava de depois da batalha de Iena. A sua regeneração foi obra dos intellectuaes, e em particular das Universidades, onde o fervor patriótico, entre estudantes e professores, era immenso. O que Gustavo Le Bon quer explicar pelos maus tratos da caseria explica-se melhor pelo zelo patriótico com que os	

officiaes instruíam e educavam os soldados postos sob o seu commando

49

VI — Onde se discute se quem venceu a França em 1870 foi ou não foi o mestre-escola prussiano. Como elle ministrava o seu ensino. Todo o ensino publico na Allemanha, do primario ao superior, obedecia a um fim patriótico. A historia, base de todo esse ensino, e, segundo Ranke e outros celebres escriptores, *mãe e preceptora da politica*. E tambem, segundo hoje os grandes generaes Foch e Ludendorff, base de toda a sciencia militar. E lançada ao mais completo abandono e desprezo em Portugal! O que diz o abbade Wetterlé. O primeiro povo do mundo é o que tem melhores escolas

63

VII — Continua a esmagar-nos, e a demonstrar a nossa inferior mentalidade, o exemplo do estrangeiro. O que eu dizia, em 1902, sobre o ensino elementar aos recrutas, na caserna. Cecil Rhodes, deixando a sua immensa fortuna aos poderes publicos para a fundação d'estabelecimentos *que elevassem ainda mais o nivel intellectual da Gran Bretanha*, nem chega, quanto mais ter seguidores, a ser comprehendido em Portugal. O extremo rigor da obrigação escolar na Allemanha. A *école buissonnière* n'esse paiz e na Inglaterra

8

VIII — O imperialismo. O que elle exprimia para os nossos germanophilos. Eu, alliadophilo, admirava mais a Allemanha do que os nossos germanophilos, que só a exaltavam pelo seu espirito militarista e monarchico. Ou, n'outros termos, era o odio á republica que os fazia germanophilos. Jules Huret e Victor Cambon confirmam quanto se tem dicto anteriormente sobre todo o ensino na Allemanha

93

IX — A sumptuosidade das escolas primarias na Allemanha. O seu inexcedivel aceio. Como o serviço medico é feito. O combate ás degenerescencias physicas de toda a qualidade. Especial rigor contra a tuberculose. Em Portugal um homem vale menos que a ferradura d'um cavallo. Mas, na Allemanha, o primeiro valor é o homem

109

X — Novos dados sobre o ensino primario na Allemanha. As escolas ao ar livre. O serviço medico é feito n'ellas com o mesmo zelo, cuidado e sciencia que nas outras. Conclue-se que nem tortos, nem rachiticos, nem vesgos, nem mudos, nem anões nem gigantes deixam de adquirir muita ou pouca cultura na Allemanha. O Estado quer

- que todos saibam e a todos fornece os meios de apprenderem 121
- XI — Para responder a um artigo de Alfredo Pimenta, interrompe-se o estudo sobre o ensino primario na Allemanha. Como Alfredo Pimenta baralha instrucção com educação e como eu lhe respondo. As falsas idéas d'esse homem, com todo o seu desprezo pela instrucção do povo, são, affirmo, infelizmente, as que teem dominado e desorientado Portugal 133
- XII — Os tremendos dislates dos inimigos da instrucção do povo em Portugal. Bastam elles, correspondendo aos factos, para fazer o nosso descredito no mundo civilizado. As *élites* acabam assim de demonstrar quanto são inferiores n'esta infeliz patria. Confronto entre ellas e as *élites* estrangeiras. Prova-se que no estrangeiro, em paizes grandes e pequenos, foi a burguezia intelligente que tomou a iniciativa de instruir o povo, dando a essa instrucção um formidavel impulso e arrastando atrás de si o Estado 145
- XIII — Referencia a uma monographia do sr. João Pedro Arnaut sobre o concelho de Penella. O criterio de instrucção do *scientista* Pimenta é o do populacho de Penella. Gustavo Le Bon e os pretendidos *dogmas democraticos*. Começa-se a demonstrar que os *dogmas democraticos* teem melhor fundamento que as affirmações absolutas de Gustavo Le Bon e Herbert Spencer 161
- XIV — O sr. Alfredo Pimenta invoca a auctoridade de Gustavo Le Bon na *Psychologie de l'Education*. Ora da analyse d'alguns trechos d'esse livro conclue-se: 1.º que é um erro separar a educação da instrucção; 2.º que é um erro pretender que a educação precede a instrucção; 3.º que o *celebre principio* da passagem do consciente ao inconsciente demonstra justamente o intimo accordo entre a educação e a instrucção e que a base de todos os actos reflexos, até nos insectos e nos quadrupedes, está nos actos iniciaes da intelligencia; a propria moral deriva das idéas associadas e reflexas apoiadas na intelligencia; 4.º que é asnatico insistir que educar é visar os sentimentos e instruir visar a intelligencia quando educar e instruir viam juntamente e alternativamente o sentimento e a intelligencia, mas sendo o primeiro degrau da instrucção e educação, se é licito distinguir, a intelligencia 175

- XV — Outra vez discordo de Gustavo Le Bon. O que Gustavo Le Bon attribue exclusivamente á influencia do caracter são muitas vezes manifestações meramente intellectuaes. Sem o auxilio da cultura da intelligencia as qualidades nativas de firmeza, decisão, coragem, iniciativa e audacia não se podem, em numerosos casos, manifestar. Demonstra-se com varios exemplos 193
- XVI — Continuação dos exemplos do capitulo anterior. A minha *audacia* de jardineiro, em infantaria n.º 14, comparada com a pusillanimidade dos officiaes do regimento. Eu era *audaz* porque tinha conhecimentos technicos que fortificavam a natural energia do meu caracter. Elles eram pusillanimes, não porque a sua energia nativa fosse inferior á minha, mas porque ignoravam completamente tudo quanto se referia a jardinagem. Se me forçarem a trabalhar com uma machina, de que não percebo nada, toda a minha energia nativa se converte, de repente, na mesma pusillanimidade 205
- XVII — Onde se demonstra que sem eu ter ainda lido os grandes pedagogistas formulava raciocinios dentro dos mais celebres principios pedagogicos. Segundo esses pedagogistas, a escola de Herbart é a que tem maior influencia na Alemanha, na Austria, na Inglaterra, na Suecia e Noruega, na Hollanda, na Suissa, na França, no Japão e nos Estados Unidos da America do Norte. Ora a escola de Herbart é a da *instrução educativa*, aquella em que se considera a cultura intellectual o elemento *mais importante* da formação do caracter. Se Portugal está fóra d'essa corrente de verdade. E, coincidência que diz tudo, sendo o paiz de maior incultura, e de maior desprezo pela instrução, é ao mesmo tempo aquelle que mais se distingue pela falta de iniciativa, de decisão, de energia, de coragem moral, de civismo, e d'outras qualidades de caracter. E', com a Russia, o paiz de maior desorientação no mundo civilizado. Assim se põe em relevo mais uma vez que as *theorias* triumphantes de Pimenta e quejandos são uma das grandes causas, se não a maior, da nossa decadencia, a qual é sobretudo, como sempre tenho affirmado, de natureza intellectual, e que essas homens, apregoando-as e espalhando-as, á sombra de um falso prestigio de *intellectuaes*, quando não passam de *parvos intellectuaes*, commettem um crime de lesa-patria 219
- XVIII — Gustavo Le Bon implicitamente, no seu livro *Psychologie de l'Education*, incluye a instrução na educação. A edu-

cação muda em menos de um século a mentalidade de um povo, segundo Leibnitz. Como a morai e as idéas se transformam com o tempo e com as modas. O mal, para a troca das idéas, da nossa posição geographica. Carta do sr. padre José Pinto sobre o assumpto que se debate. 241

XIX — Pimenta cita Von Bernhardt. Refuta-se Von Bernhardt e demonstra-se que Pimenta, citando-o, faltou á probidade litteraria. Oppõe-se á opinião de Von Bernhardt a de Bismarck. E mais a de Gambetta, Freycinet e Von der Goltz. E ainda a do principe Kraft de Hohenlohe-Ingelfingen. E conclue-se que não foi em Von Bernhardt mas em Gustavo Le Bon que Pimenta bebeu a falsa idéa da caserna como elemento predominante de educação social. 259

XX — O que diz Jules Huret sobre os maus tratos no exercito allemão. Absurdo criterio de Gustavo Le Bon, pois nunca um exercito tão formidavel como o exercito allemão poderia ser constituido e educado *à força de chicote*. A' pancada nem os pretos se educam e moralizam, quanto mais o civilizado povo allemão. Nem os irracionais, como se demonstra com exemplos, quanto mais os homens. O exercito só é um factor de civilização quando fôr uma escola de civismo a par de uma escola militar. Comprovo-o com a minha propria acção dentro da caserna em Portugal. 277

XXI — O que era o exercito portuguez no meu tempo. O que era o culto de *Nossa Senhora de Não te Rates* e fazer o serviço *sem novidade*. O famoso relaxamento e a tremenda indisciplina que d'ahi resultavam. Como se desgostavam e *enxotavam* os officiaes que appareciam com a dignidade do dever e o culto da profissão. O exercito portuguez vem de longe cahindo aos pedaços. Novamente se refutam as affirmações de Gustavo Le Bon, sustentando-se que o exercito tanto pode ser um magnifico centro educador, como de desmoralização e de perversidade. 293

XXII — O que se diz do Exercito, diz-se da Igreja. O padre não teve, como o official militar, o culto da sua profissão. Nem o podia ter, dada a intervenção da politica na religião. Desde que a politica intervinha estava morta a crença. Estava extincto o ideal. O grande inimigo da religião não foi o crente, foi o descrente com ares de crente. Não foi o sincero, foi o tartufo. Não foi o que abraçou por amor a vida religiosa, foi o que a seguiu por conveniencia. O que se demonstra com exemplos tirados da Historia. 307

- XXIII — Continuação do capítulo anterior. Assim como o que faltou no exercito foi o espirito militar, assim o que faltou na Egreja foi o espirito religioso. O principal mal da nossa terra é esse, em tudo. Portugal perdeu o caminho dos corações. Ou o torna a encontrar, ou a sua redempção é impossível. E só o tornará a encontrar com fé, muita fé, venha ella donde vier, com crenças, muitas crenças, sejam ellas de quem for. Mas fé e crenças ensinadas por homens sinceros, inspirando-se no amor da verdade e da justiça, ao mesmo tempo cultos e intelligentes. 321
- XXIV — Ainda a Egreja e o sentimento religioso entre nós. Nunca pode ser um paiz religioso aquelle onde domina a mais feroz materialidade, como em Portugal. A religião é do sentimento, não é dos instinctos. Quando ella provem dos instinctos é muito menos obra de Deus que obra do diabo. O que verdadeiramente regenerou a humanidade não foi a doutrina, foi o exemplo de Jesus. O mundo não teria ajoelhado reverente perante a santidade da doutrina se a não houvesse purificado e engrandecido a santidade do facto. Ora no padre português o exemplo e o facto foram, geralmente, detestaveis. Exemplica-se, como nos capitulos anteriores. 325
- XXV — Outra vez a instrucção. A instrucção e a criminalidade. Os que sustentam que a instrucção augmenta a criminalidade chegam a ser grotescos. O que dizem a esse respeito as estatisticas e como se devem entender as estatisticas. O alcoolismo e a sua influencia no augmento do crime. De novo se demonstram as vantagens praticas do conhecimento da leitura e escripta 349
- XXVI — Resposta a uma nova carta do sr. Padre José Pinto. O *desequilíbrio* que se fez entre nós a favor das idéas revolucionarias. A deschristianização de Portugal. Moral velha e moral nova, ou religiosa e revolucionaria. Effeitos d'uma e d'outra. Elevação moral e intellectual dos paizes, onde é mais sincero e mais puro o sentimento religioso, relativamente a Portugal. As congregações d'assistencia e de ensino exerceriam hoje uma acção benemerita entre nós 371
- XXVII — Continuo respondendo ao sr. Padre José Pinto. A instrucção encyclopedica e como a aprecia Alfred Fouillée, que é um eminente philosopho. Alfred Fouillée chama *parvenus du savoir* ao que eu chamo *parvos intellectualizados*. Necessidade de augmentar e fortificar o ensino das *élites*,

sendo n'ellas que se encontram os peores analphabetos d'esta patria. O ensino civico e moralizador por excellencia é o ensino classico. E' elle que forma os cidadãos, que purifica as almas e eleva os corações 383

XXVIII — Onde se responde aos que sustentam que a *questão é de raça*. A estupidez d'esse argumento e o mal que elle faz. Pois se o ensino até aproveita aos animaes! Que importa que um cavallo seja de boa raça se não fôr ensinado? Que importa que o cão seja de caça se o não ensinarem a caçar? Por melhor que seja a raça do cavallo, por melhor que seja a raça do cão, cão e cavallo de boa raça valem muito mais se forem ensinados. E se a raça não for pura, o ensino suppre em parte a deficiencia da raça. Não é só o valor moral, mas tambem o intellectual, que cresce com a educação. Todas as raças, e a portugüesa é das mais puras, são susceptíveis de grandeza e progresso quando educadas. Opiniões de Fouillée, Guyau, Tarde e Poinard. . . 401

XXIX — *Appendice* — As raças, em relação aos meios sociaes e geographicos. O sr. Padre José Pinto entende que se exaggera o valor da raça com desprezo d'outros factores mais importantes. Nada mais diverso actualmente, diz, do que o sangue inglês e o do norte-americano. Comtudo, a psychologia da chamada raça saxonica é quasi a mesma nas duas nações, onde predomina. E outras considerações, a que respondo 419

XXX — *Post-Scriptum* — Em 1922 como em 1916. Sinto e penso hoje. 1 de Março de 1922, o que sentia e pensava de 19 de Março a 29 de Outubro de 1916. Se hoje tivesse que escrever as *Cartas de Longe*, escreve-las-hia como então as escrevi. Concluia no exilio a 1.^a serie d'essas *Cartas* clamando: *Deus salve o meu paiz, que, perante Deus e os homens, a minha responsabilidade...* salvei-a eu. Com as mesmas palavras, encerrando esta série, concluo hoje. Deus salve o meu paiz, que, perante Deus e os homens, a minha responsabilidade.. salvei-a eu! 433